José Rodrigues dos Santos

Autor de *O Códex 632*



O SÉTIMO SELO

ROMANCE

gradiva

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.link*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

JOSÉ RODRIGUES DOS SANTOS

O Sétimo Selo

2007

GRADIVA

O Sétimo Selo
Romance
© José Rodrigues dos Santos/Gradiva — Publicações, L.dã Revisão de texto: Helena Ramos
Capa: foto: © JP Laffont/Sygma/Corbis/VMl design gráfico: Armando Lopes Sobrecapa: fotos: © Ralph A. Clevenger/Corbis/VMI (frente) © Ric Ergenbright/Corbis/VMI (contracapa) design gráfico: Armando Lopes Fotocomposição: Gradiva
Impressão e acabamento: Multitipo — Artes Gráficas, L.da Reservados os direitos para Portugal por: Gradiva — Publicações, L.
Editor: *Guilherme Valente*

À Catarina e à Inês,
e aos filhos que vierem a ter.
Para saberem que tudo fiz
para impedir o que aí vem.

"Eu sou o Primeiro e o Último, o que vive;
conheci a morte, mas eis-Me aqui vivo pelos séculos dos séculos.
E tenho as chaves da Morte e do Inferno.
Escreve, pois, as coisas que tens visto,
as que são e as que hão-de acontecer depois destas."
APOCALIPSE, 1, 8

Aviso

A informação histórica, técnica e científica referenciada neste romance é verdadeira.

Prólogo

Crrrrrrrrrrr.

“Marambio para McMurdo.” *Crrrrrrrrrr.* “Marambio para McMurdo.”

Crrrrrrrrrrr.

O americano de óculos redondos e barba rala grisalha sentou-se diante do rádio e carregou no botão do intercomunicador, interrompendo momentaneamente o enervante raspar da estática que arranhava o ar.

“Aqui McMurdo. Fala Dawson. O que é, Marambio?”

Crrrrrrrrrrr.

“Dawson?”

Crrrrrrrrrrr.

“Sim, fala Howard Dawson em McMurdo. O que é, Marambio?”

“Aqui Mário Roccatagliatta, do Instituto Antártico Argentino, Divisão Glaciológica, na Base Marambio.”

“Olá, Mário. Está tudo bem?”

Crrrrrrrrrrr.

“Não sei.”

Crrrrrrrrrrr.

“Pode repetir?”

Crrrrrrrrrrr.

“Não sei se está tudo bem”, disse a voz eléctrica do outro lado, num inglês com forte sotaque espanhol. “Há uma coisa estranha a acontecer aqui.”

“O que quer dizer com isso, uma coisa estranha?”

“É Larsen B.”

“O que se passa com Larsen B?”

“Está a tremer.”

“A tremer?”

“Sim, Larsen B está a tremer.”

“Você está a ter aí um sismo?”

“Não, não é um sismo. Isto começou há alguns dias e já falei com os meus colegas da Divisão de Sismologia, em Buenos Aires. Eles dizem que não é um sismo.”

“Então por que razão está Larsen B a tremer?”

“Não tenho a certeza. Mas começaram a aparecer rachas e fissuras no gelo.”

“Rachas e fissuras no gelo? Isso não é possível! A plataforma tem mais de duzentos metros de espessura de gelo.”

“Mas estamos a ver rachas e fissuras no gelo e a registar tremores em toda a plataforma.”

“E vocês têm alguma explicação para isso?”

Crrrrrrrrrrr.

“Temos.”

“Então?”

“Receio que você não vá acreditar na nossa explicação.”

“Dispare.”

“Larsen B está a desfazer-se.”

Crrrrrrrrrrr.

“Perdão?”

“Larsen B está a desfazer-se.”

Crrrrrrrrrrr.

“A plataforma está a desfazer-se?”

“Sim, está a desfazer-se.”

“Mas isso não é possível! Larsen B existe desde a última grande glaciação, há doze mil anos. Uma plataforma de gelo tão grande e tão antiga não se desfaz assim sem mais nem menos.”

Crrrrrrrrrrr.

“Nós sabemos. Mas está a desfazer-se.”

O corpo franzino e nervoso de Brad Radzinski irrompeu pelo Crary Science and Engineering Center com uma pasta na mão.

Radzinski tirou o casaco e, depois de o pendurar num cabide da entrada, dirigiu-se apressadamente ao gabinete do director. A porta estava fechada e ostentava uma placa metálica a identificar o seu anfitrião.

S-001 DAWSON

O *S* era de *Science* e o 001 identificava a posição hierárquica do seu locatário. Radzinski bateu à porta com impaciência e, quase sem esperar, entrou.

“Posso?”

“Hi, Brad”, cumprimentou Howard Dawson, sentado à secretária a despachar papéis. “Já tens novidades?”

Com ar preocupado, Radzinski respondeu algo incompreensível e, depois de apertar a mão do director do laboratório, sentou-se sem cerimónias diante da mesa de reuniões. Dawson ergueu-se da sua secretária de aspecto futurista, passou diante de um armário cheio de livros e acomodou-se ao lado do recém-chegado, no lugar voltado para a parede, um grande mapa da Antárctida pregado

mesmo em frente. Sem perder tempo, Radzinski inclinou-se sobre a pasta que trazia na mão, de onde retirou várias fotografias, que espalhou sobre a mesa.

"Estas são imagens obtidas pelo sensor Modis, que está instalado num satélite da NASA", disse, indo direito ao assunto. Falava muito depressa, quase comendo as palavras. "Foram-me agora enviadas do Colorado pelo National Snow and Ice Data Center."

Dawson inclinou o corpo e inspeccionou as imagens.

"São fotografias de Larsen B?"

"Sim. Tiradas há uma hora."

O director do Crary Lab pegou numa fotografia e estudou-a com atenção. Esboçou um trejeito com a boca, encolheu os ombros e mirou o seu interlocutor.

"Parece-me normal."

Radzinski voltou a inclinar-se sobre a pasta, de onde retirou um objecto metálico circular com uma lente espessa. Uma lupa. Pegou numa fotografia, pôs a lupa sobre ela e indicou uns fios que se prolongavam pela estrutura branca ampliada pela lente.

"Está a ver isto aqui?"

"Sim."

"São fissuras no gelo."

Dawson analisou os fios sombreados que rasgavam a superfície láctea da plataforma.

"Isto são fissuras?"

"Sim."

"Larsen B está com fissuras?"

"Larsen B está a quebrar-se."

"Tem a certeza?"

"Absoluta."

Dawson endireitou-se na cadeira, tirou os óculos e suspirou.

TU be damned! Os argentinos tinham razão."

"Sim."

O responsável do laboratório limpou os óculos redondos com um paninho violeta. Terminada a tarefa, encavalitou-os no nariz, ergueu os olhos e contemplou a paisagem serena que se estendia para lá da janela do gabinete.

O monte Discovery rasgava o céu azul-claro e parecia levitar sobre a planície branca, com novos picos a aparecerem no sopé; eram cumes que não existiam, falésias nascidas da ilusão, dos jogos de luz e frio entre a montanha e a planície. Bailava ali ao fundo uma *fata morgana*, miragem comum na Antárctida, resultante da curva feita pela luz da montanha ao passar por ar a diferentes temperaturas. O monte Discovery parecia ter mais penhascos que o normal,

embora essa visão surpreendente, maravilhosa até, não animasse o cientista. Dawson olhava a *fata morgana*, é certo, mas a sua atenção estava presa no distante fio dos seus pensamentos.

Após um longo instante, levantou-se pesadamente, pegou no telefone e digitou um número.

"Daqui Howard Dawson, do Crary Lab. Posso falar com o major Schumacher?" Pausa. "Está, major? Bom dia, como vai? Oiça, preciso de transporte aéreo o mais depressa possível." Pausa. "Não, um Huey não serve. Tenho de ir à Península." Pausa. "Eu sei que a Península é longe. É por isso que um Huey não serve." Pausa. "Muito bem. Daqui a uma hora, diz o senhor?" Pausa. "Qual das pistas? Willy ou Pegasus?" Pausa. "Perfeito. Cá o espero. Obrigado."

Radzinski seguiu a conversa com atenção.

"Vai a Larsen B?", perguntou, logo que o director desligou o telefone.

"Sim. Quer vir comigo?"

"Fazer o quê?"

"Temos de ver o que se passa."

"Os argentinos não servem?"

"Os argentinos são bons. Mas precisamos de mais informação."

"Já tentou Palmer?"

"A Base Palmer não tem nada. Larsen fica do outro lado das montanhas."

"E Rothera?"

"Os ingleses?"

"Sim, pode ser que os tipos do British Antarctic Survey tenham mais informação."

"Bem, eles também estão do outro lado", observou Dawson, espreitando o mapa da Antárctida na parede do gabinete. Rothera ficava um pouco a sul de Palmer. "Mas não custa nada tentar."

Dawson saiu do gabinete e dirigiu-se para o rádio, instalado num cubículo do edifício. O técnico de comunicações tinha tirado o dia de folga e o director, com aquele prático sentido de informalidade de que só os Americanos são capazes, ficou encarregado de o operar.

Dawson sentou-se diante do aparelho, verificou se estava ligado e carregou no botão.

"McMurdo para Rothera. McMurdo para Rothera."

Crrrrrrrrrr.

"Aqui Rothera", respondeu uma voz afável, com forte sotaque britânico. "E McMurdo que está em linha?"

"Sim, daqui McMurdo."

“Cheerio, cbaps. Aqui John Killingbeck, em Rothera. Como vai a MacTown?”

MacTown era a alcunha de McMurdo.

“MacTown está bem e recomenda-se, John.”

“E a *lager* do Gallagher's? Continua a ser a pior cerveja do *The Ice?”*

O Gallagher's era um dos bares de McMurdo e o *The Ice* era a alcunha da Antárctida.

“É melhor do que a vossa cerveja quente.”

A voz inglesa do outro lado soltou uma gargalhada.

“Duvido”, exclamou. *“Jolly good, chaps.* Como vos posso ajudar?”

“Oiça, John. Vocês estão a monitorizar a situação de Lar-sen B?”

“Larsen B? Um momento, vou verificar.”

Crrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrr.

A estática prolongou-se por quase um minuto. Dawson ficou de braços cruzados, expectante, até que o silêncio rompeu aquele som arranhado e a voz britânica reapareceu.

“Rothera para McMurdo. Rothera para McMurdo.”

“Estamos aqui, Rothera.”

“Escutem, não temos ninguém em Larsen B...”

“Ah, é pena.”

“... mas temos alguém ao largo de Larsen B.”

Crrrrrrrrrr.

“Como?”

“Temos um navio ao largo de Larsen B.”

“Ah, sim?”

“É o RRS James Clark Ross, o navio de pesquisa que se encontra ao serviço do British Antarctic Survey. O comandante Nicholls está a sintonizar a nossa frequência neste momento. Vocês precisam de falar com ele?”

“Sim, sim, por favor.”

“Rothera para o James Clark. Está a ouvir?”

“Cinco por cinco, Rothera. Aqui é o capitão Nicholls.”

“McMurdo precisa de ter uma palavra consigo.” Uma inflexão de tom, assinalando a mudança de interlocutor. *“Go on,* McMurdo.”

Dawson premiu o botão.

“McMurdo para o capitão Nicholls.”

“Estou aqui.”

“Capitão, chegaram-nos informações perturbadoras sobre o comportamento da plataforma de gelo de Larsen. Rothera disseme que o senhor está perto.”

“Afirmativo.”

“Consegue vê-la?”
“Sim, sim. Encontra-se ali ao fundo. Estou a vê-la.”
“Nota alguma coisa de anormal?”
“Está a referir-se a qual das plataformas? B ou C?”
“Larsen B, capitão.”
“Um momento, vou pôr os binóculos.”
Crrrrrrrrrr.
“Então, está a vê-la?”
Crrrrrrrrrr.
“Uh... sim... quer dizer, não sei.”
“Então?”
Crrrrrrrrrr.
“Há... há uma coisa estranha. Não sei... espere.”
“Capitão Nicholls?”
Crrrrrrrrrr.
“Estou a ver... estou a ver uma nuvem a erguer-se do... da plataforma.”
“Uma nuvem?”
“Parece... sei lá, parece vapor.”
“Uma nuvem de vapor?”
Crrrrrrrrrr.
“Meu Deus!”
“Capitão Nicholls?”
“A plataforma... A plataforma...”
“O que se passa?”
“Meu Deus!”
“O que se passa?”
Crrrrrrrrrr.
“A plataforma está a desmoronar-se!”

A trepidação era permanente, mas não impediu Dawson e Radzinski de dormitarem um pouco. O voo durava havia um punhado de horas e parecia não acabar, embora a isso os dois cientistas estivessem resignados; afinal, antes de embarcarem ambos sabiam que aquele não era o mais confortável dos aviões. O Hércules C-130

sempre foi um aparelho muito seguro, o único avião de carga capaz de aterrar sem problemas no Pólo Sul, mas, com os seus quatro motores a hélice, assentos rudimentares e aquela vibração barulhenta, dificilmente seria a opção mais popular entre os amantes da classe executiva.

Dawson manteve-se encolhido na sua *parka* vermelha, auscultadores colados aos ouvidos para abafar o rumorejar permanente do avião, os olhos cerrados num

cochilar leve e atormentado.

Despertado por um ou outro solavanco, ainda espreitou duas vezes pela janela, tentando vislumbrar algo de novo no vasto planalto da Antárctida; mas a imagem era a mesma de sempre, um extenso lençol de neve perdendo-se para além do horizonte, curvando-se aqui e ali em montanhas, abrindo-se em belos desfiladeiros, uma mancha leitosa a reluzir ao sol, que brilhava baixo no céu eternamente azul. A paisagem seria fascinante para um recém-chegado, mas a verdade é que já não constituía novidade para ele. Além disso, tinha outras preocupações em mente.

Sentiu um movimento e abriu os olhos. O tenente Schiller inclinava-se sobre ele e fazia-lhe um gesto. Dawson retirou os auscultadores que o isolavam da barulheira do avião.

"Estamos a chegar", anunciou o engenheiro de voo, quase a gritar. Fez um gesto com a mão. "Venha ver."

Dawson seguiu Schiller pela carga do aparelho e Radzinski foi atrás. Escalaram os degraus e subiram ao *cockpit*, onde se acotovelavam os dois pilotos e o navegador. O C-130 trepidava e balouçava, pelo que os recém-chegados tiveram de se agarrar aos apoios de segurança para se equilibrarem.

O piloto viu-os entrar e fez sinal pela janela, apontando lá para baixo. Dawson esticou a cabeça e viu a Península Antárctica estender-se pelo mar, rompendo as águas como uma adaga; era a protuberância aguçada da Antárctida que apontava para norte e quase tocava na ponta da América do Sul. Os glaciares desciam pelas encostas e paravam abruptamente sobre as águas, pareciam iogurtes brancos com focos azul-turquesa fluorescente a brilharem pelas fendas; a costa sinuosa nos estreitos e baías entre a Península e o mar de Bellingshausen era salpicada por múltiplas ilhas e icebergues, tanto e tanto gelo que a navegação se tornava ali impossível sem um poderoso quebra-gelo.

O co-piloto virou à direita, o avião cruzou a estreita cordilheira de montanhas e, logo que chegou ao outro lado, baixou de altitude. O piloto apontou especificamente para um ponto da Península.

"Veja ali!"

Dawson focou a sua atenção no lugar indicado. Observou a tela enrugada do mar de Weddell, a água azul-escura-quase-negra salpicada por blocos brancos, e procurou a familiar superfície láctea da plataforma de gelo.

Choque.

A mancha nívea, aquele espelho brilhante e cristalino que se habituara a encontrar cravado entre as montanhas nevadas e o mar tormentoso, como uma mancha de leite deitada num prato, já não existia. O espelho fracturara-se em mil bocados, a plataforma desfazia-se como cristal despedaçado; em vez da

superfície vítrea que preenchia a sua memória daquele local, via milhares e milhares de estilhaços brancos, agulhas de gelo espalhadas sobre o mar, parecia esferovite esmigalhada em mil pedaços.

"Good Lordr, murmurou Dawson, estarrecido.

Toda a tripulação do C-130 contemplava o espectáculo, os olhos presos naquela imagem, como se as agulhas de gelo fossem um pêndulo que a todos hipnotizara, um poderoso íman ao qual não podiam nem sabiam resistir.

"Larsen B desapareceu", observou o piloto, ainda a digerir o que via lá em baixo. *"It's just fucking gone!"*

Radzinski pegou na câmara de vídeo e começou a registar as imagens. O Hércules C-130 fez várias passagens sobre o local, umas vezes em voos rasantes, outras a grande altitude, de modo a permitir a observação do fenómeno de várias perspectivas diferentes. Duas vezes passaram sobre a base argentina de Marambio e uma vez perto do navio britânico *RRS James Clark Ross*, que deambulava por entre os blocos de gelo à deriva no mar de Weddell, mas as atenções estavam todas voltadas para aquele espectáculo aterrador, os milhares de novos icebergues em que se transformara Larsen B.

O ambiente à meia-luz na Coffee House era acolhedor, sobretudo quando comparado com o frio cortante que varria as ruas escuras e desarranjadas de McMurdo. Um aroma agradável a *cappuccino* quente e *dougbnuts* enchia a cafetaria, embalada pelo murmúrio tranquilo dos clientes que para ali tinham ido gastar o tempo na cavaqueira ou a jogar às cartas.

A porta da rua abriu-se e as conversas ficaram suspensas quando um homem de *parka* azul entrou.

"Quem é este?", sussurrou um cliente a meio de um jogo de *cribbage*, inclinando-se para o empregado que arrumava garrafas de vinho num armário.

O empregado rodou a cabeça, fitou o visitante e encolheu os ombros.

"Sei lá", disse. "É um *finjy."*

No calão de McMurdo, um *finjy* é um desconhecido re-cém-chegado.

"Fuck tbe finjies", rosnou o cliente, e os seus parceiros de *cribbage* assentiram.

O homem da *parka* azul calcorreou o soalho com todos os olhares presos nele. Ninguém lhe conseguia vislumbrar as feições, uma vez que mantinha o barrete a cobrir-lhe a cabeça e os óculos espelhados a ocultar-lhe os olhos; do rosto apenas se lhe viam o queixo pontiagudo e os lábios finos, quase cruéis. Era evidente que não contava permanecer muito tempo na cafetaria, pois nem sequer as luvas descalçou. Localizou o empregado junto ao armário do vinho e aproximou-se.

"Preciso de uma informação", disse, sem cumprimentar ninguém.

A voz, rouca e baixa, traía um indefinido sotaque estrangeiro. “Onde é o Crary Lab?”

O empregado hesitou, na dúvida sobre como explicar o itinerário.

A Coffee House era um barracão de madeira que não tinha janelas, parecia um apertado hangar semicilíndrico, e o empregado, sem poder visualizar o exterior, apontou na direcção da porta de entrada.

“O senhor viu a capela branca ao fim da rua?”

O *finjy* assentiu com um movimento mecânico da cabeça, quase como se fosse um autómato.

“Yep.”

“É a Chapei of the Snows. Continue pela estrada e, depois de passar pela capela e pelo MacOps, logo chegará ao Crary Lab.”

O desconhecido manteve o rosto voltado para o empregado, os olhos sempre invisíveis por detrás dos óculos espelhados.

“Está lá muita gente?”

“Sim, os *beakers.”*

“Beakers?”

“Perdão, é o jargão cá da terra”, rectificou o empregado.

“Chamamos *beakers* aos cientistas. Eles trabalham no Crary Lab.”

Sem mais uma palavra, o homem deu meia volta e afastou-se, claramente com a intenção de se ir embora. Antes que cruzasse a porta, no entanto, o empregado chamou-o.

“Desculpe, s/V”, disse. “O senhor vai ao Crary Lab?”

Com a face meio tapada pela porta entreaberta, o frio a invadir a cafetaria, o *finjy* voltou a cabeça e olhou-o de soslaio.

“Não meta o *fucking* nariz onde não é chamado.”

“Ah, perdão”, balbuciou o empregado, apanhado de surpresa pela susceptibilidade do desconhecido. “Só lhe queria dizer que agora não vai encontrar lá ninguém. Hoje é domingo e o pessoal foi para o bingo.”

“O professor Dawson foi ao bingo?”

“Oh, esse não. O professor passa os domingos a trabalhar.”

O homem voltou as costas para sair.

“Mas olhe que ele não está lá agora”, acrescentou o empregado.

O *finjy* estacou de novo, um reflexo de luz a cintilhar-lhe nos óculos espelhados.

“Não?”

“Vi-o há pouco a passar num *Nodwell* e disseram-me que foi apanhar um voo qualquer.”

“Ele saiu de McMurdo?”

“Não sei. Mas fale com o motorista do major Schumacher, foi ele que o levou ao Willy Field.”

Sem sequer se despedir, o desconhecido fechou a porta de madeira e afastou-se.

Dentro da cafetaria, as conversas recomeçaram com uma animação que não tinham conhecido até ali. McMurdo era como uma terriola provinciana, nunca nada de especialmente excitante acontecia naquele recanto perdido nas costas da Antárctida, pelo que a chegada de um estranho, ainda por cima de ar empinado e maus modos, constituiu uma agradável novidade. Já havia tema para alimentar os mexericos.

“Tipo sinistro, hem?”, comentou o cliente do *cribbage* para os seus parceiros de jogo e para o empregado. “Vocês repararam no chumaço que ele trazia dentro da *parkaV*

“Não.”

“Era uma pistola.”

“Give *me a break, man."*

“A sério. Este *finjy* tinha uma pistola escondida na *parka.”*

Ao fim de uma hora a sobrevoar Larsen B, o Hercules C-130 efectuou uma derradeira passagem e deu meia volta, rumando para sul, ao longo da língua de terra por onde se estende a Península Antárctica e na direcção do mar de Ross e da Base McMurdo.

Os dois cientistas regressaram aos seus lugares na carga, mas nenhum tinha vontade de dormitar.

“O que raio se está a passar aqui?”, perguntou Radzinski ao sentar-se, a câmara de vídeo ainda a bailar nervosamente nas suas mãos.

“É o aquecimento do planeta”, retorquiu Dawson, lúgubre. “O ar está a aquecer na Antárctida a um ritmo de meio grau Celsius por década. Ou seja, cinco vezes mais depressa do que no resto do mundo. E isto desde, pelo menos, 1940.” Fez uma expressão pensativa. “Dá a impressão de que agora está a ser cruzado um valor crítico.”

“Um valor crítico?”

“Sim, um valor a partir do qual tudo muda.” Suspirou. “Há sete anos foi Larsen A que se desintegrou. Agora é Larsen B. O pior é que Larsen B é muito maior.”

Radzinski permaneceu um instante calado. Há muito que ouvia falar no aquecimento global, mas era a primeira vez que observava com os próprios olhos as consequências do fenómeno.

“Isto vai fazer subir o nível do mar?”

“O quê? O aquecimento do planeta?”

“Não, o desaparecimento de Larsen B.”

Dawson abanou a cabeça.

“Larsen B era uma plataforma de gelo. As plataformas de gelo são grossas placas que flutuam coladas à Antárctida. Como flutuam na água, já contribuem para o actual nível dos oceanos, pelo que o facto de derreterem não irá elevar a altura do mar.”

Radzinski sorriu, aliviado.

“Então não há problema.”

O seu interlocutor balançou de novo a cabeça, desta vez afirmativamente.

“Há problema, sim senhor. E não é pequeno.” Fez um gesto com a mão para a janela. “As plataformas de gelo actuam como um sistema de travão dos glaciares. Uma vez que se situam entre a Antárctida e o mar, impedem que o ar marítimo mais quente chegue ao continente, moderando assim o derretimento dos glaciares. Mas o desaparecimento das plataformas de gelo vai alterar este equilíbrio. O ar quente começará a chegar à Antárctida e os glaciares vão derreter-se. Ao derreterem, irão despejar água para o mar e, aí sim, o nível dos oceanos vai subir.” Voltou as mãos para cima, num gesto de súplica. “Quando isso acontecer... *God help usr* Radzinski cravou os olhos no chão.

“Shit".

Mal a porta do avião se abriu, uma brisa gelada estalou no rosto de Howard Dawson como uma bofetada. O cientista ajeitou a *parka* e enfrentou as escadas, que desceu com dificuldade. Estavam apenas cinco graus negativos em McMurdo, mas, com o factor do vento, a temperatura descia aos vinte negativos.

Pisou o asfalto da pista de Willy Field e endireitou-se. O Sol brilhava perto do horizonte, mas Dawson sabia que só daí a dois meses seria o crepúsculo quase permanente, iniciando-se meio ano da terrível noite do Inverno antárctico, quando os termómetros podiam descer até um mínimo de noventa graus negativos. Não era uma perspectiva que animasse o cientista. Para já preferia gozar o instante, apreciar o extenso dia do Verão, viver aquela jornada de breve ocaso, em que o Sol girava quase continuamente ao longo do horizonte.

Os motores do C-130 foram-se calando um a um e Dawson pôs-se a deambular pela pista. Sentia-se saturado com o barulho que o atormentara nas últimas horas, aquele fragor que misturava o estrepitar do avião e o ruído dos seus pensamentos após observar os estilhaços de Larsen B, e procurou um instante de paz que o reequilibrasse. Afastou-se uns metros do aparelho agora calado, e, num canto da pista, encontrou enfim a placidez que buscava.

O silêncio. Um manto opaco de silêncio percorreu o horizonte plano e abateu-se sobre o cientista imobilizado naquela planície agora quieta. Era o som mais marcante da Antárctida. O silêncio. Um silêncio tão grande, tão profundo,

tão vazio que parecia zumbir-lhe aos ouvidos. Não se ouvia uma ave, uma voz, um som. Apenas nada.

Por vezes o vento levantava-se e rumorejava baixinho, mas logo se deitava e voltava o silêncio. Aguardou mais um instante.

Nada. Do nada emergiu então um ruído ténue, vibrante, ritmado.

Bump-bump, bump-bump, bump-bump. Era o coração que lhe batia no peito. Quando o escutou, Dawson soube que tinha reencontrado o equilíbrio. Sorriu, deu meia volta e dirigiu-se ao hangar, onde o esperava Radzinski.

"Está tudo bem?", quis saber o companheiro.

"Tudo bem", confirmou Dawson, sempre a caminhar, as *bunny boots* soltando ruídos surdos sobre o solo gelado. "Era eu que tinha saudades do silêncio."

Radzinski riu-se.

"O Herc é terrível, uh?"

Caminharam os dois na direcção do *Nodwell* que os aguardava perto do hangar.

"Você vem para o Crary Lab?", perguntou Dawson.

"Não, estou cansado", devolveu Radzinski. "Vou descontrair um pouco para o Southern Exposure." Era um dos bares de McMurdo.

"Hoje há bingo na MacTown e não quero perder a oportunidade de me tornar um homem rico."

Dawson abanou a cabeça e fez um ar jocoso.

"Você é o único tipo que eu conheço que acredita que pode enriquecer no *The Ice."*

Entraram no *Nodwell,* um veículo com correntes adaptado para a neve, e o motorista enviado pelo major Schumacher levou-os pela estrada aberta no gelo até McMurdo, a quinze quilómetros de distância. Dawson gostava muito mais de aterrar na Ice Runway, que se situava sobre uma plataforma gelada ao largo do Cabo Armitage, a uns meros cinco minutos de McMurdo, mas o problema é que essa pista só estava operacional de Outubro a Dezembro. Com o calor, o gelo tendia a derreter e não era seguro usar a Ice Runway nos meses menos frios do Verão.

"Professor Dawson", disse o motorista, a meio caminho de McMurdo. "Apareceu um homem à sua procura."

"Quem? Um *beaker?"*

"Não, *sir.* Um *finjy."*

"Um *finjyf* Ele disse o que queria?"

"Não, *sir.* Apenas perguntou por si."

"E o que respondeu você?"

“Que o senhor foi à Península e só voltava daqui a algumas horas, *sir.*”

“E ele?”

O motorista encolheu os ombros.

“Deve ter ido beber um copo ao Gallagher's, *sir.*”

O *Nodwell* largou Radzinski diante do edifício onde se situava o Southern Exposure e retomou a marcha para o destino seguinte, ziguezagueando pela Coffee House, pela capela e pelo MacOps.

Dawson interrogou-se por momentos sobre quem seria o desconhecido que o procurava, mas a sua mente depressa se distraiu com a paisagem familiar que desfilava para além da janela da viatura.

McMurdo era uma antiga base militar americana composta por edifícios de dois e três andares assentes sobre estacas, todos eles separados uns dos outros, pormenor que irritava Dawson. O cientista preferia o sistema que os neozelandeses tinham adoptado na vizinha Base Scott, onde quase todas as construções se encontravam interligadas. Considerando os rigores do tempo na Antárctida, esse modelo afigurava-se-lhe incomparavelmente superior. Mas o pior, reflectiu, era a fealdade de tudo aquilo. As canalizações, as condutas de esgotos e as linhas de electricidade não tinham sido enterradas, encontravam-se antes sobre a neve ou penduradas entre os postes, à vista de todos como entranhas descarnadas, tripas expostas ao vento glacial; parecia-lhe por vezes que McMurdo não era um posto de ciência, mas uma degradada povoação mineira do Velho Oeste.

“Chegámos, s/r”, anunciou o motorista, trazendo-o de volta à realidade.

Dawson despediu-se e saiu do *Nodwell*, que logo partiu. Diante dele erguia-se o Crary Science and Engineering Center, um edifício longo e cor de cimento, parecia um pré-fabricado. O cientista pontapeou a neve suja, contrariado por terem construído a base precisamente naquele local. McMurdo foi erguida junto ao único vulcão activo daquela zona da Antárctida, o monte Erebus, num canto da ilha Ross, e as cinzas vulcânicas conspurcavam o solo da base, quebrando o efeito de pureza virginal e cristalina que constituía a imagem de marca do continente.

A resmungar, atravessou o pequeno pontão até à entrada, inseriu o cartão digital na ranhura, abriu a porta e entrou no edifício.

Sentiu o calor interior envolver-lhe o corpo com doçura e apressou-se a fechar a porta. Tirou a *parka*, descalçou as *bunny boots* e pôs-se à vontade, deambulando de meias pelo edifício deserto àquela hora tranquila de um domingo de bingo. Foi para o gabinete, ligou o computador e, enquanto o ecrã se animava, decidiu ir trincar qualquer coisa. Percorreu os estreitos corredores cercados por gabinetes, as portas fechadas com a indicação dos números de

projecto dos seus ocupantes — S-015, S-016, S-017 —, e por aí fora.

Algumas tinham uma placa metálica com as alcunhas dos projectos, aqui os *Penguin Cowboys,* ali os *Sealbeads,* acolá os *Bottom Pickers.*

Passou depois pelas salas de reunião e pelos laboratórios pejados de microcentrifugadoras e tubos de ensaio, atravessou o grande salão com a sua enorme janela voltada para o McMurdo Sound, exibindo uma vista espectacular sobre as montanhas Transantárcticas, e chegou à cozinha.

Para além do microndas, do forno, do frigorífico e de tudo o que normalmente se encontra numa cozinha, acumulavam-se aqui múltiplos depósitos de lixo, em conformidade com o protocolo do Waste Management Program da base. Distantes iam os tempos em que o lixo era abandonado sobre o gelo ou incinerado todos os sábados em McMurdo. A Antárctida tornara-se uma imensa zona protegida e o protocolo de protecção ambiental do continente requeria que todos os resíduos fossem guardados para serem depois levados para os países de origem, neste caso os Estados Unidos. Até o reactor nuclear da base, que para ali fora trazido em 1961, acabou por ser retirado onze anos depois. Em conformidade com o protocolo, havia na cozinha ranhuras para dezoito tipos diferentes de resíduos e Dawson chegava a gastar dez minutos para se ver livre de um mero saco de lixo; os cartões usados tinham o seu depósito, os metais outro, até o óleo de cozinha dispunha de um contentor próprio, pelo que o cientista perdia muito tempo a escolher o sítio para onde ia despejar cada peça de lixo.

Desta vez, porém, o contentor da *junk food* seria o seu próprio estômago. A fraquejar de fome, Dawson tirou da arca um *chili con carne* congelado e pôs a refeição a aquecer no microndas.

“Professor Dawson?”

O cientista deu um salto com o susto. Olhou para o lado e viu um desconhecido parado sob a ombreira da porta, óculos espelhados a esconderem-lhe os olhos.

“Jesus Christ!”, exclamou, ainda a refazer-se do sobressalto.

“Quem é você?”

“Professor Howard Dawson?”

“Sim, sou eu. Posso ajudá-lo?”

O desconhecido deu um passo em frente, ergueu o braço direito e apontou a pistola.

Crack.

Crack.

Howard Dawson dobrou-se sobre si mesmo e tombou com dois buracos no peito.

O desconhecido aproximou-se e colou o cano quente e fumegante à testa do cientista moribundo.

Crack.

I

Uma nesga de luz jorrou por uma estreita frincha do cortinado, iluminando o rosto enrugado e adormecido de Graça Noronha. O foco apareceu de repente, provavelmente era uma nuvem que lá fora destapara por momentos o Sol, foi apenas um clarão fugaz, mas o suficiente para despertar a senhora. Dona Graça entreabriu os olhos, o verde cristalino brilhando sob o efeito da luz, apalpou a mesinha-de-cabeceira, encontrou os óculos, colocou-os no rosto e endireitou-se na cama.

"Manei! Manei!", chamou. "Onde estás tu, homem?"

Tomás levantou-se do sofá da sala e quase correu para o quarto.

"Então, mãe? Já acordou?"

Dona Graça olhou para o filho com uma expressão interrogativa.

"O teu pai? Ainda está no escritório?" Abanou a cabeça. "Aquele homem anda sempre no mundo da lua! Ó Tomás, vai-lhe lá perguntar se ele quer um chazinho, vais?"

O filho abeirou-se da mãe e sentou-se na cama.

"Então, mãe? Que conversa é essa?"

"Vai lá ver se o teu pai quer tomar o chá, anda. Já se faz tarde."

Tomás suspirou, deprimido.

"O mãe, o pai não está cá."

"Não está cá? Não me digas que ainda se encontra na faculdade." Rolou os olhos, enchendo-se de paciência. "Va-lha-me Deus, aquele homem é mesmo despistado."

"Mãe", disse o filho, a voz cansada. "O pai morreu no ano passado."

Dona Graça fez um ar admirado.

"O teu pai morreu no ano passado? Mas que disparate estás tu para aí a contar, hã?"

"A mãe não se lembra?"

"Claro que me lembro. Ainda esta manhã lhe estive a preparar o pequeno-almoço."

Tomás abanou a cabeça.

"A mãe passou a manhã toda na cama a dormir."

Dona Graça empertigou-se.

"Estás parvo ou quê? Então não me lembro de ter feito hoje o pequeno-almoço ao teu pai?"

"A mãe está a fazer confusão."

“Confusão, eu? Mas que conversa é essa?” Fez um gesto impaciente com a mão. “Vai lá chamar o teu pai, anda.”

Tomás respirou fundo. Pegou na mão fria da mãe e afagou-a com carinho. Depois levantou-se e dirigiu-se para a porta do quarto.

“Deixe lá estar o pai em paz. Quer que eu vá preparar um chá?”

“Não quero chá nenhum.”

“Então é melhor vestir-se”, disse o filho.

“Vestir-me? Para quê?”

“Não se lembra?”

“Lembro-me de quê?”

“Vamos ao doutor Gouveia.”

“Fazer o quê?”

“Temos consulta marcada.”

“Qual consulta? Que eu saiba, não estou doente...”

“É às quatro. Vá, despache-se.”

A enfermeira sorriu para Tomás e Tomás sorriu de volta. Era uma rapariga nova e a presença daquele homem de olhos verdes luminosos, tão felinos no contraste com o cabelo castanho-escuro, não lhe era indiferente. Mas logo Tomás a ignorou, intimidado com aquele lugar de sofrimento; sentia-se desconfortável por se encontrar de regresso aos hospitais da Universidade de Coimbra, justamente o local onde um ano antes o pai tinha morrido. O facto, no entanto, é que era aí que o médico da família dava as suas consultas e não dispunha de fuga possível; se queria que o doutor Gouveia conti-nuasse a acompanhar a mãe como fazia havia tantos anos, tinha mesmo de se submeter àquela provação.

“Aquela tua amiga árabe vai preparar hoje o jantar?”, perguntou dona Graça de repente.

O filho respirou fundo.

“Não é árabe, mãe. É iraniana.”

“É tudo a mesma coisa.”

“Não é tudo a mesma coisa”, disse, abanando a cabeça. “Que confusão.” Mirou a mãe. “Além do mais, ela não vai preparar o jantar porque voltou para o país dela no ano passado. Não se lembra?”

“Estás parvo? Ainda ontem a vi...”

“Não, mãe. Foi no ano passado.”

Calaram-se um longo instante, dona Graça parecia confusa e tentava realinhar as memórias. A porta do gabinete abriu-se, quebrando aquele silêncio deprimido, e um vulto branco apareceu na sala de espera, enchendo a mãe de Tomás com um sorriso. O médico estendeu-lhe as mãos e assumiu uma expressão plena de bonomia.

“Graça, como vai isso?”, cumprimentou Gouveia. “É sempre bom tê-la por cá!”

“Ah, doutor”, disse ela. “Já nem me lembrava que tinha consulta consigo, veja lá.” Sorriu ao de leve. “Credo, esta minha cabeça anda mesmo despassarada, pareço uma galinha tonta.” Baixou a voz, como se contasse um segredo. “Sabe o que é? Estou a ficar velha...”

“A Graça? Velha? Não me faça rir!”

“O doutor, sempre são setenta anos, não é?”

“E o que são setenta anos hoje em dia, hã?”

Dona Graça entrou no gabinete.

“Não brinque, doutor, não brinque.”

O médico cumprimentou Tomás com um aceno e fechou a porta do gabinete.

Sentado na sala de espera, Tomás cruzou os braços e preparou-se para ali ficar durante um bom pedaço a aguardar o fim da consulta. Reparou na mesinha com as revistas e apanhou uma delas, que se pôs a folhear distraidamente.

O telemóvel tocou.

“Professor Noronha?”

Era um português quase perfeito, mas um leve sotaque traía a voz estrangeira.

“Sim?”

“O meu nome é Alexander Orlov e trabalho para a Interpol.”

O homem calou-se, esperando que o seu interlocutor apre-endesse esta informação.

“Sim?”

“Preciso de ter uma conversa consigo. Está disponível para jantar... digamos, amanhã?”

Tomás franziu o sobrolho, desconfiado. O que lhe quereria a Interpol?

“Qual é o assunto?”

“É uma questão de certa delicadeza. Se não se importa, gostaria de a expor pessoalmente, não ao telefone.”

“Mas pode dar-me uma ideia do que se trata? Como deve calcular, sou uma pessoa ocupada.”

“Com certeza”, concordou a voz do outro lado da linha.

“Professor Noronha, o nome de Filipe Madureira é-lhe de algum modo familiar?”

Tomás hesitou, surpreendido.

“Filipe Madureira?”

“Sim.”

“Bem... foi meu amigo no liceu de Castelo Branco.”

“O Liceu... uh... Nuno Álvares, não é?”

“Sim, esse mesmo. Porquê? O que tem o Filipe?”

“O seu amigo anda desaparecido.”

Aquela informação, na boca de um homem da Interpol, deixou Tomás intrigado.

“O que quer dizer com isso, desaparecido?”

“A Interpol precisa de falar com o seu amigo, mas ele desapareceu.”

O historiador tentou avaliar a notícia. Era sempre desagradável saber que um amigo do liceu andava desaparecido, mas o facto é que Tomás não via Filipe há mais de vinte e cinco anos e não conseguia perceber o que lhe queria a Interpol a propósito dessa antiga amizade.

“Pois, isso é aborrecido”, disse. “Mas não estou a perceber o que tem a ver comigo.”

“Ainda não tem nada a ver consigo, professor Noronha, mas gostaríamos que tivesse.” Inflectiu o tom da voz. “Encontramo-nos amanhã à noite? Vinte horas no Saissa, aquele restaurante em Oeiras, junto à Marginal.”

“Mas espere”, exclamou Tomás. “Não estou a perceber qual a relevância da nossa conversa. O que pretende você dizer com isso de que gostaria que o assunto tivesse algo a ver comigo?”

“A Interpol precisa da sua ajuda, professor Noronha.”

“Para quê?”

“Vou dar-lhe duas pistas que, espero, tenham o condão de espicaçar a sua curiosidade.”

“Diga lá.”

“Dois assassínios e o Diabo.”

Tomás ficou tão espantado que até olhou para o telemóvel.

“Como?”

“Até amanhã, professor Noronha.”

A porta do consultório abriu-se e o doutor Gouveia acompanhou dona Graça até à sala de espera, ambos sempre a tagarelarem, a conversa rolando ao sabor das palavras trocadas entre dois velhos conhecidos.

“O Graça, aguarde aqui um pouco, está bem?”, concluiu o médico, ajudando-a a sentar-se numa cadeira. “Preciso agora de ter uma palavra com o seu filho.”

Tomás seguiu Gouveia até ao gabinete. Era um cubículo arejado, com uma grande janela aberta para a cidade, os telhados vermelhos de Coimbra descendo pela encosta e resplandecendo ao sol, lá ao fundo o Mondego serpenteava pelas apertadas margens da velha urbe por entre renques de árvores.

O médico fez-lhe sinal para se sentar.

“A sua mãe está a tomar os comprimidos que lhe tenho receitado?”, começou

por perguntar.

Tomás contorceu os lábios.

“Olhe, doutor, para ser franco não sei.”

“Você não controla isso?”

“Como quer o senhor que eu controle a medicação da minha mãe? Não se esqueça de que vivo em Lisboa, só venho cá a Coimbra duas vezes por mês...”

“Acha que ela tem tomado os comprimidos?”

Tomás inclinou a cabeça.

“O que lhe parece?”

O médico pegou numa caneta e brincou com ela na ponta dos dedos.

“Parece-me que não.”

“Eu também suspeito que não.”

Gouveia suspirou, pousou a caneta e inclinou-se para a frente, apoiando os cotovelos na secretária.

“Diga-me lá, Tomás. O que tem achado da evolução do estado da sua mãe?”

Os olhos verdes de Tomás perderam-se, por momentos, algures no casario para lá da janela do gabinete.

“Não acho grande coisa, doutor.” Focou o médico. “O senhor conhece-a, não é? Ela sempre foi uma mulher alegre, muito activa, cheia de vida, sempre encarou as coisas de uma forma incrivelmente positiva, sempre teve uma grande força interior.” Fez uma careta.

“Mas desde a morte do meu pai que as coisas mudaram muito e muito depressa.”

“Como assim?”

“Olhe, primeiro começou por se esquecer de nomes e de pequenas coisas. Às tantas já não sabia em que mês andava nem qual o dia da semana. E agora fala de pessoas mortas como se elas estivessem vivas. Ainda hoje, por exemplo, se pôs a chamar pelo meu pai, veja lá.”

“Portanto, tem tido perda de memória. E há mais algum comportamento que se tenha alterado?”

“Bem... quer dizer, começou a comer pouco e já notei que se vai deitar a qualquer hora. Isso parece-me bizarro. Às vezes passa o dia a dormir e a noite acordada, esse tipo de coisas.”

“E os hábitos de higiene?”

“Ah, isso também se alterou, sim senhor. Deixou de se lavar com frequência. Só notei isso noutro dia, quando cheguei de Lisboa. No momento em que a beijei reparei que ela cheirava mal.” Esboçou um esgar de repulsa ao relembrar o sucedido. “Foi um castigo para a pôr a tomar banho, nem imagina.”

O médico fixou-o nos olhos.

“Você sabe que idade tem a sua mãe?”

Congelou um instante, enquanto fazia as contas.

“Tem setenta anos.” Aquela idade, que na juventude lhe parecera tão avançada e agora nem por isso, ecoou-lhe na cabeça e deixou-o pensativo. “Não acha que é ainda um pouco cedo para...

para isto?”

Gouveia assentiu.

“Sim, ela ainda é relativamente nova. Mas, sabe, isto da idade varia de pessoa para pessoa. Há quem tenha cem anos e esteja perfeitamente lúcido, e há quem... olhe, há quem envelheça mais cedo. No caso da sua mãe, é evidente que esta degradação precoce está relacionada com a morte do seu pai.”

“O senhor acha?”

“É evidente que há uma relação. Eu lembro-me que eles eram muito próximos. Quando os casais são muito unidos, o desaparecimento de um tem sempre um efeito devastador no que sobrevive.”

Tomás baixou os olhos.

“Suponho que sim.”

O médico afinou a voz.

“Oiça, Tomás, com ela a esquecer-se de tudo, a não tomar os comprimidos, a não se lavar, a passar os dias na cama... isso não o deixa preocupado?”

“Claro que deixa! Por que razão pensa que marquei esta consulta consigo?”

“O que eu quero perguntar é o seguinte: acha que ela está em condições de permanecer sozinha em casa?”

“Eu acho que não.”

“Então o que vai fazer para resolver o problema?”

“Arranjei-lhe uma mulher-a-dias. Ela vai lá cinco vezes por semana limpar-lhe a casa, lavar-lhe a roupa e preparar-lhe as refeições.”

“E acha que isso chega?”

Tomás encolheu os ombros, impotente.

“Eu acho que não, mas o que posso fazer? Não tenho modo de abandonar o meu trabalho em Lisboa e vir para cá tratar da minha mãe...”

“Nem eu estava a sugerir isso.”

“Então o que me aconselha a fazer?”

O médico recostou-se no assento, voltou a pegar na caneta e recomeçou a girá-la entre a ponta dos dedos.

“Já considerou a hipótese de a pôr num lar?”

“Já considerou a hipótese de ir viver para um lar?” A pergunta foi feita de um modo quase casual, pouco depois de terem reentrado em casa. Tomás caminhava para a cozinha quando virou a cabeça e lançou a ideia, assim como se ela tivesse

acabado de lhe ocorrer.

Dona Graça, porém, sentiu-a como um soco desferido no estômago.

“Ir para um lar?”

“Sim, já pensou nisso?”

Tomás continuou a comportar-se com naturalidade. Abriu a porta do frigorífico e procurou um sumo. A mãe seguiu-o devagar e ficou à entrada da cozinha.

“O que queres dizer com isso?”

“O que quero dizer é que a mãe não pode ficar sozinha.”

Fez-se um silêncio pesado.

“Tu estás a falar a sério?”

Tomás parou de vasculhar no frigorífico e olhou para a mãe.

“Não acha que é uma boa ideia?”

Dona Graça sentiu a revolta crescer-lhe do estômago, en-cher-lhe o peito e explodir-lhe no rosto.

“Uma boa ideia? Uma boa ideia?”, vociferou, rubra de fúria. “Tu queres despachar-me para um lar, é isso? Tu queres...”

“Não, não, não é...”

“... desfazer-te de mim? Tu queres...”

“... isso, mãe. Não é isso. Tenha...”

“... desembaraçar-te assim da... da tua própria mãe?”

“... calma, tenha calma.”

A mãe chorava agora, as lágrimas a desenharem sulcos no seu rosto enrugado.

“Tu queres fazer-me isso a mim? A mim? A mim, que tratei de ti?

A mim, que te alimentei, que te vesti, que te eduquei? A mim, que te dei tanto amor, tanto carinho, tanto de mim? A mim? Queres fazer-me isso a mim? A tua... à tua própria mãe?”

“Mãe, tenha calma, não é isso o que estou a dizer.”

Dona Graça soluçou.

“É isso, é.”

“Oiça, mãe. A mãe anda com a cabeça na lua, vive sozinha, esquece-se das coisas, não toma os comprimidos, come mal, já nem sequer se lava... Não percebe que é perigoso estar assim sem apoio nenhum? E se lhe acontece alguma coisa? Quem lhe acode? Hã?”

“Ora, a dona Mercedes.”

“A dona Mercedes só cá vem volta e meia fazer as limpezas. E se lhe acontece alguma coisa quando ela não está cá?”

“Telefono.”

“Telefona? A quem?”

“Telefono ao... ao... àquele número de emergência.”

“Está a ver? A mãe anda a esquecer-se de tudo. Nem sequer se lembra do número de emergência!”

“Não venhas cá com conversas.”

“Não são conversas. Este é um problema muito sério.”

Mais lágrimas escorreram-lhe pelo rosto.

“Tu queres é desembaraçar-te de mim, é o que é. De mim, que fiz tanto por ti! Se não gostas de mim, olha, é melhor nem pores cá os pés, ouviste? Eu cá me desembaraço sozinha.”

“Não diga isso.”

“Digo, digo.” Ergueu o dedo, peremptória. “Os filhos têm de tratar dos pais como os pais trataram dos filhos, ouviste?”

“Mas eu estou a tratar de si.”

“Tratas uma ova! Queres é despachar-me para um lar, é o que queres.” O queixo tremia-lhe de indignação. “Eu fiquei com os teus avós aqui em minha casa até eles morrerem. Até eles morrerem, ouviste? No meu tempo, os filhos assumiam as suas responsabilidades. Não é como agora que tudo o que querem é a boa vida e os velhos, ala!, que vão para o lar!”

“No seu tempo era diferente. A mãe não trabalhava e podia tratar dos seus pais.” Bateu com a palma da mão no peito. “Mas eu trabalho. Onde é que vou arranjar maneira de tratar de si?”

“Isso são desculpas!”

“Não são, não. A minha vida não me permite passar o tempo aqui, mas a mãe não está em condições de continuar a viver sozinha.

A mãe precisa de ter pessoas perto de si para a ajudarem sempre que necessitar.”

Dona Graça enxugou as lágrimas e encarou o filho com despeito.

“Se não queres tratar de mim, vai-te embora. Ouviste? Vai-te, que não preciso de ti.”

Virou as costas e foi deitar-se.

Saiu à noite de casa da mãe com ar abatido; sentia-se o pior filho do mundo. Ainda pensou em alterar os planos, pernoitar em Coimbra e não comparecer à aula da manhã seguinte, mas reconsiderou; o ano lectivo estava a terminar, tinha uma frequência marcada e não podia faltar às suas obrigações para com os alunos. Precisava mesmo de ir para Lisboa.

Desceu o velho elevador do prédio e cruzou cabisbaixo a Praça do Comércio, abandonada àquela hora tardia, as esplanadas recolhidas e as portas fechadas, entregues à meia-luz dos candeeiros tristes. Não sabia bem o que fazer. Por um

lado, tinha a convicção de que a mãe era dona de si própria, mulher adulta, senhora da sua vontade; se não queria ir para um lar, era um direito que lhe assistia, o que podia ele fazer? Mas, por outro, tinha consciência da situação frágil em que ela se encontrava, percebia perfeitamente que a mãe não estava em condições de tratar de si mesma. E se lhe acontecia alguma coisa na sua ausência? Poderia alguma vez perdoar-se por nada ter feito no momento certo?

Percorreu a Baixinha sem prestar atenção aos transeuntes, tão embrenhado estava no problema. Bem, reflectiu, a verdade é que fizera alguma coisa para lidar com a situação; seguira o conselho do médico e sugerira-lhe o lar de repouso, ela é que não tinha aceitado.

Mas Tomás duvidava que isso servisse para apaziguar a sua consciência em caso de algo vir a correr mal. E se lhe acontecia mesmo alguma coisa? Pois, tinha de a levar para lá, concluiu. Mas não era assim tão simples, logo acrescentou de si para si. O facto é que, se a mãe não queria ir para o lar, o que podia ele fazer? Arrastá-la para lá à força? Prendê-la contra a sua vontade? Não, considerou.

Não, isso estava fora de questão. Mas o problema permanecia sem resposta.

O que fazer?

Passou diante da estação de comboios e atravessou a marginal, dilacerado pelo dilema. Teve pena de não ter uma irmã ou de não estar ainda casado. As mulheres eram mais práticas, sabiam sempre como encarar estes casos delicados, tinham um jeito especial só delas. Mas ele era um homem e os homens são bons para a farra, não para lidar com este tipo de problemas. Mesmo que largasse o trabalho na faculdade e na fundação e dedicasse todo o seu tempo a tratar da mãe, possibilidade que só admitia enquanto mera conjectura, duvidava que fosse suficientemente competente para cuidar dela de modo adequado. Teria de a lavar, de a alimentar, de a vestir, de a passear, de passar todo o tempo com ela; não faria outra coisa. Abanou a cabeça. Pois, isso não podia ser.

Deu consigo ao pé do seu velho *Volkswagen* azul, sujo e com uma amolgadela junto ao farol dianteiro direito. O carro encontrava-se estacionado junto ao rio, as águas a regurgitarem a uns meros três metros de distância, na sombra que se abatia do outro lado do muro fronteiro à marginal.

Entrou no carro e ligou-o. Acendeu os faróis, espreitou pelo retrovisor, esperou que um automóvel passasse e arrancou. Deixou para trás a estação de comboios, que observou de relance pelo espelho, e fixou a atenção no semáforo.

Foi a última coisa que a sua memória registou.

II

A primeira imagem apareceu-lhe desfocada. Viu um vulto branco passar diante de si; mas era uma visão difusa, vaga, quase etérea, uma mancha nebulosa, um borrão enevoado. Escutou um barulho tranquilo, palavras murmuradas, incompreensíveis porém. Sentiu-se confuso, entorpecido, ébrio; os olhos demoravam a focar as imagens, pareciam pesados, ronceiros, até desobedientes. A mente divagava, embrutecida, preguiçosa, incapaz de compreender, demasiado lenta para raciocinar.

Pensa, Tomás.

Fez um esforço para se concentrar. Abanou a cabeça, como se assim pudesse expulsar o demónio que o inebriava, e procurou entender o que se passava. Pensa, Tomás, repetiu para si mesmo.

Arregalou os olhos, tentando desse modo libertar-se da neblina que lhe toldava a visão, e fez por apreender o mundo ali e naquele momento; sabia que para compreender precisava de ver, mas ver era-lhe difícil. Tão difícil... Fez um esforço para captar o que se passava, para registar as imagens, para vencer o atordoamento, para atravessar a névoa embaciante.

Prendeu a atenção no vulto branco e os olhos focaram-no gradualmente. Era uma mulher, começou por perceber. Tinha uma coisa na cabeça; seria um lenço? Não, era uma touca, uma touca branca. A mulher vestia de branco, parecia uma freira. Claro que não era uma freira, concluiu devagar, a mente ainda empastelada, demorava a aguçar os reflexos. Não era uma freira. Era uma enfermeira.

“Então o nosso paciente já está a acordar?”, perguntou a enfermeira, inclinando-se sobre ele com um sorriso.

Tinha os olhos castanhos e sardas no nariz, fazia-lhe vagamente lembrar a ex-mulher.

“Hmm”, ouviu-se a murmurar.

“Dormiu bem?”

“Hmm?”

“Pronto, descanse”, disse a enfermeira com infinita doçura.

“Volto daqui a um bocadinho.”

O rosto sardento saiu-lhe da frente e Tomás olhou em redor, numa modorra despreocupada. Apercebeu-se com esforço de que se encontrava num pequeno quarto de aspecto asséptico. Havia uma maquineta do lado direito, um móvel com um televisor em frente e uma janela à esquerda a dar para uns plátanos

frondosos, os ramos iluminados pela luz do dia. Era manhã, verificou, e encontrava-se num sítio inesperado. Um hospital. A ideia assentou devagar na sua mente e surpreendeu-o. Mas o que raio estou eu a fazer num hospital?, interrogou-se.

Sentiu o cansaço invadir-lhe o corpo e pesar-lhe nos olhos; a absurda embriaguez acossava-o irresistivelmente. Recostou-se na cama, aconchegou-se no quentinho, ajeitou as costas, respirou fundo e deixou-se ir no embalo mole do sono.

Uma voz masculina fê-lo despertar de novo. Abriu os olhos e viu um homem de bata branca e bigode fino ao lado da cama, a enfermeira sardenta atrás dele.

"Então muito bom dia, professor Noronha. Como se sente?"

Tomás olhou-o interrogativamente.

"Onde estou eu?"

"Na Clínica do Choupalinho. Como se sente?"

O paciente percebeu que recuperava gradualmente as suas faculdades, incluindo a capacidade de raciocinar com clareza.

Arregalou os olhos, lembrando-se. A frequência! Então e a frequência?

Os alunos estão na faculdade à minha espera para a frequência!

Ergueu a mão esquerda e consultou o relógio. Eram nove da manhã, ainda ia a tempo. A frequência estava marcada para daí a uma hora.

"Oiça, eu preciso de sair daqui", disse, as palavras ainda algo entarameladas. "Tenho uma frequência às dez e não posso faltar."

"Ah, sim? E onde é essa frequência?"

"Na faculdade."

"Qual faculdade? A de Coimbra?"

"Não, a minha faculdade em Lisboa."

"Mas você está em Coimbra, homem", riu-se o médico. "Mesmo que saísse daqui agora a correr, não chegava a tem-po."

Tomás fez um esforço para recuperar as suas últimas memórias.

"Ainda estou em Coimbra?"

"Sim, senhor. Na Clínica do Choupalinho."

Deix<ou cair a cabeça na almofada, frustrado.

"Porta! Vou faltar à frequência!"

"Receio bem que sim", concordou o médico. "Como se sente?"

Tomás ponderou a pergunta.

"Um pouco esquisito", observou, descobrindo um gosto empastado na boca. "Dói-me ligeiramente a cabeça."

"Pois deve doer, deve."

"O que aconteceu?"

“Não se lembra de nada?”

Tomás voltou a esgravatar nos arquivos mais recentes da sua meinte.

“Lennbro-me de ter entrado no carro à noite para ir para Lisboa.”

“Mais nada?”

Reflectiu um instante.

“Benn... acho que é só isso.”

“Qu;al a última imagem que guarda na memória?”

“Foi... foi a estação.” Ergueu o sobrolho. “Não, foi o semáfoiro. Ia a virar para a ponte e parei no semáforo.”

“Nã<o se lembra de mais nada?”

“Nã<o”, disse Tomás.

Abamou a cabeça, para reforçar a negativa, mas logo teve de parair, o cérebro parecia-lhe chocalhar.

“De certeza?”, insistiu o médico.

“Siim”, confirmou o paciente, impaciente. “O que aconteceu?”

O médico pegou num bloco de folhas A4, como se consultasse uimas notas.

“O senhor teve um acidente. Atravessou a ponte e ia aqui a passair pela Praça da Canção, presumo que a caminho da auto-esitrada para Lisboa, quando o carro embateu num poste e você perdeu os sentidos.”

“Eu embati num poste?”

“Sim.” Voltou a consultar as anotações. “Aí pelas dez da noite.”

“Aqui na Praça da Canção?”

“Sim.”

Tomás fez um ar intrigado.

“Tem piada, não me lembro de nada disso. Só me lembro de arrancar o carro e parar no semáforo à espera do verde.”

O médico sorriu.

“É natural. Quando se sofre um traumatismo na cabeça e se perdem os sentidos, é normal as pessoas apagarem a memória dos cinco minutos anteriores ao acidente. Há até quem perca a memória das horas anteriores, veja lá.”

“A sério?”

“É muito comum, fique descansado.”

Foi a vez de Tomás sorrir.

“Caramba, não me lembro mesmo de nada. E como se não tivesse acontecido. Num momento estou parado no semáforo, no momento seguinte estou a olhar para a sua enfermeira. É como se não se tivesse passado nada entretanto. Saltei automaticamente de um lado para outro, percebe?”

“É estranho, é”, assentiu o médico. “Mas muito comum.”

Tomás apalpou a cabeça. Sentiu umas ligaduras agarradas ao cabelo e

alarmou-se.

“O que tenho eu? Isto é grave?”

“Não, não é nada de especial, fique tranquilo.” O médico aproximou-se e tocou-lhe ao de leve na nuca. “Você deve ter dado um jeito estranho à cabeça quando embateu no poste porque o traumatismo foi aqui atrás, na nuca.” Pegou-lhe no braço direito e exibiu um penso sobre as costas da mão. “E magoou-se ligeiramente aqui na mão, está a ver? Nada de grave, mas não deve fazer esforços, entendeu?”

“Sim.”

“Se tiver comichão nas costas da mão, não coce. Isto é muito importante. Não coce. É sinal de que a ferida está a cicatrizar.”

“Muito bem, não vou coçar”, prometeu Tomás, inspeccionando o penso na mão direita. Levantou a cabeça para o médico e leu-lhe o nome na plaquinha pregada ao peito. “O senhor é o doutor Cariano?”

O médico sorriu.

“Sim, Luís Cariano.”

“Ó doutor, eu esta noite tenho um jantar em Lisboa”, disse o paciente. “Acha que vai dar para ir ou terei de desmarcar?”

“Pode ir, pode.” Consultou o relógio. “Deixe cá ver... são oito horas, não é? Olhe, tenciono dar-lhe alta ao princípio da tarde. Quero tê-lo a manhã toda aqui, para verificar se está tudo nos conformes, e depois do almoço deixo-o ir à sua vida.”

“Ah, maravilha.”

“Mas vá com calma, ouviu? Não o quero cá outra vez.”

A enfermeira já levava o tabuleiro com o almoço consumido e Tomás calçava os sapatos e preparava-se para abandonar o quarto da clínica quando o telemóvel tocou.

“Olá, Tomás. Daqui Gouveia.”

Caramba, pensou Tomás. Como diabo teria o médico de família sabido que ele fora hospitalizado naquela clínica? Bem, a comunicação entre médicos deve ser expedita, concluiu.

“Bom dia, doutor. As notícias correm depressa, hã?”

“Neste caso, a notícia veio ter comigo”, observou Gouveia do outro lado da linha. “Aliás, está mesmo na sala aqui ao lado.”

Tomás franziu o sobrolho, sem entender aquele comentário.

“A notícia está na sala aí ao lado? Não estou a perceber...”

“Ó homem, é a sua mãe.”

“A minha mãe?”

“Sim, está aqui, na sala ao lado.”

“Onde? No hospital?”

“Pois, vieram cá trazer-ma.”

Tomás sentiu-se alarmado.

“Levaram a minha mãe ao hospital? O que se passa? O que tem ela?”

“Não tem nada, ela está bem”, apressou-se a esclarecer o médico, procurando tranquilizá-lo. “Ou melhor, tem o mesmo de sempre. Está a perder faculdades.”

Sem saber ainda o que pensar, Tomás sentou-se na cama.

“Diga-me lá, doutor, o que se passa?”

“A sua mãe perdeu-se. Ao que parece, saiu esta manhã para ir às compras e, quando vinha da mercearia, não conseguiu encontrar a casa. Pôs-se a deambular pela Baixinha e veio dar ao Largo das Olarias. Parecia confusa e levaram-na para a esquadra. Da esquadra mandaram-na aqui para o hospital e a minha enfermeira deparou com ela nas urgências e veio trazer-ma.”

“Porra”, exclamou Tomás, levando a mão direita à cabeça. “Ela está bem?”

“Sim, está bem. Já estive a conversar com ela, mas ainda me parece um pouco confusa.”

“Que chatice! E agora?”

Ouviu Gouveia suspirar do outro lado.

“Oiça, Tomás, eu já lhe disse o que tem a fazer, não disse?”

“Doutor, eu conversei ontem com ela, logo que chegámos a casa. O senhor nem imagina a fita que me fez.”

“Imagino, imagino. Eu também lhe falei no assunto há pouco e ela teve uma fúria incrível. Diz que todos a querem despachar.”

Tomás ergueu os olhos para cima, aliviado por não ser o único a ouvir as queixas da mãe. Talvez assim o médico compreendesse melhor o seu dilema.

“Está a ver? O que hei-de eu fazer?”

“Vai ter de a levar, Tomás. Ela não está em condições de viver sozinha.”

“Mas como, doutor? Ela não quer ir...”

O médico respirou fundo.

“Oiça, Tomás”, disse. “É muito arriscado deixá-la sozinha. As coisas não vão evoluir para melhor, percebeu? Ela está a mostrar-se desorientada e isto é um processo degenerativo. A sua mãe precisa de ajuda, não pode permanecer entregue a si própria. Além do mais, num lar ela tem outras pessoas com quem conviver, só lhe vai fazer bem.”

“Acredito, acredito. Mas o problema mantém-se. Como vou colocá-la num lar se ela não quer ir?”

“Tem de ir.”

“Mas como é que eu faço isso? Ela não quer!”

“Você tem de conversar com ela e convencê-la.”

Tomás riu sem gosto.

“Conversar com ela? E como é que eu faço isso? Ela não quer ouvir e põe-se num estado de... de exaltação. Como é que eu a convenço?”

Gouveia pigarreou.

“Oiça, o que lhe vou dizer a seguir não é como médico, entendeu? E como amigo.”

“Diga lá.”

“Sabe que, à medida que a idade avança, os velhos entram em regressão e, de certo modo, retornam à infância, não sabe?”

“Sei.”

“Então imagine que a sua mãe é uma criança.”

“Sim.”

“Ela é uma criança e não quer ir para a escola. Você sabe que ela precisa de ir à escola, que isso é bom para o seu futuro, mas ela não sabe isso, pois não? Apenas sabe que não quer ir para a escola, prefere ficar em casa a brincar com as bonecas. Perante essa recusa, o que faz você? Satisfaz-lhe o capricho ou escolhe o que é bom para ela?”

“Não é a mesma coisa.”

“Responda à minha pergunta. Se a criança não quer ir para a escola, o que faz você? Não a leva? Deixa-a ficar sempre em casa a brincar? Nunca mais vai aprender? Prejudica o seu futuro só para não a contrariar naquele instante?”

“Claro que a levo à escola.”

“Nem que seja à força?”

“Sim.”

“Então tem aí a sua resposta.”

III

O aroma salgado da maresia enchia o restaurante, refrescante e vigoroso, acompanhando o marulhar reconfortante e cadenciado das ondas no laborioso vaivém sobre a praia. Tomás espreitou pela janela e vislumbrou o vulto esbranquiçado da espuma colar-se à areia, dava a impressão de algodão doce preso ao açúcar; mas o mar permanecia invisível, era de um negro profundo que se confundia com a noite, cortado pelo foco intermitente do farol do Bugio e pelos pontos iluminados dos navios que, no horizonte escondido, deslizavam docemente pela boca do Tejo. Os candeeiros públicos enchiam de luz a praia de Oeiras, quase como se fosse dia, eram pequenos sóis a rasgar a noite; o seu clarão revelava-se forte para a curta língua de areia, impotente porem diante da imensa treva dura do oceano.

Olhou para o relógio; passavam quinze minutos das oito. vem atrasado, pensou. Mordiscou mais um rissol de camarão e manteve os olhos presos no manto escuro das águas, embalado pelo rumor ritmado das ondas na sua incansável valsa com a praia.

“Professor Noronha?”, perguntou a voz com o leve sotaque.

Era um homem corpulento, dono de um abdómen enorme, e trazia uma pasta velha pendurada na mão; tinha um cabelo loiro fino, com entradas no topo da testa, e densos olhos azuis, um papo inchado sob o queixo, como um sapo.

“Sim?”

“Peço desculpa pelo meu atraso”, disse, quase ofegante.

Estendeu a mão sapuda. “Alexander Orlov, da Interpol. Os meus amigos chamam-me Sacha.”

Cumprimentaram-se e Orlov pousou a pasta debaixo da mesa e sentou-se com dificuldade, a cadeira era quase estreita de mais para o seu corpanzil.

O empregado aproximou-se e fez uma vénia na direcção do recém-chegado.

“Boa noite, senhor Orlov. Quer pedir já?”

Orlov era, pelos vistos, um conhecido da casa. O volumoso cliente pegou no menu que lhe era estendido e passou os olhos superficialmente pelas propostas do restaurante. Quase fez o pedido de imediato, mas calou-se a tempo e mirou Tomás.

“Já escolheu?”

“Não conheço bem os pratos.”

“Recomendo a santola recheada. É uma delícia.”

“Muito bem”, aceitou Tomás. “Venha a santola.”

“E vinho verde branco muito frio”, acrescentou Orlov. Encarou Tomás em busca de aprovação. “Concorda?”

“Vamos a isso.”

O empregado afastou-se e Orlov agarrou-se aos acepipes e engoliu num instante três rissóis, dois croquetes e dois pães barrados com creme de atum.

“O que tem na cabeça?”, perguntou, reparando no penso que Tomás trazia colado à nuca.

O historiador tocou levemente no penso.

“Isto? Oh, não é nada. Tive um pequeno acidente de viação, só isso.”

“Não é grave, espero.”

“Não, não é grave.”

Orlov meteu duas chamuças à boca.

“Suponho que tenha ficado surpreendido com o meu tele-fonema”, disse, a voz quase abafada pela boca cheia.

“Sim”, admitiu Tomás. “Não consigo imaginar o que pretenda a Interpol de mim. O senhor falou-me de um amigo meu do liceu, mas, com toda a franqueza, não percebo o que tem isso a ver comigo.”

“Não me trate por senhor”, disse Orlov, erguendo a mão. “Sou uma pessoa informal.”

“Muito bem.”

“Sei que você é professor de História, perito em línguas antigas e um dos maiores criptanalistas do mundo, não é?”

Tomás enrubesceu e sorriu.

“Um dos maiores do mundo? Isso é exagero...”

“Não é exagero, não. Eu fiz o trabalho de casa.” Devorou mais um rissol. “O importante é que isso é útil para a investigação que estou a levar a cabo para a Interpol.”

Tomás remexeu-se na cadeira.

“Estamos numa situação desigual, já reparou? Você sabe tudo sobre mim e eu não sei nada de si.”

Orlov soltou uma gargalhada.

“Tem razão, peço desculpa. O meu nome é Alexander Ivanovitch Orlov. Nasci em Sampetersburgo no tempo em que a minha grande cidade se chamava Leninegrado. Andei na tropa, fui conselheiro em Angola e depois...”

“Ah, foi aí que aprendeu português!”

“Sim, foi em Luanda. Havia muitos conselheiros soviéticos a trabalhar com os cubanos e o MPLA.” Sorriu. “Naquele tempo aquilo era uma farra!” Suspirou. “Depois fui trabalhar para a polícia russa, mas o fim do comunismo fez-me ver que o meu futuro não estava na Rússia. A autoridade central des-

moronou-se e o país ficou entregue aos oligarcas e às máfias.” Esboçou uma careta e abanou a cabeça.

“Corromperam tudo, incluindo a polícia. Preferi sair a ficar a ver os meus chefes e os meus colegas a venderem-se por um punhado de rublos. E quem não se vendia acabava com um tiro na cabeça.”

Abocanhou uma fatia de pão. “Candidatei-me então a um lugar na Interpol e acabei por ir viver para Lyon, onde fui integrado no Specialized Crime Directorate, uma unidade dedicada a combater o crime especializado.” Pôs a mão no peito. “Puseram-me a trabalhar em casos envolvendo seitas e coisas do género.”

“Seitas?”

“Sim, esses malucos que cometem crimes pelos motivos mais bizarros que se possa imaginar. Suicídios colectivos e assassínios motivados por crenças políticas ou religiosas, por exemplo.” Fez um gesto com a mão. “São aqueles tipos que acreditam no Demónio ou pensam que o fim do mundo está a chegar...”

“Ah, estou a ver.”

“Ando a lidar com esses idiotas há sete anos. Você nem imagina os tarados que já me apareceram pela frente...”

O empregado aproximou-se com um tabuleiro. Pôs os pratos quentes sobre a mesa, eram duas fumegantes carapaças de santola, e despejou vinho verde gelado nos copos. Fez uma vénia, desejou bom apetite aos clientes e retirou-se.

Os dois comensais provaram o prato, com Tomás a mostrar uma expressão de aprovação, e ambos ergueram os copos.

“Como é que vocês dizem em russo?”, perguntou o historiador, o copo pendurado na ponta dos dedos.

“Na zdrovie!”

Fizeram uma saúde e começaram a comer. Orlov arfava enquanto metia a comida à boca, parecia esfaimado; o seu vasto estômago tinha ar de ser muito exigente e requerer grandes quantidades de alimentos.

Tomás ergueu o garfo e apontou na direcção do seu interlocutor.

“Ainda não me explicou o que tem isso a ver comigo ou com o meu amigo do liceu...”

“Já lá vamos”, disse Orlov, engolindo com sofreguidão mais duas garfadas cheias. “Já lá vamos.” Avaliou o prato, que esvaziava a grande ritmo, e chamou o empregado com a mão. “Olhe, traga-me mais uma santola, por favor.”

Tomás riu-se.

“Caramba, você está mesmo com fome!”

Orlov passou as costas da mão pela testa, limpando o suor que lhe nascia no

topo.

“Não me diga nada, isto é uma tortura.” Devorou mais uma garfada. “Adoro comer.”

“Pois, já notei.”

O russo ingeriu mais duas fatias de pão, ambas generosamente barradas com creme de atum, e aconchegou-as com um longo golo de vinho verde. Pousou o copo e respirou fundo antes de atacar novamente o que restava da santola.

“Vamos então ao seu amigo do liceu.”

“O Filipe.”

Orlov fez desaparecer os derradeiros resquícios da sua primeira santola e, depois de limpar a boca a um guardanapo, retirou um envelope da pasta que guardara debaixo da mesa.

“Em Março de 2002 deu entrada na Interpol um pedido do FBI para investigar um homicídio.” Abriu o envelope e tirou uma fotografia. “Tratava-se da morte de um cientista americano na Antárctida, era um perito em climatologia.” Exibiu a fotografia de um homem de meia-idade, os olhos sorridentes por detrás de óculos redondos e uma barba rala grisalha coberta de gelo. O homem encontrava-se de pé numa paisagem plana, glaciar, com uma fileira de bandeiras cravadas na neve atrás de si, um céu limpo azul-claro por cima. “O professor Howard Dawson.”

Tomás empurrou o seu prato para o lado e analisou a foto.

“Esta fotografia foi tirada na Antárctida?”

“Pólo Sul.”

Observou melhor a fila de bandeiras.

“Isto é mesmo o Pólo Sul?”

“Simbolicamente, sim.” Engoliu um pedaço de comida. “Na verdade, a localização exacta do Pólo Sul varia todos os anos, não é?”

Tomás mirou o russo interrogativamente.

“Como assim?”

“Existem vários Pólos Sul.” Acenou com a fotografia. “Esta foto foi tirada no Pólo Sul cerimonial. As bandeiras dos doze primeiros signatários do Tratado Antárctico oferecem o cenário perfeito para registar imagens.” Encolheu os ombros. “Mas é tudo uma encenação, claro. O verdadeiro Pólo Sul anda a passear-se de um lado para o outro.”

“Não estou a perceber”, murmurou Tomás. “Que eu saiba, o Pólo Sul está sempre no mesmo sítio.”

Orlov abanou a cabeça.

“Existem três tipos de Pólo Sul.” Ergueu três dedos gordos. “O

Pólo Sul magnético, cuja presença é registada pelas agulhas magnéticas, é

algures ao largo da Antárctida, na baía da Commonwealth. Desloca-se actualmente dez a quinze quilómetros por ano na direcção norte."

"Caramba!"

"Depois há o Pólo Sul geomagnético, onde se manifesta o fluxo do campo electromagnético da Terra. Este Pólo Sul localiza-se no planalto antárctico, perto da estação russa de Vostok." Voltou a acenar com a fotografia. "Finalmente, existe o Pólo Sul geográfico, situado perto do Pólo Sul cerimonial. Quando nos referimos ao Pólo Sul, em geral isso significa o Pólo Sul geográfico, não é?"

"Exacto."

"O problema é que o Pólo Sul geográfico nunca está muito tempo no mesmo lugar."

Tomás franziu as sobrancelhas.

"É isso que não entendo", disse. "O Equador encontra-se sempre no mesmo sítio e o Pólo Norte também. Por que razão haveria o Pólo Sul de ser diferente?"

"Por causa do gelo."

"O que tem o gelo a ver com isto?"

"Repare, professor, o Pólo Sul está coberto de gelo, não é? Ora esse gelo não permanece estático. Pelo contrário, encontra-se sempre em movimento. O gelo no Pólo Sul desloca-se dez metros por ano na direcção da América do Sul e isso significa que a marca do Pólo Sul geográfico se afasta dez metros por ano do sítio verdadeiro."

"Ah."

"Isto obriga a que todos os anos se calcule a nova posição do Pólo Sul e se coloque a marca no sítio certo. O que significa que, na prática, todos os anos temos um novo Pólo Sul."

O empregado reapareceu com a nova santola, à qual Orlov se atirou de imediato sem quartel, dir-se-ia que ainda não comera nada.

Enquanto o russo mastigava com sofreguidão o prato acabado de chegar, Tomás pegou na fotografia pousada sobre a mesa.

"Este cientista foi assassinado no Pólo Sul?"

Orlov emitiu um grunhido enquanto comia.

"Não", disse, logo que engoliu o que tinha na boca. "Foi morto em McMurdo."

"Onde?"

"McMurdo." Deglutiu um pedaço de comida pelas goelas abaixo.

"McMurdo é a maior estação existente na Antárctida." Quase arfava a falar. "Foi construída pelos Americanos em 1956 como base militar, mas transformada em estação científica logo que entrou em vigor o Tratado Antárctico. Conta com mais de mil habitantes durante o Verão e duzentos no Inverno."

“Isso fica onde?”

“Numa ponta da ilha de Ross, que está colada à Antárctida pela gigantesca plataforma de gelo de Ross, na parte do continente que é banhada pelo oceano Pacífico.” O russo fez um gesto na direcção do rosto sorridente na fotografia. “O professor Dawson era o director do Crary Science and Engineering Center, o principal edifício de pesquisa científica de McMurdo. Estava envolvido num projecto de análise climática quando morreu.”

“Diz você que ele foi assassinado?”

“Numa manhã de Fevereiro de 2002 foi encontrado estendido na cozinha do centro onde trabalhava, com dois tiros no corpo e um na testa.” Abafou um arroto. “Não parece morte natural, pois não?”

“Quem o matou?”

Orlov sorriu.

“Se eu soubesse, não estava aqui a falar consigo.”

Foi a vez de Tomás se rir.

“Veio falar comigo para eu o elucidar sobre um crime ocorrido na Antárctida? Deve estar a brincar...”

Mais garfadas.

“Nunca brinco em serviço. A verdade é que estou convencido de que me poderá ajudar a desvendar o mistério.”

“Como?”

“Tenha calma”, disse o russo, atacando os últimos pedaços da segunda santola. “Deixe-me primeiro contar-lhe toda a história.”

Tinha nacos de comida nos cantos da boca, o que estava a deixar Tomás enojado; por mais que evitasse olhar, a sua atenção parecia cair irresistivelmente naqueles bocados gordurosos que quase escorriam pelos lábios luzidios do russo. “Quando a Interpol recebeu o pedido do FBI e analisou as características do homicídio, decidiu remeter o caso para o meu serviço. Logo que me inteirei dos pormenores, apercebi-me de que este assassínio apresentava semelhanças bizarras com um homicídio ocorrido em Espanha e que eu tinha analisado dias antes. Fui rever o *dossier* do homicídio de Espanha e descobri que apenas algumas horas separavam os dois acontecimentos. O professor Howard Dawson foi assassinado na Antárctida, o professor Blanco Roca apareceu morto pouco depois no seu gabinete, na Universidade de Barcelona, onde leccionava Física.

Também a tiro, desta vez um único, na nuca, enquanto trabalhava no computador.”

“O que tinham os dois casos de semelhante?”

“Ambos envolviam cientistas mortos a tiro nos seus locais de trabalho no espaço de apenas algumas horas.”

Tomás olhou para o russo sem compreender.

“E então? Um foi assassinado na Antárctida, o outro em Espanha.

Um era americano, o outro espanhol. Um era climatologista, o outro físico. Cá para mim existem aqui demasiadas diferenças.”

Orlov fez um sorriso malicioso.

“Você não diria o mesmo se visse as fotografias dos locais do crime.”

“O que têm essas fotografias de especial?”

O russo limpou as mãos ao guardanapo e enfiou os dedos gordos dentro do envelope, de onde extraiu mais fotografias. Mas, em vez de as exibir, manteve-as voltadas para si, como se estivesse a disputar um póquer e quisesse ocultar o seu jogo.

“Deixe-me dizer-lhe antes do mais que, em ambos os casos, as consultas às respectivas agendas permitiram concluir que as duas vítimas se conheciam.”

“Ah, sim?”

“Pelos registos que encontrámos nas agendas, concluímos também que partilhavam dois amigos, igualmente cientistas.”

Inclinou a cabeça. “Mais curioso ainda, os nomes de cada um dos três amigos encontrados em cada agenda eram assinalados pelo mesmo sinal.”

“Hmm”, murmurou Tomás, cheio de curiosidade de ver as fotografias. “Que sinal é esse?”

“O mesmo sinal que foi encontrado num papel junto aos corpos das duas vítimas.” Orlov exibiu enfim as fotografias. “Isto.”

As imagens mostravam corpos estendidos no chão e uma folha ao lado das mãos inertes com três dígitos rabiscados a tinta grossa.

666

“Seis-seis-seis?”

“Sim. Sabe o que isto é?”

Tomás não conseguia tirar os olhos das fotografias. Fixava os três algarismos desenhados nos papéis ao lado das vítimas com um fascínio incrédulo, não queria ver mas não podia deixar de ver, era como se estivesse hipnotizado, subjugado à tremenda força simbólica daquele medonho sinal.

“O número da Besta.”

IV

O som das ondas e o cheiro do mar eram mais vivos fora do restaurante. O perfume do sal, suave e picante, enchia a varanda para onde foram tomar a sobremesa; a noite estava amena e os dois homens sentaram-se numa mesinha à meia-luz, saboreando a gostosa brisa marinha que soprava da escuridão.

O empregado aproximou-se e dispôs sobre a mesa os doces que encomendaram. Tomás tinha pedido uma *mousse* de manga, mas não conseguia deixar de se sentir impressionado com a fileira de pratinhos pousados à frente do seu interlocutor, como se cada sobremesa aguardasse a vez com o nervosismo de um condenado que espera a sua hora diante do pelotão. Em primeiro lugar havia um copo com cinco bolas de gelado regados a creme quente de chocolate, seguido de um bolo de bolacha, um pastel de nata e uns crepes Suzette, e o mais extraordinário é que Orlov logo se atirou ao sorvete com esfaimada sofreguidão.

"Você não tem problemas com o colesterol?", atreveu-se Tomás a perguntar.

"Hmpf", grunhiu Orlov, a boca cheia de gelado. Engoliu à pressa para poder responder. "Reconheço que sou um gulipanas, mas é mais forte do que eu, o que quer?"

"Por mim, esteja à vontade."

O russo fez um gesto com os olhos para as fotografias dos mortos, pousadas entre os crepes e o bolo de bolacha.

"O que me diz você a isto, hã?"

Tomás voltou a mirar o sinal deixado pelos assassinos junto às suas vítimas.

"Acho perturbador", observou. "Sem dúvida que o triplo seis remete estes crimes para o trabalho de uma seita."

"Foi o que nós pensámos", concordou Orlov, lambendo ruidosamente as manchas de gelado que lhe caíram nos dedos.

"Devo dizer, no entanto, que não percebo as subtilezas bíblicas em torno do seis-seis-seis. Parece-me tudo uma confusão."

"O que sabe você sobre isto?", perguntou Tomás.

"Tudo o que sei é que esse é o número da Besta", disse Orlov.

Arregalou os olhos, numa expressão exageradamente dramática. "Um sinal do Diabo." Agarrou-se ao pastel de nata. "Já falei com vários padres e teólogos sobre isto e eles mostraram-me a parte do Apocalipse onde é mencionado o triplo seis." Emitiu um gemido de apreciação pelo sabor do pastel que devorava, a crosta estaladiça a reverberar nos seus dentes. "Tudo muito terrível, claro está, mas receio que não tenha adiantado nada. A única coisa que percebemos é que

estávamos a lidar com uma seita de culto satânico."

"Eles não lhe fizeram a leitura deste número?"

Orlov parou por instantes de trincar.

"A leitura do número da Besta?" Recomeçou a mastigar. "Não, não. O que eles me disseram é que isto é o sinal do Diabo, o número do Anticristo que vem aí para provocar o apocalipse."

"Mas não lhe deram a chave para decifrar esta mensagem?"

"Você acha que este número esconde uma mensagem?"

"Claro que sim. À primeira vista, torna-se claro para mim que estamos diante de uma mensagem oculta inserida na Bíblia. Só os iniciados a podem decifrar."

Orlov abanou o indicador e sorriu com malícia.

"Você é um iniciado."

"Porque diz isso?"

"Porque você é um perito em línguas antigas. Dos melhores do mundo."

Tomás riu-se.

"Lá vem você com essa conversa..."

"Já vi que está armado em modesto." Inclinou a cabeça. "Diga lá a verdade, é ou não é capaz de decifrar esse enigma bíblico?"

O historiador corou suavemente e baixou os olhos.

"Acho que sim."

O russo bateu com a mão na mesa.

"Ah!", exclamou. "Eu sabia!" Apontou o dedo ao seu interlocutor.

"Você é um iniciado! Confesse lá, é ou não é?"

Tomás encolheu os ombros.

"Enquanto historiador, sim, sou um iniciado." Apontou para a fotografia. "Uma vez que o triplo seis é uma mensagem oculta, qualquer historiador com formação em línguas antigas pode, em princípio, decifrá-lo."

"É o seu caso."

"É o meu caso."

"Então diga-me lá", desafiou Orlov, a colher a mergulhar na última bola de gelado. "Como é que se decifra o triplo seis?"

"Calma, isso não é assim tão simples. Teria de estudar este enigma com cuidado."

"Então estude."

Tomás riu-se.

"Se tivesse tempo, estudaria", disse. "Mas a verdade é que tenho muito que fazer."

"Nós contratamo-lo."

"Como?"

“A Interpol contrata-o.”

“Para quê? Para decifrar o mistério do triplo seis da Bíblia?”

Orlov abanou a cabeça com uma expressão divertida.

“Não, professor. Para nos ajudar a deslindar todo o mistério em torno destas mortes. Claro que isso inclui a decifração do triplo seis, mas vai além disso.”

“Vai até onde?”

“Ora, vai até onde for preciso!”

O historiador suspirou.

“Oiça, eu não sei se disponho de tempo para isto. Tenho uma série de projectos em marcha e receio que não possua disponibilidade para andar agora armado em detective. O meu trabalho não é ajudar a Interpol a deslindar assassínios.”

“Qual é o problema? Que eu saiba você já foi contratado por diversas instituições no passado. Basta-me citar a American History Foundation e a Fundação Gulbenkian, para já não me referir a uma certa agenciazinha americana cujo nome não preciso aqui de enunciar.”

Tomás cravou os olhos em Orlov, como se o tentasse ler.

“Você anda bem informado.”

“Sou polícia, já lhe disse.” Apontou para as fotografias. “Preciso da sua ajuda para deslindar este caso.”

“E eu já lhe disse que não sei se tenho tempo.”

“Pagamos-lhe quinze mil euros por mês, mais quaisquer despesas em que incorra, incluindo viagens. E damos-lhe a inolvidável oportunidade de rever um velho amigo do liceu.”

“Ah, o Filipe. Afinal qual é o papel dele no meio de tudo isto?”

Orlov endireitou-se na cadeira e assumiu um ar grave.

“Receio que o seu amigo esteja metido nesta história até ao pescoço.”

“Ah, sim? O que fez ele?”

“Se calhar premiu o gatilho.”

“O Filipe?”

“Sim.”

“O que o leva a afirmar tal coisa?”

“O seu nome encontra-se anotado na agenda das duas vítimas e, em ambos os casos, com um triplo seis à frente.”

“A sério?”

“Acha-me com cara de estar aqui a brincar?”

Tomás considerou a revelação.

“Mas isso não quer dizer nada.”

“Quer dizer que as duas vítimas conheciam o seu amigo. Quer dizer que as

duas vítimas estavam relacionadas com ele através do número da Besta.”

“Vocês já falaram com o Filipe?”

Orlov abriu as mãos, como um prestidigitador que acabara de fazer desaparecer uma pomba.

“Ele sumiu-se. Evaporou-se.” Os lábios sopraram. “Puf!”

“Não o encontram?”

“É como se nunca tivesse existido. Quando descobrimos o nome dele e de um outro cientista nas agendas das duas vítimas com o sinal do Diabo ficámos cheios de curiosidade, é claro. Para mais porque esse foi o sinal deixado pelo assassino junto aos cadáveres.

De modo que resolvemos ir interrogá-los de imediato.” Fez uma curta pausa. “Pois não encontrámos nem um, nem outro. Volatilizaram-se ao mesmo tempo.”

“Realmente, é estranho.”

“Isto não é estranho, meu caro professor.” Arregalou as sobrancelhas, como se quisesse sublinhar a sua conclusão. “É
suspeito.”

“Qual foi o outro nome encontrado nas agendas?”

“James Cummings. Trata-se de um físico inglês ligado à tecnologia nuclear. Pedimos à Scotland Yard que o interrogasse, mas a polícia chegou tarde de mais. Havia dois dias que o homem já não era visto em casa nem no laboratório onde trabalhava, em Londres.”

“E o Filipe? Qual a relação que ele tinha com esses... esses cientistas todos?”

“O seu amigo também é cientista.”

Tomás fez um ar admirado.

“Ah, sim? Não sabia. O que faz ele?”

“Tirou Geologia e dedicou-se à área energética. Era consultor de duas empresas portuguesas ligadas a este sector.” Consultou os nomes num pequeno bloco de apontamentos. “A... a Galp e a EDP.”

Tomás reflectiu naqueles dados.

“O senhor disse que o Filipe e o inglês desapareceram, não foi?
Quando é que isso aconteceu?”

“Em 2002, logo na altura dos assassínios.”

“Eles têm estado desaparecidos desde então?”

“Sim.”

“E por que razão só agora vêm falar comigo?”

“Porque interceptámos há dias uma comunicação entre eles. Os sistemas de monitorização do projecto secreto Echelon captaram um *e-mail* e enviaram-no para o FBI, que o reencaminhou para a Interpol.”

Tomás tamborilou os dedos sobre a mesa.

“Onde é que eu entro nesta história?”

“Já vai”, disse Orlov, fazendo-lhe sinal de que tivesse paciência.

“O *e-mail* interceptado foi originalmente remetido pelo professor Cummings ao seu amigo. Como se tratou de uma comunicação através da Internet, não temos modo de detectar os pontos de origem e de destino. Apenas podemos ler a mensagem.”

“E o que diz ela?”

“O sentido de uma parte é muito claro, mas a outra parece cifrada. Ora o senhor é um dos melhores do mundo nesta área e, por agradável coincidência, até conhece pessoalmente um dos suspeitos.” Franziu o sobrolho. “Quem melhor que o senhor para nos ajudar a deslindar este caso?”

“Hmm”, murmurou Tomás, amadurecendo o que acabara de lhe ser dito. “É por isso que me querem contratar.”

“Nas condições financeiras que já lhe expliquei.”

Quase inadvertidamente, o historiador fixou o olhar no bloco de notas do homem da Interpol.

“Mas, diga lá, o que diz a mensagem?”

Orlov sorriu.

“Já vi que está a arder de curiosidade”, observou. “Devo deduzir, pela sua pergunta, que se considera contratado?”

“Pode deduzir isso, sim. Mas diga-me lá...”

O russo estendeu a mão.

“Então parabéns”, cortou, efusivo. “Bem-vindo à Interpol!”

Apertaram as mãos sobre a mesa, selando o acordo.

“Calma”, pediu Tomás. “Que eu saiba, não entrei na Interpol. Vou apenas ajudar as investigações, não é?”

“Claro, mas isso merece ser comemorado, ou não merece?”

Orlov pegou no copo de vinho quase vazio e ergueu-o na direcção do seu novo colaborador. *“Na zdrovieV*

“Isso, isso”, retorquiu Tomás, levantando timidamente o seu copo. “Mas ainda não respondeu à minha pergunta.”

“Relembre-me.”

“O que diz a mensagem que vocês interceptaram?”

“A mensagem entre o professor Cummings e o seu amigo?”

“Essa mesma.”

Orlov consultou o envelope de onde já tirara as fotografias das vítimas dos assassínios.

“Olhe, tenho aqui uma fotocópia. Quer ver?”

O russo estendeu um papel e Tomás leu-o de uma assentada.

Filipe,

When He broke the seventh seal, there was silence in heaven.

See you. Jim

O historiador olhou interrogativamente para o polícia.

“O que diabo quer isto dizer?”

Orlov riu-se.

“Foi justamente para responder a essa pergunta que acabei de o contratar!”

Tomás releu a mensagem.

“Bem... ninguém pode dizer que isto não requer um profissional.”

O russo pegou na fotocópia.

“Repare, há aqui uma parte que, para nós, é clara.” Apontou para a terceira linha. “Esta despedida, *see you*, sugere que James Cummings e Filipe Madureira planeiam encontrar-se em breve.” Bateu com o dedo na segunda linha. “Mas o essencial da mensagem, e o nosso grande problema, está na frase principal.”

Tomás pegou na fotocópia e observou a segunda linha.

“Esta, é?”

“Sim. Ora leia.”

O historiador afinou a voz e, num sussurro baixo e com palavras pausadas, enunciou então o enigma que aquelas linhas encerravam.

“Quando Ele quebrou o sétimo selo, fez-se silêncio no céu.”

V

Uma tranquilidade inquietante parecia dominar o ambiente. Era algo de irreal, perturbador até, como se um espectro invisível pairasse no ar, flutuando fantasmagorica-mente sobre as conversas sussurradas. Só ao meio-dia, quando deambulava pelo terceiro lar que visitava nessa manhã, Tomás percebeu o que o desorientava.

O mutismo.

Figuras curvadas e enrugadas, frágeis, as cabeças calvas ou cobertas por flocos brancos de cabelo, rodeavam a grande mesa, como resignadas ao inexorável expirar do tempo; a fogueira que anos antes as animara de vida encontrava-se agora quase extinta, mera lenha de onde já não saía chama ardente, apenas um vago fio de fumo; a sua vida tornara-se o calor ténue da lareira que se apagava, prestes a ser vencida pelo grande frio que se acercava, cruel e eterno.

Alguns idosos mergulhavam devagar as colheres na sopa; outros, de babete, tinham mulheres de bata que lhes levavam a comida à boca, como se fossem bebés; e dois pareciam soçobrar de sono sobre a mesa, a cabeça pendendo aos solavancos para a frente, os olhos húmidos quase derrotados pela modorra, as bocas desdentadas pingando saliva. Mas o que todos tinham em comum, para além do aspecto gasto e da chama que se lhes apagava no peito, era comerem em silêncio. Os murmúrios rompiam intermitentes, pautados pelo tilintar dos talheres na loiça branca e pelo *schlurp* molhado das bocas desdentadas a sorverem a sopa. Os sons do almoço.

Tomás ficou um longo instante a contemplar a cena, quase surpreendido por haver quem almoçasse assim. Desde a infância que se habituara à ideia de que as refeições em grupo eram acontecimentos sociais, o momento em que a família ou os amigos se juntam em redor de uma mesa para afirmarem o seu sentido de grupo, trocarem impressões, partilharem sentimentos, esgrimirem argumentos. Era o momento da palavra, das histórias, das gargalhadas, da discussão, da disputa até, o instante em que a comida por vezes se via remetida para segundo plano, como se não passasse de mero pretexto para a animada reunião diária.

Ali, todavia, tudo era diferente. A refeição parecia ter perdido o seu sentido social, reduzira-se ao instante em que aquelas figuras carcomidas pelos anos convergiam para a mesma sala para chupar ruidosamente as suas colheres de sopa. Era um momento de solidão.

Tomás já ouvira dizer que, com a idade, as pessoas tendem a regressar à

infância; não à infância da criança irrequieta que tudo põe de pernas para o ar, mas à infância mais tenra, mais primitiva, mais inerte, a infância do bebé que ronrona e dorme e come e defeca e ronrona e dorme e come e defeca. Uma coisa, no entanto, é ouvir em abstracto essa descrição do que é o envelhecimento; outra, bem mais brutal, é vê-lo diante de si, tê-lo perante os seus olhos, senti-lo palpável, constatá-lo real, sabê-lo tão cruamente verdadeiro.

"É uma cena estranha, não lhe parece?"

Tomás voltou a cabeça para trás e pousou os olhos verdes nos castanhos achocolatados da mulher que falara. Tinha um olhar meigo e um rosto bonito, os cabelos escuros ondulados com madeixas claras.

"Sim", concordou ele. "Nunca imaginei que o ambiente de um lar tivesse este ar assim tão... tão de berçário."

A mulher estendeu a mão.

"Maria Flor", apresentou-se. "Sou a directora do lar." Cumprimentaram-se. "Veio visitar algum familiar?"

"Não. Estou à procura de um lugar para a minha mãe."

Maria pediu-lhe dados sobre o estado de saúde da mãe e, depois de o escutar, assumiu uma expressão conhecedora.

"Não é fácil, pois não?"

"Não, não é."

A directora passou os olhos pela sala de jantar, onde os velhos engoliam as sopas em silêncio.

"Às vezes, quando estou aqui a ver os meus hóspedes à hora das refeições, dou comigo a pensar nos triunfos da medicina. Anunciam-se curas para o cancro, soluções para as doenças cardíacas, vacinas novas, antibióticos mais eficientes, descobertas incríveis que nos permitem prolongar a vida." Sorriu sem humor. "Assim dito é muito bonito, não é? Prolongar a vida, triunfar sobre as doenças, viver até aos cem anos. Que coisa magnífica!" Espreitou Tomás. "Cada vez se morre mais tarde, já reparou?"

"Sim, é extraordinário."

"É, não é?" Voltou a contemplar o almoço. "Mas para quê?"

Torceu os lábios. "Para quê? Quando se diz que vivemos muito mais tempo, até dá a impressão de que é como uma festa que se prolonga madrugada dentro. Faz-me lembrar quando eu era miúda e os meus pais me mandavam para a cama depois de dar o *Bonanza* na televisão. Adorava o *Bonanza* e detestava quando o programa acabava, porque era sinal de que tinha de me ir deitar. Isto aqui é a mesma coisa. Os avanços da medicina dão a impressão de que chegou um *Bonanza* que dura horas e horas. Em vez de ir para a cama às dez da noite, dizem-me que me posso deitar às cinco da manhã."

Arregalou os olhos e imitou uma voz juvenil. “Canda pinta!”

“E um bocado isso, sim”, concordou Tomás. “A medicina permite-nos ir para a cama muito mais tarde.”

Maria ergueu o dedo.

“E um facto que morremos muito mais tarde, sim senhor. Mas isso tem um preço, sabe?”

“Qual?”

A directora fez um gesto largo que abarcou toda a sala de jantar.

“Este. Prolongamos a vida e, a partir de um certo limite, começamos a vegetar.” Voltou-se para Tomás. “Imagine-se a si com a idade desta gente. Não consegue andar, baralha as coisas, não pode cuidar de si próprio nem para as coisas mais elementares. Põem-lhe uma fralda, limpam-lhe o rabo, dão-lhe a sopa à boca, passa o tempo sentado ou deitado a ver o dia passar. Que sentido tem dizer-se que aumentou a sua esperança de vida? De que vida estamos exactamente a falar? Da vida das fraldas, do babete, do rabo que nos limpam?”

“Bem, essa é uma maneira um pouco crua de ver as coisas...”

“Acha que sim? Olhe, há pessoas que dizem: «Vai para o lar? Que horror!» Mas não percebem que o horror não é o lar. O lar é a solução que encontramos para enfrentar o verdadeiro horror, o problema do envelhecimento até ao limite.

Adiamos o horror da morte para conhecer o horror da velhice extrema. É o horror da degradação, do definhar indigno, da submissão à humilhação.”

“As pessoas sentem-se humilhadas no seu lar?”

“Não, não é o meu lar que humilha as pessoas. Pelo contrário, nós tentamos dar o melhor para que elas se sintam bem. O que é verdadeiramente humilhante é aquilo a que as pessoas têm de se submeter para poderem viver mais anos. São as suas limitações e a sua degradação. É a sua velhice.”

“A velhice é humilhante?”

“Não a velhice em si, mas o facto de perdermos faculdades e ficarmos inteiramente à mercê dos outros, está a perceber?” Fez um gesto com a cabeça para os idosos sentados em silêncio à mesa. “O

que acha o senhor que é a velhice extrema? Imagine-se a si, um homem seguro, bem-parecido, independente, que sempre soube cuidar das suas coisas. Imagine que de repente deixa de conseguir andar e que por isso não pode ir de meia em meia hora ao quarto de banho. O que lhe acontece?”

“Alguém me leva ao quarto de banho, suponho.”

“Oiça, um empregado é capaz de lhe fazer isso uma, duas, três vezes, não digo que não. Mas, se pedir ao empregado que lhe faça isso vinte vezes por dia, todos os dias, semana após semana, mês após mês, e houver mais dez velhos a pedirem a mesma coisa e o empregado cheio de tarefas para executar em pouco

tempo, sabe o que acontece, sabe?" Deixou a pergunta flutuar. "Põem-lhe uma fralda. E ali está você, que ao longo de toda a vida foi dono de si, sentado no sofá a urinar para as fraldas. E isto para o resto da sua vida, sem perspectiva de regressar à autonomia anterior. Como é que se sentirá quando isso acontecer?"

"Uh... bem..."

"Humilhado. Sentir-se-á humilhado. E quando tiver de defecar, o que vai fazer? Irá defecar nas fraldas. Depois virá o empregado tirar-lhe as fraldas e limpar-lhe o rabo. Como se sentirá você? Humilhado.

E quando já nem conseguir segurar bem na colher, porque a mão lhe treme toda e você, por mais que tente, não a consegue controlar?

Põem-lhe um babete no peito e dão-lhe a sopa à boca. E você, que durante toda a vida foi senhor de si, homem independente, um ser humano autónomo, orgulhoso, como se sente?

"Humilhado", assentiu ele, baixando a cabeça.

Maria Flor mirou a mesa onde decorria o almoço silencioso.

"E assim que eles se sentem."

Tomás voltou a casa algo deprimido. Foi espreitar o quarto e deu com a mãe a dormir na cama, a luz amarelada do candeeiro acesa à cabeceira, um livro caído nas mãos com as páginas abertas. Arrumou o livro na mesinha, desligou o candeeiro com um clique suave, ajeitou o cobertor para melhor aquecer a mãe, sentiu-a respirar de forma tranquila e cadenciada e beijou-a ao de leve na testa.

Encostou a porta do quarto e foi para o antigo escritório do pai.

Tinha tido uma ideia e queria pô-la em prática. Ligou o computador e procurou o *site* que trazia em mente. A página abriu-se no ecrã e Tomás contemplou com um sorriso saudoso os rostos familiares que o olhavam como se tivessem sido transportados por uma máquina do tempo. Era o *site* do pessoal da sua geração no liceu de Castelo Branco. Viam-se fotos da época e imagens actuais; alguns rostos permaneciam quase os mesmos, mas outros tinham-se transformado, perdido cabelo, engordado imenso. Contemplou cenas à porta do liceu, equipas de futebol, festas, excursões, sorrisos, macacadas, namoricos, motos; era um compêndio de memórias que ali desfilava.

Clicou em *chat* e entrou na página em que os antigos alunos trocavam mensagens. Matraqueou o teclado.

Filipe Madureira. Preciso de falar contigo com muita urgência. Diz alguma coisa. Tomás Noronha.

Fez *enter* e a mensagem entrou no sistema de *chat.*

Desligou o computador e recostou-se na cadeira, avaliando as suas opções. Iria no dia seguinte a Lisboa dar a frequência em atraso e ficaria então livre para a investigação que a Interpol lhe encomendara. Não tinha a certeza se a

mensagem que deixara no *chat* do *site* teria resposta e precisava de explorar outros caminhos.

Mas quais caminhos?

Levantou-se e foi à estante buscar uma Bíblia do pai, que trouxe para a secretária. Folheou o grosso volume até localizar, numa das páginas finais, o texto que procurava.

Apocalipse.

"«Bem-aventurado aquele que lê»", murmurou num sopro, lendo o parágrafo inicial, "«e os que ouvem as palavras desta profecia e guardam as coisas que nela estão escritas, porque o tempo está próximo.»"

Uma profecia, repetiu para si mesmo. Isto é uma profecia. E o tempo está próximo.

Próximo.

Voltou a atenção para o texto e seguiu-o linha a linha, frase a frase, parágrafo a parágrafo; porfiou por entre o emaranhado de palavras, paciente e meticuloso, até que, páginas à frente, localizou por fim o trecho crucial. Leu-o em silêncio uma vez e depois repetiu a leitura num sussurro, como se o som da sua própria voz o ajudasse a detectar sentidos ocultos.

"«É aqui que é preciso sabedoria»", leu. "«Quem for dotado de inteligência calcule o número da Besta, porque é o número de um homem, e o seu número é: seiscentos e sessenta e seis.»" Ergueu os olhos, pensativo, e repetiu a frase misteriosa. "«E o seu número é: seiscentos e sessenta e seis.»"

Desenhou os três algarismos numa folha de papel.

Permaneceu um longo instante a olhar o triplo seis, avaliando as alternativas diante de si, contemplando os caminhos para a solução.

Este número contém uma palavra, concluiu. Mais do que uma palavra, é uma mensagem.

Uma mensagem cifrada.

Levantou-se e foi de novo à estante buscar outro livro, um velho volume de páginas amareladas, as folhas quase descoladas pelo tempo, letras debruadas a ouro com o título *Cabala* na capa e na lombada desbotada. Abriu o livro e sentiu o cheiro adocicado do tempo libertar-se das páginas envelhecidas; vol-tou-as uma a uma, com movimentos delicados, como se tivesse medo que elas se desfizessem em pó sob os seus dedos.

Enquanto folheava o volume, a sua mente regressou à mensagem que deixara no *site* do liceu. E se o Filipe não respondesse?, questionou-se. Considerou o pouco que sabia e depressa concluiu que precisava de reunir mais informações sobre o seu velho amigo.

Pôs o livro momentaneamente de lado, pegou no telemóvel e digitou o

número.

“Orlov, diga-me uma coisa”, pediu, depois de trocar cumprimentos com o homem da Interpol. “Que tipo de trabalho estava o meu amigo Filipe a fazer?”

“Consultoria na área energética.”

“Sim, mas o que é isso de área energética? Electricidade?”

A voz do outro lado emitiu uns sons arfados que Tomás percebeu serem de mastigação. O homem não parava de comer.

“Petróleo”, disse Orlov, depois de engolir algo. “Ele licen-ciou-se em Geologia e lidava com questões energéticas em geral, mas o seu verdadeiro interesse situava-se na área petrolífera.”

“Ai sim?”

“Aliás, a última pessoa a vê-lo foi, pelas minhas contas, um tipo chamado Abdul Qarim, na sede da OPEP.”

“O Filipe foi visto pela última vez na sede da OPEP?”

“Sim.”

“Mas isso não é na Arábia Saudita?”

Orlov riu-se.

“Não, professor. É aqui na Europa.”

“A OPEP está sedeada na Europa?”

Mais sons confusos revelavam que o russo metera um novo bocado de comida na boca. Mastigou à pressa e, instantes depois, a voz abafada pelos alimentos e a respiração quase ofegante de tanto esforço de deglutição, conseguiu voltar a falar.

“Viena.”

VI

Quando lhe disseram que o edifício se situava junto ao canal do Danúbio, Tomás imaginou um palacete rodeado de verdura, imponente na sua arquitectura imperial, o espelho azul do rio estendido a seus pés como um vassalo prostrado diante do suserano.

Foi talvez porque as expectativas eram tão elevadas que Tomás vacilou de decepção ao chegar ao número noventa e três daquela rua de Leopoldstadt. Permaneceu um instante a observar o edifício baixo e feio, com estruturas brancas ou cinza intercaladas por linhas azuis, no topo uma bandeira azul e branca, um relógio digital e a sigla OPEC.

A sede da Organização dos Países Exportadores de Petróleo era tudo menos grandiosa. Não passava de uma mera arca encaixada entre edifícios de escritórios, no segundo distrito de Viena; não havia ali magnificência nem esplendor, nada que sugerisse que era daquele local que se geria o maior e mais lucrativo negócio do planeta, o produto milagroso que fazia mexer o mundo. Chegou a duvidar dos seus sentidos, a achar que aquele não era o endereço que procurava, deveria certamente haver engano, mas a sigla OPEC no topo e o noventa e três sobre a porta coberta por uma complicada estrutura envidraçada não ofereciam dúvidas. Estava mesmo diante da sede da OPEP.

Entrou no edifício e dirigiu-se à recepção.

“O senhor Abdul Qarim, por favor.”

“Tem reunião marcada?”

“Sim. O meu nome é Tomás Noronha. Venho da parte da Interpol.”

O empregado árabe digitou um número e deu a informação para o outro lado da linha. Tomás nada percebeu da algaraviada, excepto o seu nome e o da polícia internacional. O empregado ouviu as instruções, agradeceu e desligou.

“O senhor Qarim já vem”, disse. Apontou para a rua. “Queira esperar lá fora, por favor.”

“Lá fora?”, admirou-se o visitante.

“Sim, ele pediu que o esperasse lá fora.”

Sem nada entender, Tomás saiu do edifício e aguardou junto à estrutura envidraçada da entrada, espreitando amiúde para o interior da sede da OPEP. Viam-se muitos homens de turbante, outros de gravata, quase todos árabes ou africanos, passavam com pastas para um lado e para o outro, mas sem pressa, o seu não era um ritmo de *stress.* Cá fora, Tomás impacientava-se. Ia mudando a perna de apoio e sentia-se crescentemente irritado pela falta de cortesia, nunca

vira ninguém mandar um visitante esperar na rua.

Os carros passavam num ronronar constante, de olhos fechados parecia o som do mar, o murmúrio furioso pontuado por buzinadelas exasperadas da mesma maneira que o marulhar das ondas é entrecortado pelo grasnar melancólico das gaivotas. Tratava-se realmente de uma desconsideração, reflectiu.

As buzinadelas tornaram-se tão insistentes que virou a cara para saber o que se passava. Um reluzente *Mercedes* prateado, um desportivo de dois lugares com linhas aerodinâmicas, parara diante da porta da sede da OPEP e, por entre a penumbra do interior, vislumbrou uma mão a agitar-se no ar. Não percebeu o que era e inclinou-se para a frente, tentando ver melhor. A mão parecia voltada na sua direcção e dava a impressão de o chamar. Será comigo?, questionou-se. Esboçou um gesto interrogativo para si mesmo e a mão fez que sim. Aproximou-se, cauteloso, e, para lá da janela aberta, viu um homem de turbante ao volante.

"Você é o tipo da Interpol?", perguntou o desconhecido.

"Não... quer dizer, sim, sou eu."

O homem estendeu o braço do interior e empurrou a porta do carro para fora.

"Entre, entre", convidou. "Eu sou o Abdul Qarim."

Vencendo a surpresa, Tomás encaixou-se no cubículo e cumprimentou o seu anfitrião. Era um homem magro, de meia-idade, com uma barba pontiaguda e os malares salientes. Tinha um *shumag* vermelho e branco na cabeça e o corpo coberto por um *thoub,* uma longa túnica escura, vestes tradicionais que ofereciam um estranho contraste com a sofisticada tecnologia que brilhava a âmbar no *tablier* do *Mercedes.* O volante do automóvel era seguro por dedos repletos de reluzentes anéis, eram tantos que dir-se-ia ter a mão coberta por uma coroa.

"Julguei que a nossa conversa era no seu escritório."

Mal fechou a porta, o carro arrancou com tal brusquidão que os pneus guincharam e até o corpo se lhe colou ao assento, como se fosse um astronauta no momento da descolagem.

"Viena é o meu escritório", disse o árabe. Fez um sinal com o polegar para o edifício que depressa desaparecia atrás. "A nossa sede é horrível, não acha? Vou levá-lo a um sítio mais interessante." Olhou para o seu passageiro. "Conhece Viena, senhor Tomás?"

"Não."

"É uma cidade charmosa", considerou. "Passo aqui metade do ano. Uma metade em Medina, onde está a minha mulher e a minha família, e a outra em Viena."

"Medina? Na Arábia Saudita?"

“Sim. E a minha terra.” Bateu no volante. “Está a ver aqui o meu carro?” Ergueu a mão cheia de anéis e rodou-a, como se exibisse tudo em redor. “Está a ver estes automóveis na estrada? Estes escritórios, esta actividade, esta vida? Está a ver tudo isto?”

“Sim.”

“Tudo isto é possível graças ao meu país.”

Tomás sorriu.

“Oiça, Viena é uma cidade muito antiga. É mais antiga do que a Arábia Saudita.”

“Sem dúvida. Mas tudo o que existe no Ocidente só existe desta forma graças a nós. Sem a Arábia Saudita, nada do que vê à nossa volta seria possível.”

“Está a referir-se ao petróleo?”

“Claro. E o petróleo que faz o mundo mexer.”

“Mas há muito petróleo fora da Arábia Saudita.”

“Diga-me onde.”

“Bem... sei lá, no Iraque, no Irão, no Kuwait...”

“Tudo países que fazem parte da OPEP e que, por isso, se articulam com a Arábia Saudita.”

“Mas há outros.”

“Quais? Diga lá.”

“Olhe, a Rússia, os Estados Unidos...”

O árabe soltou uma gargalhada.

“Não me faça rir.”

Tomás mirou-o, desconcertado.

“Qual é a piada?”

Desciam pela Obere Donaustrasse, a estrada paralela ao canal do Danúbio; o canal serpenteava ao lado, para além de um tapete de relva bem aparada, a água a reflectir as árvores e os prédios como um longo espelho. O *Mercedes* desportivo parecia deslizar pelo alcatrão, era um felino de prata a cortar a verdura, um perdigueiro veloz a galgar pela estrada, a marginal transformada na sua coutada.

“Milhões de pessoas em todo o mundo gozam hoje de um nível de vida incrivelmente alto, graças a Deus”, disse Qarim, os olhos atentos ao tráfego. “Queixam-se de ganhar pouco, de não terem dinheiro para comprar um carro melhor ou para construir uma casa maior, mas esquecem-se de que há apenas setenta anos ter um carro ou uma casa era privilégio de ricos, esquecem-se de que ter o lar aquecido ou poder ir passar férias ao estrangeiro era um exclusivo da aristocracia. O cidadão comum quase se contentava com comer e aquecer-se junto a uma lareira. Embora isso não nos ocorra, a verdade é que vivemos hoje

uma era de prosperidade e queira Deus que ela se prolongue. *lnch'A\\ahí'*“ Cravou os olhos em Tomás. “Sabe em que assenta esta abundância?”

“No petróleo?”

“Não é simplesmente no petróleo, *habibie.* É no petróleo barato.”

“Barato? Acha que o petróleo é barato? Olhe que eu, quando vou encher o depósito, acho-o sempre muito caro, e está cada vez pior.”

“ é porque nunca parou para pensar no assunto. Já notou que considerando toda a prosperidade que o petróleo gera? &ste é um produto incrivelmente barato? Olhe o caso do Perfume, por exemplo.

Um litro de perfume é infinitamente mais c: caro do que um litro de petróleo, ou não é?”

“Atno que sim.”

“Mtesmo o mais ordinário dos perfumes é mais caro que o petrólieo#” Ergueu o indicador, ornado por um magnífico anel de diamantes. “Pois eu garanto-lhe que o nosso modo de vida podia perfeitamente passar sem perfume, mas seria de todo impossível sem petróleo.”

“Disso não duvido.”

“Tudo o que consumimos, desde um *Wiener Schnitzel* até um sumo de laranja, desde uma mísera mesa de madeira até ao seirviço de um dentista, desde um sofisticado plasma de televisão até um bilhete para ir ali à Staatsoper escutar Strauss, tudo representa uma medida de energia produzida e consumida.”

“Não estou a entender...”

Qairim pigarreou.

“0)iça, o que sabe o senhor da história da humanidade?”

“Sei alguma coisa”, riu-se Tomás. “Afinal sou historiador.”

O árabe arregalou os olhos.

“Você é historiador? Julguei que era polícia.”

“Não, sou historiador. Este trabalho para a Interpol é mesm-K) só uma... uma colaboração pontual. Digamos que esta investigação parece ter conotações com enigmas antigos e foi isso cque levou a polícia a pedir a minha ajuda.”

“Himm... estou a perceber. Então, se é historiador, presumo que esteja a par da relação entre o progresso e o consumo de energia.”

Tomás hesitou.

“Quer dizer, sim e não. Está a referir-se a quê, concretamente?”

“Estou a referir-me à organização social em função das necessidades energéticas.”

“Bem... confesso que essa não é a minha área.”

“É muito simples de explicar”, disse Qarim com entusiasmo, claramente esta era matéria da sua especialidade. “Diga-me uma coisa, por que razão acha que os

homens primitivos preferiam caçar animais grandes?”

“Ora, essa é fácil. Os corpos desses animais, sendo grandes, tinham mais alimento.”

“Claro. Ou, dito de outro modo, porque as calorias necessárias para caçar eram mais facilmente compensadas por um grande pedaço de carne do que por um pequenino naco. Se matar uma vaca exige tanta energia como matar um coelho, é melhor matar a vaca, não é? Isto quer dizer que a avaliação benefício-custo energético já estava na mente dos homens mais primitivos de uma forma instintiva. Razão pela qual, aliás, se passou de uma economia de caça para uma economia agrícola. Os nossos antepassados perceberam que a agricultura oferecia vantagens nessa relação entre consumo e aquisição de energia.”

“Assim postas as coisas, isso parece-me evidente.”

“Agora repare, o que aconteceu quando começou a agricultura?

A vida tornou-se mais fácil e as comunidades prosperaram. A prosperidade trouxe mais população e nasceram as cidades. O

problema é que cada pessoa consumia uma média de meia tonelada de lenha por ano. Como havia muito mais gente do que anteriormente, isso implicou a destruição de cada vez mais floresta, de modo a satisfazer as necessidades da população crescente. Uma vez que as florestas iam recuando, ano após ano, tornou-se necessário ir cada vez mais longe buscar cada vez mais lenha para cada vez mais pessoas.” Arqueou os olhos. “Está a ver o problema que isto gerou, não está?”

“O abastecimento deixou de satisfazer o consumo.”

“Exacto. Foi justamente para dar resposta a esse problema que nasceu a primeira economia energética. As pessoas antigamente não podiam percorrer distâncias cada vez maiores para ir buscar quantidades crescentes de combustível e decidiram organizar equipas a quem era atribuída essa tarefa. Mas as novas invenções fizeram disparar ainda mais as necessidades energéticas. O ferro, por exemplo. Era precisa uma tonelada de lenha para obter uns míseros quilos de ferro. Como a indústria do ferro se expandiu, as necessidades de lenha para o fabricar tornaram-se enormes. Ora, como havia cada vez mais gente e menos floresta, a certa altura essa economia assente na lenha começou a entrar em ruptura.” Espreitou Tomás. “Sabe qual foi a solução?”

“Não.”

“O carvão. O carvão era muito abundante e fácil de transportar.

Além disso, um quilo de carvão contém cinco vezes mais energia do que um quilo de lenha. Sem o carvão, a Revolução Industrial não teria sido possível. A lenha não era suficiente para obter as quantidades de ferro requeridas pela industrialização; só o carvão o permitiria. E

permitiu. Graças ao carvão apareceram as fábricas, as máquinas, as linhas de caminho-de-ferro, os engenhos a vapor, os grandes navios.

Esta nova fonte de energia não trouxe apenas mais aquecimento e mais transportes. Trouxe mais comida, mais roupas, mais máquinas, mais papel, mais tudo. Entrámos aí num ciclo devorador. Quanto mais se produz, mais energia é necessária. E quanto mais energia tivermos, mais coisas podemos produzir." Piscou-lhe o olho. "Está a perceber por que razão eu digo que qualquer produto é uma medida de energia?" Apontou para os castanheiros que coloriam as ruas em redor. "Se apenas tivéssemos lenha como combustível, a vida tal como a conhecemos não seria possível." Bateu no volante. "É preciso energia para produzir toda a riqueza que nos rodeia, desde este automóvel até qualquer outro bem de consumo."

"E é aí que entra o petróleo."

"Nem mais. O carvão oferecia grandes vantagens sobre a lenha e foi ele que viabilizou a Revolução Industrial, mas tinha alguns graves inconvenientes. Para começar, era muito poluente. O ar nas cidades tornou-se negro e irrespirável. Além disso, a energia que produzia não era suficiente para os novos processos industriais que apareceram entretanto. Foi então que, numa manhã de 1901, uma perfuração num pequeno monte chamado Spindletop, no Texas, provocou uma erupção de gás metano que se tornou líquido e negro. Chamamos-lhe petróleo. Spindletop foi o primeiro..."

"Desculpe", interrompeu Tomás. "Isso não é verdade."

Qarim arregalou os olhos.

"O quê?"

"Isso de que o petróleo só apareceu em 1901. Já li textos árabes antigos que mencionam a existência de petróleo."

O árabe riu-se.

"Claro que o petróleo já era conhecido." Olhou para cima. *"Allah u akbar!* Deus é grande e infinita é a Sua sabedoria. Deus cria todas as maravilhas e o petróleo é uma das Suas criações. Não foi por acaso que Ele o pôs no Médio Oriente. Deus entregou-nos o petróleo para o usarmos contra os infiéis. Os meus antepassados, por exemplo, já o utilizavam na guerra contra os cruzados, aproveitando a sua facilidade de combustão."

"Então está a dar-me razão."

"Receio não me ter explicado bem. Há muito tempo que se sabia que o petróleo existia, é um facto. O problema é que se pensava que ele era raro. Já se tinha consciência de que o petróleo era mais potente, mais seguro e mais limpo do que o carvão, mas pensava-se que não existia em grandes quantidades. Na Rússia produzia-se um máximo de cinco mil barris por dia e isso já era uma

coisa extraordinária. Mas Spindletop começou a produzir a mesma quantidade numa única hora. Está a perceber? Spindletop provou que o petróleo era abundante."

"Ah, estou a ver."

"Spindletop marcou o início da idade do petróleo. Toda a economia se transformou. Alguns processos industriais que não eram viáveis com o carvão tornaram-se possíveis com o petróleo.

Apareceram os automóveis, permitindo que as pessoas vivessem longe do sítio onde trabalhavam. Não preciso de lhe explicar o impacto urbanístico e social que isso teve, pois não?"

Tomás riu-se.

"Não é necessário ser um cientista para perceber isso."

"E eu pergunto-lhe: onde está concentrada essa riqueza?"

"Qual? O petróleo?"

"Sim."

"Sei lá... aqui e ali, não é?"

O árabe abanou a cabeça e esboçou um sorriso condescendente.

"Essa riqueza está hoje quase inteiramente nas mãos da OPEP e queira Deus que assim continue. *lnch'Allahr* "Mas, então, e os Estados Unidos? E a Rússia? Eles também não produzem petróleo?"

Qarim mirou-o de relance.

"Esse petróleo está a acabar."

"Como?"

O carro circulava na zona de Schottenring e Alsergrund, já bem dentro do perímetro urbano. Era uma área elegante, com uma arquitectura imponente, os edifícios bem tratados. O *Mercedes* abrandou, condicionado pelos semáforos e pelo fluxo do trânsito. O

automóvel deixara de ser um lobo para se transformar num cordeiro.

"Esse foi o tema da minha conversa com o homem que o senhor procura."

"O Filipe Madureira?"

"Sim."

"Ele veio falar-lhe sobre o petróleo americano e russo?"

"Ele veio falar-me sobre o estado da produção e das reservas mundiais de petróleo."

Tomás retirou o bloco de notas do bolso. A conversa tinha entrado no assunto que o trouxera a Viena.

"Deixe-me só perceber as circunstâncias em que vocês se encontraram", disse. "Quando é que ele o contactou?"

"Oh, foi já há alguns anos."

Tomás consultou as suas notas.

“Isso terá sido em... em Fevereiro de 2002?”

“De 2002? Não sei, terei de verificar na minha agenda.” Fez um ar pensativo. “Espere, lembro-me de que conversámos sobre o 11 de Setembro e a invasão americana do Afeganistão, que tinham ocorrido pouco tempo antes. Quando é que foi isso? Em finais de 2001, não foi?” Balançou a cabeça, mais convicto. “Pois, devemos ter-nos encontrado por volta de Fevereiro de 2002. Recordo que fazia muito frio, estávamos no pico do Inverno e até andámos a evitar a neve que se acumulava aqui nos passeios da cidade.”

“Como é que o Filipe Madureira chegou a si?”

“Através de um cliente nosso. O engenheiro Ferro, da Galp.”

“A petrolífera portuguesa?”

“Sim. Temos negócios com a Galp e o meu interlocutor costuma ser o engenheiro Ferro. Ele telefonou-me e disse que tinha um consultor que, devido à crise política internacional, precisava de fazer uma avaliação das reservas disponíveis e da capacidade de produção instalada e perguntou-me com quem é que ele tinha de falar. Eu disselhe que viesse ter comigo.”

“E ele veio.”

“Veio.”

“Aqui a Viena?”

“Sim, encontrámo-nos cá.” Fez um gesto vago para trás. “Fomos almoçar à Lusthaus, um restaurante ali no Prater, e depois demos um salto ao hipódromo para ver os cavalos.”

“E ele queria falar sobre a produção mundial de petróleo...”

“Sim, a produção e as reservas. Mas estava sobretudo preocupado com as reservas.”

“Ele disselhe por que razão precisava de...”

Qarim ergueu a mão opulenta.

“Espere aí, o senhor ainda não me explicou exactamente por que motivo precisa de conhecer esta conversa”, cortou. “Como deve calcular, não me sinto muito à vontade para revelar o conteúdo das minhas conversas com os clientes.”

“Eu compreendo, mas isto é uma investigação da Interpol.”

“Pois, já me disse isso ao telefone, e foi por essa razão que acedi a encontrar-me consigo. Mas será que pode ser mais específico?”

Tomás suspirou.

“O Filipe Madureira é suspeito de envolvimento em dois homicídios.”

O árabe esbugalhou os olhos e abriu a boca, num misto de espanto e choque.

“A sério?”

“Sim. Foram descobertas ligações entre ele e dois cientistas que apareceram

mortos a tiro.”

Qarim abanou a cabeça.

“Que coisa incrível”, exclamou. “Estive à conversa com um assassino e sobrevivi!” Virou os olhos para cima com uma expressão de gratidão. “*Allab u akbar!* Deus é grande e misericordioso!”

“Espere, eu não disse que ele é o assassino. O assunto ainda está a ser investigado.”

O homem da OPEP fixou os olhos no trânsito.

“Pois, mas o facto é que ele é procurado pela polícia.” Franziu as sobrancelhas. “Onde é que eu entro nesse filme?”

“Os homicídios ocorreram na altura em que você se reuniu com ele.”

“Oiça, eu garanto-lhe que isso não foi tema da conversa, pode ter a certeza. Alá é minha testemunha.”

“Acredito”, disse Tomás. “Mas há uma outra circunstância que nos parece relevante. É que, pelas nossas contas, o senhor foi a última pessoa a ver o Filipe em público.”

“Eu?”

“Sim. Ele desapareceu depois dos homicídios. Nunca mais voltou a ser visto.”

“Não lhe poderá ter acontecido alguma coisa?”

“Talvez, não sei.”

“Se calhar também foi morto. Não são vocês, os cristãos, que dizem que quem com ferro mata com ferro morre?”

“Não, ele está vivo.”

“Como sabe isso?”

“Temos registo de trocas de *e-mails* entre ele e um amigo inglês.”

“Então é simples. Falem com esse inglês.”

“Não podemos. O inglês também desapareceu.”

O carro parou junto a uma fila de estacionamento e Qarim olhou pelo retrovisor antes de carregar na embraiagem, meter a mudança e fazer a manobra de marcha atrás.

“História estranha, essa. Mas, com toda a franqueza, não vejo em que o possa ajudar.”

“Oiça, eu estou a tentar reconstituir o que tinha o Filipe em mente na altura em que isto aconteceu. E por isso que preciso que me relate a conversa que vocês tiveram.”

O carro guinou e começou a recuar.

“Eu conto-lhe”, prometeu Qarim, a cabeça voltada para trás durante a manobra. “Mas não aqui.”

E estacionou.

VII

Foram a pé desde o magnífico edifício da Bolsa, onde deixaram o carro. Atravessaram o jardim do Parque Gmeiner, um espaço verde em plena Bõrseplatz, e meteram pela Renngasse, a rua que rompe por entre o soberbo palácio barroco Schònborn-Batthyány e o esplendoroso complexo medieval do antigo priorado da Schottenkirche. Cruzaram a praça e, como um cicerone, Qarim conduziu Tomás para o edifício em frente, o palácio Ferstel, cujo interior revelou uma sumptuosa galeria, a Passagem Freyung.

Percorreram a galeria e viraram à esquerda, penetrando num enorme estabelecimento, a entrada guardada pela figura em *papier maché* de um homem sentado numa cadeira.

"O Café Central", anunciou Qarim.

O café quase parecia uma catedral. Enormes colunas gregas sustentavam o tecto alto e abobadado, de onde pendiam, como frutos silvestres num galho, os pálidos candelabros esféricos que inutilmente tentavam iluminar o salão. O facto é que a sua luz ténue era ofuscada pelo pujante clarão do dia, os raios de Sol jorravam vigorosos pelas largas janelas de topo arredondado e espraiavam-se com fulgor pelo Central. Mas até essa claridade parecia relegada para segundo plano, ensombrada pelo grande estilo da decoração e da arquitectura interior; mais do que pela luz, o ambiente era dominado pela cor e pelas linhas harmoniosas, uma elegante mistura entre o difuso tom amarelado que tudo pintava e um certo estilo *Art nouveau* que enchia o café de um requinte clássico. Em tempos, quando se usava fraque, bengala e chapéu de coco, dir-se-ia que aquele era um sítio *chie.*

Alguns clientes folheavam distraidamente o jornal, outros pareciam embrenhados num livro gostoso e um punhado saboreava um *Kapuziner* ou um *Pharisàer;* mas todos, todos mesmo, se mostravam embalados pela sonata melancólica que um pianista dedilhava de olhos cerrados e cabeça descaída para trás, arrebatado pela embriagante paixão da música. Mozart enchia a *Kaffehaus* de melodia, as notas soavam melífluas, como o pipilar meigo das andorinhas a acolherem a Primavera.

Com passos ligeiros, para não perturbar o inspirado músico nem estragar a bela sonata que fluía do teclado, cruzaram o soalho e foram sentar-se a uma pequena mesa de formato oval, ao canto, encostados a uma janela.

"Este sítio é notável", murmurou Tomás, contemplando as abóbadas do tecto. "Notável."

“É, não é?”, sorriu Qarim, acomodando-se na sua cadeira.

“Dizem que antigamente se reuniam aqui os escritores de Viena.”

Indicou com o dedo a estátua em *papier maché* que vigiava a entrada do café. “Aquele era um deles.”

Tomás observou a figura de bigode.

“Quem é?”

“Sei lá. Um poeta, ao que parece.”

“É famoso?”

Qarim observou pela janela a Herrengasse e a Minoriten-platz, por onde se movia o trânsito.

“Não faço a mínima ideia”, disse. “Mas toda esta zona de Schottenring e Alsergrund era muito frequentada pelos intelectuais.

Olhe, Freud vivia por aqui, por exemplo. A casa dele é agora um museu.”

Um empregado com um *smoking* a rigor aproximou-se de bloco de notas na mão.

“Guten Tag”, cumprimentou. Mostrava uma atitude incerta, era evidente que não sabia se o cliente de *shumag* na cabeça e *thoub* a cobrir o corpo o entenderia. *“Was mõchten SieV*

“Eu quero um *Túrkiscber* e um *Rebrúcken”* , respondeu Qarim em inglês. Levantou-se e olhou para Tomás. “Vou ali ao quarto de banho.

Faça o seu pedido.”

Enquanto o árabe se afastava, ágil dentro da sua túnica escura, o historiador consultou a ementa que lhe foi entregue.

“Eu... eu estou com um bocado de fome”, disse ao empregado.

Apontou para uma fotografia exposta no menu. “O que é isto?”

O austríaco inclinou-se e observou a imagem.

“A *Heringsalat?”*

“Sim, o que é isso?”

“É salada de arenque.”

“Traga-me uma dose.”

“E para beber?”

“Uma cerveja de pressão.”

“Pfiff, Seidl ou *Krúgeir*

“Sei lá. Uma marca qualquer.”

O empregado abanou a cabeça.

“Não, não. O que eu preciso de saber é qual é a medida da caneca.”

“Ah. Pode ser uma de meio litro.” *“Ach so. Krúgel.n* Quando Qarim regressou à mesa encontrou à sua espera o café turco fumegante e uma suculenta fatia de bolo de chocolate. O piano calara-se e o pianista sentara-se ao balcão

para repousar os dedos e tomar um *Einspãnner.* Tomás estava agarrado a uma grande caneca de cerveja e trincava a salada já servida; parecia gozar o sol que lhe acariciava o rosto pela janela, mas tinha o bloco de notas aberto sobre a mesa, pronto a ser rabiscado.

“Se calhar é melhor aproveitar a pausa na música para avançarmos na nossa conversa”, sugeriu, logo que se apercebeu do regresso de Qarim.

“Muito bem”, concordou o homem da OPEP, colando os dedos à chávena de café para medir a temperatura. “Diga lá o que quer saber.”

“O senhor revelou-me há pouco que, quando veio ter consigo, o Filipe Madureira queria conhecer o estado da produção mundial de petróleo. Achou esse pedido normal?”

Qarim fez um ar pensativo.

“Normal? Não sei. Quer dizer, é normal que se queira avaliar as condições do mercado, sim, afinal tinham ocorrido pouco tempo antes os atentados do 11 de Setembro, os Estados Unidos tinham invadido o Afeganistão e havia uma grande incerteza quanto à situação internacional. Nessas condições, parece-me compreensível que os diferentes governos queiram acautelar os seus interesses e saber se o mercado se aguenta. Mas lembro-me que ele se mostrava muito insistente quanto à situação da produção da OPEP.”

“Ah, sim? Porquê?”

“Bem... suponho que isso fosse de esperar, não é? Bem vistas as coisas, a situação da produção fora da OPEP encontra-se num estado calamitoso...”

“Como assim?”

Qarim bebeu muito devagar um trago do seu café turco e permaneceu calado um longo instante.

“Oiça”, disse por fim. “O que sabe o senhor sobre o negócio do petróleo?”

“Pouca coisa. Não se esqueça de que sou historiador. As subtilezas do mercado energético nunca foram um tópico que me fizesse saltar de excitação.”

O árabe mordeu o lábio enquanto considerava um modo de explicar o assunto àquele leigo.

“Bem, você tem de perceber que este não é um negócio qualquer”, começou por dizer. “Em primeiro lugar, trata-se do negócio que movimenta mais dinheiro em todo o mundo. E, graças a Deus, está centrado no Médio Oriente.” Fez uma prece para os céus e louvou a grandeza de Deus. “*Allah u akbarr* Fitou de novo Tomás. “Em segundo lugar, é um negócio de tal modo importante que se funde com a política.” Inclinou a cabeça. “Quando falo de política, estou a falar de alta política, de assuntos de vida e de morte, do destino de países e de civilizações.” Fechou o punho, como se estivesse a fazer força. “Petróleo é poder. Percebe?” Fez mais força com o punho fechado, que aproximou do rosto. “Poder.”

“Sim, claro. Dinheiro implica poder.”

Qarim abanou a cabeça.

“Não, você não está a perceber. Não estou a falar no poder gerado pelo dinheiro. Eu estou a falar num poder mais profundo, mais fundamental, muito mais primário do que esse.” Bebeu um novo golo de café. “Oiça, sete anos depois da descoberta de Spindletop, a Grã-

Bretanha decidiu converter a sua marinha de guerra, abandonando a combustão do carvão e passando para os motores movidos a derivados do petróleo.” Estreitou os olhos, como se tivesse acabado de dizer algo de importância transcendente. “Você está a perceber o significado dessa decisão?”

“Bem... suponho que, ao modernizarem a sua marinha, os Britânicos tenham ficado mais poderosos.”

“Não, não é nada disso.” Bateu com o dedo na mesa. “O que os Britânicos fizeram foi dar um passo muito delicado. Eles tinham uma marinha movida a carvão, uma matéria-prima que era abundante na Grã Bretanha, e mudaram para uma marinha movida a derivados de petróleo, uma matéria-prima de que não dispunham no seu país.”

Arregalou os olhos. “Percebeu agora? Eles não dispunham dessa matéria-prima.” Fez uma pausa, para deixar a ideia assentar. “Essa conversão implicou que o abastecimento de combustível deixou de ser um dado adquirido. Se a Grã-Bretanha queria assegurar que a sua força militar se podia mover, era agora obrigada a garantir a segurança das vias de abastecimento. Ou seja, era forçada a proteger os seus interesses no Médio Oriente. A partir desse momento, a segurança nacional ficou irrevogavelmente atada à questão crucial do acesso ao petróleo.” Voltou a cerrar o punho. “É a esse poder que me refiro.”

“Estou a perceber.”

Ergueu o punho ao nível dos olhos.

“Quem tem o petróleo na mão tem o mundo na mão. Não só as grandes potências precisavam de petróleo para fazer a guerra, elas começaram a fazer a guerra por causa do petróleo. Percebeu? Por causa do petróleo. Quando Hitler dizia que precisava da Rússia para o *Lebensraum*, o espaço vital da Alemanha, não se estava a referir à agricultura russa, mas aos campos de petróleo existentes no Sul do país. Os Alemães não dispunham dessa matéria-prima no interior das suas fronteiras e precisavam de garantir a segurança do seu abastecimento para se afirmarem como grande potência mundial.”

“Hmm.”

“E foi pela mesma razão que os Japoneses bombardearam a frota americana em Pearl Harbor.”

“Vá lá. Não me venha dizer que foi por causa do petróleo...”

“Digo, digo.”

“Não havia petróleo em Pearl Harbor.”

“Mas havia nas índias Orientais holandesas, a actual Indonésia. O

Japão encontrava-se exactamente na mesma situação da Alemanha: não possuía petróleo dentro das suas fronteiras e precisava de o ir buscar a algum sítio. Os Japoneses tinham absoluta necessidade de tomar os poços das índias Orientais holandesas, mas receavam a intervenção da esquadra americana, uma vez que a América tinha decretado um embargo petrolífero ao Japão. Foi por isso que os Japoneses atacaram e neutralizaram a esquadra em Pearl Harbor.”

“Ah, bom.”

“E por que razão lideraram os Americanos a operação para libertar o Kuwait em 1991? Acha que essa operação teria sido efectuada se o país só produzisse bananas?”

Tomás riu-se.

“Claro que não.”

“Mais do que qualquer outra, a Guerra do Golfo foi uma guerra pelo petróleo. E o mesmo se pode dizer da invasão do Iraque em 2003. Pensa que ela foi motivada por quê? Pelas armas de destruição em massa, que aliás não existiam?”

“Pelo petróleo.”

Qarim deu uma ruidosa palmada na mesa.

“Claro que foi pelo petróleo! De resto, o vice-presidente dos Estados Unidos, Dick Cheney, chegou a afirmá-lo em público, até alguém o ter mandado calar. O facto é que os Americanos queriam redesenhar o mapa do Médio Oriente segundo os seus interesses estratégicos e tudo o resto era conversa.”

Tomás remexeu-se na cadeira e fez uma careta.

“Mas, oiça lá, os Americanos não são grandes produtores de petróleo?”

“São o terceiro produtor mundial.”

“Então qual é o problema?”

Qarim manteve o rosto fechado um instante, como se tivesse uma importante revelação a fazer.

“O problema é que esse petróleo está a acabar.”

“O que quer dizer com isso?”

O árabe abriu as palmas das mãos para cima.

“Esse é o terceiro facto que você tem de saber sobre o petróleo: ele é finito. Entendeu?” Quase soletrou. “O petróleo é finito.”

Tomás soergueu uma sobrancelha.

“Claro que é finito. Mas sempre ouvi dizer que ainda ia durar muito.”

“E vai, com a graça de Deus.”

“Então qual é o problema?”

“O problema é que o petróleo que vai durar muito é o da OPEP.”

Aproximou o rosto do seu interlocutor e esboçou um leve sorriso. “Em particular o da Arábia Saudita, *inch'Allah!”*

“E o petróleo fora da OPEP?”

“Está a acabar.”

“Não acredito.”

“Pode acreditar.”

“Mas eles vão descobrir mais.”

Qarim riu-se.

“Vê-se mesmo que não está familiarizado com este assunto”, disse. “Você sabe o que é o petróleo?”

“Bem... é aquela matéria líquida viscosa que sai da terra.”

“Sim, mas o que é o petróleo?”

“São químicos, suponho.”

“Tudo na vida são químicos, meu caro.” Apontou para Tomás.

“Até você. O que lhe estou a perguntar é se sabe o que é exactamente o petróleo.”

O historiador encolheu os ombros.

“Só sei o que toda a gente sabe.”

“Ou seja, quase nada”, disse o árabe. “Então preste atenção.”

Pegou na chávena de café turco e agitou-a, fazendo girar o líquido negro. “Tanto o petróleo como o carvão são restos de matéria viva. O

carvão deriva sobretudo de plantas mortas, enquanto o petróleo deriva de animais que morreram há milhões de anos. A gordura dos animais está cheia de hidrogénio, o que, aliando-se ao elemento mais comum dos seres vivos, o carbono, cria os hidrocarbonetos. O

petróleo é, na verdade, uma mistura de hidrocarbonetos resultantes da gordura de animais mortos. Essa gordura tende a acumular-se em reservatórios por baixo da terra, onde é transformada em petróleo quando se encontra durante um certo tempo numa zona onde a temperatura varia entre os cem e os cento e trinta e cinco graus Celsius. Logo que se forma, o petróleo tende a vir para cima, como uma mancha de tinta a emergir de uma esponja.”

“Mas há animais por toda a parte. Se o petróleo vem da gordura dos animais, então terá de ser abundante.”

“Não necessariamente. É preciso encontrar um equilíbrio difícil. A gordura não se transforma em petróleo assim sem mais nem menos.

São precisas condições de temperatura adequadas durante um determinado período para se poder transformar em petróleo. Se o sítio onde se encontra

depositada não for suficientemente profundo, a gordura não atingirá a temperatura necessária e, consequentemente, não se transformará em petróleo. Se o sítio for demasiado profundo, a temperatura será excessivamente alta e o petróleo transformar-se-á em gás ou será destruído. Está a perceber? As condições adequadas são muito específicas e delicadas. Além do mais, logo que se forma, o petróleo desaparece, uma vez que vem imediatamente à superfície.

Para o encontrarmos debaixo da terra é preciso ainda localizar uma área onde o petróleo se acumulou e não conseguiu subir, por estar tapado por um bloco impermeável. É como se esse bloco fosse uma rolha, está a ver? O petróleo tenta subir, mas a rolha tapa-lhe a saída.

O problema é que são muito raros os sítios onde estas condições existem em simultâneo e nós já os conhecemos quase todos."

"Conhecemos mesmo?"

"Não tenha dúvidas. Para haver petróleo é necessário que exista uma fonte onde a gordura animal se acumule durante um determinado tempo a uma determinada temperatura de modo a transformar-se em petróleo. É precisa também uma rocha porosa que permita que o petróleo suba e uma pedra impermeável cá em cima que sirva de rolha, obrigando-o a acumular-se. Este tipo de solo está identificado e, graças às modernas tecnologias de satélite, já foi possível localizar todos os sítios onde ele se pode encontrar."

"E então?"

"Existem no mundo apenas seiscentos sistemas com as condições adequadas para produzir petróleo ou gás. Quatrocentos já foram ou estão a ser explorados e os restantes duzentos situam-se em zonas de águas profundas ou no Árctico." Ergueu o dedo. "E note que em nenhum dos duzentos que falta explorar há garantias de que exista petróleo."

"Mas se calhar até se podem encontrar aí grandes quantidades, quem sabe?"

Qarim abanou a cabeça.

"É pouco provável. Os duzentos sistemas que faltam são de difícil acesso e, com toda a probabilidade, vão revelar-se pequenos.

Os grandes sistemas são mais fáceis de encontrar do que os pequenos, razão pela qual foram os primeiros a ser descobertos. À

medida que a exploração vai progredindo, a dimensão dos campos vai diminuindo. Isto é algo que qualquer geólogo lhe pode explicar."

"E qual é a situação dos quatrocentos sistemas já explorados?"

"No que diz respeito à OPEP, está tudo bem. Temos petróleo para dar e vender, *inch'Allah!* Mas fora da OPEP existe um grande problema." Quase entoou as palavras. "Grande, grande problema."

"Quão grande?"

“Oiça, depois da descoberta de Spindletop percebeu-se que o Texas estava cheio de petróleo. Logo a seguir foram encontrados grandes campos noutras partes dos Estados Unidos, como o Oklahoma, e ainda na Venezuela, no México e na Rússia. As potências europeias concentraram-se no Médio Oriente, com os britânicos da BP

no Irão e os holandeses da Shell no Iraque, logo seguidas pelas companhias americanas, que criaram a Aramco na Arábia Saudita.

Mas, em 1951, o Irão nacionalizou a companhia britânica que operava no seu território, exemplo que foi seguido pelos outros países da região, os quais se juntaram em 1961 para estabelecer a OPEP.”

Sorriu. “A organização para a qual eu tenho a honra de trabalhar.”

“E cuja produção, segundo me disse, se encontra bem.”

“Encontra-se muito bem, graças a Deus.” Qarim voltou-se para cima e louvou mais uma vez a grandeza do Senhor. “*Allab u akbar!*

Louvado seja o Senhor por nos proteger, nós que somos os Seus fiéis seguidores, a quem Ele confia a verdadeira Palavra, tal como ela está registada no sagrado Alcorão.” Cofiou depois a barba pontiaguda.

“Sabe quanto petróleo há no Médio Oriente?”

“Não, mas suspeito que me vai dizer.”

“Mais de metade do petróleo que existe no mundo. O que quer dizer que as nacionalizações deixaram as grandes companhias petrolíferas ocidentais com menos de metade do petróleo existente.

Chama-se a isso petróleo não-OPEP.”

“Petróleo não-OPEP?”

“Isso.” Bateu novamente com o dedo na mesa. “E é esse petróleo que está a acabar.”

“Mas está a acabar como?”

“Está a acabar.” Qarim puxou para si o bloco de notas de Tomás e preparou a caneta. “Conhece o conceito de pico?”

“Não.”

O árabe desenhou uma linha ascendente numa folha limpa do bloco.

“Toda a produção de bens finitos tem um pico. A produção sobe, sobe, sobe, até que atinge a metade e começa a descer, como uma montanha.” A caneta alcançou um ponto elevado na folha e iniciou a trajectória descendente. “Chama-se a isso um «pico». Quando cruzarmos o pico de produção...” Ergueu os olhos para cima, numa prece. “Que *Allab,* o todo-poderoso, tenha misericórdia de nós.”

“Porquê?”

“Porque isso significa que já não podemos aumentar a produção.

Pelo contrário, passamos a produzir menos petróleo.” Inclinou-se sobre a mesa, para a frente. “Está a ver o problema que isso representa?” Desenhou uma nova linha ascendente no bloco de notas. “A procura mundial está sempre a aumentar. Há cada vez mais gente e mais consumidores no planeta. A China, que antes se movia à força dos pedais das bicicletas, está agora a passar para os automóveis. A índia também.” Cruzou a linha ascendente da procura com uma linha descendente da oferta. “E a produção de petróleo a baixar.”

Tomás manteve os olhos fixos nas duas linhas cruzadas.

“Estou a ver”, murmurou. “Os preços dos combustíveis vão disparar.”

“Vão entrar nos três dígitos. E, mesmo assim, o petróleo não irá chegar para todos. Acaba-se o petróleo barato e a economia mundial ficará à beira do precipício.”

“Quando é que isso vai acontecer?”

“No caso do petróleo não-OPEP, o pico está iminente. Nos Estados Unidos já aconteceu em 1970 e o mesmo se passou nos grandes campos petrolíferos do Canadá e do mar do Norte. O maior produtor da Europa Ocidental, a Noruega, está à beira de entrar no pico, o que deverá acontecer por volta de 2010, e a Rússia também se encontra para breve. Calcula-se que o petróleo não-OPEP atinja o pico já em 2015, talvez antes.”

“Meu Deus.”

“E não é tudo. Desde 1961 que a descoberta de petróleo novo tem estado em declínio. Apesar do desenvolvimento de novas tecnologias de prospecção, a cada ano que passa se descobre menos petróleo. Desde 1995 que o mundo consome pelo menos vinte e quatro mil milhões de barris por ano, mas apenas descobre nove mil milhões de barris de petróleo novo por ano.”

Ao ouvir isto, Tomás estreitou os olhos.

“Mas isso é um grande problema.”

Qarim assentiu com a cabeça.

“Muito grande. Quando o petróleo começar a faltar, a economia mundial vai pelo cano abaixo. Não se lembra do que aconteceu das últimas três vezes em que a produção de petróleo sofreu rupturas abruptas?” Ergueu três dedos. “Foi durante o embargo árabe de 1974, a revolução iraniana de 1979 e a Guerra do Golfo de 1991. Recorda-se do que sucedeu então à economia mundial?”

“Entrou em recessão.”

“Exactamente. E note que estamos a falar de efeitos perante rupturas temporárias.” Fez uma pausa. “Temporárias.” Deixou a palavra assentar. “Imagine agora os efeitos perante uma ruptura permanente, como a que acontecerá depois do pico da produção.”

Uma nova pausa, sombria. “Será o fim da civilização como a conhecemos.”

Tomás suspirou.

“Bem, isso quer dizer que teremos de mudar para uma nova forma de energia.”

O árabe esboçou uma expressão trocista.

“Qual nova forma de energia? Voltamos para o carvão?”

“Não, teremos de arranjar uma outra fonte de energia.”

“Mas isso é uma ilusão. Não há, neste momento, outra fonte de energia capaz de sustentar a actual economia mundial.”

“Descobre-se uma nova.”

Qarim riu-se, abanando a cabeça.

“Receio que isso não seja assim tão simples.”

“Porquê? Se fomos capazes de ir à Lua, seremos certamente capazes de descobrir uma nova forma de energia. a é que não a encontrámos ainda. O melhor candidato é, neste momento, o gás natural. Existe em abundância e é pouco poluente.”

“Está a ver?”

“O problema é que o gás é muito mais caro do que o petróleo e o seu transporte da zona de produção é difícil. Não tenha dúvidas de que a transposição da economia para o gás natural, forçada pelo fim do petróleo, terá efeitos muito negativos na economia mundial. Além do mais, e apesar de o gás ser relativamente abundante, continuamos a falar de uma matéria-prima finita, tal como o petróleo.”

“Não haverá outras alternativas?”

“Há a energia nuclear. Mas os seus problemas são conhecidos, não é? As centrais nucleares revelaram-se incrivelmente caras e trazem complicados problemas de segurança, como se constatou em Chernobyl. E há ainda a questão de saber o que fazer com os resíduos radioactivos, que contaminam tudo o que tocam e cujo tempo de vida pode atingir os milhares de anos. Estas centrais são tão problemáticas que a maior parte dos países está até a desactivá-las.”

“Tem de haver mais alguma solução.”

“Temos ainda a energia solar e a energia eólica. São ambas limpas, mas o problema é que continuam pouco eficientes e pouco maleáveis. A célula fotovoltaica, por exemplo, só transforma em electricidade um décimo da energia solar que recebe. Por outro lado, tanto o sol como o vento são intermitentes, não estão sempre a dar-nos energia. Quando o vento pára, as turbinas eólicas deixam de produzir energia, e o mesmo acontece com a energia solar à noite ou quando o céu está nublado. E há ainda a questão de que são ambas proibitivamente caras.” Fez um gesto enfático com a mão. Estas duas fontes energéticas têm certamente um papel a as nem pensar em assentar nelas a economia mundial.”

Tomás suspirou.

“Estou a perceber”, disse. “Então estamos tramados.”

“Há sempre a hipótese de descobrirmos um modo de alcançar a fusão nuclear controlada, que nos traria uma fonte inesgotável de energia limpa.”

“Ah, sim?”

“A dificuldade é que serão precisos uns cem anos para a desenvolver.”

“Cem anos?”, alarmou-se Tomás. “Nós não temos cem anos de petróleo pela frente.”

“Quem lhe disse isso?”

O historiador ficou desconcertado.

“Bem... uh... você.”

“O que eu disse foi que o pico do petróleo não-OPEP está iminente.”

“E o da OPEP?”

“Oh, esse parece ser abundante, graças a Deus. Louvado seja o Senhor, o misericordioso! Se as nossas estimativas estiverem correctas, o Médio Oriente, e em particular a Arábia Saudita, está a nadar em petróleo. O nosso pico só está previsto para daqui a uns cinquenta a cem anos.”

“E essas estimativas estão mesmo correctas?”

Qarim virou os olhos para cima, como quem entrega o seu destino à Divina Providência.

“Inch'Allah!”

VIII

Foi sem surpresa que, ao calcorrear o enorme salão, Tomás se deparou com Alexander Orlov rodeado de pratos cheios de comida.

Logo que regressou de Viena, o historiador entrou em contacto com o volumoso agente da Interpol e, previsivelmente, recebeu um convite para almoçar num restaurante de Lisboa. O estabelecimento escolhido foi uma casa brasileira no Campo Pequeno, uma daquelas churrascarias especializadas em enfardar clientes até os deixar com os sentidos embrutecidos.

O russo ergueu-se pesadamente para cumprimentar o re-cém-chegado. A primeira coisa que Tomás notou foi que Orlov transpirava com abundância, sinal de que comia havia já algum tempo.

"Desculpe, comecei antes de si", grunhiu o russo. Limpou o suor da testa e acariciou a vasta barriga. "Estava com tanta fome que até me doía o estômago, você nem imagina."

"Fez muito bem, não se preocupe."

O prato de Orlov estava a abarrotar de carne, as fatias ensanguentadas de picanha, maminha e cupim amontoadas junto ao arroz e ao feijão preto, temperados por farofa e por uma garrafa de tinto alentejano já a meio, ao lado do copo cheio. Tomás pediu uma caipirinha e serviu-se do arroz e do feijão, mas deixou claro que não queria nenhum rodízio, apenas duas fatias de picanha.

"Então Viena?", arfou Orlov, mastigando um grande naco de carne. "Muita valsa?"

Tomás abanou a cabeça.

"A música foi outra."

"Imagino. Que sonata lhe cantou o tipo da OPEP?"

"Disseme que o Filipe estava a fazer uma investigação sobre a produção e as reservas de petróleo, tendo-se mostrado particularmente interessado pelo que se passa nos países da OPEP."

O russo torceu os lábios brilhantes de gordura.

"Faz sentido", assentiu. "Se era consultor da Galp, é natural que precisasse de se informar sobre esses assuntos, não acha?"

Tomás esboçou uma careta.

"Não sei se faz tanto sentido como isso."

"Então?"

"Por que razão iria o Filipe a Viena fazer perguntas cuja resposta poderia obter por telefone ou por *e-mail?* Qual a necessidade de voar até Viena?"

Orlov engoliu mais um pedaço de picanha.

“Se calhar apeteceu-lhe experimentar umas delícias da gastronomia austríaca, sei lá.”

“Ou se calhar esta história tem mais que se lhe diga.”

“Claro que tem”, exclamou o homem da Interpol. Bebeu um golo de vinho para ajudar a mastigar. “Não se esqueça de que, depois de Viena, o seu amigo desapareceu e, acto contínuo, alguém limpou o sebo aos outros dois tipos. O árabe não lhe deu nenhuma pista útil?”

“Nem por isso. Disseme que o petróleo não-OPEP está à beira de cruzar o pico, mas que a OPEP acredita que os seus poços permanecem cheios.”

O russo parou de mastigar por um instante.

“Não vejo qual a relevância dessa informação para o nosso problema.”

“Nem eu.”

“Então em que ficamos?”

Tomás suspirou.

“Estou a tentar avançar por outra via.”

“Qual?”

“Através de uma mensagem que deixei na semana passada num *site* especial criado pela malta da minha geração no liceu de Castelo Branco e é provável que o Filipe o consulte. Ele sempre teve um grande espírito de grupo e de certeza que conhece este lugar na Internet.”

“Ah, é? Pôs isso na semana passada?”

“Sim.”

“E então?”

Tomás abanou a cabeça.

“Para já, não há nada.”

O empregado apareceu com a picanha e a caipirinha para Tomás, enquanto um outro despejava no prato do russo mais doses de carne, que anunciara como sendo lombo de búfalo. Quando os dois saíram, Orlov mirou o seu interlocutor.

“Se você não descobriu nada, por que razão pediu para falar comigo?”

“Quem é que lhe disse que não descobri nada?”

“Bem... foi o que acabou de me dizer...”

Tomás inclinou-se e pegou na sua pasta.

“Não descobri nada sobre o Filipe, é verdade, mas tenho novidades relativas às enigmáticas mensagens que envolvem todo este caso.”

Orlov soergueu o sobrolho, surpreendido.

“Quais mensagens? Está a referir-se ao sinal do Diabo?”

“Sim, o triplo seis.”

“Você decifrou o sinal?”

“Penso que sim.”

“Ena, homem. Mostre lá isso!”

O historiador tirou da pasta o grosso volume da Bíblia e folheou as últimas páginas, em busca do texto final do Novo Testamento.

Localizou-o e apontou-o ao russo.

“Este é o Livro da Revelação, o mais enigmático de todos os textos bíblicos, o documento das profecias. Foi escrito em *95* numa pequena ilha do mar Egeu por um homem chamado João. A tradição diz que foi o apóstolo João, o mesmo João que escreveu o quarto Evangelho, mas não há certezas sobre isso. Existem importantes diferenças de estilo, mas encontram-se igualmente algumas semelhanças.”

“Julgava que esse texto se intitulava *Apocalipse.*"" E assim e.

Orlov mostrou-se confuso.

“Mas você disse que era *Livro da Revelação.*'“

“Apocalipse é a palavra grega que significa *revelação*, está a perceber? Dizer que o livro final do Novo Testamento se intitula *Apocalipse* ou *Revelação* é a mesma coisa.”

“Ah, bom. Não sabia.”

Tomás voltou a exibir o texto.

“Este é um livro assustador.” Os olhos pousaram sobre o primeiro parágrafo. “Começa com estas palavras: «Revelação de Jesus Cristo, que Deus Lhe deu para manifestar aos Seus servos as coisas que brevemente devem acontecer.»“ Levantou a cabeça e repetiu as palavras finais. “«Que brevemente devem acontecer.»“

“Hmm... tenebroso.”

Bateu com o dedo nas páginas abertas.

“Pode ter a certeza de que, ao longo dos séculos, muita gente ficou em pânico com o que vem aqui escrito e o caso não era para menos.” Folheou as páginas. “Trata-se de um livro de profecias que fala sobre o fim dos dias e é o responsável por várias expressões ditas apocalípticas, como o dia do Juízo Final, a batalha do Armagedon e os quatro cavaleiros do Apocalipse, mas a mais famosa expressão que este texto bíblico introduziu foi a própria palavra *apocalipse*, a qual, no seu sentido comum, deixou de significar *revelação* para passar a querer dizer *fim do mundo.*""

“E é aí que está também o número da Besta.”

“Sim, é aqui.” Começou a procurar o trecho. “Repare que no Apocalipse os números têm muita importância. O texto está cheio de algarismos simbólicos. Dá a impressão de esconder mensagens atrás de mensagens, como um imenso holograma.”

“É o caso do triplo seis?”

“Nem mais.” Tomás parou de folhear e apontou o dedo para um parágrafo. “Está aqui”, exclamou. “É a parte em que se refere o aparecimento da Besta.” Compôs a voz. “Diz assim: «É aqui que é preciso sabedoria. Quem for dotado de inteligência calcule o número da Besta, porque é o número de um homem, e o seu número é seiscentos e sessenta e seis».”

Ergueu os olhos para o seu interlocutor, que recebia mais picanha de um empregado.

“E diz você que isso é decifrável?”, perguntou o russo.

“Não tenha dúvidas. Isto é uma mensagem oculta e tem uma solução.” Apontou para as linhas que acabara de ler.

“Está a ver esta expressão? «É preciso sabedoria», diz aqui. Quer dizer que quem tiver sabedoria poderá quebrar o enigma.”

“Que sabedoria é essa?”

“A sabedoria dos iniciados.” Indicou com o dedo a expressão seguinte. “Veja esta frase: «Calcule o número da Besta, porque é o número de um homem.» Isto significa que se trata da sabedoria dos números.”

“A matemática?”

“A guematria.”

“A geometria?”

“Gue-ma-tria.”

“O que é isso?”

“A guematria é uma disciplina da Cabala que está na génese da moderna numerologia. Trata-se de um método para obter o valor numérico das palavras hebraicas através da conversão das letras em números.”

Orlov fez uma careta.

“Mas para que serve isso?”

“A ideia é chegar ao âmago das palavras, à revelação dos mistérios ocultos na linguagem, ao estabelecimento de ligações invisíveis entre expressões aparentemente diferentes, de modo a compreender o sentido divino da Criação. Os místicos cabalistas acreditavam que Deus criou o universo com as letras do alfabeto e escondeu segredos nos números e nas palavras por detrás dessas letras. A guematria permite atingir o sentido oculto da palavra de Deus.”

“Não estou a entender...”

Tomás afastou o prato, pegou numa caneta, retirou o bloco de notas da pasta e pousou-o diante de si.

“Uma vez, em Jerusalém, um velho cabalista explicou-me isto ao pormenor”, disse. “A ideia é esta. A cada letra do alfabeto hebraico corresponde um número. As nove primeiras letras associam-se às nove unidades, às nove letras seguintes

associam-se as nove dezenas e as quatro letras restantes estão associadas às quatro primeiras centenas.” Gatafunhou uma equação.

“Assim, as letras da palavra hebraica *shanab,* que significa *ano,* somam um total de trezentos e cinquenta e cinco. Está a ver? Ora trezentos e cinquenta e cinco é exactamente o número de dias do ano lunar. Isto significa que há uma relação numérica entre a palavra e o objecto a que ela se refere.”

“Por que razão você pôs o *a* com letra pequena?”

“A escrita hebraica ignora muitas vogais. Quando a letra está escrita, põe-se em maiúscula. Quando a letra é dita, mas não é escrita, fica em minúscula.”

“Estou a ver”, murmurou Orlov. “Portanto, pelo que entendi da sua explicação da geome... uh... deste sistema, cada letra tem um valor e a soma do valor de cada letra que compõe uma palavra dá o valor dessa palavra. É isso?”

“Exacto.” Estreitou os olhos. “Mas a coisa torna-se mais interessante quando entramos nas áreas místicas. Repare na equivalência entre as palavras *Elohim* e *Hateva,* ou *Deus* e *natureza.'*“

“Têm o mesmo número, oitenta e seis. Isto significa que Deus é a natureza.”

Nova equação.

“Note aqui a equivalência entre *or,* ou *luz,* e *raz, mistério.* Ambas valem duzentos e sete. Ou seja, a luz remete para o mistério. Quando Deus disse: *yehi or!,* ou *faça-se luz!,* iniciou o mistério da Criação.”

“É espantoso.”

“É, não é?” Bateu com os dedos nos rabiscos. “A guematria revela significados ocultos nas palavras.”

O russo hesitou.

“E... e acha que é possível com esse sistema chegar à revelação do triplo seis?”

Tomás voltou a procurar o trecho da Bíblia que consultara minutos antes.

“Não só é possível como é este o único e verdadeiro caminho”, observou. “Repare no que diz aqui: «Quem for inteligente calcule o número da Besta, porque é o número de um homem.»“ Olhou Orlov.

“«Calcule o número da Besta»? «É o número de um homem»?”

Deixou um sorriso aflorar-lhe aos lábios. “Não podia ser mais claro. O mistério do triplo seis é descodificável pela guematria.”

“Então é preciso recorrer à Cabala.”

“Isso foi justamente o que eu pensei de início. Mas depois apercebi-me de que podia não ser a Cabala.”

“Ah, não?”

“É que a Cabala é um método hebraico.” Passou a palma da mão pelo texto. “O Apocalipse foi escrito na zona do mar Egeu. Isto significa que é possível que

tenhamos de ir para o grego.”

“Grego?”

“Faz todo o sentido.” Preparou a caneta. “Repare, *Jesus* diz-se, em grego, *Iesous.* São seis letras. Vamos lá ver o seu valor numérico.”

I £ 5 *O* 0 *5*

\0 % ZOO j^> ^*OO TJOO*^-^*%*

“Em grego, o número de Cristo é, como vemos, um triplo oito.

Isto torna lógico que o número do Anticristo seja igualmente simétrico, mas inferior, e decifrável através da guematria aplicada ao grego. O triplo seis insere-se nesse perfil.”

“Estou a ver.”

“O que demonstra que este enigma bíblico se pode resolver recorrendo ao grego. Sendo assim, pus-me a procurar nomes cuja guematria dê um triplo seis. Adivinhe o que encontrei.”

“Não faço a mínima ideia.”

“Vá lá, lance um nome.”

“Não sei.”

O fio de um sorriso percorreu o rosto de Tomás.

“Maomé.”

Orlov abriu a boca de espanto.

“Maomé? Maomé dá um triplo seis?”

“Dá.”

“Está a insinuar que Maomé é o Anticristo?”

“Não estou a insinuar tal coisa. Estou apenas a dizer que a guematria do nome de Maomé dá um triplo seis.”

“Caramba!”

“Mas há um outro nome que obtém o mesmo resultado. Um nome ainda mais surpreendente, um nome que parece perfeito para desempenhar o papel da Besta, um nome que remete irresistivelmente para o Anticristo.”

“Qual?”

Tomás olhou para a mesa e depois para todo o salão. Sentia-se enfastiado, o cheiro a comida deixava-o enjoado e o espectáculo de Orlov com a boca besuntada de gordura agoniava-o para além do que podia suportar.

“Oiça, já acabou o almoço?”

“Eu?”, admirou-se o russo. “Já, porquê?”

“É que eu já não consigo ficar mais tempo aqui. Vamos lá para fora, está bem?”

“Isso não vale”, protestou Orlov. “Você tem de me dizer qual o outro nome que dá um triplo seis.”

“Eu digo-lhe, mas só se prometer que podemos ir imediatamente lá para fora.”

“Está bem.”

Tomás ergueu-se da cadeira.

“Então vamos lá.”

“Espere”, quase gritou o seu interlocutor, esticando a mão para o prender ao lugar. “Primeiro tem de me dizer que nome é esse.”

O historiador sorriu, fruindo antecipadamente o gozo que lhe daria ver a cara de Orlov quando pronunciasse o nome.

“Hitler.”

IX

Alexander Orlov parecia em estado de choque quando teve de pagar a conta. O que o deixou sem reacção não foi o preço do almoço, como seria de esperar numa ocasião daquelas e diante do valor exorbitante que o empregado lhe apresentou numa bandeja de prata, mas o turbilhão de ideias que lhe incendiara a imaginação.

Hitler? Hitler era a Besta profetizada pelo Apocalipse de João? Hitler era o Anticristo previsto pelo último livro do Novo Testamento? A ideia parecia-lhe assustadora e ao mesmo tempo irresistível. Como era possível que um texto bíblico do século i contivesse um número cuja guematria fosse a do nome do maior genocida da história?

Saíram do restaurante em silêncio e foram passear para o parque em torno do Campo Pequeno. A praça de touros tinha acabado de ser remodelada e o jardim que a rodeava apresentava-se acolhedor e convidativo, um recanto tranquilo no meio do bulício urbano. O russo caminhou longamente com os olhos presos ao chão, até que quebrou o silêncio.

"Tem a certeza que o nome de Hitler corresponde a seiscentos e sessenta e seis?"

"Fiz as contas várias vezes e não há dúvidas. Se *a* é igual a cem, *b* a cento e um e assim sucessivamente, a guematria do nome de Hitler dá um triplo seis."

"Meu Deus, isso é incrível."

"Já viu? Hitler como o Anticristo?"

Orlov fungou.

"Mas afinal qual deles é o Anticristo? Hitler ou Maomé?"

"O que lhe parece?"

"Eu acho que é Hitler."

Tomás riu-se.

"Faz sentido, não faz? O homem que provocou a Segunda Guerra Mundial, o homem que é responsável por milhões de mortes, o homem que planeou e executou o Holocausto."

"E que invadiu a Santa Rússia", apressou-se Orlov a acrescentar.

"Não se esqueça disso. Ele invadiu a Santa Rússia."

"Sim, Hitler é o candidato perfeito. O seu nome tem o número da Besta e ele é a encarnação do mal."

"Sem dúvida."

"Mas está errado."

Uma mistura de surpresa e decepção pareceu pesar sobre Orlov.

“Não é Hitler?”

“Não.”

“De certeza?”

“Absoluta.”

“Mas olhe que ele é mesmo perfeito para esse papel.”

“Eu sei. E no entanto não é Hitler quem é referenciado como a Besta do Apocalipse.”

“Como pode ter a certeza disso?”

“É o contexto de toda a profecia que o mostra. Não se esqueça de que este é um antigo texto cristão.”

“Acha então que o Anticristo é Maomé?”

“Não, também não.”

Orlov inclinou a cabeça.

“Oiça, se não é Hitler, de certo modo Maomé faz todo o sentido, já reparou? É ele o principal inimigo do cristianismo. Além disso, o islão encontra-se por detrás de todos os actos de terrorismo que para aí se praticam. A Chechénia, o Afeganistão, o Iraque, o Irão, a Argélia, o 11 de Setembro, tudo tem a marca do islão.”

“Não diga disparates”, cortou Tomás. “Maomé respeitava Cristo, considerava-o um verdadeiro profeta. E a intolerância que hoje se verifica em certas partes do Islão também já existiu no cristianismo.

Basta lembrarmo-nos da inquisição e das cruzadas.”

“Isso foi há muito tempo.”

“Os pogrons antijudaicos no mundo cristão foram há muito tempo? O Holocausto foi há muito tempo?” Suspirou. “A intolerância cristã durou muito, o que pensa você? Olhe, quando eu era adolescente lembro-me de ver o presidente da Câmara de Lisboa a manifestar-se à porta de um cinema só porque a sala estava a exibir um filme francês em que se apresentava Maria como uma mulher diferente daquela que a Igreja descreve. Lembro-me também de, há alguns anos, um cartunista ter feito uma caricatura do papa com um preservativo no nariz e isso ter provocado um vendaval de protestos.

Lembro-me ainda de...”

“Como queira”, impacientou-se Orlov. “Mas como pode ter a certeza de que a Besta não é Hitler nem Maomé, se os seus nomes dão um triplo seis, tal como previsto nas profecias do Novo Testamento?”

“Por uma razão muito simples”, disse Tomás. “O Apocalipse foi escrito no século I e, no texto, o seu autor, João, desafiou os leitores a resolverem um enigma do seu tempo.” Procurou o parágrafo inicial.

“Lembre-se do que ele escreveu logo na abertura do livro: «Revelação de Jesus Cristo, que Deus Lhe deu para manifestar aos Seus servos as coisas que brevemente devem acontecer.»“ Olhou para Orlov. “Está a ver? «As coisas que brevemente devem acontecer.» João estava a referir-se a eventos do seu tempo. Ora Hitler e Maomé são muito posteriores.”

“Mas, sendo uma profecia, não acha que seria de esperar que o Apocalipse se referisse a figuras do futuro?”

“Não é bem assim. No Apocalipse, João está a pedir aos leitores que desvendem o mistério. Os leitores são gente do seu tempo e, se a profecia se referisse a pessoas que iriam viver mil ou dois mil anos mais tarde, não haveria a menor hipótese de esses leitores decifrarem o enigma. Só faz sentido que João pedisse à gente do seu tempo que resolvesse a adivinha se a solução fosse sua contemporânea. Lembre-se que João torna claro que as profecias se referem a «coisas que brevemente devem acontecer».”

“Estou a perceber.”

Sentaram-se num banco longo, à sombra de uma árvore, e Tomás pegou na caneta e no bloco de notas.

“Regressando ao grego, descobri outras soluções.”

Escrevinhou numa folha limpa.

To MP6-A-TH^K(oM

“To mega Therion, ou *a grande Besta.* A guematria desta expressão é um triplo seis.”

Rabiscou mais uma palavra.

Z-ATfrlA)05

“Lateinos é a palavra grega que significa *latino* ou o *romano.*

Também dá um triplo seis.” Ainda mais outra palavra.

“Teitan é o equivalente grego de *Titan,* um dos nomes do Sol.

Titan é uma solução interessante, uma vez que tem um certo ar pagão, o que, naquela época, correspondia a algo anticristão. Titan era o nome que os Gregos davam ao deus-Sol, ou Apolo.”

O rosto de Orlov contorceu-se numa careta céptica.

“O Anticristo é o deus-sol? Isso não faz muito sentido...”

Tomás fez-lhe com a mão um gesto para que esperasse.

“Talvez faça mais sentido do que você pensa”, disse. “Já lá vamos, tenha paciência.” O historiador bateu com a caneta no bloco de notas. “É importante esclarecer primeiro que, embora a maior parte das versões existentes do Apocalipse dêem o triplo seis como o número da Besta, há algumas versões que referem esse número como sendo o seis-um-seis.”

“Seiscentos e dezasseis?”

“Sim. São versões minoritárias, mas existem.”

“Isso não interessa para nada”, retorquiu o homem da Interpol.

“Os assassinos dos dois cientistas deixaram o triplo seis ao lado das suas vítimas. Logo, o que nos interessa aqui é o seiscentos e sessenta e seis, não o seiscentos e dezasseis.”

“Não é bem assim”, insistiu o historiador. “As duas versões contêm a chave do mistério, como já irá perceber.” Cravou os olhos em Orlov. “Veja se consegue responder à pergunta que lhe vou fazer: quem era o principal inimigo dos cristãos no século i, quando o Apocalipse foi escrito por João?”

Os olhos do russo perderam-se numa expressão meditativa.

“Hmm... deixe cá ver...”

“Pense.” Fez um gesto com as duas mãos, como se transportasse algo de um lado para o outro. “Você está de regresso ao século i. É

cristão. Qual o seu principal inimigo? Quem é a pessoa que você mais teme?”

“O Diabo?”

“Estou a referir-me a uma figura humana. Não se esqueça de que o Apocalipse diz que é o nome de um homem. Quem é ele?” Bateu com os dedos nas têmporas. “Pense.”

“Pilatos?”

Tomás riu-se.

“Não diga disparates. Pilatos não constituía qualquer preocupação para os cristãos na altura em que o Apocalipse foi escrito.”

“Herodes?”

“Também já não constituía preocupação para os cristãos do século i.”

Orlov respirou fundo, dando sinal de que desistia.

“Olhe, não sei.”

O historiador manteve os olhos presos no seu interlocutor.

“Nero.”

“Nero?”

“Nero é a Besta do Apocalipse.”

Orlov fez um ar confuso.

“Mas porquê Nero?”

“No Livro da Revelação, o seis é um número maldito. Nero era o sexto imperador e tinha a marca do triplo seis.” Voltou a pegar na caneta. “Ora veja.”

Gatafunhou o bloco de notas.

NífZRoN *KAi5AK^^£*

“Em grego, *Nero* diz-se *Neron. O imperador Nero é Neron Kaisar.*

Transliterado em hebraico, este nome dá o triplo seis. Mais ainda, se

retiramos o *n* final, fica simplesmente *Nero,* o nome romano do sexto imperador. Transliterado em hebraico dá seiscentos e dezasseis, a versão minoritária do número da Besta."

"Nero?"

"Nero era *kaisar,* ou *imperador,* e, por isso, comparado ao Sol.

Séneca chegou a escrever de Nero: «Ele é o Sol em pessoa.» Nesse sentido, Nero era Titan. Mas era também *lateinos,* ou *romano,* tudo palavras que, em grego, dão uma guematria de seiscentos e sessenta e seis."

Recapitulou tudo numa única equação.

A/HfcON KA tfAR3DA *ATEIMO - T& TAH3D fO MEi6/*

"Ou seja, o imperador Nero é um romano e equivale ao Sol e à grande Besta. É ele o Anticristo do Apocalipse porque, naquele tempo, mandava matar os cristãos no circo romano. Era a figura mais temida pelos cristãos na altura em que o Livro da Revelação foi escrito."

O rosto de Orlov assumiu uma expressão pensativa.

"Já entendi", murmurou. "Mas há aqui uma coisa que não faz muito sentido. Se a Besta do Apocalipse é Nero, por que razão os assassinos dos dois cientistas deixaram o número da Besta junto aos corpos das suas vítimas?"

O historiador ergueu dois dedos.

"Só vejo duas hipóteses", disse. "A primeira é a mais simples. O

triplo seis é, simbolicamente, o número do Diabo. Se os assassinos pertencem a uma seita, como aliás a Interpol de imediato concluiu, é natural que queiram assinar os seus actos com esse valor simbólico.

Nesse contexto, é evidente que o triplo seis não corresponde a Nero, mas ao Diabo."

"Essa interpretação é óbvia", comentou Orlov. "Qual a segunda hipótese?"

"A segunda hipótese é mais elaborada e arrojada, mas receio não dispor ainda de todos os dados para a formular."

"Oiça, não me vai deixar aqui pendurado. Diga lá o que tem em mente."

"Você não vai acreditar."

"Desembuche, vá."

O historiador suspirou. Sentia uma enorme relutância em avançar já com conclusões sem dispor de toda a informação que considerava necessária. Mas talvez pudesse dar uma pequena pista.

"Então aqui vai", avisou. "Eu acho que, ao deixar o triplo seis ao lado das vítimas, os assassinos estavam a fazer uma espécie de anúncio."

"Um anúncio? Que anúncio?"

Tomás vacilou, ainda mais indeciso. Deveria mesmo dizê-lo? Mas faltavam-lhe algumas certezas, havia buracos por preencher. O facto, porém, é que o russo

o observava com expectativa e tornava-se claro que não o largaria se ele não revelasse a sua conclusão, mesmo que preliminar. Teria de lhe dar mais qualquer coisa, por pequena que fosse. Foi por perceber isso que, vencendo finalmente a sua hesitação, levantou a ponta do véu por baixo do qual se escondia o mistério. “O anúncio do fim do mundo.”

X

“Hoje vamos passear.”

O convite, feito pelo filho logo que dona Graça acordou, deixou-a espantada.

“Passear?”, admirou-se ela, ainda estremunhada. “Passear onde?”

Tomás correu as persianas e deixou o sol invadir o quarto. Estava um dia bonito e a soalheira Coimbra resplandecia de vida; a manhã despertara acolhedora e convidativa, embalada pelo cantarolar meloso dos melros e pela brisa morna que subia do rio. Para lá da janela estendia-se o casario encavalitado, com as suas paredes brancas e telhados vermelhos recortados no azul profundo do céu. As muralhas antigas abraçavam a urbe com ciúme, possessivas; pareciam um castelo medieval erguido como uma coroa no topo do burgo, eram afinal as paredes gastas da velha universidade, a torre sineira salientando-se como a jóia mais vistosa.

“A mãe já viu o dia que está?” Fez um gesto para a janela.

“Vamos sair, espraiar por aí, respirar ar puro, apanhar este sol.”

Dona Graça, ainda meio tapada pelos lençóis, olhou-o com uma expressão inquisitiva.

“Tu estás bem, filho?”

Tomás aproximou-se da cama.

“Ó mãe, há quanto tempo não sai de casa?”

“Bem... enfim, não sei...”

“A mãe não sai de casa desde que se perdeu e a levaram para o hospital. Já lá vão duas semanas.”

“E depois?”

“Mas como é que a mãe pode viver assim?”

“Ah, lá estás tu. A dona Mercedes trata-me das compras, graças a Deus. Não preciso de andar por aí a vadiar.”

“A mãe já nem sequer vai à missa!”

“O que tens tu a ver com isso? Rezo aqui em casa e chega-me perfeitamente.”

O filho voltou-se para o roupeiro e abriu a porta, revelando as gavetas e as roupas penduradas em cabides.

“O que quer vestir?”

“Para ir onde?”

“Para saírmos, mãe.”

Dona Graça afastou os lençóis e sentou-se à borda da cama.

“O teu pai também vem?”

“Esqueça o pai. Vamos lá fora apanhar sol e respirar ar puro. O que quer a mãe vestir?”

“Traz-me uma coisa bonita.” Apontou para um vestido pendurado no roupeiro; era cor-de-rosa e tinha folhos brancos nas alças. “Dá-me esse, comprei-o em Lisboa no dia em que tu te doutoraste.”

Tomás retirou o vestido e pousou-o em cima da cama.

“Então vista lá isto. Vá-se lavar e ponha-se cheirosa. Que-ro-a bonita, ouviu?”

Graça olhou para o vestido.

“Mas onde vamos afinal?”

O filho saiu do quarto para a deixar só, mas, antes de fechar a porta, ainda repetiu o que lhe dissera ao despertar.

“Hoje vamos passear.”

O automóvel venceu devagar o tráfego do final da manhã. Ao passar entre a Casa do Sal e a Conchada virou à direita e subiu como se fosse para os hospitais da universidade. Fazia calor dentro do *Volkswagen* e Tomás abriu a janela para deixar entrar o ar; um ventinho fresco percorreu o carro, suave e gostoso, refrescando o interior e adoçando o passeio. Contornaram a rotunda de Coselhas e, ao aproximarem-se da Quinta de Santa Comba, meteram por uma ruela e foram desembocar numa bela praceta, um lugar tranquilo e aprazível, onde as copas das árvores afagavam o telhado das grandes vivendas e o tempo parecia ter abrandado.

“E se parássemos aqui?”, propôs Tomás, estacionando o automóvel antes de ouvir a resposta.

“Aqui? Para quê?”

“Não está a ver toda esta verdura? É bonito, não é?”

Dona Graça olhou em redor.

“Sim, parece agradável.”

“Vamos andar um pouco a pé. Venha daí, só lhe vai fazer bem.”

Ajudou a mãe a apear-se e caminharam descansadamente por entre as árvores. Era um sítio pacato; o ar fluía puro, perfumado pelos pinheiros mansos e animado pelo concerto dos insectos, as cigarras estridulavam à desgarrada pela mata vizinha, invisíveis mas ruidosas.

Passaram diante de um muro colonizado pelas plantas, as sebes bem aparadas no topo, e Tomás estacou diante do portão.

“Olhe, que engraçado”, comentou. “Já viu como isto se chama?”

A mãe esticou o pescoço, tentando ler as palavras pintadas no azulejo.

“«O Lu... Lu...», o que diz aqui?”

“«O Lugar do Repouso»“, leu Tomás. “Que curioso. Deve ser para as pessoas descansarem.”

Dona Graça fez um ar intrigado.

“Um sítio para descansarem? Mas descansarem de quê?” Olhou para a mata. “Será para repousarem depois dos passeios?”

“Deve ser isso”, apressou-se o filho a dizer. “Ande, vamos espreitar lá dentro.”

Cruzaram o portão e caminharam pelas pedras cravadas entre a relva. A verdura reluzia nas pontas, eram gotas de água que brilhavam ao sol, indício seguro de que a rega tinha sido feita havia pouco tempo. Bateram à porta da vivenda e uma rapariga de touca e bata branca veio recebê-los com um sorriso simpático.

“Olá, bom dia.”

“Viemos ver a casa”, disse Tomás. “Podemos entrar?”

“Façam o favor.”

A rapariga guiou-os na visita. Começaram pela cozinha, onde duas mulheres se atarefavam em torno de grandes tachos bem cheirosos, e passaram depois pelo salão. Tudo tinha um ar acolhedor e bem arrumado, embora um pouco sombrio. No salão a televisão estava ligada e várias pessoas repousavam nos largos sofás, algumas de olhos postos no ecrã, outras a tricotar, duas a dormitar de boca escancarada.

Dona Graça puxou o filho pelo braço.

“O Tomás, já viste isto?”

“O que é, mãe?”

“São todos velhos”, sussurrou, para não ser escutada pelos idosos em redor. “Só há velhos aqui.”

“Mas a casa é simpática, não é?”

“Sim, lá isso é. Mas só há velhos, já reparaste?”

“E então? Se calhar a mãe podia fazer aqui uma data de amigos.”

“Eu?”

“Sim, porque não? É tudo gente da sua idade.”

“Não são nada da minha idade. Isto são tudo velhotes, não vês?”

Tomás coçou a cabeça, algo desconcertado.

“A mãe é que ficaria aqui bem”, insistiu. “Parece uma vivenda simpática e vivem aqui pessoas da sua idade. Entre-tinha-se com amigas novas, ia ver.”

“Estás parvo ou quê? Para que preciso eu de vir para aqui?”

“E melhor do que estar sozinha em casa. Repare, aqui não tem de se preocupar com nada. Há pessoas que tratam de si e existe uma data de gente com quem pode conversar.” Baixou a voz, mas pôs mais intensidade nas palavras. “É

ou não é melhor do que estar sozinha fechada em casa?”

“Vá, não digas tolices.”

“A sério, aqui tratam de si.”

“Eu não preciso que tratem de mim. Para isso chega-me a dona Mercedes, que Deus a abençoe. Além do mais, há as minhas vizinhas, que são umas santas e que me ajudam sempre que preciso.”

A rapariga de touca e bata branca interrompeu-os.

“Vamos ao andar de cima?”

“Ah, obrigada, é muito amável mas não vale a pena”, desculpou-se dona Graça. “Sabe, nós já...”

“Vamos lá acima, vamos”, atalhou Tomás, encaminhando-se para o corredor. “Já que aqui estamos, vemos tudo.”

Dona Graça suspirou e resignou-se a seguir o filho e a anfitriã.

Apanharam o elevador e saíram num corredor longo, os passos a ecoarem pelo soalho de madeira clara, faia certamente.

“Ai, não sei se consigo”, disse a mãe, desanimada ao constatar a extensão do corredor. “Já estou cansada, Tomás. Olha que não tenho a tua idade, filho.”

“É já aqui”, disse a rapariga de branco, apontando para a terceira porta à direita. “Estamos quase lá.”

Percorreram os últimos metros do corredor e entraram num quarto. Não era muito espaçoso, mas apresentava um aspecto asseado. O mobiliário de pinho tinha um estilo antigo; o quarto dispunha de roupeiro, televisão, um sofá e uma grande cama, um *bouquet* de flores sobre a escrivaninha, tudo muito bem arranjado.

“É jeitoso o quarto, não é?”, perguntou Tomás. Foi à janela e espreitou lá para fora. “Ena! Tem vista para a floresta e tudo.”

Dona Graça aproximou-se e olhou. A floresta era o pequeno pinhal por onde tinham passado havia pouco.

“Bem, já podemos ir embora?”, perguntou ela, algo impaciente.

“A mãe não gosta do quarto?”

“Ah, é muito jeitoso, lá isso é. Mas eu já me sinto um bocadinho cansada, sabes? Quero ir para casa.”

Tomás engoliu em seco. Chegara a hora de confrontar a mãe com a realidade e precisava de reunir coragem para o fazer.

“Oiça, mãe”, começou por dizer. “A dona Mercedes disseme que não pode tratar de si por uns tempos.”

“Ah, não? Ainda ontem a vi e não me disse nada. O que tem ela?”

“É um... uh... um problema familiar que lhe surgiu de repente.”

“Deve ser o marido. O pobre homem sofre de gota, coitado, e a dona

Mercedes tem andado ralada com isso. Será que ele teve outra crise?”

“Sim, deve ter sido isso.”

“Vou já telefonar-lhe. Pobre criatura! Ainda noutro dia ela me tinha contado que...”

“Mãe, mãe”, cortou o filho. “O problema é que a mãe vai estar uns tempos sem ninguém a tratar de si.”

“E então?”

“E então? Quem é que lhe faz as compras? Quem é que lhe prepara a comida? Quem é que lhe limpa a casa?”

“Ah, eu peço à vizinha. A Maria Clotilde é uma jóia de moça e já me disse que sempre que...”

“Oiça, mãe, as suas vizinhas vão todas de férias durante uns tempos.”

Dona Graça arregalou os olhos, incrédula.

“As minhas vizinhas vão todas de férias? Vão de férias para onde?”

Tomás já transpirava.

“Sei lá, mãe. Vão para o Algarve ou para o Brasil, não sei nem me interessa.”

“Acho isso tudo muito estranho. Olha, a Maria Clotilde anda sempre aflita, tem o marido no fundo de desemprego, coitada. A Dulce, aquela do segundo andar, então nem se fala! A pensão não lhe chega e não tem dinheiro nem para pagar o condomínio. Olha, só se for a... a... como é que se chama aquela mal-encarada do primeiro esquerdo, a que herdou da tia? A... a Graciete. Só se for ela.”

“A dona Graciete já morreu, mãe.”

“A Graciete morreu?”

“Há cinco anos.”

“Deves estar enganado. Se ela tivesse morrido, eu e o teu pai já o saberíamos.”

Tomás sentia-se rebentar. Tinha de resolver o problema e tinha de o resolver de imediato.

“Mãe, não interessa”, disse, encarando-a de frente, as mãos segurando-lhe nos ombros. “A mãe não pode ir para casa porque não tem lá ninguém para tratar de si. Tenha paciência, vai ter de ficar aqui algum tempo.”

Dona Graça olhou para o filho, confusa.

“O que estás para aí a dizer?”

“A mãe tem de ficar aqui. E só por algum tempo, fique descansada.”

Ela olhou em redor, atrapalhada.

“Mas... mas isto não é a minha casa. Eu quero ir para casa.”

“Não a posso levar para casa porque não está lá ninguém para cuidar de si.

Tem de ficar aqui algum tempo. São só umas semanitas...”

O lábio inferior de dona Graça começou a tremer e um brilho húmido inundou-lhe os olhos verdes. O rosto contorceu-se numa expressão de desespero, de súplica, de pânico.

“Eu quero ir para casa”, choramingou, angustiada. “Faz favor, leva-me para casa.”

Mais gotas de suor brotaram do couro cabeludo do filho e escorreram-lhe pelas têmporas e depois pela face. Aqueles momentos estavam a ser penosos. Considerou a hipótese de voltar atrás na decisão que tomara, afinal que direito tinha ele de obrigar a mãe a fazer algo contra a sua própria vontade? Não era ela adulta? Em pequeno sempre fora a mãe que mandara nele, como era possível que os papéis se tivessem invertido? Isso até lhe parecia *contra naturam*. Desde que se tornara adulto que os pais respeitavam o seu espaço, e ele o deles, naturalmente. Podia acontecer Tomás oferecer um conselho ao pai ou à mãe, mas jamais se atrevera a dar-lhes uma ordem, isso seria impensável; eles eram soberanos, donos da sua vontade, e de certo modo preservavam até uma vaga autoridade sobre si. Como podia ele forçar agora a mãe a viver onde ela manifestamente não queria? Com que direito a obrigava a sair da sua própria casa? Não era ela senhora do seu destino? Como se atrevia ele a tratá-la como uma criança?

No instante em que decidiu recuar, porém, avaliou as consequências de o fazer. Viu a mãe fechada em casa, sozinha durante a noite, o seu estado a degradar-se; talvez escorregasse e batesse com a cabeça nalgum sítio, talvez deixasse o gás aceso ou o ferro ligado sobre a roupa, talvez saísse à rua e se perdesse novamente. Não, definitivamente não. Ela não se encontrava em estado de permanecer só, nem tinha modo de cuidar de si mesma. A realidade, a terrível realidade, é que aquele era um caminho sem retorno e cabia-lhe a ele assumir as suas responsabilidades e decidir aquilo que nunca imaginara ter de decidir.

Não podia haver recuos.

“Eu quero ir para casa.”

Tomás olhou para a mãe e ficou sem saber o que dizer. Talvez fosse melhor nem dizer nada. É isso, concluiu; não dizer nada, desistir da conversa. Afinal, jamais a iria convencer, isso era evidente. Sem pronunciar mais uma palavra, saiu do quarto em passo rápido e desapareceu pelo corredor. Fugiu.

Reapareceu minutos mais tarde com uma mala que dona Graça, por entre a visão turva de lágrimas, com surpresa reconheceu como sua. A sua velha mala de viagem. Tomás tinha ido ao carro buscar a bagagem que preparara às escondidas nessa manhã, enquanto a mãe ainda dormia. Ao reentrar no quarto, encontrou-a sentada na cadeira a enxugar os olhos com um lenço, a directora ao

lado, acocorada, a tentar consolá-la.

“Mãe, tenho aqui a sua roupa”, disse, mostrando-lhe a mala. “Se precisar de mais alguma coisa, diga-me.” Pousou a mala sobre a cama e abriu-a. “Posso-lhe trazer os seus livros, as fotografias... o que quiser.”

“Eu quero é voltar para minha casa”, queixou-se ela num trémulo fio de voz.

Esforçando-se por ignorar os queixumes, Tomás começou a pendurar vestidos no roupeiro e a guardar peças nas gavetas.

“A mãe só fica aqui algumas semanas”, disse, enquanto pendurava um vestido num cabide. “Depois logo vemos, está bem?”

“Onde está o teu pai? Quando ele vir isto, vais ver como é.”

“Foi o pai que me pediu que a pusesse num bom lar.”

“Não acredito. O teu pai nunca te pediria uma coisa dessas.”

“Mas pediu. Que a protegesse.”

Dona Graça ergueu o dedo, tremendo de fúria, de revolta, de indignação.

“Com que direito me fazes isto? Tu... tu... o meu próprio filho...

com que direito? Não me vais abandonar aqui!”

“É só por umas semanas.”

“Nem um dia, ouviste? Nem um dia!”

“Mãe, tenha calma.”

“Eu quero ir para casa. Se tiver de morrer, quero morrer em casa.

Leva-me para casa, se faz favor.”

“Agora não pode ser”, murmurou Tomás, ainda atarefado com as roupas, uma forma de não ter de olhar para a mãe. “Daqui a uma semana, talvez.”

A velha senhora deixou-se encostar na cadeira, o saco de fúria parecia ter rebentado e desinchava, vazava-se como um balão; sentia-se demasiado cansada, esvaída por dentro, faltavam-lhe forças até para se indignar.

“Eu quero ir para casa”, gemeu.

A directora, a atraente mulher dos olhos achocolatados que conhecera quando fora visitar o lar pela primeira vez, um crachá com o nome *Maria Flor* no peito a lembrar-lhe o nome, mantinha-se acocorada diante de dona Graça a seguir a conversa em silêncio.

Vendo-a desistir de lutar, inclinou-se para a frente, murmurou-lhe alguma coisa ao ouvido e er-gueu-se. Fez sinal a Tomás e afastaram-se os dois para junto da porta.

“O senhor não comunicou à sua mãe que ela vinha para aqui?”

“Não, não lhe disse nada. Ela nunca aceitaria.”

Maria cruzou os braços e mirou-o com desaprovação.

“Mas devia ter falado com ela.”

“Acredite que já falei com ela muitas vezes sobre este assunto.

Muitas vezes. O médico também falou. O facto é que ela se recusava a vir, o que podia eu fazer? Acha que a devia arrastar à força para o carro?"

"E ela precisava mesmo de vir?"

"Oiça, eu ainda andei algum tempo a deixar correr o marfim, sabe? Ela não queria vir e eu não a queria forçar, de modo que fui protelando." Baixou os olhos. "Mas as coisas precipitaram-se há duas semanas. A minha mãe saiu para as compras e perdeu-se na cidade.

Ninguém sabia quem ela era e ela não dizia coisa com coisa. Tiveram de a levar para a esquadra e depois para o hospital, onde felizmente uma enfermeira a reconheceu. Foi nessa altura que tomei consciência de que tinha mesmo de resolver o problema."

A directora suspirou.

"Compreendo", disse. Endireitou-se, assumindo uma postura profissional. "Preciso de saber algumas coisas sobre ela e o senhor vai ter de me preencher um formulário, está bem?"

"Como queira."

"Pelo que me foi dado observar, ela encontra-se funcional, nao e?

"Sim, tem total autonomia de movimentos, embora passe muito tempo a dormir. O mais complicado é mesmo a sua constante perda de memória. Por vezes fica absolutamente desorientada. Por exemplo, é frequente esquecer-se de que o meu pai já morreu."

"Isso é normal. As memórias mais recentes são sempre as primeiras a desaparecer." Observou dona Graça de relance. "A sua mãe só tem setenta anos, não é?"

"Sim."

"Parece-me ainda um pouco cedo para ter este tipo de problemas..."

"Sabe, isto começou depois da morte do meu pai."

"Hmm... estou a ver." Os olhos castanhos estreitaram-se e a boca carnuda contorceu-se. "Uma vez tivemos aqui um casal que era muito unido. Os dois passavam a vida aos beijinhos e aos segredinhos, iam juntos a toda a parte e até tivemos de pôr as camas uma ao lado da outra para eles dormirem de mãos dadas. Eram uns queridos. Um dia ela sofreu um ataque cardíaco e foi levada para o hospital, onde acabou por falecer dias depois. A família ficou em pânico, receando a reacção que ele teria quando soubesse da notícia, e pediu-nos que não lhe disséssemos nada. Mas uma semana mais tarde houve uma empregada que se descaiu e lhe contou a verdade."

Uma pausa. "Ele morreu no dia seguinte."

A história ficou a pairar no ar, insidiosa, como uma neblina obstinada, uma sombra agoirenta que não desaparece.

“Isso aconteceu aqui?”, perguntou Tomás.

“Sim”, retorquiu Maria. “Foi há uns anos. O caso comoveu todo o pessoal do lar. Mas o importante é que nos mostrou o efeito que a morte de um elemento do casal pode ter sobre o outro quando são os dois muito chegados e vivem juntos há bastante tempo.” Voltou a olhar para dona Graça. “Foi provavelmente o que aconteceu com a sua mãe. A morte do marido deve ter sido um choque muito grande e desencadeou um processo degenerativo prematuro.”

Tomás ficou sem saber o que dizer. De certo modo reconhecera naquela história a relação existente entre os pais e os acontecimentos do último ano; havia muito que relacionara a morte do pai com a rápida degradação do estado da mãe, e o episódio relatado pela directora confirmava-lhe o que já pressentira.

Acossado pelos remorsos, pediu licença e voltou para junto da mãe. Murmurou-lhe palavras de consolo, sem saber qual dos dois mais precisava de ser reconfortado, se a mãe que não podia ir para casa, se o filho que a forçava a ficar no lar. Sentia-se um miserável, um crápula, um cobarde. Beijou-a no rosto molhado e, enchendo-se da pouca coragem que lhe restava, deu meia volta e saiu do quarto, preparando-se para partir. Quando ia abrir a porta do elevador, já no corredor, ouviu a voz da mãe atrás de si.

“Tomás?”

“Sim, mãe?”

“Leva-me para casa.”

O filho respirou fundo.

“O mãe, não vamos recomeçar, pois não?”

Dona Graça olhou para o fundo do corredor.

“Então vou-me atirar pelas escadas.”

XI

As primeiras vinte e quatro horas depois de ter deixado a mãe no lar foram as mais difíceis para Tomás. Quando regressou do passeio fatídico e reentrou no apartamento dos pais sentiu-o estranhamente vazio, como se tivesse sido esvaziado de sentido. Era verdade que nos últimos meses o declínio acelerado da mãe enchera aquele lugar de silêncio, um sossego de certo modo inquietante, sobretudo devido às muitas horas que ela passava a dormir; só o facto de a saber em casa, porém, afigurava-se-lhe como algo de reconfortante, parecia-lhe que uma centelha de luz ainda ali brilhava, ténue é certo, mas viva.

Agora, no entanto, tudo era diferente. O apartamento estava efectivamente vazio, despojado de vida, não era mais que um corpo oco abandonado ao esquecimento.

O silêncio pesado forçara Tomás à introspecção, agravando o seu sentimento de culpa. Não era só o problema de ter posto a mãe no lar, contra a sua vontade, que o atormentava; era também a questão de a ter levado ao engano, de a ter convencido de que iam apenas dar um passeio. Lembrava-se de, em criança, a mãe lhe ter anunciado certa vez que iam ao hospital dar uma voltinha e essa voltinha ter acabado com os enfermeiros a espetarem-lhe agulhas nas nádegas. Sempre guardara desse episódio uma memória amarga; era afinal a lembrança de uma traição da mãe. Receava agora pela inversão dos papéis, temia pelo que ela iria doravante pensar sobre o que acabara de lhe fazer. Bem vistas as coisas, pela primeira vez Tomás negara à mãe o seu estatuto de maioridade e o que era isso senão uma forma de violência? Mas, por outro lado, e por mais que se martirizasse, não descortinava uma alternativa melhor. O que deveria ter feito de diferente? Deixar a mãe, naquele estado, sozinha em casa? Não seria isso uma forma de abandono? E se lhe acontecesse alguma coisa? Poderia ele alguma vez perdoar-se?

Para fugir à angústia que o sufocava, refugiou-se no trabalho.

Quando regressou do lar, e após um deprimente jantar solitário na copa do apartamento, fechou-se no escritório do pai. Decidiu distrair a mente e tentar decifrar o enigmático *e-mail* que Cummings enviara a Filipe, a estranha mensagem que fora interceptada pela Interpol.

Consultou as suas anotações e localizou a cópia dessa mensagem.

Filipe,

When He broke the seventh seal, there was silence in heaven.

See you. Jim

Assim à primeira vista parecia-lhe um código. Sim, considerou, balançando afirmativamente a cabeça; é um código. Se fosse uma cifra, o texto teria um aspecto diferente. O problema é que, sendo um código, tornava-se claro que tinha pela frente um verdadeiro quebra-cabeças, uma vez que o seu sentido preciso só era provavelmente conhecido pelas duas pessoas que trocaram a mensagem. O

significado do enigma tinha decerto sido previamente convencionado entre elas e só elas o poderiam explicar.

Um pormenor, todavia, chamou a atenção de Tomás. Leu de novo a frase. *Wben He broke tbe seventh seal, there was silence in heaven.* Arregalou os olhos. Não havia dúvidas, aquele era um pormenor revelador. *He. Ele.* A mensagem dizia He, com *H* maiúsculo; era o mesmo que dizer *Ele* com £ maiúsculo. Ele. Era um indício, um trilho, uma tabuleta que apontava numa direcção inconfundível. Na experiência de Tomás, *Ele* só podia ser uma entidade. Deus. Tratava-se, com toda a certeza, de uma citação religiosa.

Subitamente animado e excitado, ergueu-se e foi buscar a Bíblia à estante. Mas, quando se sentou de novo à secretária, vencido o fulgor suscitado pelo entusiasmo da descoberta de uma pista segura, olhou para o livro e quase desanimou ao verificar o seu volumoso tamanho. O facto de a Bíblia ser enorme nunca lhe tinha chamado tanto a atenção como naquele instante, sobretudo porque, ao folheá-

la, constatou que se encontrava impressa em papel muito fino e em letra microscópica; parecia um contrato de uma companhia de seguros. Era muito texto.

Venceu o primeiro impulso para desistir e começou a ler desde o princípio. “No princípio, Deus criou os céus e a terra. A terra era informe e vazia. As trevas cobriam o abismo, e o espírito de Deus movia-se sobre a superfície das águas. Deus disse: «Faça-se luz!» E a luz foi feita.” Tudo isto já lera no passado, por diversas vezes e em diferentes circunstâncias.

Mas nunca tinha lido a Bíblia de uma ponta à outra, Velho e Novo Testamento de uma assentada, e supunha que aquela circunstância era tão boa como outra qualquer para o fazer. O facto é que havia uma citação a localizar e só poderia chegar a ela se lesse o que tinha a ler. E ler foi o que fez.

Levou seis dias a percorrer a Bíblia da primeira à última palavra, começando “No princípio” e acabando com o “Amen” final. Leu-a sem pausas, a não ser as naturais, e quando fechou o volume não sabia o que pensar. Sentia-se desconcertado com o que descobrira, assustado até com as implicações do sombrio mistério que acabara de desvendar parcialmente.

Tentou descontrair-se e ligou o computador. Foi direito ao correio electrónico

e, por entre o muito lixo que recebia habitualmente, detectou uma mensagem remetida por *osetimoselo.* O sétimo selo? O

e-mail tinha quarenta e oito horas. A ferver de expectativa, Tomás clicou de imediato naquela linha e abriu a mensagem. Era curta, informativa e, verificando o nome que a assinava, explosiva.

Filipe.

O *e-mail* vinha assinado pelo seu amigo da juventude, Filipe Madureira, o mesmo que a Interpol procurava por alegado envolvimento no assassínio de dois cientistas, o mesmo com quem passara tardes inteiras a estudar ou a jogar matraquilhos ou a falar de miúdas nos tempos do liceu de Castelo Branco. Pelos vistos o Filipe tinha mesmo consultado o *site* dos antigos alunos do liceu e deparara-se com a mensagem que Tomás lhe havia deixado. Aquela era a resposta.

Após uma breve ponderação, Tomás pegou no telemóvel e digitou o número.

"Olá, Orlov", cumprimentou. "Tenho novidades para si."

"O que se passa?"

"Recebi um contacto do meu amigo Filipe."

"A sério? Onde está ele?"

"Receio não ter liberdade para lho dizer."

O homem da Interpol hesitou do outro lado da linha.

"Como assim? Não me pode dizer?"

"Não. Ele pediu-me confidencialidade quanto ao seu paradeiro."

"Mas então como posso avançar na investigação?"

"Terei de ser eu a fazê-la."

"Você?", admirou-se Orlov. "Mas você nem sequer é polícia..."

"Oiça, o Filipe aceita encontrar-se comigo desde que eu mantenha confidencial o local onde ele está. Se eu assumir esse compromisso, é para o respeitar, percebe?"

"Hmm."

"Então o que faço? Assumo o compromisso ou não?"

O russo manteve-se um instante calado, a avaliar a situação.

"Não me parece que haja alternativa, pois não?"

"Você é que sabe."

"Olhe, aceite", decidiu Orlov. "Encontre-se com ele e saque toda a informação que for possível."

"Muito bem", concordou Tomás. "Vou precisar de dinheiro para a viagem."

"Em que país está ele?"

"Não lhe posso revelar isso."

Orl ov riu-se.

“Não faz mal”, disse. “Era eu a ver se pegava.” Mudou de tom.

“Vamos transferir dinheiro para a sua conta, está bem? Você pega nesse dinheiro e faz dele o que tiver de fazer, sem necessidade de apresentar contas ou entregar facturas. Desse modo mantém o sigilo quanto à sua deslocação. Está bem assim?”

“Parece-me perfeito.”

“Então muito bem”, concluiu o russo, despedindo-se. “Diga-me alguma coisa quando voltar.”

“Espere”, exclamou Tomás.

“O que é?”

“Ainda não lhe contei tudo.”

O agente da Interpol pareceu desconcertado.

“Ah, desculpe. Julguei que tinha dito que não podia, para já, revelar nada sobre o *e-mail* do seu amigo.”

“E não posso. Mas tenho outras novidades.”

“O quê?”

“Acho que já percebi o sentido da mensagem que o inglês enviou ao Filipe.”

Orlov soltou uma nova gargalhada.

“Você é mesmo um craque”, exclamou. “A sério? Já decifrou aquela trapalhada?”

“Descodifiquei”, corrigiu Tomás. “A mensagem não é uma cifra, é um código. As cifras decifram-se, os códigos descodifi-cam-se.”

“Você acha que é um código?”

“Sem dúvida.”

“E qual a mensagem que ele esconde?”

O historiador inclinou-se sobre a secretária e pegou no grosso volume que acabara de ler.

“O sentido do código é revelado pela Bíblia.”

“A sério?”

“Sim. E adivinhe em que parte da Bíblia.”

“Não faço ideia.”

“No Apocalipse. A resposta está no Apocalipse.” Riu-se. “Veja só o meu azar. Como a citação se encontra no último texto do Novo Testamento e eu comecei pelo princípio, tive de ler a Bíblia toda até chegar a ela.”

“Não fez mais do que a sua obrigação”, impacientou-se o russo.

“Diga-me lá qual é a mensagem que a frase esconde.”

Tomás abriu a Bíblia pousada sobre a mesa e folheou as últimas páginas até chegar ao Livro da Revelação.

“Para entender o sentido da mensagem é preciso compreender o contexto em

que ela aparece inserida", disse. "Você já leu o Apocalipse?"

Orlov soltou um estalido exasperado com a língua.

"Você acha-me com cara de beato ou quê? Pensa que tenho tempo para ler essas coisas?"

"Então, se nunca leu o Apocalipse, deixe-me fazer-lhe um enquadramento. Como já lhe disse noutro dia, este texto é assinado por João, supostamente o apóstolo." Passou os olhos pelas primeiras linhas das páginas abertas à sua frente. "Começa por dizer que Jesus Cristo apareceu diante de João e lhe entregou mensagens para sete comunidades cristãs na Ásia Menor." Avançou umas páginas. "A coisa torna-se muito interessante logo a seguir, quando João é levado para o céu."

"O apóstolo voou para o céu?", gracejou Orlov. "Foi em executiva ou turística?"

"Ascendeu ao céu", retorquiu Tomás, ignorando a graçola. Fixou os olhos no parágrafo. "Está aqui escrito o seguinte", disse, começando a ler o texto. "«Olhei e vi uma porta aberta no Céu: e a primeira voz que ouvi, e que me falava, como o som de uma trombeta, disse: Sobe aqui e mostrar-te-ei as coisas que devem acontecer depois destas. Logo fui arrebatado em espírito e vi um trono no Céu, no qual Alguém estava sentado.»" Ergueu os olhos das linhas. "Esse Alguém era, está claro, Deus."

"Deus? João diz que viu Deus?"

"Sim."

"E como é Ele? Tem grandes barbas brancas?"

"O Deus descrito por João no Apocalipse não é antropomórfico.

Repare na descrição que o autor faz d'Ele." Voltou ao mesmo parágrafo. "«O que estava sentado era, na aparência, semelhante à pedra de jaspe e de sardónio; e um arco-íris rodeava o trono, semelhante à esmeralda.»" Saltou uma linha. "«Do trono saíam relâmpagos e trovões.»"

"Mas que raio de Deus é esse?"

"É o Deus que João diz ter visto. Não é uma pessoa, mas luz e cor e sons."

"Tudo isso é uma alucinação, não?"

"Talvez", admitiu Tomás. "Mas não creio. Este texto é muito pensado, sabe?"

"Porque diz isso?"

"Por causa da sua estrutura. As cenas são descritas com muito detalhe e mostram influência de escritos judaicos, em particular dos de Daniel. A estrutura revela-se planeada e joga com padrões numéricos, o que não é característico das alucinações."

"Como a história do triplo seis?"

“Isso. O triplo seis não é uma alucinação. Como já vimos, trata-se da guematria do nome de Nero. Logo, este texto é pensado, não é resultado de uma alucinação.”

“Compreendo”, aceitou Orlov. Mudou de tom. “Dizia então você que João subiu ao céu e viu Deus. E depois? O que aconteceu?”

Tomás regressou ao texto.

“João escreve o seguinte: «Vi, na mão direita do que estava sentado sobre o trono, um livro escrito por dentro e por fora, selado com sete selos.»“

“Um livro com sete selos?”

“Sim. Na verdade, intitula-se o Livro dos Sete Selos. Na descrição de João, Cristo dirigiu-se ao trono e recebeu de Deus esse livro. Foi nessa altura que Jesus, apresentado com a forma de um cordeiro, começou a quebrar os selos um a um.

Orlov mostrava-se agora inteiramente absorvido pela narrativa.

“E então?”

“Os primeiros quatro selos fizeram aparecer quatro cavaleiros destruidores. São os quatro cavaleiros do Apocalipse. Um é um conquistador, os outros são portadores da fome, da guerra e da morte. O quinto selo fez aparecer os mártires e o sexto trouxe um terramoto e outros terríveis cataclismos destinados a punir os pecados da humanidade.” Tomás fez uma pausa. “E então que o texto apresenta a frase fatídica.”

“Qual delas?”

“A frase que consta da mensagem que vocês interceptaram na Internet.”

“Qual mensagem? A do inglês?”

“Sim.” Tomás pousou o indicador na linha e leu. “«Quando Ele quebrou o sétimo selo, fez-se silêncio no Céu.»“

A frase ecoou na mente de Orlov. Fora de facto essa a mensagem que James Cummings enviara a Filipe Madureira.

“Muito bem”, assentiu. “Na Bíblia vem escrita essa frase. Cristo quebrou o sétimo selo do Livro dos Sete Selos. E depois? O que aconteceu depois?”

O historiador fechou a Bíblia pousada sobre a sua secretária e respirou fundo.

“João viu trovões, relâmpagos e terramotos por toda a parte. Na terra e no mar são lançados fogo, saraiva e sangue, tornando inabitável um terço do planeta. Cai uma estrela do ceu e o Sol fica obscurecido pela fumarada. Numa extinção em massa, parte da humanidade e da vida desaparecem.” Fez uma pausa. “Em resumo, começa o apocalipse.”

Orlov avaliou por um instante a descrição.

“Quando é que isso acontece?”

“Acontece quando aparece na Bíblia a citação usada na mensagem que vocês interceptaram.” Recitou de memória. “«Quando Ele quebrou o sétimo selo, fez-se silêncio no Céu.»“

O russo fez um estalido com a língua.

“Caramba”, exclamou. “O seu instinto estava certo.”

“Pois estava”, disse Tomás. “Já viu o que esta frase desencadeia?”

“O fim do mundo, meu caro professor. O fim do mundo.”

XII

O segurança, um homem calvo de cabeça luzidia e corpo entroncado, mediu-o com suspeição, dissecando-o dos pés à cabeça, os olhos perscrutadores como raios X. Ao constatar que se tratava de um estrangeiro, pareceu descontrair-se; aceitou os setecentos e cinquenta rublos e com a cabeça fez-lhe sinal de que entrasse. Tomás agradeceu, empurrou a porta e penetrou no Night Flight.

Um ambiente quente e sofisticado acolheu-o no interior do mais famoso clube para homens da cidade. Um empregado impecavelmente vestido aproximou-se de imediato.

"Dobriy vetcber", cumprimentou, cerimonioso.

"Boa noite", devolveu Tomás em inglês. Hesitou, em busca das palavras certas que memorizara no hotel. *"Vy govorite... po-angliyski?"*

O empregado sorriu.

"Da", assentiu. "Todos aqui falamos inglês." Fez um gesto que abarcou todo o Night Flight. "Deseja ir ao restaurante ou ao *night club?"*

"Ao *night club*, por favor."

O homem apontou para um canto e Tomás dirigiu-se para lá.

Desceu umas escadas em caracol e deu com um bar em tons dourados, uma parede espelhada corrida a sofás forrados a negro, a outra escondida por um longo bar. Uma música suave flutuava no ar e o local tinha um aspecto distinto, como se se tratasse de um clube para cavalheiros de alta sociedade. Mas os pequenos grupos que formigavam pelo *night club* traíam aquela aparência requintada; os homens apresentavam o aspecto exuberante dos novos-ricos, ostentando álcool e rublos e poder e testosterona, e as mulheres, muito mais novas, mimavam-nos de atenções, todas elas belas, cintilantes e, sobretudo, disponíveis.

O recém-chegado dirigiu-se ao balcão e ergueu a mão para chamar a atenção do homem de *smoking* que preparava as bebidas.

"Zdrávstvuyte" , saudou o homem, perguntando-lhe o que queria tomar. *"Tcbego zhelayete?"*

"Hello", cumprimentou Tomás. Consultou o nome que trazia escrito num papel. "Posso falar com Nadezhda?"

"Nadezhda?"

"Sim."

O homem esboçou um pequeno sorriso, como se aquele nome tivesse um significado secreto que os membros de uma mesma confraria instantaneamente

entendiam, e apontou para um varandim por cima.

"Está ali."

Tomás ergueu a cabeça e viu uma mulher ruiva quase nua a dançar, os seios arrebitados e firmes, o corpo delgado e insinuante, um estreito tecido escarlate a servir de calcinhas. Um foco de luz incidia na sensual dançarina, projectando sobre ela sombras sumptuosas e cores lascivas, a carne lúbrica e transpirada.

O recém-chegado cliente baixou os olhos e questionou o homem do bar.

"Esta é que é a Nadezhda?"

"Da", confirmou o empregado. Arqueou as sobrancelhas, como quem esconde duplos sentidos por entre as palavras. "Quer que ela venha ter consigo?"

"Bem... sim", disse Tomás, corando com a insinuação. "Preciso de falar com ela."

"A Nadezhda está quase a terminar o seu número." Piscou o olho, cúmplice. "Quando ela acabar eu digo-lhe que tem um cliente à espera." Fez um gesto para as garrafas arrumadas ao longo do bar.

"Enquanto aguarda, quer tomar alguma coisa?"

"O que tem aí?"

"Whisky, konyak, vodka..."

Tomás contemplou as garrafas.

"Acho que uma *vodka* será, talvez, o mais apropriado."

"Pura ou aromatizada?"

"Hmm...", hesitou. "Não sei, o que me aconselha?"

O homem do bar pegou numa garrafa âmbar e deitou a *vodka* num copo.

"Esta *vodka é* aromatizada. Chama-se *Okhotnichya*, a *vodka* dos caçadores, e inclui uma mistura de gengibre e cravo-da-índia."

Estendeu-lhe o copo. "Beba tudo de uma vez. À nossa maneira."

O cliente analisou o líquido que bailava no copo com uma expressão relutante. Sentou-se num espaço vazio no banco corrido ao longo da parede, por baixo do espelho, e decidiu seguir o conselho.

Em Roma, sê romano, pensou. Fechou os olhos e, antes que perdesse a coragem, engoliu a *vodka* de uma só vez.

Foi como se um vulcão tivesse irrompido nas suas entranhas.

"Deseja a minha companhia?"

A voz feminina, aveludando o inglês com um exótico sotaque eslavo, fez Tomás erguer os olhos. Diante dele, observando-o do outro lado da mesinha, estava a beldade ruiva envolta num voluptuoso manto de seda púrpura, quase berrante. Os seus olhos eram de um azul líquido, grandes e expressivos, e tinha lábios espessos, como gomos apetecíveis, à Nastasja Kinski.

Vencendo a surpresa, o português ergueu-se e, desajeitado, estendeu a mão

com tal brusquidão que derrubou o copo de *vodka*.

"Olá", disse, para quase se assustar com o copo que inadvertidamente atirara ao chão. "Ooops, desculpe."

A dançarina reprimiu uma risadinha.

"Posso sentar-me?"

"Sim, sim, com certeza."

Tomás afastou-se para lhe dar lugar e, sem querer, empurrou a mesinha, que caiu para o lado com grande estrondo. Fez-se um silêncio súbito nas conversas dentro do *night club;* os outros clientes pararam momentaneamente para verem o que se passava ali.

"Ah, caramba", exclamou o historiador, levando as mãos à cabeça quando viu a mesa deitada no chão. "Estou mesmo desastrado, não sei o que se passa. Desculpe."

Nadezhda soltou uma gargalhada.

"O senhor é sempre assim?"

"Não, de modo nenhum", assegurou Tomás. "Deve ser a sua presença. Quando aqui vim não estava nada à espera de encontrar alguém assim tão... enfim... tão bonita."

A rapariga atirou os cabelos para trás, divertida.

"E esta? Saiu-me um Don Juan!"

O português contraiu o rosto, aflito, receando ter-se dado a demasiadas liberdades.

"Oh, perdão", balbuciou. "Imagino que esteja farta de ouvir os homens dizerem-lhe sempre a mesma coisa."

Os empregados do *night club* acorreram ao local e puseram tudo em ordem; a mesa voltou ao lugar e o chão onde se derramara a *vodka* foi limpo, o que permitiu o reatar do habitual burburinho das conversas que serviam de fundo à música ambiente. Foi servida mais *vodka* a Tomás e uma taça de champanhe pedida por Nadezhda.

Quando o empregado se afastou, a bailarina ajeitou o insinuante manto de seda de modo a destapar os ombros e exibiu a pele ebúrnea e a curva arrebitada dos seios.

"O senhor é estrangeiro, já vi", constatou Nadezhda. "Está em Moscovo em negócios?"

"Bem... de certo modo, sim."

A russa avaliou-o apreciativamente.

"Nesse caso é um homem de negócios." Ergueu a sobrancelha delicadamente aparada e tentou a sua sorte. "Petróleo? Banca?

Importação-exportação?"

Tomás riu-se com gosto.

“Não, nada disso. Sou historiador.”

Nadezhda arregalou os olhos azuis, genuinamente surpreendida.

“Historiador? Mas que negócios trazem um historiador a Moscovo?”

“Vim à procura de uma pessoa.”

A russa abriu-se num sorriso lânguido e num olhar provocante, parecia uma gata.

“Espero que seja de mim”, ronronou.

“Não, não é de si.”

“Que pena...”

Tomás apontou-lhe o dedo.

“Mas tenho esperança de chegar a essa pessoa através de si.”

Nadezhda endireitou-se, subitamente desconfiada.

“O que quer dizer com isso?”

“O meu nome é Tomás Noronha e vim de Lisboa para me encontrar com um amigo. Esse amigo disseme que viesse aqui ter consigo.”

A dançarina estreitou os olhos, tentando avaliar o que lhe era dito.

“Veio de Lisboa?”

“Sim.”

“E como se chama o seu amigo?”

“Filipe Madureira. Ele mandou-me um *e-mail* a dizer-me que viesse aqui ao *night club* do Night Flight, em Moscovo, e a procurasse a si.”

Nadezhda sorriu, mais tranquila.

“Ah, é você então o amigo do Filhka”, reconheceu, identificando Filipe pelo diminutivo em russo. “Por que não disse logo?”

“Bem, eu disse à primeira oportunidade que me deu, acho.”

A russa reavaliou-o com os olhos.

“Hmm... o Filhka não me tinha dito que você era assim tão interessante.”

Tomás corou.

“Ah, obrigado.”

Ela inclinou-se e passou-lhe a mão pelo fato escuro, como se o afagasse.

“E veio todo janota. Pensei que era um cliente, veja só.”

“De certo modo sou, não é verdade?” Olhou em redor. “Esta noite sou um cliente do Night Flight.”

“Sim, mas pensei que fosse um cliente como os outros.” Fez sinal para a mesa ao lado. “Como esses para aí. Olhe, está a ver este tipo?”

Tomás voltou-se e viu um homem sentado a três metros de distância, era um indivíduo encorpado, com cabelo loiro cortado à escovinha e um elegante fato italiano, à conversa com três mulheres mais novas e muito belas, de uma

exuberância quase faiscante.

“Sim, o que tem ele?”

Nadezhda baixou a voz.

“Esse é Igor Beskhlebov.” Olhou em redor, para se assegurar de que ninguém a escutava. “É *solntsevskie.”*

“O que é isso?”

“Máfia”, esclareceu ela.

Tomás olhou de novo o homem.

“Máfia? É um mafioso?”

“Droga e prostituição”, esclareceu a dançarina. “Aquelas raparigas trabalham para ele.”

O português contemplou-as, fascinado. Duas eram loiras, muito altas, e a terceira parecia uma exótica mistura euro-asiática, de olhos verdes amendoados e cabelo preto luzidio e muito fino; todas traziam roupas justas e generosamente decotadas, insinuando a curva dos corpos e, acima de tudo, a sua disponibilidade.

“Como sabe isso?”

Nadezhda encolheu os ombros.

“Ora, houve tempos em que também eu trabalhei para ele.”

“Você?”

“Sim, claro”, disse a russa, com ar indiferente. “Todas aqui trabalham para alguém.” Levantou-se e fez-lhe sinal com a cabeça de que a seguisse. “Venha.”

“Eu? Onde vamos?”

“Você é o amigo do Filhka, não é?”

“Sim.”

“Se é o amigo dele, não preciso de saber mais nada. Além disso, está com sorte.”

“Ai sim? Porquê?”

“Porque me agrada.” Chamou-o com o dedo, como se Tomás fosse o seu animal de estimação. “Venha.”

O português ergueu-se do lugar, mas parecia hesitante.

“Vamos onde?”

“Vou-lhe dar uma de graça.”

XIII

A batida ligeira na porta, um *toc-toc* tão suave que se chegou a confundir com os sons do sonho, despertou Tomás do seu torpor lânguido. Ainda de olhos cerrados estendeu o braço e apalpou a cama, que descobriu vazia. Ergueu a cabeça, meio entorpecido de sono, e entreabriu uma pálpebra, tentando perceber onde estava, que horas eram, se realmente havia alguém à porta, se aquele som que julgara ouvir fizera afinal parte do seu sonho. Escutou um ruído e sentiu movimento no quarto e, nesse instante, como se alguém tivesse ligado a luz e tudo de repente se clarificasse, lembrou-se.

Nadezhda.

A russa saiu do quarto de banho ainda a ajeitar o cabelo ruivo e sorriu quando o viu acordado.

"Dobroye utro", cumprimentou num tom jovial.

"Bom dia."

Ela aproximou-se e inclinou-se sobre Tomás, beijando-o com os seus lábios quentes e aveludados.

"Como dormiu o meu garanhão português? Bem?"

"Muito bem. E tu?"

Nadezhda fez um esgar dorido.

"Ainda estou a recuperar da noite que me deste." Piscou o olho azul. "B/w, até me custa andar."

Toc-toc-toc.

Tomás voltou a cabeça para a porta. Afinal não sonhara, sempre tinham batido.

"Quem será a esta hora?"

A russa dirigiu-se à porta, abriu-a e trocou algumas palavras com um vulto que, da cama, Tomás não conseguiu destrinçar. A porta abriu-se então por completo, escutou-se o tilintar de talheres e de pratos e um empregado empurrou uma mesinha de rodas para dentro do quarto, exibindo duas travessas com pratos tapados, um jarro de sumo de laranja, um bule fumegante e um cesto de pão escuro.

"Pedi o pequeno-almoço para o quarto", explicou ela, guardando na carteira um envelope que o paquete lhe tinha entregado.

O empregado arrumou a comida sobre a mesa do quarto e retirou-se de imediato. Tomás vestiu o roupão do hotel e sentou-se à mesa, contemplando a comida.

“Estou com uma fome de lobo”, anunciou. Apontou para os pratos. “O que é isto?”

Nadezhda pegou num pastel frito.

“Isto são *pirozbki* salgados. São feitos de carne e couve ou queijo.”

O português indicou em seguida o que lhe parecia ser uma fatia de bola de carne.

“E isto?”

“Kulebyaka. É uma massa com salmão, ovo, arroz e cogumelos.”

Destapou um cestinho com pastéis doces. “Mas, se fores guloso, talvez prefiras os *vatrushkis* de queijo ou os *vareniki* com fruta.”

Trincou o *pirozbki* que tinha entre os dedos. “Experimenta, é bom.”

Tomás começou a comer, a dúvida a pairar-lhe no espírito, algures entre a incerteza e a curiosidade. Não conhecia a cozinha russa nem de reputação, pelo que tudo constituía novidade para ele.

Às primeiras dentadas não lhe pareceu mal, mas não sabia se isso se ficava a dever à qualidade dos pratos ou à fome que se agudizava sempre que ia para o estrangeiro.

“Nadezhda”, disse ele, às voltas com uma fatia de *kulebyaka.*

“Explica-me, por favor...”

“Nadia”, atalhou a russa.

Tomás encarou-a, desconcertado.

“Não te chamas Nadezhda?”

“Claro que sim. Mas é um nome muito grande e formal, não achas? Em russo, as Nadezhdas são Nadias.”

“Ah é? E Tomás?”

“Tomasz? Pode ser Tomik.”

“Hmm... gosto disso.”

“Nadia e Tomik.”

Riram-se os dois. A Tomás aquilo soava um pouco a *Bonnie and Clyde*, mas não se importou. Contemplou Nadezhda e quase se derreteu com a sua beleza felina; tinha aquela mistura de quente e frio que caracterizava as beldades eslavas, simultaneamente distantes e familiares. O facto, porém, é que nada sabia sobre ela, a não ser que era dançarina no maior *night club* de Moscovo e, o mais importante, o único elo de ligação com Filipe.

“Nadia”, retomou Tomás. “Explica-me, por favor, como posso chegar ao meu amigo Filipe. Ele falou contigo, foi?”

“Sim, o Filhka avisou-me que alguém me contactaria no Night Flight.”

“E agora? Como chego a ele?”

Nadezhda puxou a sua carteira e retirou o envelope que guardara momentos

antes.

“Através disto”, disse ela, acenando com o sobrescrito. “Mandei o paquete às compras enquanto dormias.”

“O que é isso?”

A russa abanou a cabeça.

“Desculpa, Tomik, não te posso dizer agora. São ordens do Filhka.”

Tomás observou o envelope, intrigado.

“O que tem isso de tão especial?”

“É algo que, de certo modo, revela o actual paradeiro do Filhka.

Só na altura própria poderás saber.”

“Mas porquê tanto mistério?”

“Porque o paradeiro do Filhka é segredo.”

“Mas porquê?”, insistiu.

“Isso terá de ser ele a explicar-te.” Voltou a guardar o envelope na carteira e fez um gesto com a cabeça na direcção da mala de Tomás, aberta no chão. “Depois de comeres tens de preparar a tua mala.”

“Onde vamos?”

“Abandonar este hotel.”

Quando saíram à rua ao fim da manhã, o *check out* concluído, Nadezhda explicou-lhe que dispunham ainda da tarde quase toda e podiam ir passear para matar o tempo. A mala de Tomás tinha rodinhas e podia ser puxada, pelo que o historiador não hesitou diante da oportunidade.

“Posso ir ver o Kremlin?”

Foram apanhar o metro na estação mais próxima, a Belorusskaya, e Tomás ficou boquiaberto quando desceu as escadarias. Jamais tinha visto luxo assim numa linha de metropolitano, parecia estar num palacete subterrâneo, com as paredes ricamente trabalhadas, como um monumento barroco, e o átrio central coberto de mosaicos exibindo cenas rurais. Compraram os bilhetes numa máquina automática e percorreram os longos corredores abertos em arco, vastos e elegantes, iluminados pela claridade esverdeada da luz dos candeeiros.

“Isto é que é o vosso metro?”

“Sim. É bonito, não é?”

Tomás riu-se.

“Parece um hotel de cinco estrelas.”

“A minha estação favorita é a Park Kultury”, disse ela. “Tem medalhões em baixo-relevo de mármore com figuras a patinar, a ler ou a dançar. É espectacular.” Apontou para o chão que percorriam.

“Estás a ver isto?”

O português analisou o piso que calcorreavam.

“Sim. São azulejos.”

“É a imitar um tapete típico da Bielorrússia. É por isso que esta estação se chama Belorusskaya.”

Completaram o percurso numa dezena de minutos e saíram na estação de Borovitskaya, emergindo na rua em pleno centro da cidade.

Contornaram as grandes muralhas fronteiras à rua até o espaço se abrir numa enorme praça que Tomás instantaneamente reconheceu das fotografias.

“Esta é a Krasnaya Ploschad”, anunciou Nadezhda.

“Oh”, exclamou ele, surpreendido. “Julguei que era a Praça Vermelha.”

A russa olhou-o com ar trocista.

“E é”, exclamou. “A Krasnaya Ploschad é a Praça Vermelha.”

“Ah, bem me parecia. Mas porque lhe chamam ainda Praça Vermelha? Se o comunismo já acabou, não seria lógico mu-darem-lhe o nome?”

“O nome não tem nada a ver com o comunismo.”

“Não tem? Esta é a Praça Vermelha e, que eu saiba, a cor do comunismo é o vermelho.”

“É uma coincidência, Tomik”, explicou ela. “A praça cha-ma-se Krasnaya Ploschad desde o tempo dos czares. Krasnaya vem de *krasnyy,* uma palavra que originalmente significava *bonito* e que passou a querer dizer *vermelho.”*

Os olhos de Tomás ficaram presos ao majestoso monumento que se erguia do outro lado da praça, exactamente como as inúmeras fotografias o mostravam. Era um edifício grandioso, dominado por belas torres com cúpulas em forma de bolbo, pintadas de várias cores; parecia um palácio das mil e uma noites, um brinquedo em tamanho gigante. Não havia engano possível, era aquele o ex-líbris de Moscovo.

“Caramba”, exclamou, quase embevecido pela magnificência da arquitectura de conto de fadas. “O Kremlin.”

Nadezhda soltou uma gargalhada.

“Não, Tomik. Aquilo não é o Kremlin.”

“Como?”

“É a Catedral de São Basílio.”

“Mas... mas sempre ouvi dizer que aquilo era o Kremlin...”

“Todos os turistas fazem confusão, deixa estar.” Apontou para as muralhas à direita, que tinham contornado desde que saíram do metro. “Isto é que é o Kremlin.”

Tomás observou as muralhas cor de tijolo, primeiro surpreendido, depois desconfiado.

“O Nadia, estás-me a pregar uma peta.”

“Juro que isto é o Kremlin.” Apontou para uma estrutura diante das

muralhas. “Ali à frente, estás a ver? Aquilo é o Mausoléu de Lenine, para onde ia o Estaline, o Brejnev e toda essa gente quando havia grandes marchas militares aqui na Praça Vermelha. Atrás das muralhas é que está o Kremlin.”

“Não pode ser.”

“A sério. Kremlin vem de *kreml*, que quer dizer *fortaleza*. Estas são as muralhas da fortaleza que o czar mandou construir aqui.”

Indicou os edifícios para além das muralhas. “O Kremlin é um complexo administrativo que inclui palacetes, jardins e até igrejas.”

Apontou para umas cúpulas douradas que reluziam à distância.

“Estás a ver aquilo? São as cúpulas da Catedral da Assunção, construída exactamente no meio do complexo.”

Desiludido, Tomás já não quis visitar o Kremlin. Preferiu arrastar a mala até junto da espectacular Catedral de São Basílio, que sempre confundira com o Kremlin, e ficou a contemplá-la, maravilhado. Para ele, o Kremlin seria sempre aquele belíssimo monumento, dissessem o que dissessem. Percorreram as capelas do interior uma a uma, mas os encantos da catedral não lograram iludir-lhes a fome. Perto das três da tarde, já cansados e com alguma fraqueza, deram a visita por concluída e decidiram fugir para outro lado.

Nadezhda levou-o até às elegantes galerias vizinhas do Gosudarstvennyy Universalnyy Magazin, o grande edifício da Praça Vermelha cujo tecto se apresentava coberto por uma imponente estrutura de vidro, como se fosse uma sofisticada estufa. Percorreram as múltiplas lojas de marcas ocidentais, instaladas por entre passagens em abóbada e as balaustradas de ferro forjado, e, no limite da exaustão, instalaram-se enfim à mesa de um simpático café de aspecto parisiense.

“Não tens de ir trabalhar?”, perguntou Tomás, depois de terem encomendado dois *bif stroganov* e duas cervejas para o almoço.

“Já telefonei para lá, logo pela manhã, a dizer que precisava de me ausentar por uma semana.”

“E eles não te despedem?”

“Não, há outras raparigas que podem substituir-me.”

O historiador passou a mão pelo cabelo, enchendo-se de coragem para ir um pouco mais longe nas suas perguntas.

“Como é que foste parar ao Night Flight?”

“Oh, através do amigo de um amigo. Sabes como são estas coisas...”

“Eles pagam-te bem para dançares em *top less?”*

“Não me queixo.”

Tomás tamborilou com os dedos na mesa do café.

“E não fazes mais nada?”

“Como assim?”

“Sei lá, costumas ir para a cama com... com os clientes?”

Nadezhda encolheu os ombros.

“Às vezes.”

O português hesitou antes de fazer a pergunta seguinte.

“Eles pagam-te?”

A russa cravou os olhos azuis nos verdes dele e teve dificuldade em reprimir a irritação.

“Nu yo-o-o!”, praguejou. “O que te interessa isso?”

“Nada”, apressou-se ele a dizer, embaraçado. Respirou fundo.

“Quer dizer, interessa-me. Gostava de saber.”

“Para quê?”

“Bem, eu fui para a cama contigo, não fui? Gosto de saber essas coisas.”

“Porventura cobrei-te algum dinheiro?”

“Não, claro que não.”

“Então? Qual é o teu problema?”

“Gostava de saber”, insistiu ele.

Nadezhda afastou os olhos e fitou a luz que jorrava pela entrada do café.

“Sim, pagam.”

Fez-se silêncio.

“Quanto?”

“Trezentos dólares por hora, mil dólares uma noite.” Voltou a encará-lo, os olhos a chisparem. “Satisfeito?”

Tomás mordeu o lábio.

“Porque o fazes?”

A russa encolheu mais uma vez os ombros.

“Pelo dinheiro.”

“Precisas assim tanto de dinheiro?”

“Preciso de dinheiro para viver bem e preciso de dinheiro para os estudos. Não quero andar a lavar pratos.”

“Ai é? Ainda estudas?”

“Claro, na universidade. Estudo de dia e trabalho à noite.”

“E estudas o quê?”

“Climatologia.”

“Hmm... queres ser meteorologista?”

“Sim. Estou no último ano.”

O empregado trouxe as cervejas e o *bif stroganov,* as tiras de carne que começaram a comer com *kasba,* ou trigo-mourisco cozido, e pão escuro. A conversa sobre a vida de Nadezhda tornou o ambiente um pouco pesado e Tomás

sentiu que lhe cabia a si a responsabilidade de aligeirar a atmosfera, afinal fora ele que levara o diálogo para aqueles terrenos pantanosos.

"Como é que conheceste o Filipe?", perguntou quando já ia a meio do prato.

"Na faculdade."

"Aqui em Moscovo? Ele andou aqui na faculdade?"

"Não, ele conhecia cá uns professores e foram eles que o trouxeram."

"Ah, bom. Mas o que veio ele cá fazer?"

"É um projecto especial que ele tem, uma coisa internacional.

Precisava de pessoas para trabalharem no projecto e um professor chamou-me e apresentou-me. Eu tinha acabado de entrar na faculdade e agarrei logo a oportunidade."

"Começaste a trabalhar com o Filipe?"

"Sim, ele mandou-me para a Sibéria durante o Verão."

"Para a Sibéria? Fazer o quê?"

"Umas medições meteorológicas. Era tudo parte do projecto."

"Mas que raio de projecto era esse?"

Nadezhda suspirou.

"Agora não me apetece falar sobre isso." Consultou o relógio.

"B/m, já são quatro horas. É melhor irmos andando."

O português engoliu a cerveja de um só trago e fez um gesto na direcção do empregado, a pedir a conta.

"Ainda não me disseste para onde vamos", observou, enquanto o empregado escrevinhava a soma.

"Yaroslavsky."

"Onde é isso?"

"É uma estação de comboios aqui em Moscovo."

"Vamos apanhar o comboio, é?"

"Da."

O empregado apresentou a conta e Tomás passou-lhe os rublos para a mão.

"Mas qual é o nosso destino?"

Nadezhda tirou da carteira o envelope que o paquete do hotel lhe entregara nessa manhã e abriu-o, exibindo dois bilhetes.

"Ainda vais ter de me pagar mil e trezentos dólares por isto. São lugares de *spalny vagou"* Cheirou os bilhetes, como se fossem perfumados. "Primeira classe."

"Vamos onde?"

"Vamos apanhar o *Rossiya*, número 2, às cinco e um quarto em Yaroslavsky."

"O *Rossio?"*

“O *Rossiya*, número 2. Nunca ouviste falar?”

“Eu não.”

Mal-humorada, Nadezhda meteu os bilhetes de novo no envelope, guardou-o outra vez na carteira, levantou-se e agarrou no saco de viagem, pronta para sair.

“É o *Transiberiano*, idiota.”

XIV

As carruagens azuis e vermelhas do *Transiberiano* iniciaram a marcha às dezassete horas e dezasseis minutos, como anunciado no painel da estação de Yaroslavsky, na mesma altura em que Tomás e Nadezhda se instalavam na sua cabina de luxo, a meio do *spalny vagon.*

Já com o comboio a ganhar velocidade, arrumaram a mala e inspeccionaram o compartimento que lhes fora destinado. Tratava-se de um agradável cubículo de dois lugares, pequeno mas faustosamente decorado, as camas apresentando os lençóis engomados com cuidado e abertos de modo convidativo, a ponta desdobrada sobre o cobertor macio; as almofadas encontravam-se pousadas com o ângulo para cima e a meio havia uma mesinha, colada a uma grande janela, o vidro adornado com um cortinado carmesim. A cabina estava toda forrada a madeira e era mais confortável do que Tomás imaginara. As camas encheram-no até de ideias, na sua mente tornava-se claro que aquele delicioso compartimento se iria transformar num escaldante ninho de amor, mas quando ele, ardendo de desejo, a quis arrastar para os beliches, ela virou o rosto e resistiu.

“Agora não, Tomik”, disse a russa, observando a porta de relance.

“O *provodnik* pode aparecer a qualquer altura.”

“Quem?”

“O *provodnik.* O revisor.”

Não foi o *provodnik* que apareceu pouco depois para verificar os bilhetes, mas uma *provodnitsa* de meia-idade e ar cansado. A mulher entregou-lhes as toalhas em sacos de plástico selados, recebeu uma pequena gratificação e, antes de se despedir, disse que, em caso de necessidade, poderia ser encontrada no compartimento na frente do comboio, e prometeu manter o vagão limpo durante toda a viagem.

Quando ficaram a sós, os dois passageiros decidiram vistoriar a carruagem. Percorreram o corredor e verificaram que metade das cabinas do *spalny vagon* se encontravam ocupadas. Os passageiros da primeira classe eram quase todos turistas; havia alguns ocidentais espalhados pela dezena de cabinas da carruagem, mas a maior parte dos viajantes eram asiáticos.

“Japoneses”, esclareceu Nadezhda. “Vão para Vladivos-toque.”

Os quartos de banho encontravam-se ao fundo do corredor, um em cada ponta, e pareceram-lhes asseados; dispunham de uma retrete e um bacio em alumínio. Ali perto encontraram um samovar de onde jorrava água a escaldar para o chá ou o café.

Saltaram para a carruagem seguinte e depararam com um *snack-bar,* mas a comida exibida no balcão, umas sanduíches sebentas e uns fritos de aspecto duvidoso a que se juntavam umas sopas aguadas, suscitaram em ambos um esgar de repulsa.

"Isto vai ser duro", constatou ele sombriamente.

Saíram daquele vagão com pouca vontade de se aventurarem pelos dúbios labirintos da oleosa gastronomia ferroviária. Preferiram explorar o resto do *Transiberiano* e passaram pelas carruagens da *Cupe,* a segunda classe, antes de regressarem à sua cabina.

Ao fim de três horas de viagem, uma voz soou em russo por toda a carruagem. Acto contínuo, o comboio começou a abrandar.

"O que aconteceu?", perguntou Tomás.

"Estamos a aproximar-nos de Vladimir", explicou Nadezhda.

"Tens aí dinheiro, não tens?"

O historiador abriu a carteira e passou-lhe algumas centenas de rublos para as mãos.

"Para que precisas do dinheiro?"

"Gostaste da comida que viste ali no vagão-restaurante?"

Tomás reagiu com uma careta.

"Agh!", grunhiu. "Não."

Ela levantou-se e inclinou-se para observar as luzes lá fora.

"Vamos parar aqui durante vinte minutos", explicou. "É tempo mais que suficiente para irmos lá fora comprar qualquer coisa para o jantar."

Passava das oito da noite e fazia frio na gare de Vladimir.

Dirigiram-se a uma banca de comida ocupada por uma velha *babushka* e compraram umas espetadas de *shashlyk* e uns *pirozhki* de fabrico caseiro, os pastéis salgados com aparência muito suculenta, mais uns biscoitos *khvorost* para a sobremesa e duas cervejas *Baltika.* Quando se preparavam para regressar ao *spalny vagon* com a comida envolta em sacos de plástico ouviram uma conversa exaltada na plataforma. Olharam e viram três homens fardados a discutir com um viajante japonês, inspeccionando-lhe os documentos e analisando a máquina fotográfica que ele trazia pendurada ao pescoço. De alguma coisa os polícias pareceram não ter gostado porque, instantes depois, puxaram o turista pelo braço e escoltaram-no para o interior da gare.

"O que aconteceu?", quis saber o português.

"Ele vai ter de pagar uma multa."

"Ah, é? Porquê?"

"Tirou fotografias ali a uma carruagem velha onde vivem uns vagabundos."

"E então?"

Nadezhda pôs o pé no degrau e subiu para o interior do vagão.

"A polícia não gosta disso", disse com indiferença. "Dá má imagem do país."

Comeram na cabina, a mesinha posta como se estivessem em casa; aquele compartimento, luxuoso como um hotel, tornara-se, na verdade, o seu lar. Quando terminaram a refeição, Nadezhda ficou a arrumar as coisas enquanto Tomás foi ao samovar buscar água quente para o chá. Era uma estranha forma de ambos terem uma espécie de vida doméstica.

Nessa noite, aninhados entre os lençóis de um único beliche, fizeram amor com os sentidos bem despertos. O comboio ondulava ao seu próprio ritmo, cata-cata-cata, o som das rodas metálicas a dobrar as junções num compasso interminável; a essa ondulação de aços juntava-se a cadência faminta da carne, os dois corpos dançando como um, um, um e um apenas, unidos já não na volúpia da descoberta, mas no conforto da familiaridade. Tocavam-se e não estranhavam o toque; pelo contrário, sentiam agora que se conheciam, como se o corpo do outro sempre tivesse sido seu.

Nadezhda, a mulher pública de Moscovo, era nesse instante a mulher privada de Tomás; pertencia a todos, mas naquela noite entregara-se unicamente a ele.

O beliche não parava de balouçar sob a cadência monótona do *Transiberiano* na sua corrida nocturna pelas estepes. Os dois amantes repousavam nos braços um do outro, entregues a uma modorra deleitosa, os corpos saciados, as pálpebras entreabertas, os sentidos entorpecidos. Nadezhda pôs o braço em torno da cabeça de Tomás, passou os dedos delgados pelo cabelo castanho-escuro e puxou-o para si, carinhosa, de modo a colar-lhe os lábios ao ouvido.

"Em que pensas tu, Tomik?", murmurou, ronronando como uma gata.

"Em nada."

"Mentiroso. Conta."

"Nada de especial."

"Conta."

Tomás respirou fundo e sorriu.

"Estava a pensar na nossa conversa ao almoço, quando me revelaste como conheceste o Filipe."

"Ah, isso."

O português soergueu-se do beliche, apoiando o corpo no cotovelo.

"Ainda não me disseste qual foi o projecto que trouxe o Filipe aqui à Rússia."

"Se calhar é melhor ser ele a dizer-te."

"Desculpa lá, Nadia, mas tens de me contar. Já me abriste o apetite para essa história e não me podes deixar assim pendurado, não achas?" Olhou pela janela e viu tudo escuro. "Além do mais, temos muito tempo à nossa frente, precisamos

de o preencher.” Fez um gesto rápido com a mão. “Portanto, vamos lá. Desembucha.”

“O que queres tu saber?”

“Tudo.”

Nadezhda riu-se.

“Mas eu não sei tudo.”

“Então conta-me o que sabes.”

“Sei que um dos meus professores, o velho Oleg Karatayev, me chamou um dia ao gabinete e me apresentou um amigo de Portugal.

Era o Filhka.”

“Que te queria recrutar, não é?”

“Sim. O Filhka disseme que fazia parte de uma equipa internacional e que precisava de conduzir uns estudos na Sibéria. O

grupo que ele representava pretendia contratar um estudante para fazer esses estudos e o professor Karatayev, que tinha um fraquinho por mim, sugeriu o meu nome. O Filhka veio conhecer-me e perguntou se eu estava interessada.”

“E tu?”

“Eu respondi que sim, claro. Aquilo parecia-me uma forma de entrar na profissão. Além do mais, precisava do dinheiro, não é verdade?”

“Ainda não andavas no Night Flight?”

A russa desviou os olhos, desagradada pela referência àquela parte da sua vida.

“Naquele tempo eu trabalhava noutro *night club*, o Tsunami, que funciona ali na Petrovka Ulitsa. Fazia um número de sereias numa piscina, parece que aquilo excitava os homens.” Rolou os olhos. “Foi lá que conheci o Igor Beskhlebov, o mafioso que te mostrei ontem no Night Flight.”

“O das três miúdas?”

“Sim, esse cabrão. Quando comecei a trabalhar para ele, levou-me para o Rasputin, outro clube nocturno. Foi para me ver livre dele que depois fui para o Night Flight.”

“Estou a perceber”, disse Tomás, que na verdade não estava a perceber nada. Além do mais, a conversa desviava-se do essencial e ele, por muito interessado que estivesse na vida da russa, e estava, sentiu que tinha de corrigir o rumo. “Portanto, o Filipe contratou-te para ires para a Sibéria, não é?”

“Sim, fui no Verão para a zona da tundra. Começaram a chegar notícias perturbadoras daquela região e o Filhka precisava de mim para fazer uma série de medições.”

“Notícias perturbadoras? O que queres dizer com isso?”

Nadezhda fez uma careta indecisa.

“Não sei se te deva contar isto, Tomik”, disse. “Se calhar é melhor falares primeiro com o Filhka.”

“Deixa-te de disparates, o Filipe não está aqui.”

“Por isso mesmo. Era melhor ser ele a contar-te.”

“Ouve, Nadia. Só daqui a algum tempo é que vamos encontrar-nos com o Filipe. Para quê todas essas hesitações? Se não me contares agora, ele conta-me mais tarde. Parece-me vantajoso chegar ao pé dele com o trabalho de casa já feito, não achas? Sempre poupamos tempo, eu e ele. Além do mais, vamo-nos entretendo à conversa.”

“Hmm.”

“Anda, diz lá”, insistiu Tomás. “Que notícias perturbadoras eram essas?”

A russa suspirou.

“Está bem, eu conto-te”, rendeu-se Nadezhda. “O que se passou foi que começaram nessa altura a correr informações de que o solo tinha aparecido por baixo da tundra.”

“O solo? Qual solo?”

“A terra.”

“A terra apareceu por baixo da tundra? E depois?”

Nadezhda mirou-o com uma expressão interrogativa.

“Olha lá, tu sabes o que é a tundra?”

“Bem... não.”

“Nota-se”, exclamou ela com sarcasmo. “A tundra é o 'terreno mais inóspito que existe na Sibéria. Cobre todo o tírculo polar árctico e está congelada. Há pontos onde se 'acumulam mais de mil metros de espessura de gelo, e no topo, ;ao longo da superfície, estende-se um fino tapete de relva “onde crescem muito poucas árvores. São quilómetros e 'quilómetros assim, sempre com a terra congelada.”

“E estás a dizer que a terra apareceu debaixo da tundra?”

“Sim. No Verão.”

Tomás olhou para Nadezhda com uma expressão vazia, 'sem perceber onde ela queria chegar.

“O gelo da tundra derreteu-se no Verão e a terra apareceu.”

'Curvou a boca. “E então? O que tem isso de tão especial?”

A rapariga inclinou a cabeça.

“Tomik, aquilo era a tundra.” Inclinou-se na sua direcção, Ipara enfatizar o que estava a dizer. “A tundra.”

“Sim, e então?”

“A tundra está sempre gelada. E por se encontrar permanentemente congelado que este tipo de terreno é designado por *1vétcbnaya merzlotá.*

Congelação eterna. Os ingleses dizem *Ipermafrost.”* Arregalou os olhos azuis. “Ora há milénios que a 1 terra por baixo da *vétcbnaya merzlotá* não via a luz do Sol.”

“Há quanto tempo?”

“Milénios.”

Tomás afagou o queixo, pensativo.

“Isso é realmente muito tempo”, concordou. “E o que ′< aconteceu para essa terra aparecer agora? Há actividade vulcânica naquela zona?”

“Não é isso, Tomik. Não foi a terra que subiu, foi o gelo 5sobre ela que derreteu, percebes?”

“O gelo derreteu? Porquê?”

“Porque as temperaturas aumentaram”, exclamou ela como quem expõe uma evidência. “Desde a década de 1970 que as temperaturas médias na Sibéria subiram cinco graus.” Repetiu o valor, quase soletrando. “Cinco graus.”

“E então?”

“A tundra começou a derreter. O gelo recuou três por cento no Árctico e abriu um canal de água líquida na costa norte da Sibéria, que antigamente se encontrava permanentemente gelada. A tundra desapareceu e, em seu lugar, emergiu o solo.” Baixou o tom de voz, tornando-o sombrio. “O problema é que esse solo é escuro.”

“O que tem isso de especial?”

“Tomik, pensa um pouco. Antigamente, quando o Verão chegava, os raios de Sol embatiam na neve e o calor era reflectido para o espaço. Mas agora esses raios já não encontram o espelho de neve que reflecte o calor, mas terra escura, que o absorve.”

“Estou a ver.”

“O efeito é de bola de neve. O calor fica retido na terra escura da Sibéria e faz aumentar a temperatura, o que acelera o derretimento do resto da tundra, expondo mais terra escura que provoca mais derretimento, e assim por diante. A Sibéria entrou num ciclo vicioso de aquecimento que vai destruir todo o gelo do circulo polar árctico.”

“Bem, há-de certamente sobrar o gelo do Pólo Norte.”

“Tomik, pelas nossas contas não haverá gelo permanente no Pólo Norte em 2030, talvez mais cedo.”

Tomás contraiu o rosto numa careta incrédula.

“Não acredito. Todo aquele gelo não derrete assim sem mais nem menos.”

“Ai não? Então deixa-me contar-te uma história. Durante a Guerra Fria sempre se pensou que o Árctico seria um dos palcos de batalha se o conflito aquecesse, o que nos levou, a nós e aos Americanos, a encher de submarinos

nucleares as águas por baixo do gelo. A ideia era, em caso de guerra, os submarinos subirem rapidamente para a superfície e lançarem os mísseis contra o inimigo.

De modo a detectarem os pontos mais adequados para emergirem e se posicionarem, esses submarinos passaram toda a Guerra Fria a medir a espessura da camada de gelo do Árctico. Sabes o que descobriram?" Ergueu o polegar e o indicador e aproximou-os. "Entre a década de 1960 e a década de 1990, essa camada tornou-se quarenta por cento mais fina." Arregalou os olhos, enfatizando o número.

"Quarenta por cento, Tomik."

"A sério?"

"Foi por isso que o Filhka me contratou. Para medir o recuo da tundra. As medições foram feitas e os resultados são conclusivos.

Daqui a alguns anos, se fores ao Pólo Norte no Verão, o que julgas que vais lá encontrar?"

"Ursos?"

Nadezhda suspirou.

"Água e só água."

XV

A luz do Sol penetrou pelo cortinado e acordou Tomás.

Estremunhado, consultou o relógio e verificou que era ainda madrugada. Olhou para a janela, tão surpreendido com a claridade diurna que a mente despertou por completo. Sol a esta hora?

Considerando que o Verão já chegara, isso só podia significar que o comboio se deslocara para norte durante a noite, o que o deixou curioso.

Sentiu a respiração pesada de Nadezhda sobre o pescoço e moveu-se com muito cuidado, de modo a não a acordar. Deslizou para fora do beliche, vestiu-se e correu a porta do compartimento para ir ao quarto de banho, sempre com gestos silenciosos. O

Transiberiano parecia um comboio-fantasma, o corredor do vagão da primeira classe deserto àquela hora matinal. Nem a *provodnitsa* dava sinais de vida. Quando regressou, sentou-se à janela e afastou ligeiramente o cortinado, espreitando lá para fora.

Uma planície colorida estendia-se até onde a vista alcançava, os verdes e amarelos da taiga a misturarem-se com os azuis cristalinos dos lagos e riachos que cruzavam a floresta de pinheiros, de larícios, de abetos. Aqui e ali descobria-se uma casota de madeira, um estábulo ou um palheiro, ou então a desolação industrial de fábricas abandonadas, as paredes sujas, os metais enferrujados, as chaminés negras. Depressa reapareciam, porém, as aldeias pitorescas; viam-se animais a pastar em grandes prados ou apenas o dédalo de coníferas a estender-se pelo horizonte, as copas aguçadas retalhando o azul profundo do céu limpo. Por vezes vinham nuvens cinzentas que descarregavam água, mas era apenas por breves momentos; logo o sol voltava, mais brilhante ainda se possível, o reflexo da luz límpida a refulgir nas folhas molhadas como o cintilar encandeante das pedras preciosas.

"Dobroye utro, Tomik", soou uma voz sonolenta, dando os bons dias.

Tomás desviou a atenção da paisagem.

"Olá, princesa." Ergueu-se e foi beijar a russa, que o espreitava do beliche, a cabeça envolta no cobertor quente, os cabelos cor de cobre espalhados pela almofada, as pálpebras ainda entreabertas. "Já acordaste?"

"Estendi a mão e vi que tinhas desaparecido", murmurou num queixume, simulando um beicinho. "O que estás a fazer aí?"

O português voltou para junto da janela e correu a cortina, revelando a paisagem.

“Estava a apreciar o campo”, disse ele. “Sabes onde estamos?”

Nadezhda esticou a cabeça e, abrindo os olhos a custo, observou o panorama. Sentia-se ainda a despertar, a mente lenta e preguiçosa, e levou alguns instantes a reconhecer aquelas paragens.

“Já passámos as estepes”, constatou. “Isso significa que o Volga ficou para trás.” Reflectiu mais um instante. “Devemos estar na região do Viátka.”

“É bonita.”

Ela enroscou-se ainda mais nos cobertores.

“Mas tem cuidado, Tomik”, avisou, a voz rouca de sono. “Não vejas de mais, pode ser perigoso.”

“Perigoso? Porquê?”

“Isto é o sector de Kirov.” Estreitou os olhos, adoptando um tom de secretismo. “Área militar.” Fez uma pausa, para melhor efeito.

“Toda esta zona esteve fechada aos visitantes durante muitos anos e ainda hoje é algo sensível.”

Tomás olhou furtivamente para a porta da cabina, como se receasse a entrada de alguém.

“Estás a falar a sério?”

A russa riu-se.

“Estou”, disse. “Mas não te preocupes, Tomik. Estamos no *Transiberiano* e ninguém nos vai incomodar.”

Ainda inquieto, Tomás observou de relance a paisagem.

“Depois do que vi naquela estação, quando fomos comprar o jantar, já nada me admira.” Desinteressou-se da paisagem e passou a mão pelo estômago. “Olha lá, não tens fome?”

“Queres comer?”

“Bem, sempre temos de tomar o pequeno-almoço...”

Nadezhda sentou-se no beliche e espreguiçou-se, destapando o tronco. Os olhos de Tomás desviaram-se, quase sem querer, para os seios nus, cheios e atrevidos, os mamilos grandes e rosados a arrebitarem como chupetas. A russa notou-lhe o olhar guloso e, depois de um longo bocejo, sorriu.

“Não sei bem qual o género de pequeno-almoço que tens em mente”, observou, maliciosa. “Mas eu cá quero comidinha quente.

Vamos ao vagão-restaurante?”

“O quê? Aquela porcaria? Não é melhor esperarmos pela próxima paragem e irmos lá fora comprar alguma coisa, como fizemos ontem?”

“Estás louco, Tomik? A próxima paragem é Ekaterinburg.”

“E então?”

“Nós só vamos chegar a Ekaterinburg lá pelo final da tarde.”

O português endireitou-se, surpreendido.

“Tanto tempo?”

“Sim, o *Transiberiano* não vai parar até lá.”

Tomás considerou as opções. Não eram nenhumas; ou melhor, havia duas: ou passava fome ou se submetia à ementa do vagão-restaurante. O estômago ditou-lhe a decisão final.

“Vamos lá ao restaurante.”

Eram ainda seis da manhã e quase tiveram de arrancar o mal-humorado cozinheiro da cama. Instalaram-se junto a uma das janelas do vagão-restaurante e encomendaram umas panquecas *blini*, compota, pão e torradas, ele a regar o pequeno-almoço com um ácido *sok* de laranja, ela com uma chávena de leite quente. O vagão ia vazio, o que não era de estranhar àquela hora matinal; os restantes passageiros dormiam ainda ao longo de toda a composição.

Sentindo-se confortáveis, deixaram-se ficar colados à janela, preguiçosos e folgados, a gozar o sol baixo de sudeste; era fraco, mas sempre amornava a pele.

“Então?”, provocou ela. “Gostaste da nossa brincadeira ontem à noite?”

“Gostei tanto que estava capaz de repetir.”

Nadezhda riu-se.

“Não perdes uma oportunidade, hem?” Bebeu um golo de leite.

“E dormiste bem?”

“Tive dificuldade em adormecer.”

“Ah, sim? Porquê?”

Tomás encolheu os ombros.

“Sei lá.” Coçou o queixo, meditativo. “Fiquei a pensar naquilo que me contaste ontem.”

“A minha pesquisa na Sibéria?”

“Sim.”

“O que tem ela de especial?”

“Não sei... há algo de estranho nisso tudo.”

“Estranho? O que é estranho?”

Tomás respirou fundo, decidido a tirar as suas dúvidas a limpo.

“Olha, a questão é esta”, disse, as palavras mais firmes, o tom determinado. “Por que razão estava o Filipe interessado nesse assunto?”

“Era por causa do estudo internacional em que ele se encontrava envolvido. O que tem isso de estranho?”

“Mas que estudo era esse?”

“Ele não me explicou bem”, admitiu a russa. “Mas o que eu percebi é que o Filhka e outros cientistas queriam medir as mudanças climáticas e prever a sua evolução. Foi por isso que ele me contratou.

Como eu estava a tirar Climatologia na faculdade, suponho que me encontrava na posição ideal para participar nesse estudo."

Tomás torceu a boca, intrigado.

"Mas isso não faz muito sentido", exclamou.

"O que não faz sentido?"

"O Filipe estar envolvido num estudo desses." Abanou a cabeça.

"Não faz sentido."

"Porquê?"

"Porque essa área não tem qualquer relação com os seus interesses profissionais. O Filipe é um geólogo consultor da indústria energética, não um climatologista."

"Desculpa, Tomik, mas a ligação parece-me óbvia."

"Óbvia? Em quê?"

A russa fez um ar impaciente, olhando-o como uma professora olha para um aluno que não sabe a matéria mais elementar.

"Tu fazes ideia do que se está a passar com o clima do nosso planeta?"

"Bem, sei o que os jornais dizem."

"E o que dizem os jornais?"

"A temperatura está a subir."

Nadezhda apontou para cima, como se indicasse uma direcção.

"Está a disparar", exclamou. "Num século já trepou um grau e meio."

O historiador esboçou uma careta céptica.

"Chamas *disparar* a uma mera subida de um grau e meio? Não achas que estás a exagerar um bocadinho?"

"Blin!", praguejou ela. "Um grau e meio é muito, o que pensas tu? Tens alguma noção de qual a diferença de temperatura média entre a última era glaciar e agora?"

"Sei lá."

"Manda um número."

"Uns dez ou vinte graus, acho eu."

A russa abanou a cabeça e os lábios espessos curvaram-se num sorriso sem humor.

"Cinco graus", disse. "Cinco." Inclinou-se para a frente. "Sabes o que isso quer dizer? Basta baixarmos cinco miseráveis graus para o planeta ficar congelado. Agora imagina o que acontecerá se, pelo contrário, subirmos cinco graus..."

"Assamos?", riu-se Tomás.

"Tomik, isto não é para brincar!", protestou ela. "Se a temperatura média do planeta subir cinco graus, e vai subir, podes ter a certeza de que haverá regiões

que se tornarão inabitáveis, sem dúvida nenhuma. Olha, só para que saibas, lembra-te disto: desde que em 1850 se começaram a fazer registos das temperaturas, onze dos doze anos mais quentes de que há memória ocorreram depois de 1995. As consequências da continuação desta tendência são catastróficas. Para começar, o nível do mar irá subir, o que, como deves calcular, se revelará desastroso."

"Sim", concordou Tomás, considerando o problema. "Se o gelo dos pólos derreter, o nível do mar irá subir, isso é evidente. O

problema é saber quanto."

"Olha, bastam cinquenta centímetros para engolir toda a Polinésia."

O historiador encolheu os ombros.

"E chato para os Polinésios", concedeu. "Mas cinquenta centímetros não me parecem nada de dramático para o resto do mundo."

"Cinquenta centímetros bastam para submergir parte da costa do teu país", disse ela, apontando-lhe o dedo. "Desde o início do século xx, e por causa do aquecimento global, o nível do mar já subiu dezassete centímetros. Mas o problema é que irá subir mais do que isso."

"Quanto?"

"A informação paleoclimática é muito clara. A última vez que as regiões polares estiveram consistentemente mais quentes do que agora foi há cento e vinte e cinco mil anos, quando as temperaturas eram uns três graus Celsius mais altas do que agora, devido a diferenças na órbita da Terra. Nessa altura, o gelo polar retrocedeu e o nível das águas subiu em todo o planeta entre quatro e seis metros."

"Quanto?", admirou-se Tomás. "Seis metros?"

"Sim", confirmou ela. "E na altura o gelo não derreteu todo. Se vier a derreter, calcula-se que a subida atingirá os sete metros", estimou, erguendo a mão com a palma para baixo, como se mostrasse assim o nível da água a subir. "Serão engolidas muitas ilhas e parte da costa de todos os continentes."

"Mas há assim tanta água congelada nos pólos que faça o nível do mar subir sete metros?"

"Claro que há. A Antárctida, por exemplo, é um continente inteiro cheio de gelo, por vezes com espessura superior a quatro quilómetros. Se todo esse gelo derreter, vai ser uma chatice. E depois há ainda a Gronelândia."

O historiador dobrou os lábios enquanto ponderava o problema.

"Pois é", assentiu ele. "Isso é complicado."

"E o pior é que o problema mais grave não está no gelo dos pólos. Se o derretimento desse gelo contribuir para a subida das águas em sete metros, há ainda a considerar uma maior subida do nível do mar devido a um outro

fenómeno.”

“O nível do mar vai subir mais do que sete metros?”

“Claro.”

“Mas porquê?”

“Por causa de uma lei da física”, disse ela. “Nunca ouviste dizer que o calor dilata os corpos?”

“Sim, no liceu.”

“Pois será isso o que vai acontecer. As medições efectuadas desde 1961 mostram que a temperatura média global dos oceanos já aumentou até profundidades de três mil metros e que a maior parte do calor do planeta está a ser absorvida pelo mar.”

“E então?”

“O problema é que o aumento do calor irá dilatar toda a água existente no planeta. A dilatação será imperceptível num metro cúbico de água, mas garanto-te que se vai notar quando estivermos a falar dos triliões de metros cúbicos de toda a água dos oceanos. E

será justamente essa dilatação acumulada que fará o nível das águas do mar subir mais de sete metros.”

“Quão mais? Oito metros? Nove?”

“Eu dissete que, segundo a análise paleoclimática, a subida do nível do mar atingirá os seis metros caso o aumento das temperaturas globais chegue aos três graus, não é? Mas no plioceno, quando o clima também era três graus mais quente do que agora, essa subida chegou aos vinte e cinco metros.”

“O quê?”

“Tomik, os cálculos actuais apontam para um aquecimento entre um e seis graus este século, provavelmente mais perto dos seis. Isto significa um Verão permanente por toda a parte, com grandes pedaços de terra invadidos pelo mar, os continentes quase reduzidos a ilhas, as regiões tropicais transformadas em desertos, secas cada vez mais graves, tempestades crescentemente violentas, incêndios florestais generalizados, erosão dos solos, alteração dos ciclos climáticos, destruição de colheitas e o alastrar das doenças tropicais.

A malária, por exemplo, vai espalhar-se pela Europa, e o mesmo acontecerá com outras pragas até agora só conhecidas no Terceiro Mundo.”

“Porra!”

“E sabes por que razão tudo isso está iminente?”

“Sim, os jornais e as televisões falam nisso”, disse ele. “Por causa dos fumos da poluição.”

Nadezhda fez que não com a cabeça.

“Resposta errada.”

Tomás esboçou um ar muito admirado.

“Não é a poluição?”

“Depende do que entendes por poluição.”

“Poluição é todo o fumo que sai dos tubos de escape e das chaminés, suponho eu.”

“Pois ficas a saber que esses fumos travam o aquecimento.”

“Desculpa, mas estás enganada. Ainda no outro dia li uma notícia a dizer que o aquecimento global é provocado pelo fumo dos automóveis e das fábricas.”

“Estás a fazer confusão entre as duas coisas”, esclareceu ela.

“Mas isso é normal, muita gente mistura tudo.”

“Não estou a entender.”

“Ao contrário do que se pensa, o fumo dos tubos de escape e das chaminés das fábricas não provoca o aquecimento do planeta. É até o oposto. Há estudos que mostram que essa poluição faz baixar a temperatura.”

Tomás meneou a cabeça, recusando-se a aceitar aquela afirmação.

“Desculpa lá, Nadia, mas isso não faz sentido nenhum. Sempre ouvi dizer que os fumos provocavam o aquecimento global.”

Nadezhda suspirou.

“Não é bem assim”, insistiu ela. “O que provoca o aquecimento do planeta não é o fumo. É a queima dos combustíveis fósseis.”

Tomás curvou a boca e o rosto exibiu uma expressão vazia.

“Não é tudo a mesma coisa?”

“Ouve, Tomik”, disse ela, tentando reordenar os seus pensamentos. “Quando se queima combustível no motor de um automóvel ou na chaminé de uma central térmica, são libertadas três coisas: energia, dióxido de carbono e aerossóis. A energia é o objectivo do exercício, uma vez que é para a obter que se queimam os combustíveis fósseis.” Fez um gesto rápido com a mão, como se sacudisse qualquer coisa. “Tudo o resto são consequências indesejáveis. O dióxido de carbono é o que desencadeia o aumento da temperatura, dado que se trata de um composto que, ao ser libertado para a atmosfera, permite a entrada do calor do Sol, mas não o deixa sair, transformando assim o planeta numa estufa gigantesca. Os aerossóis, por seu turno, provocam a poluição do ar, que, curiosamente, tem um efeito oposto ao do dióxido de carbono. A libertação de aerossóis levou ao aparecimento nas grandes cidades de nuvens de *smog*, as quais começaram a funcionar como um gigantesco espelho, reflectindo os raios solares para o espaço, o que produzia um efeito de arrefecimento que compensava o aquecimento provocado pelo dióxido de carbono. Estás a perceber?”

“Mais ou menos”, retorquiu ele, vacilante. “Trocado por miúdos, o que estás

a querer dizer é que o dióxido de carbono aumenta a temperatura, mas os aerossóis diminuem. É isso?"

"É isso. Acontece que, como a poluição aumentou imenso e tornou o ar das grandes cidades irrespirável, foram introduzidas na década de 1980 alterações técnicas que reduziram a emissão de aerossóis. Ora, ao contrário do dióxido de carbono, que perdura na atmosfera durante séculos, os aerossóis só se mantêm por algumas semanas. Com a redução da sua emissão, pararam as chuvas ácidas e o ar tornou-se mais puro, mas o problema é que o efeito de arrefecimento provocado pelos aerossóis desapareceu, enquanto o efeito de aquecimento do dióxido de carbono se manteve. Conclusão: sem o travão do arrefecimento gerado pelo *smog*, as temperaturas dispararam desde 1980."

Tomás coçou a cabeça.

"Estou a perceber." Olhou-a como quem teve uma ideia, mas sem a certeza de que fosse boa. "Isso significa que o aquecimento global tem uma solução fácil, não é?"

"Qual?"

"Reintroduzam-se os aerossóis."

Nadezhda fez uma careta.

"Não serve. Seria trocar uma morte por outra. Em vez de morrermos assados, morreríamos asfixiados."

O historiador considerou essa perspectiva.

"Pois, não é grande negócio, não", concordou. "Nesse caso, só nos resta parar com a emissão de dióxido de carbono."

"É lógico."

"E é possível parar?"

"Em teoria, sim. Basta deixarmos de queimar combustíveis fósseis. Mas, na prática, as coisas são bem mais complicadas. Os combustíveis fósseis constituem a fonte energética na qual assenta a economia mundial e o que se está a verificar não é um abrandamento na emissão de dióxido de carbono, mas uma aceleração."

"Porquê? Ninguém vê o que se está a passar?"

"Os países em vias de desenvolvimento recusam-se a parar a emissão de dióxido de carbono, uma vez que precisam dos combustíveis fósseis para desenvolverem as suas economias. O caso mais preocupante é o da China, onde o automóvel está a substituir a bicicleta como principal meio de transporte." Fez uma pausa, de modo a sublinhar o que ia dizer. "Tomik, na China há muita gente."

Arregalou os olhos. "Já viste toda aquela população a andar de automóvel?"

Tomás absorveu a ideia.

“Pois, é um grande problema, é.”

“E o que está em causa não são apenas os automóveis. O pior é que os Chineses decidiram assentar a sua infra-estru-tura energética no carvão, que emite muito mais dióxido de carbono do que o petróleo. Eles planearam construir mais de trezentas novas centrais a carvão até 2020. É uma catástrofe. Segundo os nossos cálculos, nesse ano a China será o maior aquecedor de todo o planeta.”

“Então isto não vai parar!”

“Pois, parece que não.”

A russa pegou numa caneta e escreveu três letras sobre a toalha de papel posta na mesa.

“Sabes o que é isto?”

“Não.”

“São as iniciais de *partes por milhão* em volume, ou ppm. É uma forma de medir o dióxido de carbono na atmosfera. Estabelece a relação entre o número de moléculas de gás com efeito de estufa e o número total de moléculas de ar seco. Por exemplo, 200 ppm significa que há duzentas moléculas de gás com efeito de estufa em cada milhão de moléculas de ar seco.”

“Muito bem. E então?”

“O nosso planeta teve, nos seus primórdios, uma atmosfera repleta de dióxido de carbono, como Vénus, o que impossibilitava o aparecimento de vida animal em terra. Acontece que o mar e as plantas são absorventes naturais do dióxido de carbono, pelo que ambos começaram a actuar e, ao longo de milhões de anos, fizeram diminuir o dióxido de carbono na atmosfera. Os estudos paleoclimáticos mostram que o dióxido de carbono é responsável por metade das alterações térmicas do passado. Quando havia muito dióxido de carbono na atmosfera, a temperatura tendia a subir.

Quando diminuía, a temperatura tendia a baixar. Ora há quinhentos anos o dióxido de carbono atingiu o mínimo de 270 ppm. Mas a expansão da presença humana, com a consequente destruição das florestas e a queima de lenha, a que se acrescentou depois a queima de carvão e de petróleo para obtenção de energia, fez aumentar o dióxido de carbono até aos 380 ppm actuais.”

“Isso é muito?”

“É só o valor mais alto dos últimos seiscentos e cinquenta mil anos.”

“Caramba. E dizes tu que continua a crescer?”

“Continua, e muito! Se solidificássemos todo o dióxido de carbono que lançamos anualmente para a atmosfera, criaríamos uma montanha com dois quilómetros de altura. Uma montanha por ano, Tomik.” Suspirou. “Mas o pior vai acontecer quando um dia cruzarmos o valor crítico.”

“Qual valor crítico?”

“Os 550 ppm.” Abriu os braços, como se abraçasse um grande objecto. “Imagina que estás no topo de uma montanha e começas a empurrar uma grande pedra, primeiro com pouca força, mas aumentando-a gradualmente. De início a pedra não se mexe, não é?

Mas, quando a força com que a empurras cruzar um valor crítico, a pedra começa a mexer. Primeiro devagar, até que ganha uma dinâmica própria e já nem precisa de ser empurrada para rolar pela encosta abaixo, provocar uma avalanche e destruir uma aldeia lá ao fundo do vale.” Estreitou os olhos. “Repara, foi ao cruzar um valor crítico de força que consegui fazer mexer a pedra. Depois a catástrofe ocorreu já sem a minha ajuda.” Bateu com o dedo na mesa. “É disto que estou a falar. A medida que lançamos carbono para a atmosfera estamos a empurrar o clima no sentido de se cruzar um valor crítico.

A maior parte dos cientistas acha que o valor crítico são os 550 ppm de carbono. Quando cruzarmos esse valor, assamos.”

“Temos actualmente 380 ppm, não é?”, constatou Tomás. “Isso significa que ainda estamos longe dos 550 ppm.” Encolheu os ombros. “Temos ainda tempo mais do que suficiente para parar antes de atingirmos esse valor.”

“Receio que não seja assim tão simples.”

“Então?”

“Em primeiro lugar, ninguém sabe ao certo qual o valor crítico.

Há quem pense que já o cruzámos e que a catástrofe é agora inevitável e há quem ache que o limiar crítico está nos 400 ou nos 450 ppm, embora o consenso científico aponte de facto para os 550

ppm. Mas, mesmo que o valor crítico seja este, temos de nos lembrar de que o efeito é cumulativo. Se, graças a um qualquer milagre, conseguíssemos parar já hoje a emissão de dióxido de carbono, mesmo assim a sua concentração atmosférica iria continuar durante um milénio, uma vez que esse é o tempo que o mar e as plantas demoram a reabsorver esta quantidade do composto.”

O rosto de Tomás contraiu-se numa expressão de espanto.

“Quanto?”

“Um milénio.”

“Porra.”

“Repara que, como o efeito é cumulativo, estamos a sentir agora a concentração gerada nos últimos cinquenta anos. A actual concentração será sentida nos próximos anos. Se parássemos hoje a emissão de dióxido de carbono, ainda assim a concentração prosseguiria à média de um e meio ppm por ano, até atingir os 450

ppm em 2100.” Ergueu o indicador, em advertência. “Isso se parássemos

hoje.”

“Estou a ver.”

“O pior é que não conseguimos parar hoje. A China está a industrializar-se e a índia também, e esses dois países precisam dos combustíveis fósseis para o seu desenvolvimento. Por outro lado, os grandes produtores mundiais de dióxido de carbono, os Estados Unidos e a Europa, habituaram-se aos confortos proporcionados pela actual economia energética e não a dispensam, uma vez que têm de assegurar a continuação do seu crescimento económico. E há ainda a nossa Santa Rússia, o segundo maior produtor do mundo de dióxido de carbono, com os seus graves problemas de poluição e com a sua tecnologia obsoleta, que continuará a emitir este composto como quem produz pãezinhos. Tudo isto somado, sabes no que resulta?”

“Em mais calor.”

“Em muito mais calor”, reforçou ela, acentuando o *muito.* “Os estudos paleoclimáticos mostram que no plioceno, quando os níveis de dióxido de carbono andavam pelos actuais 380 ppm, a temperatura do planeta era mais quente quase três graus. Mas, como a tendência mundial é de aceleração nas emissões de dióxido de carbono, temos que nos preparar para algo de muito mais grave. Ao actual ritmo, a concentração atmosférica deste composto atingirá os 1100 ppm em 2100.”

“Meu Deus!”

“Os modelos climáticos consideram imperativo que estabilizemos a situação nos 450 ppm. Isso traria um aquecimento moderado, com alguma linha de costa submersa pelo mar, um aumento da desertificação, uma intensificação da violência das tempestades e mais incêndios florestais, mas nada de demasiado sério. Poderíamos sobreviver. O problema é que os 450 ppm já não são possíveis, uma vez que só as nossas actuais emissões vão cumulativamente elevar a concentração de dióxido de carbono até esse valor em 2100. Ora, como às actuais emissões temos ainda de acrescentar as futuras, eu diria que a situação já está descontrolada.”

Tomás mordeu o lábio, angustiado.

“E de que maneira”, assentiu sombriamente. “Estamos tramados.”

“Percebes agora qual a ligação entre o negócio do petróleo e o aquecimento do planeta?”

“Sim.”

Nadezhda contemplou melancolicamente a paisagem que desfilava em corrida para lá da janela. A taiga estendia-se pela linha do horizonte num imenso e plácido oceano de coníferas, as copas cónicas e estreitas apontadas para o céu, eram agulhas verdes espetadas no vazio azul. De olhos presos na floresta imensa,

imaginou o terrível destino a que aquele maravilhoso pulmão permanecia alheio, imaginou o fogo que um dia o iria consumir, como se aquelas árvores esbeltas fossem vítimas inocentes alinhadas para a fogueira, condenadas às chamas eternas do inferno que se acercava, furtivo e impiedoso.

“O Filhka tinha uma maneira terrível de descrever o que nos espera ainda neste século.” Abanou a cabeça. “Usava uma palavra assustadora.”

“O quê?”

A russa respirou fundo e voltou a encarar Tomás.

“Apocalipse.”

XVI

Tomás encontrava-se imerso num livro de poemas de Fernando Pessoa, que providencialmente trouxera para passar o tempo, quando uma voz em russo encheu os altifalantes do *Transiberiano,* como acontecia sempre que se aproximavam de uma estação. Acto contínuo, sentiu Nadezhda levantar-se e tirar a mala do armário.

“Chegámos”, anunciou ela de surpresa.

O português rodou a cabeça, atarantado, não estava à espera que aquele fosse o destino; é verdade que já se encontravam ali fechados havia três dias, mas as coisas anunciadas assim de repente deixavam-lhe a impressão de uma interrupção brusca da viagem.

“O quê?”, balbuciou. “Onde? Chegámos onde?”

“Chegámos ao nosso destino, Tomik”, sorriu a russa. “Vá, pega na tua mala, mexe-te.”

Tomás espreitou pela janela e, para além da escuridão, vislumbrou as águas frias de um rio correrem paralelas à linha férrea, era uma vigorosa mancha escura de líquido, negra como crude, as luzes da outra margem reflectidas no cintilante espelho preto, pareciam formas bamboleantes que dançavam ao ritmo nervoso da ondulação. Decorria a terceira noite de viagem e a composição começou a abrandar, o travão guinchando nos carris. As luzes da outra margem fo-ram-se acumulando, mais e mais, até se tornar evidente que tinham abandonado a taiga e cruzavam já o casario do que parecia uma grande cidade.

“Onde estamos?”

“Este é o Angara.”

“Angara? Esta terra chama-se Angara?”

Nadezhda riu-se.

“Não, tonto. O rio chama-se Angara.”

“E a cidade?”

“Irkutsk.”

O *Transiberiano* parou e os dois desceram as escadinhas com cuidado. A gare estava cheia; eram viajantes que desembarcavam e familiares que os aguardavam, vendedores à espera de clientes e ferroviários a andarem de um lado para o outro. Um burburinho atraiu a atenção para um reencontro; no meio de um grupo vislumbrava-se o camuflado de um soldado na emoção do acolhimento pela família.

“Deve vir da Chechénia, coitado”, observou Nadezhda.

Ao percorrer a plataforma, Tomás não pôde deixar de se sentir impressionado com a grandeza da movimentada estação, um belo edifício amarelo e verde, de linhas clássicas, cúpulas em ferro ao estilo *Art nouveau.* A sua companheira de viagem foi direita ao *guichet* das informações e veio de lá com um papelinho de horários.

"Temos ainda de apanhar uma camioneta", anunciou ela, acenando com o papelinho.

"O quê? Isto ainda não acabou?"

"Não, Tomik. Falta-nos mais um bocado."

Tomás rolou os olhos, agastado com a notícia.

"Porra", exclamou. "Que seca."

Nadezhda não fez caso dos protestos e concentrou-se na tabela de horários que lhe tinham entregado no *guichet.*

"Há uma camioneta que sai daqui da estação amanhã às nove da manhã", constatou. "Mas se formos ao terminal de autocarros teremos um outro mais cedo, aí pelas oito. Qual preferes?"

"Eu prefiro ir descansar", resmungou ele, massajando os rins.

"Estou moído desta viagem, não posso mais. Três dias num comboio é dose para cavalo."

Fazia um certo frio quando saíram à rua, passava das dez e meia da noite. Nadezhda chamou um táxi e em dois minutos viram-se a atravessar a ponte sobre o Angara e a mergulhar na velha urbe.

Apesar de a iluminação nocturna revelar os encantos da grande cidade siberiana, Tomás não prestou muita atenção ao que girava à sua volta; sentia-se demasiado fatigado para apreciar fosse o que fosse, mostrava-se indiferente à novidade e só queria cair numa cama.

Acabaram a noite num pequeno hotel junto ao estádio. Comeram em silêncio uma sopa *borshch* e um *goluptsi* assado e adormeceram logo que se deitaram, aquecidos pelo corpo um do outro.

O dia nasceu esplendoroso.

Depois do pequeno-almoço de leite e *kbachapuri*, chamaram um táxi e fizeram-se à cidade. Já parcialmente refeito da exaustão dos três dias no comboio, Tomás colou-se ao vidro do automóvel e sorveu Irkutsk com os olhos.

A cidade era diferente do que esperava. Admirou-se sobretudo com a elegância arquitectónica dos edifícios, linhas distintas que Irkutsk aliava a um certo ar cosmopolita; definitivamente, ninguém diria que estavam numa terra perdida algures no meio da Ásia, a uns meros dois passos da Mongólia. A arquitectura apresentava os imponentes traços europeus do século xix, elegante e clássica, intercalada por graciosas casas de madeira, aqui e ali um mamarracho

da era soviética a destoar na composição quase harmoniosa.

“E bonito, isto”, comentou o visitante, sem tirar os olhos das ruas.

“Claro que é bonito”, concordou Nadezhda. “Irkutsk era uma cidade aristocrática, conhecida como a Paris da Sibéria.”

“Que nome tão burguês”, disse ele. “Esses ares parisienses devem ter acabado logo que os comunistas tomaram o poder, não?”

“Estás enganado. Os czaristas resistiram aqui muito tempo, o que pensas tu? Os comunistas só conseguiram entrar na cidade em 1920.”

O táxi cruzou toda a parte velha de Irkutsk pela longa Ulitsa Karla Marksa, até apanhar lá ao fundo a Ulitsa Oktyabrskoy Revolyutsii e deixá-los no terminal de autocarros. Nadezhda pediu setecentos rublos a Tomás e entrou na bilheteira, de onde saiu com dois rectângulos na mão.

“Procura a camioneta que vai para Khuzhir”, pediu ela.

Tomás olhou para as indicações no topo dos vidros e encolheu os ombros.

“Desculpa, Nadia, não percebo nada”, disse, sentindo-se uma nulidade, um verdadeiro peso morto. “Está tudo escrito em caracteres cirílicos.”

“B//«/”, blasfemou a russa, os olhos em busca da sinalização para Khuzhir. “Por que razão não aprendem vocês a ler como toda a gente?”

Acomodaram-se nos últimos assentos da camioneta, que já ronronava para aquecer o motor. O veículo enchia-se de passageiros de traços asiáticos e origem evidentemente humilde, *buryats* que traziam caixas com pintos e sacos de plástico carregados de compras; uns eram camponeses, outros pescadores, e todos exalavam o odor forte das gentes rudes da província.

Partiram minutos mais tarde, ziguezagueando pelo emaranhado urbano até deixarem a cidade e gradualmente entrarem na taiga, percorrendo uma estrada paralela à cadeia de montanhas Primorskij Hrebet. O percurso pareceu-lhes monótono, tão entediante que, embalado pelo balouçar preguiçoso da camioneta, Tomás foi sentindo os olhos pesarem-lhe e a cabeça cambalear, como se respondesse sim aos urros do motor; um e outro solavanco despertaram-no a espaços, fazendo-o endireitar-se com brusquidão e sorrir fugazmente à sua companheira de viagem, mas depressa voltava a deslizar para o sossego, invadido por uma pesada e irresistível lassidão, até que o sono foi assentando e mesmo os abanões mais violentos deixaram de o incomodar.

A súbita percepção de que algo de novo acontecera despertou-o da sua letargia. Ergueu a cabeça e, estremunhado ainda, ignorando o pescoço dorido pelo incómodo da posição em que adormecera, tentou perceber o que se passava.

Parada.

A camioneta estava parada. O motor tinha sido desligado e os passageiros erguiam-se com dificuldade dos seus assentos, agarrando sacos e pegando em

caixas, esticando-se para desentorpecerem os corpos moídos e soltando as pequenas risadas do penitente que antecipa com alívio o fim do suplício. Olhou para o lado e viu Nadezhda pôr-se de pé, também ela se aprontava.

"Chegámos?"

"Ainda não, Tomik."

O português olhou em redor, sem compreender. Os passageiros continuavam a preparar-se para sair, alguns já saltavam lá para fora, e a camioneta encontrava-se definitivamente estacionada.

"O que se passa?"

"Estamos em Sakhyurta", disse ela, fazendo-lhe sinal de que saísse. "Vamos agora apanhar o *ferry."*

"Ainda há um *ferry* para apanhar?" Teve uma expressão de desespero. "Mas esta maldita viagem não acaba?"

Nadezhda apontou para a frente. Tomás olhou e, para além da verdura nua que cobria o parque onde a camioneta se imobilizara, viu um pequeno cais e um vasto lençol de água a reluzir ao sol, os reflexos bailando no espelho irrequieto.

"Temos de ir para o outro lado."

Saltaram para a rua e a russa levou Tomás por um caminho íngreme e acidentado que desembocou no topo de uma falésia, junto a um penedo situado a alguns metros de altura. A vista dali de cima era magnífica; a superfície líquida serpenteava diante deles, cercada por penhascos à esquerda, uma língua de terra em frente e o fio do horizonte à direita, para além do qual se estendia a planície de água.

"Que mar é este?", admirou-se o português.

"É o Baikal."

"O quê?"

"É o Baikal", repetiu ela. "O maior lago do mundo. Concentra-se aqui um quinto da água potável existente em todo o planeta."

Tomás cravou os olhos incrédulos no azul cristalino das águas mansas, agitadas com doçura por uma ondulação ténue.

"Não pode ser. Um quinto da água potável do planeta?"

"É incrível, não é? Em extensão, o Baikal é maior do que o teu país, vê lá tu."

"A sério?"

"Chamamos-lhe a pérola da Sibéria, por ser assim tão bonito."

Fez uma careta. "Mas lá na faculdade o Baikal é mais conhecido como a cozinha da Sibéria."

"De pérola a cozinha vai uma grande distância", sorriu Tomás.

"Por que razão lhe dão esse nome horroroso?"

“É só na faculdade que lhe chamamos assim”, sublinhou ela.

“Sabes, este lago é muito estudado no meu curso devido à sua influência em todo o clima da região. E aqui que se cozinha o tempo da Sibéria, daí a alcunha. O facto é que os sistemas meteorológicos da Ásia dançam ao ritmo do que se passa no Baikal.”

Tomás contemplou o espelho azul que se intrometia por entre o verde-acastanhado da estepe, como uma estrada, reflectindo o céu e os flocos de nuvens. A água era transparente, tão límpida que conseguia mesmo vislumbrar cardumes a serpentearem sob a superfície, os peixes virando para um ou para outro lado todos ao mesmo tempo, como um único corpo.

“Que pureza”, observou, inspirando o ar fresco perfumado pelas fragrâncias da erva rasteira. “Ainda bem que há sítios no mundo onde a poluição não chegou.”

A russa afinou a voz.

“Não é bem assim”, corrigiu-o. “Existe uma fábrica de celulose em Baikalsk, mesmo na ponta sul do lago, que anda há quatro décadas a despejar detritos nestas águas.”

“Não me digas.”

“E não é tudo. O delta do rio Selenga, que é tão grande que tem quase o tamanho da França, desagua na margem sul com detritos orgânicos e inorgânicos das minas de Buryatia e da pastorícia da Mongólia. É uma imundície pegada. E o cúmulo é que descobriram agora petróleo aqui no Baikal e querem construir um oleoduto.”

“Mas a água está tão limpa...”

“O Baikal é um lago enorme”, explicou ela. “E felizmente a poluição tem ficado confinada a zonas específicas, como o delta do Selenga e a ponta sul. Mas, se não tivermos cuidado, qualquer dia tudo isto desaparece.”

Tomás suspirou e ficou um longo momento a contemplar o lago.

Os olhos percorreram todo o horizonte, começando na pequena enseada à esquerda, onde reluziam os telhados baixos da aldeia piscatória de Sakhyurta, e acabaram por pousar no cais, lá em baixo, onde uma rampa de cimento desembocava na água, como uma ponte inacabada.

“O *ferry* nunca mais aparece?”

“Ele já vem, tem paciência.”

“Vamos para onde, afinal?”

A russa apontou para a língua de terra em frente.

“Para aquela ilha ali.”

A ilha erguia-se perto, separada do continente por uma estreita passagem, a terra ondulada acastanhada pela estepe.

“Que ilha é esta?”

“É uma ilha mágica.”

O português franziu o sobrolho.

“Mágica em que sentido?”

“É uma ilha xamane, um sítio de meditação onde o mundo da matéria interage com o mundo dos espíritos.”

“Estás a gozar...”

“A sério. Este é um sítio sagrado e misterioso, o palco de lendas e de contos de fadas, a casa dos espíritos do Baikal. Os místicos dizem que se encontra aqui um dos cinco pólos globais da energia xamane.”

“Ah, sim?” Contemplou a ilha com mais atenção, ardendo de curiosidade, num misto de fascínio e cepticismo, como se esperasse que das suas brumas emergisse o mistério, que da sua sombra se fizesse luz. “Como é que ela se chama?”

“Olkhon.”

Quando o *ferry* apareceu, surpreendeu os dois pacatamente sentados na casa de chá de um acampamento *yurt*, junto ao lago, a tomarem uma tisana de pimenta e a deliciarem-se com uns *pirozhki* doces. Terminaram a bebida com vagar, pagaram e caminharam de volta para a camioneta, para onde convergiam já os restantes passageiros. O parque de estacionamento agitou-se em uníssono; ouviam-se gritos e ordens, motores a serem ligados, buzinadelas e portas a bater, eram todos os autocarros, camiões e automóveis que se preparavam para retomar a viagem.

O *ferry* manobrou até se colocar em posição e, uma vez ancorado em segurança, abriu a sua grande porta e, como um monstro esfaimado de goela escancarada, engoliu os veículos que se alinhavam diante dele. O espaço no batelão não era grande, apenas ali cabiam dois autocarros lado a lado e uma mão-cheia de automóveis, e os passageiros tiveram mesmo de empurrar um dos autocarros pela rampa. Toda a operação acabou por levar mais tempo do que a travessia em si, uma viagem que durou uns meros quinze minutos.

O primeiro ponto por que passaram foi o ventoso cabo Kobylia Golova, o formato das rochas lembrava um cavalo de pedra a beber água no lago. Uma *buryat* que vinha com eles na popa observou, orgulhosa, os cabelos negros e lisos a esvoaçarem, que Genghis Khan e os seus guerreiros, todos eles também *buryat*, outrora tinham saciado ali a sua sede.

“Dizem até que o grande conquistador do universo foi aqui enterrado”, explicou a mulher.

“Quem?”

“O grande conquistador do universo”, repetiu. “Genghis Khan.”

Passaram ao lado da pequena baía de Khul e ancoraram em plena estepe, onde o grande barco despejou a sua carga sobre rodas.

Olkhon.

Chegaram a Olkhon, a ilha mágica.

A camioneta retomou viagem e cruzou a pradaria nua aos solavancos, o motor a urrar com a aceleração esforçada, o escape a bufar o fumo negro do gasóleo queimado. A erva rente amontoada em tufos estendia-se até ao lago, mas depressa surgiram sinais de que a paisagem possuía contornos diferentes noutros pontos. Em alguns minutos apareceram renques de árvores à direita; era a taiga que subia pelos montes e disputava à estepe o controlo da ilha; a pradaria estava voltada para a margem norte, a floresta de coníferas virada para o lago aberto.

Serpentearam pelas elevações da passagem Khaday e desceram para a planície junto ao Baikal. A camioneta atravessou uma aldeia e prosseguiu, a margem ocidental da ilha a abrir-se em pequenas baías e graciosas enseadas; do outro lado do estreito vislumbrava-se a taiga continental, escarpada nas montanhas. O veículo aproximou-se de um povoado e só então abrandou a marcha.

“Khuzhir”, anunciou Nadezhda.

Tomás animou-se no assento.

“Chegámos?”

“Quase.”

A camioneta imobilizou-se na praça principal de Khuzhir e o motor emitiu um ronco final antes de se calar definitivamente, como o derradeiro suspiro de um moribundo. Os passageiros desaguaram pela porta numa grande excitação e foram acolhidos por vizinhos e conhecidos numa animada algazarra, parecia que a aldeia inteira tinha acorrido à chegada da camioneta em busca das novidades da civilização. Concentraram-se todos diante da bagageira para retirar os produtos que tinham ido comprar a Irkutsk e a confusão era tal que Tomás e Nadezhda quase tiveram de lutar para recuperar as suas malas.

Já com a bagagem na mão, a russa foi ao Gastronom, a mercearia da praça, e saiu com um homem de meia-idade.

“Arranjei boleia”, anunciou. “Mas vais ter de pagar dez dólares, Tomik.”

O homem levou-os para um velho *Lada* meio enferrujado, parecia um pequeno *Fiat* da década de 1970, e convidou-os a entrar. Os três acomodaram-se no espaço apertado e o automóvel fez-se à estrada com um estranho fragor no motor e o escape a libertar uma densa fumarada negra. Não tiveram de andar muito, porém; apenas atravessaram uma aldeia e, quatro quilómetros depois de Khuzhir, chegaram a um acampamento *yurt* ao pé do lago, onde o carro os deixou.

Os *yurts* tinham sido erguidos junto à praia, como cogumelos brancos espalhados à beira da baía de Ulan-Khushin. Eram frágeis construções cilíndricas com a estrutura de madeira tapada por uma cobertura de tela clara, como uma tenda, a entrada escondida pelo que parecia ser um tapete com motivos geométricos carmesim; o telhado cónico era coberto pela mesma tela e tinha vagamente o aspecto de um capacete mongol. Algumas pessoas deambulavam pelo acampamento, a maior parte turistas ocidentais, mas também se avistavam russos e *buryats* autóctones.

Pararam um instante, como que extasiados a apreciar a beleza exótica daquele magnífico recanto. Tudo ali aparentava serenidade, o tomilho desabrochado em flor, os larícios pujantes; parecia um lugar saído de um conto de fadas. Ouviam-se vozes e o pipilar das aves, mas era o Baikal que dominava o cenário. O ondular suave das águas afagava docemente a areia branca da praia, o lago a cintilar num fascinante azul-turquesa; dir-se-ia que tinham chegado às Caraíbas da Ásia.

"Então, *Casanova?"*, perguntou uma voz. "Por aqui?"

As palavras foram pronunciadas em português e Tomás identificou a sua alcunha dos tempos do liceu, quando todos o conheciam como o maior pinga-amores de Castelo Branco. Voltou-se e encarou o homem que falara atrás de si.

Era Filipe.

XVII

O Sol deitava-se devagar por detrás dos montes, à esquerda, pintando o poente de um violeta luminoso; mas o fim de tarde em Olkhon assumia sobretudo o frio tom do azul-acinzentado, obscurecendo as montanhas nevadas e a taiga para lá de Maloye Morye, o estreito que separa a ilha da costa continental que cerca o Baikal.

Sentados em cadeiras dispostas sobre a areia, os dois portugueses contemplavam as ondas dóceis do lago com duas bebidas na mesa, um *kvas* semialcoólico para Tomás, um *mors* escarlate para Filipe. Nadezhda tinha ido dar uma volta ao acampamento, deixando-os sós a trocar memórias dos seus tempos no liceu, reminiscências de rapazes que partilhavam cumplicidades antigas, narrativas das tropelias e namoricos que tinham valido a Tomás a sua alcunha; e foi durante uma pausa no relato galhofeiro de episódios quase esquecidos, quando já parecia que não tinham mais assunto para alimentar a conversa e as palavras lhes morriam na boca em silêncios embaraçados, que o recém-chegado tocou por fim no tema que ali o trouxera.

"Como é que vieste parar a este sítio?"

Filipe fez um estalido com o canto dos lábios.

"É uma longa história", disse, como se a tarefa de a contar fosse demasiado grande para si. "E tu, *Casanova?* O que estás tu aqui a fazer?"

"É outra longa história", riu-se Tomás, ecoando a resposta que ouvira.

"Gosto de longas histórias, sobretudo quando não são minhas.

Conta lá a tua."

Tomás observou com atenção o seu velho amigo do liceu. Filipe mantinha a expressão de garoto traquinas que sempre lhe bailara nos olhos pálidos, mas havia já rugas a cortar-lhe o rosto e o cabelo rebelde aloirado tinha-se tornado parcialmente grisalho; era como se o tivessem metido numa máquina do tempo, num dia parecia fresco, no outro apareceu gasto; de um modo estranho era simultaneamente a mesma pessoa e alguém diferente.

"Não há muito para contar, mas o pouco que sei é perturbador", observou Tomás, regressando ao presente. Afinou a voz e concentrou-se no que tinha a dizer. Era chegado o momento de abrir o jogo. "Em 2002 foram assassinados dois cientistas quase ao mesmo tempo, um americano na Antárctida, um espanhol em Barcelona. Ambos tinham o teu nome nas agendas e havia um papelinho com um triplo seis ao lado dos seus corpos baleados." Observou Filipe de relance, avaliando o modo como ele reagia ao que lhe estava a relatar. Sem

surpresa, viu-o endireitar o corpo, o sorriso a evaporar-se-lhe do semblante, o rosto a fechar-se com gravidade. “Na altura em que eles morreram, tu desapareceste de circulação e não voltaste a ser visto. Nas agendas das vítimas constava igualmente o nome de um cientista inglês que também se evaporou nessa altura. Nunca mais ninguém ouviu falar de vocês.” Filipe parecia-lhe tenso a escutar a narrativa, quase alerta, não havia dúvida de que o assunto lhe dizia respeito. “Há algumas semanas, e depois de muito tempo sem uma única pista sobre o vosso paradeiro, foi interceptado um *e-mail* que o inglês te enviou com uma mensagem um pouco estranha. A mensagem mencionava o sétimo selo. Ora, consultando o Novo Testamento, verificamos que o triplo seis e o sétimo selo constituem dois elementos simbólicos de grande importância no último dos textos bíblicos, o Apocalipse.” Abriu as mãos com as palmas para cima, como se expusesse uma evidência. “Como deves compreender, todos estes factos fizeram levantar muitos sobrolhos e suscitaram imensa curiosidade sobre o que tens a dizer.”

Filipe mordeu o lábio e olhou-o, perscrutador.

“Curiosidade por parte de quem?”

“Ora, da polícia, claro.”

“Qual polícia?”

“A Interpol.”

O amigo estudou-o inquisitivamente.

“Tu agora és polícia?”

Tomás soltou uma gargalhada.

“Claro que não. Lecciono História na Universidade Nova de Lisboa.”

“Então qual é o teu papel nesta história?”

“Os tipos da Interpol contactaram-me para os ajudar a deslindar o caso. Tão simples quanto isso.”

“Mas porque te contactaram justamente a ti? O que tens tu de tão especial que lhes possa ser útil?”

“Eles sabiam da nossa relação nos tempos de Castelo Branco.

Além do mais, e como criptanalista e perito em línguas antigas, precisavam de mim para desvendar esse mistério do triplo seis bíblico.”

“Deixa-me ver se compreendo.” Apontou-lhe o dedo. “Tu estás a trabalhar para a Interpol?”

“Sim, fui contratado para os assessorar nesta investigação.”

“E é por isso que estás aqui?”

“Sim.”

Filipe calou-se um instante, avaliando a situação.

“Confesso que tudo isto é um pouco inesperado, não te imaginava a par de

toda esta trapalhada.” Ergueu o sobrolho e fitou o amigo. “Diz-me uma coisa, achas que eu matei os dois cientistas?”

“Não, não acho.” Hesitou. “Quer dizer, não acho nem deixo de achar. Na verdade, não tenho elementos suficientes para formar uma opinião sobre esse assunto.”

“E o que pensa a Interpol?”

Tomás inspirou devagar, pesando as palavras.

“Eles querem saber mais”, disse por fim. “Mas não nego que a descoberta da relação entre ti e os cientistas assassinados e o facto de teres desaparecido na mesma altura em que eles morreram deixou os tipos da Interpol... como direi?, deixou-os... enfim, cheios de suspeitas, não é? E a constatação de que há uma relação entre o sétimo selo, mencionado no *e-mail* que recebeste, e o triplo seis, encontrado ao lado das duas vítimas, ambas as expressões provenientes do mesmo texto bíblico, não ajudou muito a retirar-te da lista dos suspeitos, como deves compreender.”

Filipe estreitou os olhos, perscrutando o velho amigo do liceu, atento à sua reacção à pergunta que tinha para lhe fazer.

“Olha lá, a Interpol não sabe que eu estou aqui, pois não?”

“Não, cumpri à risca as tuas instruções, fica descansado.”

“Não disseste a ninguém que vinhas para aqui?”

“Não, ninguém sabe de nada.”

“De certeza?”

“Quer dizer, a Interpol sabe que eu estou em viagem para te encontrar, claro, mas não lhes disse para onde ia.”

Filipe pareceu descontrair-se, embora não muito.

“Se me tivesse apercebido de que estavas atrás deste assunto, não te tinha dito que viesses cá.”

“Porquê?”

“Porque esta história é muito perigosa, *Casanova.* Ao vires cá, e estando tu a par de alguns acontecimentos e a mando de uma organização policial, criou-se um problema de segurança, percebes?”

“Não, não percebo.”

“A tua presença aqui é um risco.”

“Então porque me disseste que viesse?”

O amigo suspirou.

“Eu não sabia da tua ligação à Interpol.” Olhou distraidamente o copo vermelho com *mors* que tinha na mão. “Tinha saudades do meu país, há muito tempo que não te via e suponho que, quando dei com a tua mensagem no *site* do liceu, cedi à nostalgia. Foi uma estupidez, mas está feito.”

Filipe calou-se, pensativo e preocupado. A presença do velho amigo tinha repercussões que inicialmente não considerara e precisava de ponderar a situação.

“Não entendo”, disse Tomás, preenchendo o silêncio embaraçoso. “Se estás inocente, por que razão tens medo da Interpol?”

O amigo soergueu uma sobrancelha, como se a pergunta fosse absurda.

“Eu dissete que estava inocente?”

A frase ficou suspensa entre os dois, como uma nuvem negra antes de se desfazer em trovoada.

“Não estás?”

Filipe sorriu sem vontade e, desfocando os olhos do horizonte, bebeu um trago de *mors.*

“Esta história é muito complicada”, disse sombriamente. “Muito complicada.”

Fez-se uma pausa. A conversa parecia avançar aos solavancos, cheia de subentendidos e insinuações, silêncios comprometedores e sentidos ocultos, como se o mais revelador não fosse o que era dito, mas o que ficava por dizer.

“Tens alguma responsabilidade nestas mortes?”, arriscou Tomás.

Silêncio.

“Na vida temos sempre responsabilidade em tudo o que acontece à nossa volta.”

Novo silêncio.

Esta última resposta trazia ainda mais subentendidos, mas Tomás não se deu por satisfeito; precisava de romper aquela névoa de subtilezas que lhe toldava o entendimento e clarificar as coisas.

“Mas foste tu quem... quem provocou estas mortes?”

Mais um suspiro de Filipe.

“Talvez seja melhor eu contar-te a história desde o princípio.”

“Sim, talvez seja melhor.”

O amigo levou o copo à boca e engoliu metade do *mors;* era como se buscasse ali alento para encetar a sua narrativa.

“Toda esta situação começou em 1997, no Japão”, disse, a sua mente a viajar no tempo. “Como consultor da Galp e do governo português para a área energética, integrei a comitiva de Portugal que foi participar na grande conferência climática de Quioto.” Olhou para Tomás. “Já deves ter ouvido falar nessa conferência, suponho.”

“Sim, foi aquela que acabou com um acordo sobre o ambiente, não foi?”

“Justamente”, confirmou. “O Protocolo de Quioto.” Afinou a voz.

“O que aconteceu em Quioto foi que a maior parte dos países desenvolvidos

assumiu o compromisso solene de, até 2012, reduzir as emissões globais de dióxido de carbono para valores inferiores aos de 1990. Havia sinais de que o planeta estava a aquecer devido à queima dos combustíveis fósseis e Quioto assinalou a vontade internacional de controlar a situação."

"Graças a Deus."

"Foi o que a generalidade dos cientistas pensou." Ergueu as mãos e os olhos para o céu, num gesto teatral. "Graças a Deus que se fazia alguma coisa!" Encarou Tomás. "Mas houve alguns peritos que participaram nessa conferência e que se aperceberam de que tudo aquilo não passava de fachada. Por pequenos pormenores de conversas entre delegações e pela forma como cada delegação enunciava generosas intenções gerais, mas evitava comprometer-se em medidas específicas que envolvessem custos, esses especialistas chegaram à conclusão de que, na hora da verdade, os políticos iriam roer a corda e adiar o problema, atirá-lo para os seus sucessores."

"Porquê?"

"Por causa das ramificações do protocolo, claro. É que o essencial dos cortes nas emissões de dióxido de carbono recaiu sobre o mundo industrializado. A União Europeia com-prometeu-se a reduzir as suas emissões em oito por cento, o Japão em seis por cento e os Estados Unidos, que são o maior emissor de dióxido de carbono do planeta, em sete por cento."

"Isso é pouco?"

"Não, é magnífico." Fez uma pausa, para acentuar a frase seguinte. "Se fosse para fazer."

"E não era?"

Filipe abanou a cabeça.

"Não", murmurou. "Havia três problemas. O primeiro é que os Americanos não se atreviam a enfrentar os interesses instalados.

Cortar na emissão de dióxido de carbono significa atacar três indústrias de grande importância na América: a indústria petrolífera, a indústria automóvel e a indústria do carvão. Os ocupantes da Casa Branca pura e simplesmente não têm coragem de enfrentar estes colossos."

"Estou a perceber."

"O segundo problema era aqui a Rússia. O aquecimento global é uma catástrofe para muitos países, mas não para este." Apontou na direcção das montanhas e da taiga, do outro lado do lago. "Aqui na Sibéria, por exemplo, os Invernos mais moderados e curtos só têm vantagens agrícolas. Além disso, se a tundra derreter, será mais fácil e barato explorar o petróleo russo do Árctico. O gelo fica mais fino e as perfurações tornam-se mais simples. Ora o petróleo corresponde a um terço das exportações da Rússia, pelo que este país, que é o

terceiro maior emissor mundial de dióxido de carbono, não tem nenhum interesse em pôr fim ao aquecimento do planeta. Pelo contrário, só tem a ganhar com isso."

"Bem, uma postura dessas mina qualquer esforço para controlar as coisas."

"Sem dúvida", concordou Filipe. "Mas havia ainda um terceiro problema. Quioto conferiu muitas obrigações ao mundo industrializado, que é quem emite a maior parte do dióxido de carbono que está a causar o aquecimento global, mas ignorou os países em vias de desenvolvimento."

"Isso parece-me lógico, ou não?", atalhou Tomás. "Se é o mundo industrializado que está a causar o problema, é o mundo industrializado que tem de o resolver."

O amigo fez uma careta.

"Não é bem assim", corrigiu. "Os países em vias de desenvolvimento ameaçam tornar-se grandes emissores de dióxido de carbono."

Tomás riu-se.

"Estás a insinuar que países como Moçambique são uma ameaça à estabilidade climática do planeta?"

"Moçambique não. Mas a China e a índia sim." Inclinou-se na cadeira. "Vê se percebes uma coisa: todo o acto económico é um acto de consumo energético." Apontou para o copo com o líquido cor de laranja nas mãos de Tomás. "Por exemplo, esse *kvas* aí. O *kvas* é uma bebida doce e semialcoólica feita de cevada e centeio. Isso significa que foi preciso usar tractores para cultivar e colher a cevada e o centeio. Ora os tractores movem-se a gasóleo. Depois foi preciso destilar a bebida. Para o fazer usou-se energia eléctrica, grande parte da qual é produzida com recurso a combustíveis fósseis. De seguida foi necessário fabricar a garrafa, e isso exigiu calor gerado nos fornos pelos combustíveis fósseis. Finalmente, teve de se transportar a garrafa de *kvas* até ao supermercado e daí até este acampamento *yurt*, e isso só se tornou possível consumindo mais combustível."

Bateu com o indicador no copo de Tomás. "Se é preciso energia para produzir o insignificante pedaço de *kvas* que tens aqui na mão, imagina a energia que é necessária para gerar cada um dos triliões de bens que toda a humanidade produz diariamente: hambúrgueres, batatas, fruta, brinquedos, roupa, automóveis... eu sei lá!"

"O que queres dizer é que cada bem que consumimos resulta de uma cascata de operações que consomem energia."

"É isso mesmo. Ou, por outras palavras, a actividade económica e a energia são duas faces da mesma moeda."

"Yin e *yang."*

“Uma não existe sem a outra.” Voltou a encostar-se na cadeira, a sua ideia já enfatizada. “Isto significa que o crescimento económico requer energia e a energia gera crescimento económico, um processo que ninguém deseja ver interrompido. Repara neste ciclo: a riqueza suscita vontade de fazer compras, as compras geram procura, a procura requer mais fábricas e mais matéria-prima, as fábricas e a matéria-prima produzem mais bens, a produção de bens gera crescimento económico, o crescimento económico suscita vontade de fazer compras, as compras geram procura... e assim por diante.” Ao voltar ao ponto de partida sorriu. “Actividade económica e energia são duas faces da mesma moeda.”

“Já percebi. Mas o que tem isso a ver com a China e com a índia?”

“A forte relação entre a energia e o crescimento económico é algo que os cidadãos europeus ou americanos mal percebem.

Estamos de tal modo habituados à abundância que nem vemos que as duas coisas são na verdade a mesma. Aceitamos tudo como quem aceita o ar que respira, é como se fosse um direito adquirido. Mas quem vive nos países mais pobres tem perfeita consciência da importância da energia para conseguir que a vida ande para a frente.

Falta-lhes tudo e sobretudo falta-lhes energia, razão pela qual lhe dão muito valor. Eles sabem que precisam de electricidade para iluminar a sala de aulas ou para pôr uma bomba de água potável a funcionar e sabem que precisam de gasóleo para fazerem mexer o tractor necessário para a colheita que lhes irá matar a fome ou para irem de camioneta até à vila e venderem os seus produtos no mercado. Os países mais pobres têm perfeita noção da importância da energia para gerar o crescimento económico.”

“E então?”

Filipe passou a mão pelos caracóis do seu cabelo claro.

“Acontece que a China e a índia estão determinadas a quebrar as barreiras do desenvolvimento.” Apontou para trás, na direcção de sul.

“Vejamos ali o caso dos nossos vizinhos chineses. Durante décadas, a China de Mao Tsé Tung alimentou um imenso desprezo pela indústria automóvel, que considerava um símbolo da burguesia decadente.

Toda a gente andava a pé ou de bicicleta e a pobreza era generalizada. Mas quando Mao desapareceu as coisas mudaram. A nova liderança chinesa percebeu que precisava de gerar crescimento económico e o país começou a valorizar o que antes desprezava. Os Chineses produziram e venderam automóveis pela primeira vez em 2002, entrando num tal frenesim consumista que a General Motors previu que um quinto da sua produção iria ser canalizada para o mercado chinês. Todos os anos há mais automóveis na China, ao ponto de o país ter agora

sete das dez cidades mais poluídas do mundo. Milhões e milhões de chineses consideram que ter um automóvel é um símbolo de estatuto social.” Inclinou a cabeça.

“Consegues imaginar o impacto que isto tem na economia energética mundial?”

“Bem, significa que há mais um jogador neste mercado, não é?”

“Casanova, não estou a falar de um país qualquer. Estou a falar de um país com muita gente.” Sublinhou o número, sílaba a sílaba.

“Mais de mil milhões de pessoas.” Arregalou os olhos. “São mais de mil milhões de pessoas a querer andar de automóvel, são mais de mil milhões de pessoas a querer consumir combustível, são mais de mil milhões de pessoas a emitir enormes quantidades de dióxido de carbono para a atmosfera.”

Tomás coçou a cabeça.

“Pois, a Nadia já me tinha falado nisso”, disse. “É um problema, não é?”

“Um problemão! A China já ultrapassou os países industrializados na procura de electricidade e de combustíveis industriais e o país é, neste momento, o segundo maior consumidor de energia do mundo, preparando-se para ultrapassar em breve o primeiro, os Estados Unidos. Os Chineses estão a engolir os recursos energéticos com uma sofreguidão incrível. Para alimentar essa fome insaciável, entraram em força no mercado de consumo de petróleo, desequilibrando a oferta e a procura, e estão a investir fortemente no carvão, o combustível fóssil que mais gases emite para intensificar o efeito estufa.

Dentro de algum tempo, a China será responsável por dois quintos de todo o carvão queimado no planeta e um sétimo de toda a electricidade produzida, grande parte dela gerada pela queima de carvão ou de petróleo. Feitas as contas, a China emitirá em breve um quinto de todo o dióxido de carbono lançado na atmosfera.”

“Caramba.”

“Agora junta à China todos os países que se querem desenvolver.

Junta a índia, a Rússia e a América Latina. Todos a quererem automóveis, frigoríficos, ar condicionado, televisores... tudo! Imagina o impacto que isto tem na produção de calor e no consumo dos recursos energéticos existentes.”

“Sim, isto vai ser complicado.”

“Complicado?” Filipe quase ficou escandalizado com a escolha da palavra. “Nós caminhamos alegremente para a catástrofe, aceleramos na auto-estrada do suicídio e nem sequer nos apercebemos disso. O consumo de energia e a emissão de dióxido de carbono não estão a abrandar, mas a acelerar. E a acelerar exponencialmente. Toda a economia energética, da produção ao consumo, está a ser virada de pernas para o ar, com o equilíbrio da oferta e da procura prestes a

entrar em ruptura. Além disso, o clima mostra-se totalmente alterado. O aquecimento dos últimos cinquenta anos duplicou de intensidade em relação aos últimos cem anos e o nível do mar subiu dezassete centímetros no século xx. Chove mais no Leste do continente americano e no Norte da Europa e chove menos no Sul da Europa, em África e na Ásia. Desde a década de 1970 que aumentou a actividade dos ciclones no Atlântico Norte e em 2005 apareceu o primeiro furacão na costa ocidental da Europa, o *Vince*, que entrou no Norte de Portugal já como tempestade tropical.

Desde que há registos meteorológicos, nunca se tinha visto um furacão nessas paragens. E o mesmo se passa no Atlântico Sul. Um furacão designado *Catarina* cruzou a costa brasileira em 2004, um fenómeno tão inédito que os meteorologistas brasileiros levaram algum tempo a acreditar no que as fotografias de satélite lhes mostravam." Fez uma curta pausa. "O painel intergovernamental de cientistas criado pela ONU estabeleceu em 07 que as temperaturas do planeta deverão subir este século entre um e seis graus e que em geral os fenómenos meteorológicos vão ficar mais extremos: chuvas mais fortes, secas mais graves, ventos mais violentos, tempestades mais brutais." Abanou a cabeça. "E o pior é que o clima poderá estar à beira de cruzar um valor crítico, percebes? Um valor para lá do qual são desencadeados fenómenos que vão tornar inabitáveis importantes partes do planeta."

"Que valor crítico? Estás a falar dos 550 ppm de dióxido de carbono na atmosfera?"

"Também estou a falar disso, mas estou a falar sobretudo do que acontecerá quando se ultrapassar uma determinada temperatura."

"Bem, presumo que fique tudo gradualmente mais quente, não é?"

"Não, não é. A natureza está concebida de forma a que, em certos pontos críticos, se produzam alterações abruptas. E essas alterações são determinadas muitas vezes por valores térmicos. Por exemplo, a água permanece líquida à medida que a temperatura baixa, mas, quando se atingem os zero graus, fica de repente sólida.

Estás a ver? Os zero graus são um valor crítico, a partir do qual tudo muda."

"Sim, estou a perceber. Mas onde queres tu chegar?"

"O que te estou a tentar explicar é que o mesmo se passa com o clima. A partir de uma certa temperatura, as coisas mudam radicalmente e o planeta pode tornar-se inabitável para grande parte da vida actualmente existente, incluindo a humana."

Tomás fez um ar céptico.

"Espera aí", disse. "Uma coisa é sabermos que a água se torna repentinamente sólida aos zero graus, outra é dizer que as alterações do clima

serão tão bruscas que a própria sobrevivência da humanidade está ameaçada. Não achas que estás a exagerar um bocadinho?”

Um suspiro paciente foi a primeira resposta. Filipe ergueu-se da cadeira e espreguiçou-se.

“Anda daí, *Casanova”*, disse, começando a caminhar pela areia da praia. “Vou mostrar-te uma coisa.”

XVIII

As águas do Baikal vinham abraçar a areia em vagas suaves; o lago era manso e na superfície escura viam-se pontinhos brilhantes, pareciam diamantes a reflectir o cintilar do Sol no crepúsculo. Filipe tirou os sapatos e calcorreou a berma, chapinhando na água.

“Vem aqui”, convidou. “Experimenta a água.”

Tomás também descalçou os sapatos e pisou o líquido borbulhante, mas parou de imediato.

“Está fria”, queixou-se, saltitando apressadamente de regresso à areia.

O amigo riu-se.

“Não fujas, grande maricas. Anda aqui para a água.”

“Estás maluco?”

Filipe baixou-se e mergulhou a mão no lago.

“Achas que está fria, é?”

“Gelada.”

O geólogo endireitou-se e sacudiu a mão molhada, salpicando as calças e o *pullover.*

“E, no entanto, esta água fria é essencial para manter o nosso planeta vivo.”

“Lá estás tu a exagerar”, exclamou Tomás. “Toda a gente sabe que a vida prefere a água quente.”

Filipe começou a caminhar ao longo do lago, os pés sempre a chapinharem na água, enquanto Tomás mantinha uma distância prudente ao lado, acompanhando-o pela areia.

“Deixa-me explicar-te uma coisa, *Casanova”*, disse Filipe, os olhos presos nas ondinhas que se desfaziam aos seus pés. “Embora não nos apercebamos disso, a Terra é um ser vivo. Da mesma maneira que o ser humano é um ser vivo constituído por biliões de seres vivos, as células, a Terra é um ser vivo constituído por biliões de seres vivos, a fauna e a flora. Por exemplo, se a temperatura mudar muito na Lua ou em Vénus, isso é indiferente para esses planetas, uma vez que estão ambos mortos, não passam de pedra e poeira.

Tanto lhes faz que faça muito frio como muito calor, os planetas mortos são como esculturas de mármore. Mas as alterações térmicas não são indiferentes para a Terra, que se encontra viva e que, por isso, está constantemente a regular a sua temperatura e composição.

Estás a acompanhar o meu raciocínio?”

“Hmm... mais ou menos.”

“Uma das coisas que a ciência já percebeu é que a Terra, como qualquer ser vivo que a habita, tem a capacidade de se auto-regular.”

Ergueu o dedo, para salientar uma ressalva. “Mas, também como qualquer ser vivo, isso só acontece dentro de determinados parâmetros de temperatura.” Deu um pontapé numa onda, provocando um borbulhar aparatoso. “No caso aqui da água, descobriu-se que a temperatura crítica são os dez graus. Quando a temperatura sobe acima dos dez graus, a água tende a ficar livre de nutrientes, o que prejudica a vida. Daí que as águas tropicais sejam tão transparentes e límpidas: não têm nutrientes, à excepção de uma limitada quantidade de algas. Essas águas estão para o mar como os desertos estão para a terra. Pela inversa, as florestas do mar são as águas do Árctico e do Antárctico, uma vez que esses oceanos polares estão a temperaturas abaixo dos dez graus e, por isso, podem encontrar-se nutrientes por toda a parte.”

“Desculpa, mas isso não é bem assim”, argumentou Tomás. “Que eu saiba existe muita vida marinha nas águas tropicais.”

“Só em profundidade, *Casanova.”* Apontou para baixo. “Só lá no fundo, onde a temperatura está abaixo dos dez graus, é que a vida marinha encontra nutrientes.”

“Hmm.”

“Isto significa que a maior parte dos oceanos são desertos.”

“Estás a falar a sério?”

“Muito a sério”, insistiu Filipe. “As águas acima dos dez graus na camada superior cobrem oitenta por cento da superfície de água no mundo. Quer dizer que oitenta por cento da superfície do mar é um deserto.”

Tomás curvou a boca.

“Não fazia a mínima ideia.”

“As implicações desta descoberta são graves. Se a temperatura global subir, a percentagem de água quente aumentará, o que terá como consequência o alargamento do deserto marítimo.”

“Estou a perceber.”

Filipe remexeu-se no seu lugar.

“Agora presta atenção, *Casanova*, porque isto é importante”, enfatizou. Fez um gesto que cobriu o horizonte verde em Olkhon e a taiga na outra margem do lago. “Este fenómeno de desertificação no mar também ocorre em terra. Descobriu-se que, cá fora, as temperaturas críticas não são os dez graus, como no mar, mas os vinte. Quando a temperatura desce abaixo dos vinte graus, como acontece no Inverno, a água da chuva permanece muito tempo na terra e o solo mantém-se húmido, o que facilita o crescimento da vida. Mas quando, no Verão, as temperaturas médias rondam os vinte graus, a água da chuva tende a

evaporar-se rapidamente, secando os solos. A Terra, enquanto ser vivo que se auto-regula, respondeu a este problema fazendo com que a estação das chuvas ocorra justamente no Verão. A chuva mais frequente compensa a evaporação, estás a perceber? Mas, quando a temperatura média sobe acima dos vinte e cinco graus, a evaporação torna-se demasiado rápida e, a não ser que a chuva seja quase contínua, a terra transforma-se em deserto."

"E as florestas equatoriais? Que eu saiba, estão acima dos vinte e cinco graus."

"As florestas equatoriais, como a Amazónia ou a grande floresta do Congo, constituem justamente uma nova resposta de auto-regulação deste formidável ser vivo que é a Terra. Como a evaporação com altas temperaturas é muito rápida, a Terra criou ali um ecossistema que consegue aguentar as nuvens sobre a floresta, obtendo assim chuva quase contínua, estás a perceber?"

"Ah, então a floresta atrai as nuvens."

"Isso. Mas este sistema também só é viável dentro de determinados limites térmicos."

"Porquê?"

"Por causa das propriedades da água, *Casanova*. Uma subida de quatro graus da temperatura média acelera ainda mais a evaporação e destrói este equilíbrio, transformando a floresta equatorial num deserto."

"Como sabes tu isso?"

"Basta olhar para os desertos, como o Saara, por exemplo. A temperatura aí é tão elevada que a água se evapora toda demasiado depressa, secando os solos. Pois sabes o que separa uma floresta equatorial de um deserto?" Uma curta pausa. "Uns meros quatro graus Celsius. Há apenas quatro graus de diferença entre uma grande floresta virgem e um deserto, o que significa que esses quatro graus cruzam algures um valor crítico."

"Estou a perceber."

"Daí que o aumento da temperatura global seja um problema muito grande se ultrapassar determinado limite térmico. E o pior é que há indicações de que esse processo já foi desencadeado."

Tomás fez um ar apreensivo.

"Como assim?"

"Nunca ouviste falar no efeito Budyko?"

"Efeito quê?"

"Mikhail Budyko é o maior climatologista russo. Ele descobriu que a neve reflecte para o espaço a maior parte do calor do Sol que sobre ela incide, o que ajuda a manter o clima frio. O problema é que, como o dióxido de carbono libertado pelos combustíveis fósseis elevou a temperatura global, a neve

começou a derreter, deixando emergir o solo escuro que havia por baixo. Ora esse solo, como é escuro, absorve o calor, o que provoca mais calor, o qual provoca mais derretimento de neve, o que faz emergir mais solo escuro que provoca ainda mais calor, numa espiral sem fim. É isso o efeito Budyko."

"A Nadia falou-me nisso."

"Pois, ela esteve envolvida nas primeiras medições aqui na Sibéria. O grave é que a temperatura cruzou um tal limite que este tipo de processo foi desencadeado em todo o planeta, incluindo no mar. Só em 05 desapareceu catorze por cento do gelo permanente do Árctico. Catorze por cento! Sabes porquê? Porque os oceanos estão a aquecer. Como a água ficou mais quente, começou a derreter mais gelo, o que é um problema porque, como te disse, o gelo funciona como um espelho e reflecte mais de oitenta por cento do calor do Sol.

Já o oceano, pelo contrário, absorve mais de noventa por cento desse calor, uma vez que é escuro. Estás a ver as consequências, não estás? Como o gelo está a derreter, há mais oceano a receber calor, o que torna a água mais quente e faz derreter ainda mais gelo, o que diminui mais a superfície reflectora e alarga de novo a superfície absorvente de calor, num ciclo vicioso que intensifica o efeito estufa.

E isto não é tudo. Como o oceano está mais quente, a água fica mais pobre em nutrientes e em algas. Ora são as algas que atiram o dióxido de carbono para o fundo do mar. Como há menos algas, o dióxido de carbono fica à superfície, o que também agrava ainda mais o efeito estufa. Como o calor aumenta, a água perde mais nutrientes e sobrevivem ainda menos algas, deixando cá em cima maiores quantidades de dióxido de carbono, que agravam mais e mais o efeito de estufa, e assim por diante numa nova espiral interminável. É uma espécie de efeito Budyko marítimo."

"Mas isso está mesmo a acontecer?"

"Pois está. E em toda a parte. Olha para as florestas equatoriais de que estávamos a falar ainda há instantes. Como a temperatura aumentou, elas estão a diminuir. O problema é que sem a sombra das árvores o solo aquece mais e, consequentemente, faz aquecer mais o planeta, o que provoca uma maior diminuição das florestas e retira sombra a mais solos, que assim aquecem mais e provocam maior diminuição florestal, num novo ciclo vicioso. Aliás, já aí estão os primeiros sinais deste fenómeno. A Amazónia viveu em 2005 uma seca nunca vista. Secaram vários afluentes do rio Amazonas e a água potável teve de ser enviada por helicópteros para aldeias da grande floresta supostamente húmida. E sabes por que razão se utilizaram helicópteros? Porque a água dos rios estava demasiado baixa para a navegação! A seca de 2005 pode ter sido o primeiro sinal

do iminente e catastrófico colapso da Amazónia, que é inevitável se as temperaturas subirem três a quatro graus Celsius. Nessa situação, a floresta transformar-se-á num deserto." Indicou a taiga lá ao fundo. "É

preciso, além do mais, notar que a morte das florestas provoca uma brutal libertação de dióxido de carbono, que intensifica o efeito de estufa. Por outro lado, repara que as árvores são a esponja natural que absorve o dióxido de carbono. Menos árvores significa menor absorção de dióxido de carbono, o que agrava igualmente o efeito de estufa."

"Mas então o que queres dizer é que entrámos em toda a parte num ciclo vicioso que provoca mais e mais calor."

"É isso mesmo", confirmou Filipe. "É por isso que te digo que, quando é cruzada determinada temperatura crítica, são desencadeados fenómenos descontrolados. Como já te expliquei, a Terra é um ser vivo com capacidade de auto-regulação, o que significa que sempre conseguiu manter-se próxima da temperatura e da composição química mais adequadas à vida. Fez isso durante três mil milhões de anos. Mas agora, devido a libertação em massa de dióxido de carbono dos combustíveis fósseis, a temperatura aproxima-se de um valor crítico a partir do qual o planeta perde capacidade de auto-regulação. E é justamente isso o que torna o aquecimento global potencialmente catastrófico."

Filipe mudou de direcção e saiu da água, dirigindo-se para as cadeiras que haviam abandonado alguns minutos antes. Tomás acompanhou-o de ar pensativo, desconfortável com aquela avalancha de dados assustadores.

"Pronto, já percebi que a situação é grave", disse. "Mas qual a relevância de tudo isso para a nossa conversa?"

"A relevância, *Casanova,* é que durante a conferência de Quioto houve alguns técnicos que se aperceberam de que o acordo não passava de uma fachada. As questões de fundo foram deliberadamente ignoradas. Quioto reuniu muitos países, cada um com a sua própria agenda, mas poucos reflectiam uma preocupação genuína com aquilo que suscitara a reunião: as mudanças climáticas.

Pelo contrário, nós víamos os políticos a piscarem o olho e a dizerem que o que verdadeiramente lhes interessava não era o aquecimento do planeta, mas o arrefecimento da economia. Aceitavam todas as medidas que fossem boas ou inofensivas para a sua economia e rejeitavam todas as que lhes pareciam prejudiciais. Esse era o estado de espírito dominante. No raciocínio dos políticos, o que acontecer daqui a vinte anos já não será com eles, uma vez que está fora do seu horizonte de reeleição. Os governantes que vierem a seguir que resolvam o problema."

"Eles diziam mesmo isso?"

“Em público não, claro. Perante os microfones assumiam uma postura de grande responsabilidade e pareciam genuinamente preocupados com o aquecimento global. Uns verdadeiros estadistas.

Mas em privado nós bem os víamos a encolher os ombros e a rir-se do que eles próprios tinham acabado de declarar em público. A verdade é que se estavam pura e simplesmente nas tintas!”

“Mas então essa conferência não serviu para nada...”

“Foi uma fachada. O problema é que, pelo modo como as coisas se apresentam, as emissões de dióxido de carbono não vão abrandar, mas acelerar. Aliás, já estão a acelerar. Além do mais, Quioto partia do princípio ingénuo de que basta fechar a torneira do dióxido de carbono para o problema do aquecimento global se resolver.” Fez um gesto brusco com a mão, cortando o ar. “Nada mais errado. O

aquecimento do planeta é cumulativo. Mesmo que paremos hoje de emitir dióxido de carbono, e não vamos parar, o aquecimento prosseguirá durante décadas. O valor crítico de 550 ppm será inevitavelmente cruzado e o planeta vai mesmo fritar. Perante a actual evolução, parece-me seguro dizer que deveremos ultrapassar os 1100 ppm ainda durante este século.” Fez uma expressão impotente. “É uma catástrofe.”

Tomás fixou-o nos olhos, inquieto com o que acabara de escutar.

Parte disto já lhe tinha sido explicado por Nadezhda, mas era chocante ouvi-lo, mesmo que pela segunda vez.

“O que se pode fazer?”

Filipe sorriu.

“Foi justamente isso que perguntei a mim próprio em Quioto. O

que se pode fazer?”

A interrogação ficou um longo instante a flutuar entre os dois amigos. Chegaram junto das duas cadeiras pousadas sobre a areia e sentaram-se.

“E então?”

“Vim a descobrir que eu não era o único a formular essa pergunta. Havia outros técnicos que perceberam o logro da conferência e que se questionaram quanto ao que poderiam realmente fazer. Em conversas nos corredores ou na cafetaria, descobrimos que partilhávamos as mesmas preocupações e formámos um pequeno grupo.” Riu-se, a memória mergulhada nas reminiscências de Quioto. “Sabes qual o nome que nos demos a nós próprios?”

“Hmm.”

“Os quatro cavaleiros do Apocalipse. Vê se estes nomes te dizem alguma coisa: Howard Dawson, Blanco Roca e James Cummings.”

Tomás reconheceu-os.

“Os dois primeiros são os tipos que morreram, não são?”

“Sim. O Howard era um climatologista da delegação americana e o Blanco um físico integrado na comitiva espanhola.”

“E o terceiro é o inglês que também desapareceu.”

“Nem mais. O James foi o consultor científico da delegação britânica.”

“Contigo, dá quatro.”

“Os quatro cavaleiros do Apocalipse.”

“Na Bíblia, os quatro cavaleiros são aqueles que provocam o apocalipse...”

“No nosso caso, queríamos ser os quatro cavaleiros que impediam o apocalipse.”

“E isso é possível?”

“Foi o que perguntámos a nós próprios. Como climatologista, o Howard tinha muita informação privilegiada, resultado de observações que estava a efectuar por todo o planeta, sobretudo nas zonas geladas. Contou-nos que a grande maioria dos glaciares está a arder. Os glaciares dos Alpes já perderam cinquenta por cento do seu gelo e os dos Andes triplicaram a velocidade de recuo, diminuindo um quarto da sua superfície em apenas três décadas.”

“Porra.”

“A temperatura do solo no Alasca aumentou no século xx entre dois e cinco graus Celsius e nove estações do Árctico registaram subidas da temperatura de superfície da ordem dos cinco graus Celsius. O aquecimento global já provocou a desintegração de cinco das nove plataformas de gelo existentes na Península Antárctica. A Gronelândia e o planalto tibetano registam fenómenos semelhantes.”

“Tudo isso foi o americano que vos contou?”

“Sim, mas disse-nos muito mais. O *El Nino*, por exemplo. Sabes o que é?”

“Já li nos jornais”, disse Tomás, fazendo um esforço de memória.

“É um fenómeno meteorológico no Pacífico, não é?”

“Mais ou menos. O *El Nino é* o aparecimento periódico de água quente nas latitudes tropicais do Pacífico Oriental. A emergência destas águas alimenta violentas tempestades no Pacífico, inundações na Califórnia e no golfo do México e secas na Austrália e em África. Ao longo da história, o *El Nino* revelou-se um fenómeno cíclico, alternando a cada quatro anos com *La Nina*, um fenómeno exactamente oposto, uma vez que envolve o aparecimento de água fria naquela mesma zona. Acontece que, a meio da década de 1970, o padrão foi alterado e o *El Nino* mostra tendência para se tornar quase permanente, chegando a durar seis anos.”

“E os outros oceanos? Também sofreram alterações?”

“As alterações estão em toda a parte, *Casanova*. As ondas do Atlântico Norte

sobem hoje cinquenta por cento mais alto do que na década de 1960. Isso deve-se a alterações subtis na temperatura da água."

"Hmm."

"O que se passa é que descobrimos que o clima é muito mais volátil do que antes se pensava. Pequeníssimas mudanças suscitam alterações desproporcionadas no equilíbrio global."

"Uma espécie de efeito borboleta."

"Isso. E ninguém vai escapar. O Midwest dos Estados Unidos, por exemplo, que tem sido o celeiro da América, está em vias de se tornar um deserto. E o Sul da Europa também. As vagas de calor tornaram-se mais frequentes e mais longas e um processo de desertificação gradual já se encontra em curso em Itália, na Grécia, em Espanha e em Portugal, com o Saara a crescer para norte. Isto tem implicações catastróficas. Olha o que se passou com as grandes vagas de calor de 2003 e 2007 no Sul da Europa. Para além dos gigantescos fogos que consumiram em Portugal uma superfície florestal do tamanho do Luxemburgo, a onda de temperaturas elevadas em 2003 provocou uma quebra de vinte por cento na colheita de cereais e inflacionou os preços em cinquenta por cento. E em 2007 foi ainda pior, com temperaturas recorde a provocarem milhares de incêndios na Grécia, na Turquia e nos Balcãs. Dubrovnik chegou a ser evacuada e os Gregos tiveram de declarar o estado de emergência em todo o país quando os incêndios descontrolados mataram mais de sessenta pessoas em três dias e chegaram aos subúrbios de Atenas."

"Achas que essas calamidades se vão tornar frequentes?"

"Ah, não tenhas dúvidas. Estes incêndios foram apenas o prelúdio do que vem aí e repara que surgem numa altura em que se percebe que o planeta precisa de duplicar a sua produção alimentar nos próximos trinta anos, de modo a sustentar uma população que deverá duplicar em sessenta anos. O problema é que a desertificação, a erosão dos solos e a salinização estão a reduzir a terra arável a um ritmo de um por cento ao ano." Inclinou a cabeça para sublinhar este ponto. "Um por cento ao ano significa dez por cento numa década. Há quem diga que, daqui a algumas décadas, metade do globo encontrar-se-á coberto pelo deserto. Os resultados já estão à vista: o crescimento da produção alimentar atingiu o seu pico em meados da década de 1980 e apresenta-se agora em declínio."

"Estás a falar a sério?"

"Por que razão pensas tu que estamos tão preocupados? Os modelos mostram que, duplicando-se o dióxido de carbono na atmosfera, a maior parte dos Estados Unidos estará submetida a graves secas, com o consequente colapso agrícola. Bastará subir um grau para que apareçam desertos no Nebraska, no

Wyoming, em Montana e no Oklahoma. E, acima dos dois graus Celsius, também o Sul da Europa estará transformado num deserto. Alguns cientistas franceses, por exemplo, puseram-se a projectar em quanto aumentará a evaporação de água em toda a região mediterrânica quando ocorrer uma ligeira subida da temperatura. Os modelos de computador revelaram que a evaporação diminuirá, o que é surpreendente, uma vez que o calor aumenta a evaporação. Depois de analisarem melhor os dados, os cientistas perceberam que a evaporação irá diminuir pela simples razão de que deixará de haver água no solo: sem água não há evaporação. Isso significa que o Saara cruzou o Mediterrâneo e o Sul da Europa estará transformado num deserto." Acenou com três dedos. "O painel da ONU prevê que, se o limiar dos três graus for cruzado, a desertificação poderá conduzir a uma fome generalizada no planeta. A produção agrícola chinesa, por exemplo, entrará em ruptura total, com os campos de arroz, milho e trigo a decaírem quarenta por cento. As populações destas novas zonas desertas terão de fugir em massa Para norte, em busca de comida, o que implica que se verão forçadas a invadir os já densamente povoados países industrializados do Norte, onde a produção alimentar também estará sob pressão. Como é evidente, os habitantes destes países vão reagir muito negativamente a essa invasão de esfomeados e os conflitos serão inevitáveis. Os partidos fascistas, com promessas de travar pela força as hordas de refugiados famintos, irão tornar-se dominantes."

"Isso é assustador."

"É, não é? E receio não te ter revelado ainda o pior."

Tomás ergueu o sobrolho, inquieto.

"O que queres dizer com isso?"

"Quero dizer que o mais grave não é isto que te contei."

"Então o que é?"

Filipe suspirou e olhou para o amigo, ganhando balanço para entrar na questão que verdadeiramente o aterrorizava.

"Sabes o que é uma extinção em massa?"

XIX

O crepúsculo já pintara o céu de violeta e lilás sobre o horizonte e uma brisa fria e agreste cortava a praia, erguendo pequenas nuvens de areia. O ar tornava-se desagradável, mas Tomás sentia-se preso à cadeira, incapaz de interromper o fio da conversa. A referência a extinções em massa parecia-lhe uma coisa do mundo da ficção, linguagem catastrofista sem qualquer relação com a realidade, mas ouvir a expressão naquele contexto era diferente. Interrogou o amigo com os olhos e, contendo a impaciência, aguardou que ele revelasse o que ainda não tinha contado.

"A vida no nosso planeta já conheceu cinco grandes extinções em massa", começou Filipe por dizer, depois de uma curta pausa para ganhar fôlego. "A mais famosa foi a do cretácico, há sessenta e cinco milhões de anos, provocada pela queda de um meteoro na península do Iucatão, no México. Esse impacto alterou o clima e provocou uma mortandade generalizada, pondo fim à era dos dinossauros."

"Sim, foi uma grande catástrofe."

"O que pouca gente sabe é que não foi a pior. A mais grave de todas as extinções ocorreu no pérmico, há quase duzentos e cinquenta milhões de anos. Nessa altura, sem que se saiba ainda exactamente porquê, desapareceram abruptamente noventa e cinco por cento dos animais que conhecemos pelos registos fósseis."

Soprou. "Puf! Noventa e cinco por cento." Deixou o valor ecoar na mente de Tomás. "Isso representou mais de metade das famílias de espécies existentes. Só entre os insectos desapareceu cerca de um terço das espécies, no que foi a única vez na história do planeta em que os insectos morreram em massa. A extinção do pérmico representou o momento em que a vida na Terra esteve mais perto do aniquilamento total."

"Eu sei muito bem o que se passou no pérmico", atalhou Tomás.

"O que não percebo é qual a relevância desses acontecimentos para a nossa conversa."

"É muito simples, *Casanova.* A análise geológica às amostras do pérmico revela alterações nos isótopos de carbono, indiciando que algo de terrivelmente errado ocorreu na biosfera e no ciclo do carbono." Respirou fundo. "O que eu quero dizer é que a extinção do pérmico coincidiu com um abrupto aumento de gases de estufa na atmosfera. As temperaturas subiram seis graus Celsius." Estendeu seis dedos diante dos olhos do amigo. "Seis graus. Tantos quantos o

painel da ONU prevê para o final deste século."

Tomás ficou um instante calado, fitando Filipe.

"Estás a brincar."

"Quem me dera."

"Qual era a concentração de dióxido de carbono na atmosfera quando ocorreu a extinção do pérmico?"

"Quatro vezes mais do que os actuais 380 ppm. Mais ou menos o que se prevê que venhamos a ter no final deste século." Filipe baixou o braço esquerdo e apanhou um pedaço de areia, que deixou escoar devagar por entre os dedos. "Para além da subida de seis graus de temperatura, os estudos geológicos mostram que o planeta se tornou subitamente árido, com os desertos a cobrirem o Sul da Europa e dos Estados Unidos e o nível do mar a elevar-se vinte metros."

"Exactamente o que se prevê para este século", constatou Tomás. "E dizes tu que isso foi abrupto?"

"Sim."

"Bem, nós ao menos temos algum tempo, não é? Não vamos apanhar com as mudanças de um dia para o outro."

"Casanova, quando eu digo abrupto, estou a utilizar referências à escala da longa vida do planeta. As alterações climáticas da grande extinção do pérmico ocorreram num período excepcionalmente rápido. Por rápido, quero dizer dez mil anos."

Tomás arregalou os olhos, horrorizado.

"Dez mil anos?"

"Em termos geológicos, dez mil anos correspondem a uma mudança abrupta."

"Mas as mudanças actuais vão ocorrer já este século..."

Filipe abanou afirmativamente a cabeça.

"Julgas que não sei isso?"

"Mas isto é... é uma catástrofe!"

"Pois é. Existem estudos que mostram que entre um terço e metade das espécies actualmente existentes estarão extintas por volta de 2050. E, se a coisa não for travada, dentro de alguns séculos a grande extinção do pérmico irá parecer uma brincadeira de crianças."

"Temos de parar já a emissão de dióxido de carbono."

"Pois temos, mas não sei se ainda vamos a tempo."

"Tem de haver um acordo político radical."

"Sem dúvida, mas temos de ser realistas: esse acordo ainda não existe. E, mesmo que venha a existir, repito que pode ser tarde de mais. O planeta é uma máquina muito pesada e custa muito pô-la em marcha. Mas, a partir do momento

em que ela entra em marcha, já não é possível travá-la, da mesma maneira que a pedra, quando começa a rolar pela encosta da montanha, já não pára."

"Porquê? Por causa do efeito cumulativo do dióxido de carbono?"

"Sim. Mas também por causa de outra coisa de que eu ainda não te falei. O metano."

"Qual metano? Que conversa é essa?"

"O dióxido de carbono é um poderoso gás de estufa, mas não é o pior. O verdadeiro demónio é o metano que se encontra oculto no fundo do mar ou debaixo do gelo, contido pelo frio ou pelas altas pressões. O metano é vinte vezes mais poderoso do que o dióxido de carbono como gás de estufa. Acontece que, se a temperatura subir, desencadeia-se um processo que liberta o metano, trazendo-o para a atmosfera. Isso é que será a grande chatice! Uma vez o metano cá fora, o aquecimento da atmosfera irá acelerar exponencialmente.

Supõe-se que isso aconteceu na extinção marítima do paleoceno, quando desapareceu tudo o que vivia no fundo dos oceanos, há mais de cinquenta milhões de anos."

"E quando é que o metano começa a ser libertado?"

Filipe encheu os pulmões antes de responder sombriamente.

"Já começou."

Fez-se silêncio na praia. Tomás esfregou o queixo, tentando digerir esta nova revelação.

"O que queres dizer com isso?"

O amigo fez um gesto em direcção à taiga, do outro lado do lago.

"Está a acontecer aqui na Sibéria", disse. "O gelo da tundra começou a derreter e por baixo encontra-se o metano. Como a temperatura disparou aqui na região, fomos ver o que se está a passar nos lagos que descongelaram. O que vimos deixou-nos aterrados: o metano já começou a borbulhar. Ele está a libertar-se a um ritmo cinco vezes superior ao que as estimativas previam. À

medida que o gelo for recuando na Sibéria, mais metano virá cá para fora."

"E agora?"

"O efeito Budyko também já foi desencadeado no metano. Há quem acredite que é como se já tivéssemos empurrado a pedra e ela já estivesse a rolar pela encosta. O efeito cumulativo do dióxido de carbono poderá ter tornado inevitável o colapso da Amazónia. Se a grande floresta desaparecer, serão libertados 250 ppm para a atmosfera, o que nos atirará para uma subida de quatro graus Celsius. Nesse limiar, o equilíbrio poderá revelar-se impossível, uma vez que a libertação do metano siberiano será acelerada. Isso catapultar-nos-á inexoravelmente para uma subida de seis graus que, por sua vez, irá libertar o metano marítimo." Suspirou. "Se isso acontecer, ultrapassaremos os níveis da grande extinção do

pérmico.”

“Meu Deus!”

“É imperativo que a temperatura não suba acima dos dois graus, de modo a não desencadear o processo que levará o planeta a cruzar o limiar do metano. Há quem ache que isto já não é possível, uma vez que o processo adquiriu uma dinâmica própria, mas a maior parte dos cientistas acredita que ainda vamos a tempo. Para que a travagem aconteça, no entanto, a emissão de gases de estufa tem de cruzar imediatamente o pico e baixar noventa por cento até 2050. Os 550

ppm têm de ser evitados, custe o que custar.”

“Mas será que os políticos têm consciência disso?”

Filipe sorriu sem vontade.

“Ninguém tem consciência de nada, *Casanova.”* Abanou a cabeça. “O mais incrível, para mim, é esta indiferença geral que está instalada. Não sei se já reparaste, mas costuma existir um grande contraste nas reacções dos peritos e do público em relação a um determinado tema. Quando confrontado com uma grande mudança, o público tende a ficar muito mais alarmado do que os peritos.”

“Achas?”

“Claro. Olha o nuclear, por exemplo. As pessoas que não entendem bem as questões relacionadas com a energia nuclear assustam-se mais do que os peritos, que conhecem o assunto a fundo e se sentem mais tranquilos.” Pigarreou. “Mas aqui é ao contrário. O

público parece muito descontraído com a questão do aquecimento global, enquanto os peritos estão em pânico. Em pânico, ouviste?”

Quase soletrou a palavra *pânico.* “Quando os cientistas do painel da ONU vieram a público e confirmaram que, nas próximas décadas, as tempestades vão ficar mais violentas, o deserto irá alastrar para mais de metade do planeta e o nível do mar vai subir uma dezena de metros ou mais, o que seria normal acontecer? Acho que a CNN teria de interromper a emissão com grande espalhafato, milhões de pessoas deveriam ter saído às ruas em terror a exigir mudanças imediatas na política energética, os dirigentes políticos teriam de vir à televisão anunciar medidas de emergência para enfrentar esta catástrofe. Não achas que isso seria uma reacção normal?”

Tomás ainda estava a recuperar do choque das revelações sucessivas e balançou mecanicamente a cabeça.

“És capaz de ter razão.”

“Mas não foi isso o que aconteceu, pois não? Os cientistas fizeram um anúncio com esta dimensão e... e só faltou ver as pessoas bocejarem de tédio! Achas isto normal?” Voltou a abanar a cabeça. “E

os políticos, que deviam ter juízo na cabeça, estão na mesma! Foi por isso

que ficámos muito preocupados com a postura que detectámos nos governantes, todos eles com aquela filosofia do deixa andar e o raciocínio de que os que vêm a seguir que desliguem a luz e paguem a conta. Primeiro em Quioto, depois em encontros que fomos tendo ao longo do tempo, nós os quatro fomos conversando sobre o maior desafio que a humanidade hoje enfrenta: será possível impedir o apocalipse?"

Tomás inclinou-se na cadeira, traindo uma ansiedade mal disfarçada.

"Chegaram a alguma conclusão?"

"Concluímos que precisávamos de fazer uma avaliação rigorosa de duas coisas fundamentais, ambas relacionadas entre si: o aquecimento do planeta e o estado das reservas mundiais de petróleo. E precisávamos de desenvolver um plano energético alternativo para entrar em vigor quando as condições se tornarem propícias."

"Isso parece-me muita coisa."

"E é. O trabalho revelou-se verdadeiramente ciclópico e nós, feitas as contas, não passávamos de quatro gatos-pinga-dos.

Felizmente os nossos talentos complementavam-se, de maneira que decidimos dividir as tarefas. O Howard conseguiu um posto importante na Antárctida, onde o aquecimento é mais acelerado do que no resto do planeta e onde se encontram os melhores registos paleoclimáticos, e foi para lá desenvolver novos trabalhos para perceber melhor a alteração do clima. O James e o Blanco eram físicos com grande capacidade, o Blanco mais teórico, o James mais prático. Ficaram ambos encarregados de procurar soluções tecnológicas inovadoras. E eu, que me sinto como peixe na água na área energética, dediquei-me à avaliação das reservas globais de combustíveis fósseis, de modo a poder indicar qual o momento psicológico adequado para avançar com as soluções que o James e o Blanco viessem eventualmente a desenvolver."

"E foi isso o que vocês andaram a fazer este tempo todo?"

"Sim, embora não de uma forma totalmente estanque. O James e o Blanco trabalhavam muito em conjunto, enquanto eu me encontrava mais próximo do Howard. Cheguei a ir à Antárctida ver os trabalhos paleoclimáticos em que ele estava envolvido." O seu olhar perdeu-se na memória dessa viagem. "Aquilo é muito curioso, sabes?

Uma das coisas que descobri é que penetrar nas camadas de gelo é como viajar no tempo."

"Em que sentido?"

"O gelo da Antárctida é formado por camadas sucessivas de neve, não é? Essas camadas vão-se acumulando umas em cima das outras ao longo de milhares de anos. Ora cada camada de neve contém pequenas bolhas de ar, o que

significa que, se fizermos um furo suficientemente profundo no gelo e recolhermos uma camada que tem duzentos mil anos, poderemos detectar nela bolhas com o ar existente nesse período e analisar o seu conteúdo. É assim que se percebe, por exemplo, qual o nível de dióxido de carbono que numa determinada época existia na atmosfera e qual a temperatura média nessa altura. O Howard mostrou-me um pedaço de gelo extraído a três mil e quinhentos metros de profundidade na base de Vostok, no centro da Antárctida. A análise desse gelo mostrou que o planeta está agora perto do ponto mais quente do último meio milhão de anos."

"Estou a perceber. E fazias esse trabalho com o Howard?"

"Não, ia apenas acompanhando as coisas. Mas é um facto que, no nosso grupo, as parelhas se formaram em função da proximidade das áreas de trabalho. Por exemplo, numa das minhas viagens ao Cazaquistão, para inspeccionar o grande campo petrolífero de Kashagan, passei aqui pela Rússia e, a pedido do Howard, contratei pessoal para fazer medições climatéricas na Sibéria, onde as temperaturas, tal como na Antárctida, estão a subir mais do que a média planetária."

"Foi nessa altura que conheceste a Nadia."

"Ela contou-te?"

"Sim."

"É verdade, contratei-a na Universidade de Moscovo, com a ajuda de um professor russo amigo do Howard." Piscou o olho, numa tentativa de aligeirar a conversa. "É um belo naco, hem?"

Tomás quase corou.

"Sim, é engraçada."

"Já lhe puseste o dente em cima?"

"Quem, à Nadia?"

Filipe riu-se.

"Não, à Madre Teresa de Calcutá!", exclamou, irónico. "Claro que à Nadia, meu cretino."

"Porquê? Achas que devia?"

"Deves estar a brincar, *Casanova*. Se bem te conheço dos tempos do liceu, deves-lhe ter saltado em cima logo na primeira noite."

"Que disparate!"

"Eu conheço-te, *Casanova*. De ginjeira. E, a menos que alguma coisa tenha mudado, tenho a certeza que elas continuam a não resistir a esses teus olhos verdes e a essas falinhas mansas de pinga-amor."

Tomás fez uma expressão impaciente, de quem não estava a gostar do rumo da conversa.

“Bem, já nos estamos a desviar do assunto”, disse. Fechou o semblante, tentando redireccionar o tema. “Há uma coisa no meio de tudo isto que ainda não percebi.”

“Diz.”

“Por que razão vocês eram apenas quatro? Porque não alargaram o grupo, considerando a dimensão da tarefa?”

“Por uma questão de segurança.”

“Segurança? Segurança em relação a quê?”

O amigo abanou a cabeça e sorriu sem vontade, quase com tristeza.

“Vê-se mesmo que não conheces os interesses que estão em jogo.”

“Estás a falar de quê?”

“Estou a falar do maior negócio do mundo. O petróleo.”

“O que tem ele?”

“O que achas que aconteceria quando as fabulosas fortunas e o imenso poder que são alimentados pelo petróleo descobrissem que havia uns palermas a fazer um trabalho que poderia pôr em causa a fonte dessas suas fortunas e desse seu poder?”

“Imagino que não ficariam satisfeitos.”

“Pois, não ficariam satisfeitos, não. Isso parece-me certo.”

“Mas o que tem isso de especial? Que eu saiba há milhares de cientistas em todo o mundo a estudar as alterações climáticas. É

evidente que a indústria petrolífera não deve gostar muito disso, mas.... e depois? Se não gostam, paciência. Não é por a indústria petrolífera não gostar que os cientistas deixam de fazer o seu trabalho, ou é?”

Filipe permaneceu um momento calado, como se ponderasse o que poderia dizer.

“Há coisas que tu não sabes sobre a nossa investigação.”

“Como, por exemplo?”

O amigo remexeu-se na cadeira, desconfortável. A conversa entrava numa área perigosa.

“Deixa-me responder-te com uma outra pergunta”, sugeriu. “O

que fariam os homens que controlam o maior negócio do mundo se soubessem que esse seu negócio estava ameaçado de morte?”

Tomás considerou esta pergunta.

“Sei lá. O que fariam eles?”

Filipe inclinou-se na cadeira, os olhos comprimidos, as sobrancelhas carregadas.

“Chegámos ao ponto de partida.”

“Qual ponto de partida?”

“O que vieste tu aqui fazer?”

“Eu? Já te disse, Filipe. Vim por causa da investigação à morte dos dois cientistas.”

O amigo permaneceu um instante calado, à espera que esta observação se revelasse na íntegra.

“Então já respondeste à pergunta.”

Tomás olhou-o, baralhado.

“Qual pergunta?”

“O que fariam os homens que controlam o maior negócio do mundo se soubessem que esse seu negócio estava ameaçado?”

“Sim, o que fariam eles?”

Filipe respirou fundo.

“Olha para o que aconteceu ao Howard e ao Blanco.” Recostou-se na cadeira e contemplou o lago que desaparecia nas trevas siberianas, envolto na profunda sombra da noite, apenas se ouvia o suave marulhar das ondas a beijarem a praia. “Tens aí a resposta.”

XX

O bar do acampamento animava-se com uns ruidosos clientes alemães que bebiam cerveja *Klinskoe* por entre animadas canções bávaras, mas o barulho dos foliões sempre era melhor do que o frio seco que se começava a sentir na praia. Os dois amigos recolheram, por isso, ao interior aquecido do bar e encomendaram um *shashlyk* para entreter o estômago; quando a espetada de carneiro chegou, acompanharam-na com pão de centeio e um frutado tinto georgiano de uva *akbasheni*.

"Achas então que foram os interesses do petróleo que pro-vocaram a morte dos teus amigos cientistas", observou Tomás, reiniciando a conversa no ponto onde a tinham suspendido.

"Acho, não", corrigiu o amigo. "Sei."

"Como podes ter a certeza?"

"Não te esqueças, *Casanova,* de que conheço o mundo do petróleo como a palma das minhas mãos." Exibiu as mãos, como se ali estivesse a prova do que acabara de dizer. "As pessoas podem ter o aspecto mais civilizado do mundo, e no caso do petróleo há muitas que nem sequer têm esse aspecto, mas quando se trata de defender interesses desta envergadura, meu caro, não há ar civilizado que resista. Tudo se torna primitivo, violento, básico. A preservação deste tipo de poder envolve os instintos mais primários e as acções mais brutais que se possa imaginar."

"Mas tens algumas provas de que os teus amigos tenham sido assassinados por interesses ligados ao petróleo?"

"Tenho as provas que me chegam."

"E quais são elas?"

"Olha, para começar, o que se passou comigo. Por um feliz acaso, na altura em que mataram o Howard e o Blanco eu estava no estrangeiro."

"Viena, não é?"

Filipe fez uma expressão interrogativa.

"Como sabes isso?"

"Ora, fiz o trabalho de casa."

"Pois, estava em Viena. Acontece que, nesse mesmo dia, a minha casa foi assaltada por desconhecidos. O que é estranho é que não levaram nada, o que indicia que não encontraram o que tinham ido lá buscar. Isto é, eu."

"Pode ser coincidência."

"Seria, se o mesmo não tivesse sucedido com o James. A casa dele em

Oxford foi assaltada ao mesmo tempo que a minha, no mesmo dia em que o Howard e o Blanco foram assassinados.

Felizmente o James tinha ido à Escócia ver uns materiais e também não se encontrava em casa. Ou seja, de uma só vez dois elementos do grupo foram mortos e as casas dos outros dois, que por acaso se tinham ausentado sem aviso, foram assaltadas. Tudo no mesmo dia."

"Vocês disseram isso à polícia?"

"O quê? Que assaltaram as nossas casas?"

"Sim. Isso e a coincidência de os assaltos terem ocorrido no mesmo dia da morte dos outros elementos do grupo."

"Casanova, a polícia não nos safava do que nos esperava. Tu pensas que a PSP ou a Scotland Yard ou a Interpol são algum empecilho para quem dispõe dos vastos recursos propiciados pelos lucros do negócio do petróleo?"

"Mas então qual é a alternativa?"

"Desaparecer do mapa."

Tomás ficou de olhos cravados no seu interlocutor.

"Que foi o que vocês fizeram", observou, entendendo enfim o problema. "Mas nada disso prova que tenha sido o pessoal do petróleo a matar os teus amigos."

"Então quem foi?"

"Não sei. Se calhar foram os tipos do petróleo, não digo que não.

Mas não tens provas."

"Os bilhetinhos são uma prova."

"Quais bilhetinhos?"

"Não foste tu que disseste que foram encontrados ao lado dos corpos do Howard e do Blanco uns bilhetinhos com um triplo seis?"

"Sim. Isso é prova de quê?"

"Isso é prova de que os assassínios se deviam às actividades do nosso grupo."

"Porque dizes isso?"

Filipe bateu com o dedo nas têmporas.

"O *Casanova*, pensa um pouco. O nosso grupo chamava-se «Os quatro cavaleiros do Apocalipse». Os bilhetinhos mostravam o triplo seis. Não consegues ver a relação entre as duas coisas?"

Tomás assentiu.

"O Apocalipse de João", observou.

"Nem mais", confirmou o amigo. "São duas referências simbólicas extraídas do último texto da Bíblia. Ao deixarem esses bilhetes ao lado das vítimas, os assassinos estavam implicitamente a relacionar as mortes do Howard e do

Blanco com as actividades do grupo, tornando claro que se encontravam a par de tudo.”

“Tens razão”, reconheceu Tomás, balouçando afirmativamente a cabeça. “Isso faz sentido.”

“E essa relação é reforçada pelo verdadeiro sentido do triplo seis.”

“Agora é que já não entendo. O que queres dizer com isso?”

“Ouve, *Casanova.* Tu, que és um perito em línguas antigas, diz-me: o que é o triplo seis?”

“É o número da Besta.”

“Isso é o sentido simbólico, tal como vem mencionado no Apocalipse. Mas o que eu quero saber é outra coisa. Se pegarmos nesse número e o decifrarmos, o que dá o triplo seis?”

“Usando a guematria, o seis-seis-seis transpõe-se para *Neron Kaisar,* ou o césar Nero.”

“E quem era Nero?”

Tomás ficou atrapalhado com a pergunta, tão óbvia lhe parecia a resposta.

“Bem, era o imperador de Roma que perseguiu os cristãos.”

“Sim, mas qual o acontecimento que o celebrizou, a ele e à sua lira?”

“O incêndio de Roma?”

Filipe bateu com a palma da mão na mesa.

“Isso”, exclamou. “O que significa que Nero é fogo.” Soergueu a sobrancelha. “E a quem é que Séneca comparou Nero?”

“Ao Sol?”

“Uh-uh”, confirmou Filipe. “Séneca comparou Nero ao Sol quando escreveu: «O próprio Sol é Nero e toda Roma.»“

“Eu conheço esse poema.”

“Deixa agora ver se chegas ao *jackpot:* que astro tem um nome que, transposto em números pela guematria, apresenta um triplo seis como valor?”

“Teitan”, rendeu-se Tomás.

“Certo, outra vez!” Apontou na direcção do clarão do crepúsculo, cujos derradeiros raios se extinguiam para lá da janela do bar.

“Teitan, ou Titã. Um dos nomes do Sol.”

“Mas o que significa isso?”

“Não é óbvio?”, perguntou Filipe. “Nero é fogo e Nero é o Sol. O que geram o fogo e o Sol?”

“Calor?”

“Então foi essa a mensagem que os assassinos deixaram quando largaram esses bilhetes ao lado das vítimas. O triplo seis é uma mensagem que os criminosos conceberam para associar os homicídios ao grupo dos quatro

cavaleiros do Apocalipse e para associar os homicídios ao trabalho do grupo: o combate ao aquecimento do planeta. Como é que se faz esse combate? Criando as condições para acabar com os combustíveis fósseis. E isso põe em causa que indústria?"

"A indústria do petróleo."

"Nem mais." Pegou no copo e observou o vinho a balouçar no interior. "A indústria do apocalipse." Mordeu o lábio. "Foi por isso que, quando tomámos conhecimento dos assassinatos e dos assaltos às nossas casas, e quando soubemos que o triplo seis foi deixado ao lado dos corpos dos nossos amigos, eu e o James percebemos instantaneamente o que se passava e que só tínhamos uma coisa a fazer." Engoliu de uma vez um trago de tinto, como se quisesse que o álcool apagasse o instante em que haviam tomado a decisão. "Desaparecer da face da Terra."

Tomás ficou um longo momento calado, quase perplexo, imerso nos seus pensamentos, avaliando o que lhe fora dito e considerando explicações alternativas.

"Eu percebo tudo isso", observou, ao fim de alguns segundos.

"Mas será que esses tipos chegavam ao ponto de... de matar só para parar uma pesquisa científica? Isso não faz muito sentido..."

Filipe suspirou.

"Pelo contrário, faz todo o sentido."

"Mas como?"

"Ouve, *Casanova.* Já te disse que conheço a indústria do petróleo como ninguém e, por isso, acredita no que te digo: os interesses para manter o mundo dependente dos combustíveis fósseis são vastos e poderosos. Quase todos os agentes da economia mundial desejam a manutenção do *status quo* e consideram que qualquer mudança fundamental põe em causa os seus interesses. O que é verdade."

"Isso é muito vago."

"Não é, não. Tudo isto tem nomes e rostos."

"Então diz lá quem."

"Olha, vamos começar pelos países em desenvolvimento em África, na Ásia e na América Latina. Todas as suas opções de crescimento económico passam, como já te disse, pelo aumento do consumo de energia o mais barata possível, energia essa que tende a ser muito poluente e é produzida pelos componentes que mais aquecem a atmosfera. Estes países encaram as políticas de redução da emissão de dióxido de carbono como um ataque directo ao seu esforço para escapar da pobreza. E como eles dependem de energia barata, que é a mais poluente, para alcançarem o crescimento económico, é evidente que se tornaram

opositores naturais aos esforços para pôr termo à dependência mundial em relação aos combustíveis fósseis.”

“Ah, sim”, exclamou Tomás, recordando-se do que o amigo lhe contara meia hora antes na praia. “Foi por isso que Quioto falhou, não foi?”

“Essa foi uma das razões, sim”, assentiu Filipe. “Mas o segundo grupo de suspeitos também teve muito a ver com esse falhanço.”

“Quem?”

“Os produtores de combustíveis fósseis.”

“As petrolíferas?”

“Sim, mas não só. Os países da OPEP e a indústria do carvão formam com a indústria petrolífera um implacável triângulo de resistência à mudança. A cabeça deste grupo estão as seis principais petrolíferas do globo: a Aramco saudita, a companhia iraniana do petróleo, a PEMEX mexicana, a PdVSA venezuelana e os dois gigantes ocidentais, ExxonMobil e Shell. Qualquer sugestão de que os combustíveis fósseis nos estão a conduzir à catástrofe constitui uma ameaça real ao negócio deste grupo. Consequentemente, os seus membros reagem de modo implacável a essa ameaça, utilizando gigantescos recursos financeiros, políticos e diplomáticos para silenciar tais sugestões.”

Tomás arrancou um pedaço de carne da espetada, colocou-o sobre o pão e trincou.

“O que fizeram eles em concreto?”, perguntou, enquanto mastigava.

“Muita coisa, mas sobretudo pressão sobre o terceiro grande travão à mudança, os Estados Unidos. A economia americana é o maior consumidor mundial de energia e qualquer tentativa para enfrentar os combustíveis fósseis é encarada como uma ameaça à estabilidade do país. Os legisladores e presidentes americanos têm, ao longo do tempo, adoptado políticas que defendem o *status quo* energético e as indústrias de combustíveis fósseis.”

“Mas uma alteração do modelo energético é assim tão ameaçadora para a economia americana?”

Filipe esboçou uma careta hesitante.

“Se calhar não.”

“Então qual é o problema?”

“Queres mesmo saber?”

“Claro.”

“O problema são as eleições.”

Tomás parou momentaneamente de mastigar.

“As eleições?”

“A indústria petrolífera contribui com centenas de milhões de dólares para as campanhas eleitorais dos candidatos ao Congresso ou à Casa Branca. E por isso

que, sempre que se levantam questões ambientais, os governantes americanos defendem a indústria dos combustíveis fósseis. Não estão a fazer mais do que retribuir o favor das contribuições para as suas campanhas."

"Mas isso é mesmo assim?"

"É pior do que isso. Uma das maneiras de enfrentar o problema do aquecimento do planeta é taxar o consumo de energia. Se a gasolina for mais cara, o consumidor queima menos."

"É lógico."

"Pois a coisa chegou ao ponto de o código fiscal americano subsidiar a indústria dos combustíveis fósseis." Fez uma pausa e repetiu a palavra-chave. "Eles subsidiam essa indústria. Como se o petróleo precisasse de subsídios."

"Não pode ser!"

"Não só pode ser, como é. Toda a indústria americana paga uma média de dezoito por cento de impostos. Sabes quanto paga a indústria petrolífera? Onze por cento. Isso representa para ela uma poupança de milhares de milhões de dólares por ano."

"Isso é incrível."

"Outra das formas de enfrentar o aquecimento do planeta é exigir que os fabricantes de automóveis inventem tecnologia que consuma combustível de um modo mais eficiente. Por exemplo, em vez de gastar dez litros aos cem, gastar cinco litros. Isso significaria cortar para metade a emissão de carbono para a atmosfera. Sabes por que razão essa exigência não existe nos Estados Unidos?"

"Não."

"Porque os fabricantes de automóveis, que gastam centenas de milhões de dólares em contribuições eleitorais, se opuseram, receando que tal exigência beneficiasse os construtores europeus e japoneses, cujos carros são muito mais eficientes no consumo de combustível."

Tomás abanou a cabeça.

"Não dá para acreditar."

"Pois olha, não é mais do que o resultado da forma como o sistema está montado na América. As petrolíferas e a indústria automóvel pagam as campanhas eleitorais, os políticos devolvem o favor quando são eleitos. É assim que a coisa funciona. Se o mundo caminhar para o precipício por causa de tudo isso, azar."

"Portanto, e se bem entendo, o que estás a dizer é que todo o planeta se encontra refém do sistema eleitoral americano."

"No fundo, é isso", assentiu Filipe. "As políticas energéticas da administração Bush, por exemplo, mais não foram do que a defesa dos interesses da indústria petrolífera. Aliás, a família Bush vem do negócio do petróleo e foi a

indústria do petróleo que contribuiu com a mais importante fatia dos seus fundos eleitorais. Nessas condições, estávamos à espera de quê? Que ele tomasse medidas contra os interesses fundamentais da indústria que o alimentava, só para defender o planeta?"

"Mas o que fez ele concretamente?"

O amigo riu-se.

"O que a administração Bush fez para proteger a indústria do petróleo vai para além do imaginável. Olha, para começar, adulteração de documentos."

"Como?"

"Os tipos falsificaram relatórios com o único objectivo de salvaguardarem o negócio das indústrias fósseis.

"Como podes afirmar isso?"

"É verdade. Olha, no Verão de 2003, precisamente na mesma altura em que a Europa fervia sob uma vaga de calor nunca vista, que desencadeou incêndios inauditos por toda a parte, a principal agência ambiental americana, a Environmental Protection Agency, recebeu ordens da Casa Branca para apagar uma série de referências que constavam de um relatório sobre o ambiente no planeta." Adoptou um semblante irónico. "Sabes quais foram as partes cortadas?"

"Diz lá."

"Foram as referências a um estudo que mostrava como as temperaturas do planeta subiram mais entre 1990 e 2000 do que em qualquer outro período nos últimos mil anos. Mas a Casa Branca quis sobretudo que fosse eliminada a conclusão de que o aquecimento se deve à acção humana. Isto é, aos combustíveis fósseis: petróleo, carvão, gás."

"A sério?"

"Eles tiveram de eliminar isso, vê lá tu. E a Casa Branca mandou a agência acrescentar uma referência a um novo estudo que questionava a ligação entre os combustíveis fósseis e o aquecimento do planeta. E sabes quem financiou parcialmente esse novo estudo?

O American Petroleum Institute."

"Isso é para rir."

"Mas a adulteração de relatórios foi apenas a coisa mais inocente que a administração Bush fez, sobretudo quando comparada com outros dos seus actos. Eles chegaram ao ponto de declarar guerras, vê lá tu."

O rosto de Tomás contraiu-se num esgar incrédulo.

"Guerras? Estás a exagerar um bocadinho, não achas?"

"O que pensas que foi a invasão do Iraque em 2003? Uma guerra para instaurar a democracia em Bagdade? Uma guerra para eliminar as armas de

destruição em massa que Saddam Hussein, aliás, não possuía? Uma guerra para enfrentar a Al Qaeda, a qual não estava no Iraque nem sequer tinha relações com o regime de Saddam?" Deixou as interrogações assentarem. "A invasão do Iraque foi uma guerra pelo petróleo. Ponto final. Nem mais, nem menos."

"Bem, mas ela só foi possível no contexto dos atentados do 11

de Setembro..."

"Estás enganado", atalhou Filipe. "Há indicações de que o Iraque seria invadido mesmo sem o 11 de Setembro."

"Como sabes isso?"

"Por causa do que se passava na Casa Branca. Não era só o presidente que vinha do negócio do petróleo. As duas pessoas da sua maior confiança também. A conselheira de Segurança Nacional, Condoleeza Rice, desempenhou funções de chefia na Chevron Oil, e o vice-presidente, Dick Cheney, estava ligado a uma importante multinacional de exploração e produção petrolífera, uma empresa chamada Halliburton. Isto para não falar no secretário do Comércio, Donald Evans, que também dirigiu uma companhia de exploração de petróleo."

"E então?"

"Nada disto é coincidência, meu caro."

"Mas também não é nenhum crime."

"Não estamos a falar de crimes, *Casanova'*", disse o geólogo num tom de infinita paciência. "Embora, sob uma certa perspectiva, tudo isto sejam crimes. Mas do que estamos a falar é dos interesses instalados que ditam o perpetuar da nossa dependência em relação aos combustíveis fósseis. Olha, queres um exemplo?" Inclinou-se na direcção de Tomás, como se lhe fosse contar um segredo. "Oito meses antes do 11 de Setembro, o vice-presidente Dick Cheney criou uma comissão de política energética cujos objectivos e trabalhos ficaram submetidos ao mais rigoroso sigilo. Alguns membros do Congresso quiseram conhecer os membros da comissão e o conteúdo dos trabalhos, mas Cheney recusou-se a revelar fosse o que fosse.

Até que duas organizações privadas de interesse público levaram o assunto a tribunal e conseguiram obter uma ordem judicial para saber o que se passava nessa comissão secreta. Foram assim divulgados poucos documentos, mas entre eles estavam três mapas. Sabes quais?"

"Não faço ideia."

"Dois desses mapas eram da Arábia Saudita e dos Emirados Árabes Unidos. E o terceiro?"

"Do Kuwait?"

"Do Iraque." Arqueou as sobrancelhas. "Estás a perceber? O

homem esteve debruçado sobre os mapas onde se localizam os campos

petrolíferos iraquianos! Tinha lá tudo: os jazigos, os oleodutos, as refinarias e a divisão em oito blocos da zona petrolífera iraquiana. Mais ainda, ele deu-se até ao trabalho de calcular quanto petróleo iraquiano poderia ser lançado rapidamente no mercado! Os documentos mostram que Cheney queria perfurar o maior número possível de poços no Iraque, de modo a aumentar a produção para sete milhões de barris por dia."

"Isso foi logo a seguir ao 11 de Setembro?"

"Foi antes, *Casanova'''* , repetiu Filipe. "Antes do 11 de Setembro."

Sublinhou a palavra *antes.* "Os mapas estão datados de Março de 2001, seis meses antes dos atentados e dois anos antes da invasão do Iraque!" Sorriu sem vontade. "As armas de destruição em massa, a democracia no Médio Oriente e todas essas balelas mais não foram do que pretextos para mascarar o verdadeiro objectivo estratégico da invasão do Iraque: controlar as segundas maiores reservas mundiais de petróleo e impor uma ordem americana na zona onde mais petróleo se produz no mundo. Tudo obedeceu a essa ideia fundamental. Não só o Iraque é o segundo país com mais petróleo como é o país onde é mais barato extraí-lo. E, instalando-se no Iraque, os Americanos ficavam em posição de fazer sentir a sua presença em toda a região. Percebes?"

"Sim."

"Na altura em que a ONU estava a discutir a bizantina questão das armas de destruição em massa do Iraque, Cheney chegou a afirmar em público que Saddam ameaçava os abastecimentos regionais de petróleo e apresentou esse argumento como razão suficiente para lançar o ataque." Sorriu. "O pessoal da Casa Branca entrou em pânico quando o ouviu falar tão abertamente do verdadeiro objectivo da guerra e, como é evidente, os estrategos mandaram-no calar. Uma guerra pelo petróleo era algo que nunca galvanizaria a opinião americana ou internacional nem legitimaria a acção militar. Por isso esse argumento passou a ser ocultado e a administração Bush chegou até a negar que a guerra tivesse alguma coisa a ver com o petróleo." Abriu as mãos. "Mas não é possível negar a evidência. Tu achas que, se o Iraque não produzisse petróleo, mas amendoins, os Americanos iriam gastar uma fortuna para invadir o país?"

Tomás riu-se.

"Claro que não."

"Os factos estão aí para quem os quiser ver. Ainda antes de a guerra começar, já a Halliburton de Cheney tinha um contrato de sete mil milhões de dólares assinado por causa do petróleo iraquiano. E

quando as tropas avançaram a sua prioridade operacional foi proteger os gigantescos campos petrolíferos de Kirkuk. Mal entraram em Bagdade, as forças americanas foram a correr selar o Ministério do Petróleo, ignorando o que se

passava no resto da cidade, onde decor-riam as pilhagens. Tudo podia ser pilhado, excepto o Ministério do Petróleo. Porque seria?"

"Pois, estou a perceber."

"Ao invadir o Iraque, os Estados Unidos mais não estavam a fazer do que a pôr em prática a agenda da indústria petrolífera. O plano era claro. Por um lado, enriquecer os financiadores da sua campanha eleitoral e todos os seus amigos do mundo do petróleo. Por outro, assegurar que aquele petróleo não iria cair nas mãos da China e da Rússia. E, finalmente, impor uma visão geoestratégica que assegurasse a presença e a influência americanas em todo o Médio Oriente. Ao controlar o golfo Pérsico e o Médio Oriente, os Estados Unidos garantiam o acesso às maiores reservas mundiais de petróleo numa altura em que o petróleo não-OPEP já ultrapassou o seu pico de produção e está a esgotar-se."

Acabaram o *shasblyk* e o vinho e recostaram-se nas cadeiras. Os alemães já se tinham calado, entorpecidos pela cerveja, e o ambiente do bar tornara-se pacato.

"Vamos andando?", sugeriu Tomás.

Filipe ergueu a mão e fez sinal ao empregado russo, desenhando no ar uma assinatura.

"Espera, vou pedir a conta."

O empregado pegou num lápis e num bloco e somou os valores.

Tomás ficou a observá-lo, mas a mente voltou à situação em que o seu amigo se envolvera.

"Em toda esta história", comentou, "volto a dizer que há uma coisa que não faz sentido."

"Diz lá."

"Vocês eram quatro cientistas a estudar o problema do aquecimento global, certo?"

"Sim."

"Mas no mundo existem centenas ou milhares de outros cientistas a estudar o mesmo problema. Por que razão os interesses da indústria petrolífera queriam a vossa morte em concreto? O que tinham vocês de diferente em relação aos outros?"

O empregado entregou a conta e Filipe passou-lhe um punhado de rublos para a mão.

"Queres mesmo saber?", perguntou.

"Claro."

"E que nós descobrimos algo."

Tomás encarou-o interrogativamente.

"O quê?"

Filipe pôs-se de pé, vestiu o casaco e dirigiu-se para a porta do bar.

“Descobrimos uma coisa que marca o fim da indústria petrolífera”, afirmou. “Isso eles não podem tolerar.”

E saiu.

XXI

Encontraram Nadezhda sentada num largo banco de madeira entre dois *yurts*, as pernas esticadas sobre um tronco cilíndrico, envolta num espesso e macio casaco de peles. Os *yurts* assemelhavam-se a pãezinhos alinhados lado a lado, a cinco metros uns dos outros e com um banco de jardim entre eles; atrás havia uma densa fileira de árvores a marcar o início da floresta, como se as tendas estivessem encostadas a uma parede de troncos e arbustos. A russa tinha um candeeiro de petróleo pousado no chão, ao lado do banco, e a luz bruxuleante projectava sombras fantasmagóricas em redor, pareciam espectros a dançar na noite.

"Então?", saudou-a Filipe ao aproximar-se da tenda com Tomás no encalço. "Por onde andaste tu?"

"Por aí."

"Não me digas que foste ter com o Khamagan."

A russa emitiu um estalido irritado.

"Oh, não me chateies."

Filipe riu-se e voltou a cabeça para trás.

"A Nadia tem cá um amigo especial", disse. "E um velho xamane que lhe enche a cabeça de disparates."

"Não são disparates, Filhka", protestou ela. "Ele tem mesmo poderes sobrenaturais."

"Que poderes sobrenaturais? O velho é um trapaceiro!"

"Ele fala com os espíritos."

O geólogo português soltou uma gargalhada.

"Parece-me que fala mais com as bebidas espirituosas."

"Oh, lá estás tu."

Tomás acomodou-se sobre o tronco pousado no chão, junto aos pés de Nadezhda.

"Que história é essa de um xamane?"

"É um aldrabão que anda para aí a endrominar o pessoal", disse Filipe. "Convenceu a Nadia de que é um mágico."

Nadezhda rolou os olhos, enfadada.

"Não ligues, Tomik", cortou ela. "O Filhka não sabe o que diz."

"Ah, não sei?"

"Não, não sabes."

"Então o que faz o velho? Hã? O que faz ele?"

“O Khamagan tem poderes místicos”, argumentou a russa. “Tens de respeitar isso.”

“Esses poderes não são místicos”, contrapôs Filipe, um sorriso irónico no rosto. “São míticos.”

Sentindo-se desconfortável, Tomás remexeu-se sobre o tronco pousado no chão, junto aos pés de Nadezhda, em busca de uma melhor posição.

“O Nadia, explica-me lá isso.”

Ela fez um gesto largo, englobando a noite que cercava o *yurt.*

“Lembras-te de eu te dizer, quando aqui chegámos, que esta ilha é mágica?”

“Sim.”

“Olkhon é um dos principais pólos xamanes do mundo. Eu conheci o Khamagan quando andei aqui pela Sibéria a fazer aquelas medições meteorológicas para o Filhka. Vim a esta ilha porque ouvi dizer que a temperatura aqui é mais quente do que no resto da região, e foi então que me apresentaram o Khamagan. Vim a descobrir que ele é um dos mais importantes xamanes que existem.”

“Mas o que faz ele de especial?”

“Cura as pessoas.”

“De quê?”

“Sei lá, dos males que tiverem.”

“Assim como os feiticeiros tribais?”

A mão dela flutuou no ar, balouçando rapidamente.

“Mais ou menos”, disse, não muito satisfeita com a comparação.

“O xamane utiliza os seus poderes místicos para viajar por outras dimensões e comunicar com os espíritos, de modo a conseguir um equilíbrio entre os dois mundos, o físico e o espiritual.”

“Ele é possuído pelos espíritos?”

“Não, não. O Khamagan controla os espíritos.”

“E quem são eles?”

“Bem, são as almas dos mortos, mais os demónios e os espíritos da natureza.”

Tomás fez uma careta.

“Isso parece um bocado fantasioso, não achas?”

“Admito que, assim postas as coisas, talvez pareça fantasioso, sim”, reconheceu ela. “Mas a verdade é que funciona.”

'Como sabes que funciona?”

“Sei porque vi.”

“Viste o quê?”

“Vi o Khamagan curar pessoas por recurso ao transe.”

O historiador franziu o sobrolho, céptico.

“Não poderá ter sido sugestão?”

“Talvez. Mas lá que elas ficaram curadas, isso ficaram.”

Filipe agitou-se, impaciente. Já conhecia aquela conversa e não a queria alimentar. Esticou o corpo e flectiu os braços, para combater o frio que lhe entorpecia as articulações, e fez sinal na direcção do convidativo interior do *yurt.*

“Que tal um chá?”

O interruptor fez um clique, mas a tenda permaneceu às escuras, apenas iluminada pelo clarão do candeeiro de petróleo pendurado na mão de Nadezhda.

“Porra”, praguejou Filipe. “O gerador deve estar outra vez em baixo. Que chatice!”

“O acampamento é iluminado a gerador?”, admirou-se Tomás.

“Não é só o acampamento”, explicou o amigo. “É a ilha toda.”

“O quê? A ilha não tem rede eléctrica?”

“Não. É tudo movido a gerador.”

Tomás riu-se.

“Mas onde é que eu me vim meter?”

“Olkhon é a natureza em estado puro, *Casanova.* Isto é tão selvagem que, no tempo da União Soviética, a ilha, apesar de ser muito bonita, foi integrada no sistema de gulags. Vieram muitos deportados, sobretudo lituanos, e grande parte morreu aqui.”

“Mas isto é assim tão duro?”

“Não, o clima de Olkhon é até moderado quando comparado com o resto da Sibéria. O problema é que não existem infra-estruturas nenhumas. Por exemplo, não há ligações telefónicas nem rede de electricidade.”

“E telemóveis?”

“Não apanham sinal aqui nesta zona.”

“A sério? Então como faço se precisar de falar para o exterior?”

“Existem dois telefones por satélite. Um aqui no acampamento, o outro na pensão do Bencharov, em Khuzhir. Se precisares, diz. Custa cem rublos o minuto.”

A iluminação dentro da tenda ficou a cargo do candeeiro a petróleo de Nadezhda. Nada ali funcionava, com excepção do samovar; era um velho cilindro aquecido a carvão, com aspecto de remontar ao tempo de Estaline, e extraíram da torneira a água a ferver de que precisavam para o chá. Sentaram-se nas duas camas do *yurt* com as chávenas fumegantes nas mãos e engoliram um trago escaldante que lhes confortou as entranhas.

“Há bocado disseste-me uma coisa que me está a fazer confusão”, observou Tomás em português, regressando à conversa do bar. “Disseste-me que vocês

fizeram uma descoberta que põe em causa a indústria do petróleo."

"Sim."

"Que descoberta foi essa?"

Filipe focou os olhos no vapor que subia da chávena e soprou com suavidade sobre o chá, para o arrefecer.

"Não te posso dizer", murmurou.

"Porquê?"

"Por vários motivos. Um deles é que, se te contasse, também a tua vida correria perigo."

"Não te preocupes com a minha vida. Eu aqui represento a Interpol."

O geólogo riu-se.

"Havia de te valer de muito."

Tomás ignorou o sarcasmo.

"Mas não achas importante contar isso?"

"Acho", concordou. "No momento certo."

"E quando será o momento certo?"

O rosto de Filipe assumiu uma expressão ambígua.

"Em breve."

Nadezhda, enfadada de os ver a dialogar em português, cortou a conversa e disparou uma rajada de russo furioso que fez Filipe sorrir.

O geólogo respondeu em russo e depois voltou-se para Tomás.

"A Nadia está a sentir-se excluída da conversa", explicou. "Como não falas russo e ela não percebe português, é melhor continuarmos em inglês."

"É melhor", assentiu a rapariga.

"Confesso que estou embasbacado com o teu russo", observou Tomás. "Onde é que o aprendeste?"

"Aqui na Rússia, claro."

"Vives aqui há muito tempo?"

"Vivi aqui há muito tempo."

"Viveste?"

"Sim. Não te lembras de que os meus pais eram do Partido Comunista?"

"Então não me lembro?", sorriu Tomás. "Eles eram um escândalo em Castelo Branco. Votavam em candidatos com nomes estranhos, como Octávio Pato e outros do género."

"Por causa dos meus pais, quando terminei o liceu arranjei uma bolsa e fui tirar Geologia para a Universidade de Leninegrado. Foi no tempo da União Soviética, claro."

"Leninegrado? Sampetersburgo, queres tu dizer."

"Leninegrado era o nome que a cidade tinha na altura."

“E então? Gostaste?”

“A cidade é espectacular”, disse. “Mas, como é bom de ver, ao fim de duas semanas eu já me tinha tornado um anticomunista primário.”

“Foste-te logo embora.”

“Não. Fiquei quatro anos.”

“Quatro anos?”

Filipe encolheu os ombros.

“Foram as russas que me fizeram ficar”, disse, uma expressão entre o impotente e o resignado. “O país era uma merda, as pessoas antipáticas, o sistema comunista não funcionava, fazia um frio incrível no Inverno, mas mesmo assim não consegui ir-me embora.” Suspirou.

“As miúdas aqui foram a minha perdição, não havia nada a fazer.”

“O que têm elas assim de tão especial?”

O amigo olhou para Nadezhda como se exibisse a prova.

“Então não vês?”

Trocaram olhares embaraçados na hora de se irem deitar. O *yurt* só tinha duas camas e eles eram três. Tomás presumiu inicialmente que Filipe dispunha da sua própria tenda, onde passaria a noite, mas foi na altura em que decidiram deitar-se que percebeu que aquela era a tenda do amigo.

Na atrapalhação que se seguiu, vários pensamentos cruzaram a sua mente. O primeiro, quase instintivo, foi o de que ele e Nadezhda iriam para uma cama e Filipe para a outra. Parecia-lhe uma solução natural, tendo em conta a relação que desenvolvera com a russa nos últimos dias. Mas, momentos depois, reconsiderou. Ficaria mal ir dormir com a rapariga na tenda do amigo. Se calhar a melhor opção, e a mais cavalheiresca, era eles deitarem-se na mesma cama e ela ir para a outra. Uma espécie de segregação sexual.

Ia fazer a proposta honrosa quando viu Filipe puxar Nadezhda pelo braço.

“Tu hoje dormes comigo, minha linda”, disse ele.

Tomás nem queria acreditar. Teria ouvido bem? Mas o que se passou logo a seguir tirou-lhe quaisquer dúvidas. Nadezhda, para pasmo seu, não reagiu contrariada ao convite, antes riu-se e deixou-se levar, envolvida no abraço lúbrico de Filipe. Tombaram os dois numa das camas e, com risinhos que lhe pareceram imbecis, desapareceram por entre os lençóis e as mantas.

O historiador despiu-se devagar, os sentimentos entorpecidos.

Sentia-se chocado com a forma leviana e descarada como Nadezhda o trocara por outro, mesmo ali diante do seu nariz. Vestiu o pijama e deitou-se na cama. Tinha-se habituado a ela, à sua familiaridade, a considerá-la sua, mas essa ilusão fora quebrada com violência, como um espelho que se parte e agora sim fala verdade, mostra a realidade não como a unidade perfeita que via antes, mas

como o mosaico estilhaçado que na sua essência era.

Apagou o candeeiro a petróleo e o *yurt* mergulhou na escuridão completa. Mas não no silêncio. Os risinhos de Nadezhda e as gargalhadas de Filipe transformaram-se noutra coisa; ela agora gemia e ele grunhia e arfava. O colchão agitava-se em solavancos, guinchando e chiando, abanando como um bote em águas tumultuosas. Tomás fechou os olhos e, em desespero, pôs a cabeça debaixo do cobertor, como se assim conseguisse evadir-se daquele pesadelo. Por instantes pareceu-lhe melhor, mas a sua curiosidade traiu-o e, concentrando a atenção, captou os sons da refrega tumultuosa que agitava a cama ao lado.

Uma puta, pensou. Sou mesmo estúpido. Só eu para me afeiçoar a uma puta.

Os gemidos e os grunhidos subiram de tom e explodiram numa apoteose de urros e vagidos, para logo tudo serenar, como uma bonança que se impõe abruptamente. Depois de um breve turturilhar, manso e repenicado, o silêncio instalou-se enfim no *yurt* e Tomás, esforçando-se por ignorar o que se passara, esvaziou a mente e deixou-se deslizar gradualmente para o sono.

Barulho.

Um barulho a meio do sono trouxe-o de volta à consciência, como se estivesse imerso em águas quietas e uma força desconhecida o puxasse bruscamente à tona. Sonhara com a mãe e ouvira o som do corpo dela tombar pelas escadas, cumprindo a ameaça que lhe fizera quando a deixara no lar. Seria um sonho premonitório? Será que ela estava bem? Em boa verdade, teria mesmo sonhado? Ainda entorpecido pelo sono, mas incomodado pela súbita inquietação, decidiu confirmar; era a melhor maneira de recuperar a tranquilidade e a paz de espírito. Aguçou por isso os ouvidos e pôs-se à escuta.

Mais barulho.

Sentiu movimento lá fora. Não havia dúvidas, aquilo não fora sonho, a mãe não se atirara das escadas. O facto é que se aproximava alguém, ouvia-lhe os passos e a respiração arfada.

Soergueu-se na cama, já desperto, os cotovelos assentes no colchão, e tentou ver na escuridão.

“Filbka!”, chamou um homem à porta do *yurt*, a voz transmitindo urgência. *“Filhka!”*

“Cbto?” Era a voz estremunhada de Filipe. *“Kto eto?”*

“Eto ya, Borka.”

“Chyo takoe, Borka?”

“Tam tebya rebyata icbut, u nikh stvoly.”

Filipe saltou da cama, alarmado, e Tomás sentiu o coração disparar; não sabia o que se passava mas percebia que algo estava a acontecer.

“O que é? O que se passa?”

“Veste-te”, ordenou Filipe. “Já! Já!”
“O que se passa?”
“Andam homens armados à nossa procura.”

XXII

Esgueiraram-se pela porta do *yurt* e mergulharam apressadamente na escuridão, Tomás ainda a apertar o cinto das calças, Nadezhda a abotoar o casaco. Seguiam o desconhecido que os alertara, um magricela chamado Boris que os levou às escuras ao longo do perímetro do acampamento e depois para além dele.

Ouviram alguns gritos lá atrás e viraram a cabeça para tentar descortinar o que se passava, mas a sombra era opaca e nada conseguiram vislumbrar; dali vinham apenas sons de ordens e de corrida e de metais a tilintar.

Progrediam com os braços estendidos para a frente, às cegas, tacteando o caminho, enxergando apenas o vulto esquivo do companheiro da frente. Boris era o único que parecia saber exactamente para onde ia e por isso caminhava na dianteira, guiando-os pela floresta de tomilho e larícios; por vezes embatiam num tronco, tropeçavam num galho, chocavam com um arbusto ou arranhavam-se em cardos, mas o medo impelia-os para a frente, empurrava-os para a fuga, as pernas leves, os sentidos atentos, o coração aos saltos, a dor anestesiada.

Calcorrearam a taiga durante umas dezenas de minutos, por vezes atingindo becos de vegetação que os obrigavam a recuar, até que a floresta se abriu bruscamente numa clareira e deram consigo diante de um pequeno povoado.

"Kharantsy", anunciou Boris.

"Estamos na aldeia de Kharantsy", explicou Filipe num sopro, sem se atrever a levantar a voz. "O Borka conhece bem isto."

"Quem é o Borka?"

O amigo apontou para o russo.

"É o Boris. Tratamo-lo por Borka."

Boris fez-lhes sinal de que esperassem e sumiu-se na noite, deixando os três parados à entrada da aldeia, tremendo de frio e de medo, sem saberem o que fazer.

"Onde foi ele?"

"Foi arranjar maneira de nos tirar daqui. Vamos esperar."

Ficaram calados um longo minuto, quase de respiração suspensa para ouvirem melhor; aguçaram a atenção de modo a tentarem identificar qualquer ruído suspeito, qualquer som fora do normal, mas tudo permanecia tranquilo e apenas escutavam o seu próprio arfar reprimido.

"Quem são os gajos armados?"

"Não sei."

“Então porque estamos a fugir?”

“Porque não é normal haver gente a entrar com armas a meio da noite no acampamento.” Filipe sentia-se a arquejar. “Quando o Howard e o Blanco morreram, vim esconder-me aqui em Olkhon, que conhecia dos meus tempos de estudante em Leninegrado.” Fez uma pausa para recuperar o fôlego. “Andei todo este tempo à espera que uma coisa destas acontecesse e foi por isso que montei um sistema de alerta com uns rapazes a quem pago uma mensalidade.” Fez um gesto na direcção da escuridão que engolira Boris. “O Borka é um deles.”

Calaram-se de novo, procurando ruídos suspeitos. Nada. Apenas escutavam as suas respirações ainda arquejantes e o vigoroso farfalhar das árvores que murmuravam ao vento.

“Os homens armados”, disse Tomás. “Como é que eles descobriram o teu paradeiro?”

“Boa pergunta.”

“Achas que nos seguiram, a mim e à Nadia?”

“É o mais provável.”

“Desde Moscovo?”

“É o mais provável.”

“Porra”, murmurou o historiador, desalentado. “Não me apercebi de nada.”

Filipe suspirou.

“A culpa é minha”, disse. “Nunca devia ter respondido ao teu *e-mail.*”

“Mas como terão eles sabido?”

O amigo considerou esta pergunta.

“Tu não foste a Viena?”

“Fui. Dei um salto à OPEP para tentar perceber o que andavas tu a investigar no dia em que mataram o americano e o espanhol.”

“Então foi aí. Os gajos toparam-te e puseram alguém atrás de ti para ver onde os levavas.”

Tomás abanou a cabeça, agastado.

“Sou mesmo estúpido.”

“A culpa é minha”, repetiu Filipe. “Eu é que devia ter sido mais esperto.”

Escutaram passos e calaram-se, os três muito alarmados, tentando identificar a ameaça. Um vulto materializou-se ao pé do grupo, fazendo-os estremecer de susto. Era Boris, que voltara da sombra. O russo sussurrou algumas palavras e levou-os pelas ruas adormecidas da aldeia para um edifício que lhes pareceu um estábulo.

“O Borka quer saber se estás em forma”, disse Filipe.

“Eu? Sim, acho que estou”, devolveu Tomás. “Porquê?”

Boris acendeu uma lanterna e voltou-a para a parede do estábulo. Os focos

dançaram pela madeira até localizarem o que procuravam.

“Porque vamos ter de as usar.”

Eram bicicletas.

Pedalaram por um trilho, os faróis acesos, e foram dar a uma estrada de terra batida, onde pararam. Os três da frente puseram-se a discutir em russo e a apontar em várias direcções; visivelmente havia desacordo no grupo.

“O que se passa?”, quis saber Tomás, interrompendo a algaraviada eslava.

“Estamos a decidir para onde vamos”, explicou Filipe, falando em inglês para manter os russos a par da conversa. “O Borka quer levar-nos para Khuzhir, mas eu acho arriscado. Os tipos armados de certeza que vão para lá.”

“Então qual a alternativa?”

“Pois, é esse o problema”, observou o amigo. “Não sei.”

“Eu tenho uma solução”, disse Nadezhda.

“Diz lá.”

“O velho Khamagan.”

“Não digas disparates.”

“Escuta-me, Filhka”, implorou. “Eu fui hoje visitá-lo na Shamanka.

O Khamagan tem maneira de nos tirar daqui se formos ter com ele.”

“À Shamanka?”

“Sim.”

Fez-se silêncio enquanto Filipe considerava a opção. Questionou Boris em russo e, depois de ouvir a sua opinião, pôs o pé no pedal e fez que sim com a cabeça.

“Vamos lá.”

Meteram pela estrada e pedalaram para oeste. O lago estava próximo e vislumbraram um ténue clarão mais à frente, eram as escassas luzes de Khuzhir a lampejar na noite. Decidiram arriscar e atravessar a vila, mas, quando se aproximavam das primeiras casas, progredindo com mil cautelas, escutaram o som de motores atrás deles. Boris fez um sinal e saíram da estrada, deitando-se na berma.

O ruminar dos motores cresceu, a estrada ficou de repente iluminada por faróis e viram dois jipes passar com grande fragor.

Tomás esticou o pescoço e observou o interior das duas viaturas; os jipes iam cheios de homens.

“São eles”, murmurou Filipe. “Andam à nossa procura.”

Os jipes pararam alguns metros à frente e deixaram-se ficar, os faróis acesos, como se estivessem a avaliar a situação; pareciam felinos à espreita da presa. Permaneceram assim alguns segundos, até que se acenderam as luzes traseiras de marcha atrás do carro da frente e, acto contínuo, as do que se encontrava atrás.

“Eles vêm para aqui!”, assustou-se Tomás.

Igualmente alarmado com a possibilidade de os jipes voltarem a passar junto ao local onde estavam escondidos, Boris sussurrou algo em russo e Filipe fez sinal a Tomás de que o seguisse.

“Isto está mesmo muito perigoso”, disse. “O Borka vai levar-nos por um atalho.”

Deslizaram pela berma e ziguezaguearam às escuras pela estepe. O solo apresentava-se coberto de ervas e plantas aromáticas que exalavam uma fragrância forte e agradável. Algumas centenas de metros mais à frente apanharam um novo trilho, montaram nas bicicletas, contornaram Khuzhir muito devagar, progredindo com extremo cuidado, os faróis apagados e o caminho feito às cegas, e pedalaram até as pernas lhes pesarem como chumbo.

“Shamanka.”

A voz de Boris anunciou o seu destino. Tinham chegado. Os olhos de Tomás já se haviam habituado à escuridão, mas a primeira coisa que notou ao alcançar o local não foi uma imagem nem um cheiro, mas um som.

O marulhar tranquilo das águas.

A enseada tinha uma pequena praia de areia, curvada como um U largo, e um vulto escuro erguia-se na ponta esquerda do U, parecia um castelo gótico mergulhado na noite. Os quatro desmontaram das bicicletas e desceram até à praia, caminhando na direcção do maciço sombrio.

“O que é aquilo?”, perguntou Tomás, apontando para o vulto que lhe dava a impressão de vigiar o lago.

“É a Pedra Xamane”, disse Filipe. “Chamam-lhe Shamanka.”

“Uma pedra xamane?”

“Não é uma pedra xamane”, corrigiu o amigo. “É a Pedra Xamane.” Sublinhou o *a pedra.* “Este rochedo é um dos nove locais mais sagrados da Ásia.”

Tomás analisou com atenção a sombra para a qual caminhavam.

“O que tem este sítio assim de tão especial?”

“Conta-lhe, Nadia.”

A russa, que caminhava em silêncio na dianteira, abrandou o passo e deixou-se apanhar por Tomás.

“Foi aqui na Shamanka que nasceu o primeiro xamane”, explicou ela. “Diz a tradição que esse xamane era um homem e que, ao fim de algum tempo, começou a sentir-se muito só. Foi então que criou a primeira mulher xamane.”

A sombra cresceu diante do grupo, enorme, ameaçadora, tão próxima que Tomás já lhe podia destrinçar as formas. Era um rochedo escarpado com dois picos e apresentava uma superfície agreste, coberta de ângulos cortantes como

um ouriço; dava a impressão de que a praia fazia um esforço para se esticar, estirando-se até tocar neste monstro de pedra, parecia uma fera de costas voltadas para a terra, uma sentinela de guarda às águas do Baikal. Havia algo de irreal na sua essência, como se fosse um pedaço da Lua atirado para o lago, um corpo estranho tombado na praia, uma escultura bizarra extraída de uma outra dimensão.

Uma luz amarela e vermelha cintilou na encosta do rochedo, ténue e bamboleante.

"O que é aquilo?"

"É o Khamagan", descansou-o Nadezhda. "Acendeu uma fogueira."

Atingiram a base do rochedo e escalaram a encosta alcantilada na direcção das chamas que tremelicavam a um canto. Tomás percebeu que a pedra era uma espécie de mármore cristalizado, coberto por líquenes vermelhos. Tudo ali era natural, primitivo, com excepção de uma placa com letras esculpidas na pedra, pareceu-lhe que em sânscrito.

Nadezhda chamou Khamagan em voz alta. O nome ecoou pela pequena enseada e ouviram uma voz fraca responder. Deram com o velho xamane envolto em cobertores e deitado numa gruta rasgada na pedra, a fogueira acesa mesmo à entrada. Era um homem de rosto largo e trigueiro, os olhos negros amendoados e os malares salientes, como a face dos mongóis, os cabelos alvos a descaírem do gorro azul como farrapos de palha gasta.

Seguiu-se uma conversa em russo entre os recém-chegados e o xamane, com Boris e Filipe a gesticularem imenso, como se essa fosse a única forma de enfatizarem a urgência do que tinham para dizer. Mas Khamagan parecia resistir, nada impressionado com o que lhe era relatado pelos recém-chegados, e Nadezhda interveio. A russa começou a falar calma e pausadamente com o velho xamane.

Khamagan escutou-a em silêncio, absorvendo tudo o que ela lhe dizia; era evidente que a respeitava.

"O que faz ela?", perguntou Tomás num sussurro.

"A Nadia está a explicar-lhe que somos perseguidos por homens que ameaçam o *tegsh."*

"O que é isso?"

"O *tegsh?* É um conceito xamane."

"Mas o que significa?"

"Equilíbrio", traduziu Filipe. "Os xamanes veneram o ar, a água e a terra e consideram que é importante manter o equilíbrio no mundo.

Segundo eles, o planeta não é um sítio morto, mas cada coisa e cada lugar vibra com a presença viva de espíritos. Tudo tem uma alma, incluindo os

animais e as plantas. A ética xamane preconiza o respeito pela natureza e a defesa das coisas naturais e é a essa ética que a Nadia está a apelar."

Nadezhda calou-se e foi a vez de o ancião começar a falar.

"O que diz ele?"

"A Mãe Terra e o Pai Céu criaram-nos e alimentaram-nos durante milhões de anos e merecem o nosso respeito", murmurou Filipe, traduzindo em simultâneo as palavras de Khamagan. "Os homens acham que o mundo é inerte e está aqui para ser explorado. Não é e não está. O problema dos homens é que perderam o respeito pela Mãe Terra e isso condena-nos a todos. Precisamos de respeitar o lago e a montanha, a taiga e a estepe, a águia e o peixe, ou então perde-remos tudo. Precisamos de *tenger medne.* Cada um de nós é responsável pelo que faz e *tenger* vê tudo o que é feito e é o derradeiro juiz e o fazedor de destinos."

"Precisamos de quê?", perguntou Tomás, interrompendo a tradução em simultâneo.

"Tenger medne", repetiu Filipe. "E a responsabilidade pessoal, a relação que temos com o universo. Os xamanes acham que a relação dos seres humanos com o universo é directa, sem nada que se interponha, nem livros sagrados, nem padres, nem mesmo xamanes.

Apenas *tenger medne."*

Khamagan calou-se nesse instante e a russa voltou a falar, desta vez mais agitada, apontando sucessivamente para a praia, para o interior da gruta e para o lago. Filipe ficou tão absorto no que ela dizia que deixou de traduzir, mas depressa isso se tornou irrelevante. O

velho xamane escutou-a em silêncio, balançou a cabeça quando ela por fim se calou e pronunciou então uma única palavra.

"Da."

Aquele *sim* impulsionou-os à acção. Entraram na gruta e inclinaram-se na sombra, pegando num objecto cujas formas Tomás não conseguia distinguir. Levantaram o objecto e ar-rastaram-no para fora da pequena caverna.

"O que é isso?"

"É um caiaque, não vês?"

Era, de facto, uma embarcação de madeira, estreita e longa, com capacidade para duas pessoas. Desceram o declive, depositaram o caiaque na água e voltaram à gruta para ir buscar a segunda canoa.

Tomás foi com eles e desta vez ajudou a transportar a embarcação.

Quando franqueou a porta da gruta com o caiaque nos braços tropeçou numa pedra e quase caiu, mas conseguiu recuperar o equilíbrio a tempo. Foi nesse instante que ouviu a voz de Nadezhda.

"Eles estão a chegar."

Contorceu a cabeça, ergueu o caiaque mais alto e espreitou, tentando perceber o que se passava. Por cima da praia, entre uma nuvem de pó, viu dois pares de faróis a aproximarem-se.

Eram os jipes.

"Depressa! Depressa!"

Os três homens quase correram pela encosta com o caiaque aos ombros. Atiraram a canoa para a água e Filipe apontou para Tomás.

"Tu vais com a Nadia neste caiaque." Indicou a embarcação mais próxima. "Eu vou com o Borka no outro."

Nadezhda equilibrou-se na canoa e esperou que Tomás se acomodasse. O historiador olhou de relance para o local onde vira os jipes e constatou que eles se tinham imobilizado; as portas abriam-se e os ocupantes saltavam cá para fora. Não precisava de ver mais; tomou o seu lugar e pegou no remo.

"Depressa!"

Filipe praguejou em português enquanto entrava no segundo caiaque.

"Mas como é que estes cabrões sabem onde nós estamos?"

"Será que alguém nos denunciou?", alvitrou Tomás.

"Mas quem? Só há bocado é que decidimos vir aqui para a Shamanka..."

"Se calhar andam a vasculhar toda a ilha."

Ouviram vozes ao fundo. Eram os homens dos jipes que já os tinham identificado e gritavam ordens.

Os remos dos dois caiaques tocaram na água e as embarcações começaram a afastar-se do rochedo.

"Para onde vamos?", perguntou Tomás, que deixara de ver a outra canoa.

Foi a escuridão que lhe respondeu.

"Vamos separar-nos", disse a voz de Filipe. "Tu vais com a Nadia."

"Encontramo-nos onde?"

"Não sei. Eu depois contacto-te."

Os desconhecidos corriam pela praia e atingiram num ápice a Pedra Xamane. Remando furiosamente, Tomás conseguiu ganhar alguma distância antes de se atrever a espreitar para trás. Viu a silhueta dos homens recortada no promontório pela fogueira de Khamagan e algo lhes cintilava nos braços.

Zzzzzzmm, zzzzzzmm, zzzzzzmm.

Um zumbido cortou o ar em redor do caiaque, seguido por um estrelejar de estampidos. A água fez *plocs* sucessivos mais adiante, eram projécteis que tombavam no lago.

"Eles estão a disparar contra nós", exclamou Tomás, quase em pânico.

A sua mente pareceu dividir-se nesse instante. Uma parte foi invadida pelo medo e pelo impulso de se escapar, de sair dali, de se escapulir a qualquer preço,

mas uma outra, a racional, contemplava a situação com um alheamento bizarro; tinha a impressão de não passar de um mero espectador a apreciar a cena com distanciamento, como se nada daquilo lhe dissesse respeito. Essa metade racional espantou-se com a forma como tudo sucedia, nunca esperara que ser alvejado fosse assim. Sempre imaginara que primeiro se ouviam os estampidos e só depois o soprar das balas, como nos filmes, mas afinal era ao contrário; as balas voavam mais depressa do que o som, os zumbidos chegavam antes dos estampidos.

"Chiu", soprou Nadezhda. "Não faças barulho."

"Mas eles estão a disparar contra nós!"

"Abriram fogo às cegas", explicou ela. "Não nos vêem." Os estampidos depressa se silenciaram e não houve mais zumbidos em torno da canoa. Nadezhda tinha razão. Os desconhecidos não viam os caiaques. Apenas enxergavam o manto negro do Baikal a fundir-se com a noite siberiana.

XXIII

A canoa cortava a água com silenciosa rapidez, os remos dançando alternadamente a bombordo e a estibordo, os remadores ofegantes com o esforço de manterem o ritmo; um-dois, um-dois, força, força, um-dois, sempre em frente, força, mais um bocado, um-dois, um-dois.

Dez minutos consecutivos a remar tiveram, porém, o seu preço.

Tomás sentiu os músculos dos ombros e do pescoço pesarem como pedras e os braços quase adormecerem de entorpecimento.

Esvaindo-se de energia e os pulmões arquejando por ar, o combustível do medo esgotado pelo esforço desesperado da fuga, acabaram ambos por abrandar a cadência com que puxavam a água com os remos; o caiaque, deslizando agora mais devagar, deixou de ser um projéctil disparado pelo lago e tornou-se uma frágil e delicada casca de noz, de repente infinitamente sensível ao ondular tenro do Maloye Morye, o estreito entre a ilha e o continente.

“Onde estão eles?”, murmurou Tomás por entre duas golfadas de ar, o coração num batuque de cansaço.

“Quem? O Filhka e o Borka?”

“Sim.”

“Não sei. Andam por aí.”

Recuperando o fôlego, o historiador olhou em redor e tentou descortinar movimento, mas a escuridão em torno da canoa era opaca; apenas conseguia distinguir alguns pontos luminosos diante de si, provavelmente casas isoladas no meio da estepe ou da taiga.

Ao longe, as luzes de Khuzhir e a chama vacilante da fogueira de Khamagan, sinalizando a Shamanka, mostravam-lhes que a costa de Olkhon continuava perigosamente próxima. A água parecia petróleo de tão impenetravel-mente negra; reflectia apenas as poucas luzes que rodeavam o lago, archotes trémulos que ondulavam ao sabor nervoso das vagas.

Ao fim de alguns minutos de descanso recomeçaram a remar, mas já sem o vigor frenético que os impulsionara minutos antes. Na mente de ambos repetia-se incessantemente o som arrepiante que haviam escutado depois de abandonarem a Shamanka, o sibilar sinistro e baixo das balas a ceifarem o ar em seu redor, como adagas invisíveis que dissecavam o vento, lembrando-lhes que os maiores perigos nunca se fazem anunciar com pompa, antes aparecem pela calada, com insidiosa brusquidão, invisíveis e traiçoeiros.

Perderam a conta ao tempo que passaram a remar. Vista da praia do

acampamento *yurt*, à luz acolhedora do entardecer, a costa que se erguia do outro lado do Maloye Morye parecia ao alcance de um braço, tão tentadoramente próxima; mas agora ali, cegos pela noite e esfaimados pela ânsia de devorarem o caminho, as costas doridas e o medo a ruminar-lhes no estômago, a extensão tornava-se insuportável. Estariam perto? Estariam longe? Contemplando as luzes, a distância parecia permanecer sempre igual; ou talvez não, vendo bem, a fogueira do Khamagan não passava de um quase insignificante tremelicar, era uma estrela que cintilava no horizonte, indício seguro de que a Shamanka já ficara bem para trás.

O caiaque embateu de repente em algo invisível e os dois tiveram um sobressalto. Teriam encalhado? Teriam chocado com uma rocha? Nadezhda inclinou-se e apalpou a madeira às cegas, procurando verificar se havia água, se o embate tinha rasgado a base da canoa.

"O que foi?", sussurrou Tomás, ansioso.

A mão de Nadezhda percorreu toda a madeira, mas o interior do caiaque permanecia seco, o que a fez suspirar de alívio.

"Está tudo bem", assegurou.

"Então o que aconteceu?"

A pergunta era boa, sobretudo porque o caiaque continuava imobilizado. A russa ergueu-se com cuidado e inclinou-se para a frente, de modo a apalpar o exterior da canoa. Mergulhou a mão na água fria, à proa, e percorreu-a de um lado para o outro, sem perceber ainda o que tinha acontecido. Como nada detectou, inclinou-se um pouco mais e afundou o braço na água, meio a medo, até que os dedos tocaram numa superfície suave e granulosa.

"Areia", exclamou ela. "Embatemos num banco de areia."

"Oh, não. E agora?"

"Blin! Temos de sair daqui."

Tomás equilibrou-se na canoa e, com o remo, experimentou o fundo. De facto, havia ali areia e tudo indicava que a proa tinha encalhado, uma vez que a ré flutuava mas a parte dianteira parecia encravada em alguma coisa.

"Achas que chegámos à praia?", arriscou ele.

"É possível. Consegues ver alguma coisa?"

Abriram ambos muito os olhos, tentando vislumbrar sinais da costa. Já se haviam habituado à escuridão, mas era difícil, sem referências de luz, lobrigar algo para além das trevas densas diante deles. Era como se estivessem rodeados pelo abismo, incapazes de destrinçar um dedo à frente do nariz, totalmente perdidos naquela sombra cerrada. E, no entanto, era imperativo que percebessem onde se encontravam. Tomás voltou a experimentar o solo com o remo, mas desta feita tocou na parte situada diante da canoa; a areia parecia aqui muito

mais próxima do que na ré. Sentindo-se mais confiante, descalçou os sapatos e as meias, arregaçou as calças acima dos joelhos e, em preparos de verdadeiro saloio, aproximou-se da proa.

“Deixa-me passar”, pediu.

“Tem cuidado, Tomik.”

Meteu o pé na água, muito a medo, e o frio percorreu-lhe o corpo e fez-lhe doer os ouvidos. Mergulhou a perna com cuidado e pisou a areia ainda antes de a água lhe tocar no joelho. Depois pousou o outro pé e, com imensa cautela, separou-se da canoa e avançou, passo ante passo, até que a água lhe cobriu apenas os pés e depois já nem isso.

“É a praia”, constatou com alívio. “Chegámos ao outro lado.”

Voltou para trás e ajudou Nadezhda a abandonar o caiaque.

Caminharam os dois de mãos dadas até à praia, como cegos a explorar sem bengalas um caminho desconhecido, e só pararam quando deixaram a areia e sentiram a erva da estepe siberiana arranhar-lhes as plantas dos pés.

“Onde vamos agora?”, perguntou Tomás, calçando as meias e os sapatos.

“Acho que é melhor irmos até Sakhyurta.”

“A pé?”

Nadezhda emitiu um estalido irritado com a língua. “Vês por aqui alguma carreira de autocarro?” “Não.”

“Então porque fazes essa pergunta idiota, Tomik? Claro que temos de ir a pé.”

Tomás levantou-se, impaciente.

“Muito bem”, disse. “Vamos?”

A russa deixou-se ficar sentada na erva.

“Olha lá, tu consegues ver alguma coisa na escuridão?”

“Eu não.”

“Então senta-te e cala-te.”

Dormitavam agarrados um ao outro, unidos num abraço quente que os protegia do frio agreste da noite na estepe, quando se aperceberam do clarão azulado que aos poucos ia pintando o céu. O

primeiro a entreabrir os olhos foi Tomás, e o seu movimento despertou Nadezhda.

Amanhecia no Baikal e os primeiros raios da aurora despontavam do outro lado de Olkhon, recortando a sombra negra e longa da ilha no anil escuro do firmamento. Olharam em redor e viram pela primeira vez o cenário da costa onde tinham ido encalhar; rodeava-os a estepe, com a taiga e as montanhas a crescerem lá adiante, a costa rasgada em sucessivas enseadas, baías e cabos, aqui línguas de praia, ali penhascos escarpados. Procuraram sinais dos companheiros

em terra e na água, mas apenas vislumbraram a sombra do caiaque abandonado a balouçar diante da praia, como um tronco perdido, oscilando ao ritmo cadenciado das ondas que se desfaziam e refaziam na areia.

"Ê melhor irmos andando", sugeriu Tomás.

Desta vez Nadezhda concordou com a sugestão e levantou-se. A luz do alvorecer era ainda ténue, mas suficiente para destrinçarem o caminho. Sentiam frio e fome e urgia que se pusessem em marcha.

Calcorrearam a erva baixa da estepe e seguiram para sudoeste, acompanhando a linha da costa quando possível, procurando caminhos interiores sempre que necessário.

"O sítio para onde vamos ainda é longe?"

"Sakhyurta? São uns quarenta quilómetros."

Tomás rolou os olhos.

"Poça! Isso é uma maratona." Perscrutou o horizonte. "Não há nada antes disso?"

"Que eu saiba não."

"Essa terriola não é aquele sítio onde apanhámos o *ferry* para Olkhon?"

"É essa mesma. Podemos apanhar lá um autocarro e ir para Irkutsk."

"Mas não é perigoso? Os tipos que andam atrás de nós podem estar a vigiar aquela passagem..."

"E qual é a alternativa, Tomik?"

"Não sei. Diz-me tu."

Nadezhda apontou para as montanhas a noroeste.

"Podemos ir naquela direcção até chegarmos a Manzurka", sugeriu. "Mas são uns oitenta quilómetros."

"E se subirmos a costa?"

"E ainda pior. A próxima povoação é Baikalskoe, aí a uns trezentos quilómetros."

Tomás dobrou os lábios.

"Bem, então é melhor arriscarmos a terriola do *ferry*", resignou-se. "Pode até ser que consigamos apanhar uma boleia antes de lá chegarmos, quem sabe?"

A estepe não era lisa, mas ondulada, obrigando-os a escalar elevações e a descer declives. Pequenos arbustos apareciam dispostos a espaços regulares, como se tivessem sido cultivados; viam-se cardos e salvas e um toque de amarelo dos girassóis emprestava cor à paisagem acastanhada e seca.

"Não vive aqui ninguém?", exasperou-se Tomás ao fim de uma mera meia hora de marcha.

"Niet", confirmou Nadezhda, sem tirar os olhos do chão. "O solo é muito pobre, não vês? A estepe tem pouca água. Como isto é quase um deserto,

ninguém quer vir para aqui.”

Pequenos montes barravam-lhes por vezes o caminho, obrigando-os a contornar os obstáculos para poderem seguir em frente. A conversa entre ambos era esporádica, feita aos repelões; tinham fome e sentiam-se cansados, queriam sair dali o mais depressa possível, mas viam-se forçados a conformar-se com a situação.

Tomás alimentava, todavia, um ressentimento que até esse momento decidira calar, mas agora, com tanto para andar e sem nada para dizer, sentia-se tentado a expulsar aquele ardor que o martirizava a lume brando.

“Tu gostas do Filipe?”, arriscou.

Nadezhda encolheu os ombros.

“Não me queixo”, disse. “Sempre cumpriu o combinado. Além disso, está a fazer uma coisa importante, não achas?”

“Claro”, concordou Tomás. “Mas o que eu quero saber é se gostas mesmo dele.”

“Oh, isso.”

Caminhou calada.

“Então?”

“Homens são homens. Vocês gostam de sexo, eu gosto de sexo.

Qual é o mal?”

“Mas gostas do Filipe?”

“Eu gosto de todos os homens com quem ando. Desde que Paguem, está tudo bem.”

Tomás ficou um instante a remoer esta última afirmação.

“Não gostavas de sair dessa vida?”

“Qual vida? A de profissional do sexo?”

“Sim.”

“Blin!”, praguejou. “Mas qual é o teu problema?”

“Nenhum. Tenho apenas curiosidade, só isso.” Olhou-a com intensidade. “És obrigada a essa vida?”

Nadezhda riu-se.

“Queres salvar-me, é?”

“Sim, porque não?”

A russa permaneceu uns instantes calada, analisando o chão que pisava.

“És um querido, Tomik. Mas eu não preciso de ser salva.”

“Achas que não?”

“Sei que não. Ninguém me obriga a levar a vida que levo. Faço-o porque gosto do dinheiro e porque me dá prazer. Se eu quisesse acabar já hoje, acabava.” Fitou-o com jovialidade. “Sabes o que quer dizer o meu nome?”

“Nadia quer dizer alguma coisa?”

“Não, tolo. Nadezhda. Sabes o que quer dizer?”

Tomás contraiu o rosto numa expressão de ignorância.

“Não faço a mínima ideia.”

“Nadezhda significa *esperança.*” Sorriu com alegria. “Esperança.

Percebes, Tomik? Eu tenho esperança.” Fixou o horizonte com olhar sonhador. “Quando terminar a faculdade, no próximo ano, sabes o que vou fazer? Vou arranjar um Ivan qualquer e vou viver com ele para a Crimeia.” Sacudiu o cabelo ruivo, num gesto despreocupado.

“Não te preocupes comigo.”

“E a máfia deixa-te?”

“Mas qual máfia? Levo a vida que quero levar e deixá-la-ei quando quiser deixá-la. Aqui não há máfias a mandar em mim. Faço o que quero com o meu corpo e quem o quiser tem de pagar.” Apontou para Tomás. “E tu, com essa conversa de padre, ficas já a saber que se acabaram as borlas, ouviste? A partir de agora, queres brincadeira, pagas. Não és mais que os outros.”

XXIV

Uma nuvem de poeira assinalou o que parecia ser a aproximação a uma estrada de terra batida. Os ponteiros do relógio de pulso de Tomás acercavam-se já do meio-dia e os dois fugitivos arrastavam-se em silêncio pela estepe, demasiado cansados e esfaimados para conseguirem falar. A floresta descia as montanhas e aproximava-se da pequena faixa de pradaria, mas ambos preferiram manter-se no descampado, onde a progressão era mais fácil.

A poeira levantada ao longe teve o condão de os despertar da letargia em que haviam mergulhado, animando-os como um balão vazio quando recebe um sopro de ar.

"Vem aí gente", exclamou Nadezhda, subitamente espevitada.

"Até que enfim!"

"Mas vêm para cá", observou Tomás. "Precisávamos era de alguém que fosse para lá."

"Não faz mal. Se vem ali um carro, é porque há aqui uma zona de passagem. Isso é óptimo."

Tentaram prever o percurso do automóvel que erguia toda aquela poeira, mas depressa perceberam que só havia um itinerário possível: o que os conduzia a eles. A estepe não passava ali de uma estreita faixa apertada entre a taiga e o lago, pelo que as alternativas não abundavam. Como era evidente que nenhum carro podia cruzar a floresta densa e não viram qualquer outra nuvem de poeira que assinalasse mais trânsito numa eventual estrada pela floresta vizinha, tornou-se claro que o percurso da viatura que se aproximava teria inevitavelmente de ser feito pela orla, onde os dois se encontravam.

Subiram a uma elevação e ficaram ali em pé, aguardando com expectativa que a viatura viesse ter com eles.

A nuvem cresceu e o motor do automóvel tornou-se audível; parecia um urro em crescendo. O carro emergiu de repente de uma lomba e ficou à vista de ambos. Era um jipe. Logo atrás apareceu um outro e Tomás sentiu um baque no peito ao reconhecê-los da noite anterior.

"São eles!", gritou.

Puxou Nadezhda pelo braço e correu encosta abaixo, galgando desenfreadamente pela estepe. Não tinha a certeza de que haviam sido avistados, mas isso parecia-lhe possível, provável até. O medo aligeirou-lhe o passo e o cansaço evaporou-se, substituído por uma injecção de energia que supunha já não possuir. Correram os dois pelo descampado, medindo a aproximação dos

jipes com os ouvidos e o canto dos olhos, e num instante cruzaram a linha das árvores e embrenharam-se na taiga.

Cercados pelos pinheiros e pelos arbustos, a progressão tornou-se mais lenta, tão lenta que puderam aperceber-se do silenciar dos motores e do barulho de portas a bater. Tinham sido localizados e os desconhecidos davam-lhes caça. Ouviram gritos de homens e, como uma descarga de adrenalina, esses sons da perseguição deram-lhes novas forças, impelin-do-os para a frente numa cegueira de fuga; correram o mais que puderam por entre as árvores, embatendo em ramos, as roupas e a pele a serem rasgadas por cardos e flores silvestres. Nada, porém, os travava; corriam como lebres pela verdura, esgueirando-se por entre os pinheiros, procurando a todo o custo ganhar distância em relação aos seus perseguidores.

As ordens continuavam a ser berradas algures lá atrás, ora mais próximas, ora mais distantes. Havia alturas em que tinham a nítida impressão de que iam ser aniquilados a todo o momento, mas logo a seguir ficavam com a convicção de que se distanciavam dos desconhecidos. Sentiam os pulmões rebentar e achavam que o fragor da sua respiração era tão alto que inevitavelmente os denunciaria, mas prosseguiram a corrida, avançando sempre mais e mais, internando-se profundamente no coração da floresta.

Um “ai” gemido fez Tomás olhar para trás. Viu Nadezhda caída junto a um arbusto.

“Anda”, disse, voltando para trás e dando-lhe a mão. “Depressa.”

A russa tentou erguer-se, mas logo esboçou um esgar de dor.

“Não consigo”, soluçou. “Torci o pé.”

Tomás puxou com mais força.

“Anda. Não podemos parar.”

A rapariga levantou-se e deu alguns passos, mas eram mais saltos ao pé-coxinho do que corrida; tornava-se evidente que não tinha condições para continuar.

“Não consigo”, queixou-se ela. “Dói-me.”

Tomás olhou para trás. Os perseguidores ainda não tinham aparecido, embora lhe parecesse claro que, se permanecessem ali, depressa seriam apanhados. Olhou em redor, desesperado, à procura de soluções rápidas, mas só uma ideia lhe martelava a mente.

“Temos de sair daqui.”

“Foge tu”, disse ela. “Tu podes correr, eu não. Foge, Tomik.”

O historiador olhou-a, tentado. O que Nadezhda estava a dizer fazia todo o sentido. Se ficasse com ela seriam apanhados os dois; se fugisse, talvez conseguisse escapar. Para todos os efeitos, ela estava perdida. O mais sensato

era, sem dúvida, fugir.

Quase aceitou a sugestão, mas no último instante fraquejou. Não a podia deixar ali. Lembrou-se do que tinha acontecido aos dois cientistas abatidos anos antes por aqueles mesmos homens ou outros semelhantes e soube que deixá-la para trás seria condená-la a uma morte certa. Não, não era capaz de o fazer. Se o fizesse, sabia que não poderia viver com isso. Mas o problema é que permanecer naquele lugar era um verdadeiro suicídio. O que decidir? Deveria fugir ou seria melhor ficar?

Voltou a procurar sinais dos perseguidores. Ainda não tinham aparecido, mas já ouvia as vozes a aproximarem-se. Não podiam permanecer os dois ali mais tempo, tinham de se mexer. Os segundos esgotavam-se e precisava a todo o custo de sair do impasse e encontrar uma solução.

"Apoia-te aqui", disse, oferecendo-lhe o ombro e segurando-a no braço, que enlaçou à volta do pescoço. "Vamos."

Arrastou-a pela floresta no passo mais rápido de que foi capaz, ela a coxear apoiada nele, Tomás arrastando-a com esforço, mas depressa percebeu que assim não iriam a lado nenhum. Começava a sentir-se exausto e, progredindo a tanto custo, era óbvio que a qualquer instante seriam alcançados.

Na aflição do momento vislumbrou um arbusto entre dois pinheiros e correu para ali. Ajudou Nadezhda a refugiar-se atrás dos ramos e seguiu-lhe o exemplo, procurando ocultar-se por entre a folhagem. Respiravam os dois pesadamente, os peitos arfantes, e Tomás fez sinal de que teriam de controlar aquele arquejar sôfrego e respeitar absoluto silêncio.

Silêncio.

O pipilar das aves enchia a taiga de uma melodia serena, mas o que antes seria considerado um simples concerto da natureza afigurava-se-lhes agora como uma sinistra entrega às forças primitivas da floresta. O chilrear dos pássaros lembrava-lhes que aquele não era o mundo dos homens, que as leis ali eram diferentes, que qualquer caçador se podia tornar caça de alguém. Esperaram em silêncio, a atenção focada noutro tipo de som, e não tiveram de aguardar muito. Ouviram vozes de homens e a vegetação a ser remexida. Não havia dúvidas, os perseguidores encontravam-se por perto. Deixaram-se ficar muito quietos, a respiração quase suspensa, os olhos a dançarem em todas as direcções, gotas de suor a brotarem do topo da testa, rezando para que o arbusto os conseguisse de facto ocultar.

Entregue à angústia da espera, Tomás começou a questionar a eficácia do esconderijo. Momentos antes, na aflição da fuga, na vertigem do desespero, aquele arbusto parecera-lhe uma excelente solução. Mas agora não tinha tanta certeza. Imaginou os perseguidores ali ao pé, os olhos perscrutantes, a atenção

redobrada, e percebeu que ele e Nadezhda se encontravam expostos, quase nus, como crianças que se escondem por detrás de uma cortina e com os pés denunciam a sua presença. Impossível não serem vistos, concluiu, o coração aos saltos de medo e de exaustão. Impossível.

Que disparate terem ido para ali, martirizou-se. Mas já não havia nada a fazer, esconderam-se ali e não dispunham agora de alternativa. Só lhes restava permanecerem quietos, imóveis como estátuas, e rezarem para que os desconhecidos não os lobrigassem. Essa era a única possibilidade de...

Um homem.

Viram um galho remexer e um homem apareceu de repente diante do esconderijo, caminhando com cautela, furtivo, atento aos sons, com a pose felina de um caçador. Vinha de *jeans* e casaco de couro, mas foi o objecto que trazia nas mãos que mais terror inspirou a Tomás. Sem nunca a ter visto a não ser em filmes e fotografias de jornais, o historiador reconheceu a AK-47. O homem avançava pela taiga com uma *kalashnikov* nas mãos e não havia dúvida de que eram eles a caça.

Tomás e Nadezhda congelaram de terror, as batidas cardíacas tão violentas que temeram pudessem ser escutadas a mais de cem metros de distância; era como se a morte rondasse por ali, farejando-lhes o medo, sentindo-lhes o rasto quente. Ouviram uma outra voz, parecia ecoar do outro lado, mas mais ninguém apareceu. O homem da *kalashnikov* imobilizou-se por momentos na clareira diante do arbusto, disse qualquer coisa em russo para alguém que ali não viam e retomou a marcha, desaparecendo por entre a folhagem.

Os dois fugitivos permaneceram paralisados, o credo na boca, receando que surgissem mais desconhecidos. Escutaram novas vozes, agora à direita; era como se a linha de caçadores acabasse de passar por eles sem que tivessem sido avistados. As palavras trocadas entre os desconhecidos pareciam agora afastar-se e Tomás suspirou de alívio.

“Estão a ir-se embora”, sussurrou, tão baixo que ele próprio teve dificuldade em ouvir-se.

“Sim”, devolveu ela no mesmo tom.

“Percebeste o que diziam?”

“Andam à nossa procura.”

“Mas já nos perderam. Se calhar é melhor aproveitarmos para fugirmos na outra direcção.”

“Fica quieto. Eles sabem que estamos escondidos.”

“Sabem?”

“Sim. Estão a falar nisso.”

“Então o que fazemos?”

“Temos de ficar quietos. Se nos mexermos ou fizermos barulho, eles dão connosco.”

Calaram-se e deixaram-se ficar, muito quietos e tensos, com tanto pânico que ansiavam por sair dali a correr, com tanto medo que não eram capazes de se mexer. Novas vozes confirmaram que os homens permaneciam no sector e o som de vegetação a ser remexida enchia a taiga, como se os desconhecidos estivessem a vasculhar em cada canto da floresta. Os sons pararam e os homens puseram-se por instantes a dialogar.

“Eles vão voltar para trás”, soprou Nadezhda, que acompanhava a conversa.

Acto contínuo, as vozes tornaram-se, de facto, mais altas e os dois fugitivos suspenderam de novo a respiração. Sentiram a presença a aproximar-se e ambos paralisaram, sem saber muito bem como os seus corações iriam resistir a uma segunda ameaçadora passagem dos estranhos. Ouviram o barulho de mais galhos a serem revirados e, de repente, deram com as pernas de um homem diante deles, a meio metro do arbusto, a *kalasbnikov* voltada para baixo. O

desconhecido também vestia *jeans*, mas era mais encorpado que o anterior. O homem ficou um instante parado, tão próximo que só lhe viam as pernas e a barriga, e desejaram intensamente que ele se afastasse o mais depressa possível.

Mas o desconhecido permaneceu parado. Um segundo homem veio ter com ele e ficaram os dois a olhar para um lado e para o outro, como se estivessem desconcertados. De repente, o segundo acocorou-se e espreitou para o arbusto.

Viram-se.

“Vot oni!n, gritou o russo.

Aterrorizado, Tomás quase saltou do arbusto a correr, mas as pernas estavam demasiado bambas, pareciam esparguete cozido, de modo que nem força teve para esboçar uma reacção.

Um inferno foi desencadeado em torno do arbusto. Os dois desconhecidos na clareira voltaram as *kalashnikov* para o esconderijo e logo se sentiu um movimento caótico em redor. Apareceram mais canos de armas vindas não se percebia bem de onde, algumas intrometendo-se por entre a folhagem, e uma voz rugiu.

“Vykhodíte ottuda”, ordenou. *“Bystro.”*

Nadezhda tremia de pavor.

“Eles querem que saiamos daqui”, traduziu.

Como um sonâmbulo, os sentidos entorpecidos, Tomás afastou os ramos e ajudou a russa a sair. Logo que se endireitou, levou um soco no estômago e dobrou-se em dois, batendo com a testa no chão.

“Eto ti gueólog?”, ladrou uma voz, ameaçadora.

Sentiu um cano colar-se-lhe à nuca e levou alguns segundos a recuperar a

respiração.

“Não entendo russo”, disse em inglês, a boca a comer terra.

Ouviu uma pancada e um gemido de fêmea, era Nadezhda que tinha sido espancada. Seguiram-se novas perguntas em russo, a que a rapariga foi respondendo por entre soluços.

É o fim da linha, pensou Tomás.

Os russos gritavam com ela e ela respondia num pranto. Depois voltaram-se para ele, puxaram-lhe o cabelo para trás e um homem colou a boca ao seu ouvido e gritou mais alguma coisa em russo. O

desconhecido apalpou-lhe o corpo, localizou-lhe os bolsos, revistou-os e retirou o que encontrou. Depois largou-lhe a cabeça e Tomás sentiu o cano voltar à nuca. Escutou vozes a conversar e, instantes volvidos, os restantes homens afastaram-se dois passos, como se quisessem evitar ser apanhados pelo que iria acontecer a seguir.

Vou ser fuzilado, compreendeu com terror.

Nadezhda soluçava. Pelo canto do olho, Tomás percebeu que ela estava igualmente deitada no chão, com uma *kalashnikov* colada à nuca. Fez-se silêncio na clareira.

Crack.

Um estrondo brutal soou ao lado de Tomás, ensurdecendo-lhe o ouvido direito. Virou o rosto e constatou, horrorizado, que Nadezhda tinha a cabeça desfeita. O sangue e a massa encefálica espalhavam-se pelo chão à mistura com os cabelos cor de cobre.

O cano que se encontrava colado à nuca de Tomás empurrou-o para a frente, fazendo com que a suA cabeça embatesse no chão.

Nesse instante pensou que tudo acabara. Iam disparar. A pressão sobre a nuca desapareceu e, sem compreender bem o que se passava, sentiu o corpo de um homem inclinar-se sobre as suas costas e colar de novo a boca ao seu ouvido.

“Vai-te embora, português”, disse o desconhecido, agora em inglês. “Vai-te embora e nunca mais voltes.”

Os homens começaram a mexer-se e, em poucos segundos, a clareira ficou deserta. Tremendo de nervos, a consciência Possuída por um sentimento de irrealidade, sem saber se aquilo nao passava de um sonho, Tomás ergueu-se devagar e sentou-se no chão. Os homens tinham mesmo desaparecido, deixando-lhe a carteira e o passaporte deitados aos pés.

Os seus olhos incrédulos pousaram então no corpo inerte e ensanguentado de Nadezhda, estendido no solo húmido como uma boneca partida, e foi nessa altura que chorou.

XXV

A vivenda exibia o mesmo aspecto tranquilo de sempre, talvez um pouco mais risonho do que das outras vezes que ali fora; afinal a Primavera sempre ia adiantada e os canteiros do jardim já floresciam com exuberância. As rosas comuns cintilavam ao sol, vermelhas e amarelas, intensas de vida, competindo com o laranja dos hipericões, as folhas translúcidas em contraluz; mas era o azul-celeste das nigelas, com as suas pétalas abertas como estrelas, que emprestava o tom exótico à verdura.

Tomás entrou na casa e foi como se estivesse à porta de outro mundo. Até esse instante vivera obcecado com a assustadora experiência que acabara de passar na Sibéria. Não conseguia apagar da memória o som da detonação da *kalasbnikov* que destruíra a cabeça de Nadezhda nem a imagem da rapariga deitada no chão da taiga, o cérebro espalhado pela clareira onde fora executada. O som e a imagem assombravam Tomás em permanência e fora com essa recordação a martelar a mente que fizera toda a viagem de regresso, desde as margens do Baikal até ao alpendre do lar, em Coimbra.

No instante em que atravessou a porta de entrada, porém, o repisar ininterrupto cessou abruptamente, parecia que a mente lhe concedera uma trégua piedosa. Era como se o subconsciente soubesse que, para lidar com o novo problema, não podia trazer para ali o anterior; tudo tinha o seu tempo e só podia ocupar-se de uma coisa de cada vez. Foi por isso com a cabeça inesperadamente limpa que seguiu direito ao gabinete da directora, a meio do corredor, e só parou quando viu o nome de Maria Flor assinalado numa pequena tabuleta pregada à madeira da porta.

“Posso?”, perguntou, espreitando depois de bater.

A directora, sentada à secretária a consultar papéis, acolheu-o com um sorriso encantador.

“Faça o favor, professor.” Fez um gesto para que ele se sentasse na cadeira diante da secretária. “Estava a ver que o senhor se tinha sumido da face da Terra.”

Tomás acomodou-se no assento.

“Pouco faltou”, comentou, estremecendo. “Estive ausente do país, onde vivi uma situação muito complicada, e só regressei hoje.

Logo que saí do avião, em Lisboa, fui buscar o carro e vim direito aqui a Coimbra. Acabei de chegar.”

“Eu reparei que o senhor não tem andado por cá.”

O cliente encolheu-se na cadeira e baixou os olhos, ligeiramente envergonhado com o que se poderia pensar da sua ausência depois de ter deixado ali a mãe.

“Peço desculpa, mas foram obrigações profissionais”, jus-tificou-se de novo. Ergueu a cabeça, como se assinalasse que bastava de auto-recriminações. “A minha mãe? Como vai ela?”

“Fugiu.”

Tomás arregalou os olhos. A informação atingira-o com a violência de uma bofetada.

“Como?”

“A sua mãe fugiu.”

“Fugiu como?”

“É muito simples. Pegou nas coisas dela e saiu porta fora.”

“Mas... mas vocês deixaram?”

A directora suspirou.

“O professor, o que poderíamos nós fazer? Não se esqueça de que tudo isto é novo para ela. A sua mãe estava habituada a uma determinada rotina e ao seu modo de vida, que lhe era muito familiar, e de repente viu-se transportada para um meio totalmente estranho, ainda por cima contra a sua vontade. Como era de esperar, reagiu mal.”

Sentado na cadeira, Tomás começou a sentir a fúria crescer-lhe no peito como um vulcão prestes a irromper.

“Mas vocês deixaram-na sair?”

“Que eu saiba, professor, a sua mãe é adulta e mantém todos os seus direitos, incluindo a liberdade de movimentos. Se ela pegou nas suas coisas e saiu, o que podíamos nós fazer? Ela não é nenhuma prisioneira, pois não? Não foi condenada por nenhum tribunal, pois não?”

“Mas ela não pode andar por aí à solta, é um perigo para si própria. Onde está a minha mãe agora?”

Maria apontou para a porta.

“Está aqui.”

“Perdão?”

“Está aqui no lar.”

O cliente olhou para a directora, desconcertado.

“Desculpe, não estou a perceber. Não tinha dito que ela fugiu?”

“Disse e é verdade. Fugiu ao terceiro dia.”

“E agora está aqui?”

“Sim, conseguimos trazê-la de volta, graças a Deus.”

Tomás bufou de alívio.

“Ufa!”

“Tentámos falar consigo na altura, mas o seu telemóvel não se encontrava acessível. Nem imagina as vezes que lhe ligámos. Como sabíamos que a sua mãe era paciente do doutor Gouveia, lembrámonos de contactar o hospital e acabámos por falar com ele. Foi o doutor Gouveia que a localizou e a trouxe de volta.”

“E como se sente ela agora?”

“Vai-se adaptando, felizmente. Quer ir vê-la?”

“Claro que sim”, disse, erguendo-se de imediato. “Mas ela está bem, não está?”

“Está bem, tendo em conta os condicionalismos da situação e da idade, claro”, respondeu a directora, mantendo-se sentada. “Era importante que o senhor cá tivesse estado para a acompanhar nos primeiros dias de integração aqui no lar.”

“Sim, eu sei, mas acredite que me foi de todo impossível.”

Tomás permaneceu um instante indeciso, sem saber se deveria sair ou sentar-se de novo. A postura da responsável do lar indicava-lhe que a conversa não estava terminada e talvez fosse melhor voltar para o seu lugar.

“Estas coisas são um pouco complicadas para nós, como deve compreender”, disse Maria, determinada a fazer com que aquele cliente percebesse as suas responsabilidades. “Gerir um lar não é fácil e estamos sempre a defrontar-nos com situações novas. Ontem, por exemplo, houve uma octogenária que passou parte da noite a deambular pela casa, à procura da cozinha. Desorientou-se a voltar ao quarto e sem querer foi parar à cama de três residentes diferentes.”

“A sério?”, espantou-se Tomás, de regresso à cadeira. “Ena pá, quando eu for velhinho quero vir para aqui.”

“Não brinque.”

“Desculpe, mas já viu isto? Estou muito bem deitado no meu quarto e, a meio da noite, vem uma mulher meter-se na minha cama.

Isso é o sonho de qualquer homem!”

Maria riu-se.

“Mesmo sendo uma idosa?”

“Com essa idade acho que não podemos ser picuinhas, não é?

Em tempo de guerra, até ratos se comem.”

Soltaram ambos uma gargalhada, mas a directora depressa se recompôs. Não lhe pareceu de bom tom estar a divertir-se à custa daquele tema.

“Oiça, o senhor está a brincar, mas isto é sério.”

O sorriso evaporou-se do rosto de Tomás, que assentiu com a cabeça.

“Eu sei.”

“Temos clientes que são uns amores. São muito educados e até pedem desculpa se não conseguem comer sozinhos ou se sujam a cama durante a noite.” Ergueu os olhos para o tecto, como em desespero. “Mas há outros...”

Deixou a frase suspensa no ar.

“Então? O que fazem os outros?”

“Tudo e mais alguma coisa. Uns não se controlam e deixam excrementos por todo o quarto, é uma coisa terrível. Eu sei que eles não têm culpa, mas mesmo assim custa entrar ali e limpar tudo, não é? Às vezes até tenho pena das empregadas.”

“Esses devem ser os piores.”

“Não. Os piores são os mal-humorados, aqueles que nos agridem verbalmente desde que acordam. Ou o pequeno-almoço é demasiado cedo ou é demasiado tarde, ou a cama está demasiado perto da janela ou demasiado afastada, ou somos todos uns filhos da mãe ou deixámos um pêlo por limpar na banheira, ou lhes tirámos dinheiro da carteira ou os maltratámos, ou a comida está demasiado salgada ou demasiado insonsa, enfim, está sempre tudo mal. E depois criam conflitos com os outros, trocam acusações, é uma tourada.” Abanou a cabeça. “Oiça, há pessoas que fazem da nossa vida um verdadeiro inferno.”

“Com a idade, os defeitos acentuam-se, não é?” “E de que maneira”, concordou Maria. “Mas o que se passa é que muitos se sentem revoltados e, à falta de melhor, descarregam em nós. Essa é que é a raiz do problema e temos de compreender isso.”

“Não me diga que a minha mãe está nesse grupo.” “Não, coitada. A dona Graça é uma querida. Ela teve dificuldades na adaptação, é verdade, mas nota-se que é uma pessoa de nível, incapaz de maltratar quem quer que seja.” “Sim, muito me admiraria ouvi-la insultar alguém.” A directora ergueu-se enfim da cadeira, assinalando desse modo que a conversa se aproximava do fim.

“Há ainda os chatos, claro. Coitados, não têm culpa, mas atrapalham imenso o serviço. Uns passam o dia a gritar, outros seguem-nos por toda a parte, e há dois ou três que perguntam a mesma coisa ou contam a mesma história cinquenta vezes ao dia.

Precisam muito de apoio, mas as exigências do serviço impedem-nos a nós de alimentar as conversas. Como pode uma empregada ficar meia hora à conversa com um residente quando tem dez quartos para limpar durante a manhã?” “Realmente...”

Maria Flor acompanhou Tomás até à porta do gabinete e saíram para o corredor. Uma idosa cruzou-se com ambos, quase a arrastar as chinelas; usava um robe branco com folhos rendilhados e tinha os cabelos brancos apanhados

num rabo-de-cavalo.

“Está a ver esta senhora?”, sussurrou a directora quando a idosa se afastou.

“Sim.”

“Passa a vida a andar pelos corredores. Sentamo-la à mesa à hora das refeições, mas basta distrairmo-nos um minuto e, quando damos por ela, está de novo a passear pelos corredores. É

exasperante.”

“Se calhar era melhor estas pessoas ficarem todas em casa, não?”

“E quem é que cuidava delas? Hoje em dia as pessoas não têm vida para ficar em casa a limpar o rabo aos pais e a aturar-lhes as manias. Essa é que é a verdade. As pessoas hoje vivem mais tempo e o estilo de vida das famílias não permite lidar com tanta população envelhecida. Antigamente pouca gente chegava a velha e, para esses poucos que atingiam idades avançadas, havia toda uma estrutura familiar a servir de apoio. Repare que as mulheres naquele tempo não iam trabalhar, ficavam em casa a tratar dos seus. Ora hoje já não é assim. Graças aos avanços da medicina, há muito mais velhos do que no passado e, com a entrada em força das mulheres no mercado de trabalho, deixou de haver estrutura familiar montada para lidar com os idosos, está a perceber?”

“Pois, o perfil demográfico da sociedade mudou.”

“Ai mudou, mudou”, concordou ela, enfática. “No pé em que as coisas estão, a ajuda profissional fornecida pelos lares, desde que tenham qualidade, é fundamental, não tenha dúvidas.” Apontou para o chão, indicando o lar. “Mas é preciso perceber o que é a velhice para entender o que se passa aqui dentro. Há quem diga que um lar tem de ser como a casa do residente, mas isso não passa de uma ilusão que as pessoas de fora alimentam para não se sentirem perturbadas com a realidade incómoda.” Fez um gesto em redor. “A verdade é que um lar é como um hospital, já viu? Os residentes válidos e autónomos contam-se pelos dedos. A maior parte precisa de ajuda para as tarefas mais simples. Não se conseguem lavar sozinhos, não conseguem comer sozinhos, alguns nem sequer andam, outros têm enorme dificuldade em urinar, muitos já não estão na posse de todas as suas faculdades mentais, enfim, o que temos aqui são mais pacientes do que clientes.”

“Isto é complicado.”

Maria apontou para Tomás.

“E depois ainda temos de vos aturar, não é?”

“A mim?”

“Sim, a vocês. Os familiares.”

“O que fazemos nós?”

“Você não fez nada... o que, aliás, não abona muito a seu favor.”

“Não me vai dar uma reprimenda, pois não?”

“Oiça, eu não tenho nada a ver com isso, mas gostaria que percebesse que a presença dos familiares é crucial para ajudar os idosos nesta fase difícil da vida. Muitos dos velhos parecem já não entender nada de nada, é verdade, mas isso não quer dizer que se tenham tornado insensíveis. Pelo contrário, são muito sensíveis à atenção que a família lhes presta.”

“Eu sei que estive ausente, mas acredite que não podia mesmo vir”, desculpou-se de novo. “Tive compromissos inadiáveis.”

“O senhor é que sabe, eu não me meto nisso”, repetiu ela. “Mas, sem lhe querer dar uma lição de moral, acho que é importante que saiba que a sua presença pode fazer a diferença na adaptação da sua mãe à vida no lar. As pessoas não devem meter os idosos num lar e depois esperar que o lar resolva todos os problemas, como por artes mágicas, porque isso não vai acontecer. O nosso trabalho é manter as pessoas asseadas, medicadas, aquecidas e alimentadas. Damos as condições materiais que a família compreensivelmente já não pode dar. Mas, no plano emocional, e por mais simpáticos e meigos que sejamos com o residente, nada substitui o contacto com a família. Por favor, venha visitar a sua mãe com frequência, não a faça sentir-se rejeitada e abandonada.”

Tomás baixou a cabeça e mordeu o lábio. Sabia que era uma mensagem direitinha para si.

“Tem razão.”

Estacaram diante da sala. A directora passeou os olhos da esquerda para a direita e fixou-se na figura sentada à janela.

“A sua mãe está ali”, disse. “Antes que vá ter com ela, deixe-me lembrar-lhe uma coisa: nesta idade, estamos sempre a perder algo. “

“O que quer dizer com isso?”

“Os neurónios vão-se apagando, umas vezes mais depressa, outras mais lentamente. É a lei da vida. O que eu quero que você perceba é que, de cada vez que cá vier, pode encontrá-la diferente. E

raramente será para melhor.”

O sol acariciava as rugas que o tempo sulcara no rosto de dona Graça quando Tomás se inclinou e a beijou na face.

“Olá, mãe, está boa?”

Dona Graça ergueu os olhos verdes límpidos e prendeu-os no filho, que a observava com nervosa expectativa.

“Pai”, exclamou, abrindo os braços. “Pai.”

Tomás olhou-a, embasbacado.

“Mãe, sou eu. O Tomás.”

Ela pareceu admirada. Ficou um instante suspensa a olhar para o recém-chegado, quase indecisa, até que caiu em si.

“Ai, desculpa”, disse, abanando a cabeça como se quisesse sacudir qualquer coisa. “Estou a ficar confusa. Parecias-me o meu pai.” Acariciou-lhe o rosto. “És bonito como ele.”

“Pois, herdei-lhe os genes.”

“Ainda noutro dia o meu pai e a minha mãe me disseram que parecias um anjo.”

O filho acomodou-se na cadeira vazia diante de dona Graça. Não havia dúvidas de que estava confusa, falava como se os pais ainda estivessem vivos.

“Então como se tem estado a dar por aqui?”, perguntou, desviando a conversa.

“Tenho saudades de casa. Já disse ao teu pai que quero voltar.”

As recordações misturavam-se todas. Na sua vivência, o marido permanecia vivo, provavelmente mais novo ainda.

“A mãe dorme bem?”

“Nem por isso. Entram-me no quarto umas pessoas estranhas, é uma maçada.”

“São as empregadas, para ver se está tudo bem.”

“Prefiro a Alzira, já estou habituada a ela.” Era a empregada doméstica do tempo em que Tomás estudava no liceu. “Além do mais, cozinha melhor. As empregadas aqui deviam tirar um curso de culinária, como aqueles na televisão, sabes? Aquele do programa da...

da Maria de Lurdes Modesto. Esses aí.”

Tomás olhou em redor, observando os idosos sentados no salão.

Uns dormitavam, outros tinham o olhar perdido no infinito, uma tricotava e três jogavam às cartas.

“A mãe ainda não arranjou amigas?”

“Claro que sim”, disse ela. “Sabes quem é que encontrei aqui?”

“Não.”

“A Deolinda. Lembras-te dela?”

“Não faço ideia de quem seja.”

“Claro que fazes! Conhecemo-la quando andávamos no liceu.”

“O mãe, eu nunca andei no liceu consigo. Quando a mãe andava no liceu eu nem sequer tinha nascido.”

Dona Graça reflectiu, tentando reordenar a memória.

“Tens razão, ando mesmo despassarada. Eu e o teu pai é que a conhecemos no liceu.” Encolheu os ombros. “Pois olha, vim agora encontrá-la aqui.”

“E como está ela?”

A mãe riu-se.

“Uma depravada”, murmurou. “Aquela rapariga sempre foi uma Maria maluca e pelos vistos não se emendou. Aquilo está-lhe na massa do sangue, não há nada a fazer.”

“Ah, sim? Porque diz isso?”

“Tu não imaginas as fitas que ela faz todos os dias. Valha-me Deus!”

“Diga lá.”

Dona Graça inclinou-se e baixou a voz, como se estivesse a contar um segredo.

“Olha, anda a ver se catrapisca o enfermeiro.”

“Qual enfermeiro?”

“Um rapaz novo que trabalha aqui. A Deolinda passa a vida a exigir que o enfermeiro lhe ponha creme no ânus, mas o médico já a viu e concluiu que não há problema nenhum com o ânus dela.” Um risinho. “E a marota insiste. Diz que já não se fazem homens como antigamente, que são todos uns rabichos e exige que lhe ponham a pomada no ânus.”

“Diabo da velha”, sorriu Tomás.

Dona Graça olhou para o lado e estremeceu.

“Chiu”, disse. “Ela vem aí.”

O filho voltou a cabeça para a porta e viu uma idosa aproximar-se em passo ligeiro com uma chávena de chá na mão. Trazia um vestido cinza, a saia a arrastar-se pelo soalho.

“Mas quem é este belo rapaz que aqui está?”, perguntou a recém-chegada, acercando-se da mesa.

Dona Graça afinou a voz.

“O Deolinda, deixa-te de disparates.” Pousou a mão no braço do filho. “Este é o meu Tomás.”

Deolinda olhou-o dos pés à cabeça.

“Hmm... nada mau”, disse, a voz insinuante. “Olha lá, rapaz, tu sabes pôr pomada numa senhora?”

XXVI

A tabuleta à saída da auto-estrada assinalava a familiar portagem de Alverca quando Tomás, uma mão no volante e a outra a ultimar os preparativos para a chamada, ajeitou o auricular e digitou os números.

O telemóvel tocou no outro lado da linha.

“Olá, professor”, saudou a voz que atendeu. “Já está de volta?”

“Como vai, Orlov?”

“Ora, cheio de fome!”, lamuriou-se o russo. “Ainda não jantei”, suspirou. “Então conte lá. Encontrou o seu amigo?”

“Sim.”

“Onde está ele?”

“Não sei.”

Orlov estalou a língua com desagrado.

“Oiça, professor”, disse, num tom de infinita paciência. “O senhor tem de nos contar alguma coisa, não é? Afinal foi a Interpol que pagou todas as despesas da sua viagem.

Se pagámos, temos ao menos o direito de saber o que se passou.”

“Sem dúvida”, reconheceu Tomás. “O problema é que não vos posso dizer onde ele se encontra porque eu próprio não sei.”

“Como assim? Não esteve com ele?”

“Estive.”

“Onde?”

“Na Rússia.”

Orlov riu-se.

“O seu amigo escondeu-se na minha terra?” Soltou uma risadinha. “Eu devia ter calculado. Sabe, quando li que ele tirou o curso em Leninegrado, pressenti que poderia ter fugido para lá. Bem vistas as coisas, sempre conhecia o sítio, não é? Mas depois não dei sequência a esse pressentimento, pensei cá para os meus botões: se estivesse no lugar deste Filipe Madureira, onde me iria esconder? No frio? Ia passar o resto dos meus dias no meio do gelo? Hmm... nem pensar!” Riu-se de novo. “Ia para as Caraíbas!”

“Pois é, mas a verdade é que me encontrei com o Filipe na Rússia.”

“Onde foi o encontro? Em Sampetersburgo?”

“Na Sibéria.”

O russo assobiou do outro lado da linha.

“Não admira que ninguém tenha dado por ele este tempo todo”, observou.

“O tipo foi para a Sibéria?”

“Sim.”

“E ainda lá está?”

Tomás pigarreou.

“Oiça, Orlov. Não é possível termos esta conversa ao telefone.

Quando podemos encontrar-nos?”

“Hoje.”

“Hoje não posso. O meu avião aterrou esta manhã em Lisboa, fui a correr até Coimbra ver a minha mãe e estou agora de regresso a Lisboa. Sinto-me arrasado e preciso de dormir. Não imagina o que tem sido a minha vida nos últimos dias.”

“Muito bem, então amanhã”, disse Orlov. “Mas o senhor tem de me dar alguma coisa de palpável. O meu chefe em Lyon já me esteve a gritar aos ouvidos. Está impaciente, quer resultados bem depressa e preciso de apresentar serviço.”

“Diga lá onde nos podemos encontrar.”

“Meio-dia no Victor, pode ser?”

“Victor? Quem é esse?”

“É um restaurante em Alcabideche, ao pé de Cascais. Conhece?”

Apesar da fadiga, Tomás não conseguiu conter um sorriso, tão previsível era Orlov. Muito espantado ficaria se, com aquele russo, não houvesse um restaurante metido na conversa.

O aroma quente da carne assada enchia o grande salão do Victor, onde algumas mesas já estavam ocupadas. Ainda era cedo, faltavam dois minutos para o meio-dia, mas os empregados afadigavam-se de um lado para o outro com travessas equilibradas nas mãos e garrafas de vinho tinto envoltas em guardanapos. O

ambiente era tranquilo, perfumado pelas essências deliciosas dos condimentos e pelo odor salivante dos alimentos ao lume; a meia-luz amarelada que alumiava os cantos parecia acariciar o barro da decoração, conferindo ao restaurante o aspecto acolhedor das adegas.

Tomás examinou os clientes num relance e, não identificando Orlov, embrenhou-se no salão e meteu pela passagem esconsa à direita, desembocando no segundo salão. Deu com o vulto maciço do russo numa mesa ao canto, o corpanzil inclinado sobre um prato, gotas de transpiração a descerem-lhe pela face afogueada, a boca besuntada de gordura.

“Já está a comer?”, perguntou o recém-chegado ao aproximar-se da mesa.

“Hmpf”, grunhiu Orlov, levantando-se num susto, como uma criança apanhada em flagrante na despensa com a mão metida no frasco dos rebuçados. “Olá, professor.” Fez um gesto desajeitado na direcção dos pratos espalhados

pela mesa. “Desculpe, mas não me aguentava de fome. Quando entrei aqui e senti este cheirinho... olhe, não resisti.”

“Fez muito bem, não se preocupe”, tranquilizou-o Tomás, ocupando o seu lugar à mesa. “A comida foi feita para ser comida.”

“É servido?”

A mesa estava coberta com as entradas mais variadas, todos elas irresistivelmente deliciosas, formidáveis bombas de colesterol.

Viam-se morcelas, chouriços, tâmaras em toucinho, presunto com melão, queijo da Serra amanteigado, ovas em azeite, amêijoas à Bulhão Pato, conquilhas, uma santola gratinada e uma garrafa de Dão já a meio, o copo ao lado com o vidro borrado de gordura.

“Ena, você trata-se bem!”

“Oh, faz-se o que se pode, faz-se o que se pode.”

Tomás serviu-se de umas amêijoas, o que constituiu um sinal para Orlov se atirar de novo aos petiscos, mergulhando a colher nas entradas e reabastecendo o seu prato.

“A primeira coisa que quero fazer é dar-lhe conta de um homicídio”, anunciou Tomás, indo direito ao assunto.

Orlov suspendeu momentaneamente a colher no ar; eram ovas pingando azeite.

“Um homicídio? Qual homicídio?”

“Fui para a Sibéria com uma rapariga chamada Nadezhda, uma amiga do Filipe que foi o meu contacto em Moscovo. Ela foi uma espécie de guia, percebe? Acontece que, no regresso, fomos perseguidos por uns homens armados que a mataram.”

“Que raio de história é essa? Você foi perseguido por homens armados?”

“Já lhe explico. Mas primeiro gostaria de lhe dar conta do homicídio. A rapariga foi morta numa floresta, junto à margem norte do lago Baikal e o corpo dela ainda lá deve estar.”

“Se é assim, a polícia russa já foi certamente retirar o cadáver.”

“Não, porque tudo aconteceu num lugar ermo no meio da floresta e eu não alertei as autoridades.”

“Ah, não? E porquê?”

“Ora, porque não queria mais complicações. Se eu fosse ter com a polícia, só saía da Rússia daqui a uns meses. E isto se saísse! Na volta ainda me acusavam do homicídio e eu acabava na prisão ou num campo de trabalhos forçados.”

“Sim, não é impossível.”

“Portanto, ao falar consigo estou a alertar a Interpol para o sucedido. Presumo que vocês possam falar com a polícia russa e eu estou disponível para

prestar os esclarecimentos necessários.”

Orlov fez um ar pensativo.

“Isso vai ser complicado”, considerou. “Oiça, ponha-me tudo por escrito e eu vou enviar o assunto para Lyon. À margem disso, irei efectuar uns contactos informais com uns amigos meus da polícia russa para ver o que se pode fazer.”

“Agradeço-lhe.”

“Mas o que o senhor me está a contar deixa-me um pouco preocupado. Então houve homens armados que foram atrás de si e mataram a sua guia?”

“Sim.”

“Quem eram esses tipos?”

“São provavelmente os mesmos que abateram o cientista americano na Antárctida e o espanhol em Barcelona. Ou são os mesmos, ou estão a mando da mesma pessoa ou organização. Para todos os efeitos, este homicídio encontra-se evidentemente relacionado com os assassínios que você está a investigar.”

“Como diabo sabe você isso?”

“Estes tipos andavam atrás do Filipe.”

“E então? Podia ser um ajuste de contas local. O seu amigo tem tido nesta história um comportamento altamente suspeito, se quer que lhe diga.”

Tomás inspirou devagar, avaliando por onde deveria começar.

“Oiça, esta história é muito complicada”, disse. “O Filipe fazia parte de um grupo de cientistas que estava a investigar o aquecimento global e a sua relação com os combustíveis fósseis. Dois desses cientistas foram assassinados em 2002, como sabe. Os outros dois, o Filipe e o tal Cummings, tiveram de se esconder para escapar aos assassinos.”

“Isso é o que diz o seu amigo”, observou Orlov, fazendo um esgar céptico. “Quem me garante a mim que eles não tiveram de se esconder para escapar à justiça? Hã? Se estão tão inocentes como afirmam, por que razão não se apresentaram ainda à polícia?”

“Pela simples razão de que a polícia não os pode proteger.”

O russo riu-se com sarcasmo.

“Que disparate”, exclamou. “Claro que pode.” Bateu com o dedo na mesa, para enfatizar a sua ideia. “Se eles não se apresentaram à polícia, não tenha dúvidas, é porque não estão de consciência tranquila.”

“Oiça, não é assim tão simples. Os assassinos estão a mando de uma organização muito poderosa. Se calhar é mais do que uma organização. São países.”

“Países? Que história é essa?”

“É como lhe estou a dizer. Não há polícia nenhuma que consiga fazer frente aos interesses que estão em jogo.”

“Diz quem?”

“Digo-lhe eu e diz o Filipe.”

“Mas que interesses tão poderosos são esses?”

“São os interesses do maior negócio do mundo.”

“A droga?”

“O petróleo.”

“Os interesses ligados ao petróleo estão por detrás dos assassínios dos professores Dawson e Roca?”, admirou-se Orlov. “Isso não faz sentido nenhum.”

“Pelo contrário, faz todo o sentido”, insistiu Tomás. “A descoberta da ligação entre o aquecimento global e os combustíveis fósseis põe a indústria do petróleo em grave perigo. Estão em jogo biliões de dólares e a sobrevivência de multinacionais e até de países. A política internacional tem sido ditada por estes interesses, com a indústria petrolífera a financiar campanhas presidenciais nos Estados Unidos e a ver os seus interesses estratégicos defendidos intransigentemente pela Casa Branca. Sem petróleo, as empresas petrolíferas não podem sobreviver. E sem petróleo acaba-se também o poder dos países do Médio Oriente. O que vão a Arábia Saudita e o Kuwait, por exemplo, exportar quando o mundo já não quiser o petróleo?” Arqueou as sobrancelhas. “Areia? Camelos?” Abanou a cabeça. “Sem petróleo, muitos países da OPEP deixam de ter futuro. E a minha pergunta é esta: como acha que esses países e essas multinacionais vão lidar, ou estão a lidar, com todos aqueles que põem em causa o seu futuro?

Acha que ficam quietos? Encostam-se a uma árvore e deixam correr o marfim?” Inclinou a cabeça, como se estivesse a mostrar um outro caminho. “Ou fazem alguma coisa? Ou actuam para pôr fim à ameaça?”

Orlov mastigava duas tâmaras em toucinho, mas os olhos estavam fixados nos cantos do salão com uma expressão meditativa.

“O senhor acha mesmo que são os interesses do petróleo que estão por detrás de tudo isto?”

“Depois de tudo o que vi e ouvi, não tenho grandes dúvidas.”

“Essa acusação é muito grave.”

“Oiça, Orlov, já reparou que os interesses do petróleo estão em toda a parte? São uma rede imensa e estendem-se da Casa Branca ao Médio Oriente.” Baixou o tom de voz, quase com medo que o escutassem nas mesas ao lado. “Estamos perante forças muito poderosas e altamente motivadas para defenderem a qualquer preço um negócio tremendamente lucrativo. Se tiverem de afastar quatro ou cinco pessoas que se lhes atravessem no caminho, não vejo que isso constitua problema para esses interesses.”

O russo abanou a cabeça, o cepticismo estampado no rosto.

“Mesmo assim, continuo a achar que não faz sentido.”

“Porquê?”

“Por que razão andariam os interesses do petróleo atrás desses quatro cientistas em particular? No fim de contas, existem muitos cientistas a estudar as ligações entre o aquecimento global e os combustíveis fósseis. Porquê perseguir estes quatro?”

“Porque eles fizeram uma descoberta que, pelos vistos, arruma de vez com o negócio do petróleo.”

Orlov franziu o sobrolho.

“Que descoberta?”

O seu interlocutor encolheu os ombros.

“O Filipe não me explicou.”

“Porquê? Ele não confia em si?”

“Não é isso. Ele disse que contará tudo quando o momento for apropriado.”

“Isso será quando?”

“Não faço a mínima ideia.”

O russo afagou o queixo.

“Onde anda o seu amigo agora?”

“Não sei. Nem sequer sei se ainda está vivo.”

“Há-de estar, com certeza.”

“Espero que sim. Mas a única coisa que sei é que estávamos os dois na Sibéria quando apareceram os homens armados e, logo que começámos a ser perseguidos, tivemos de nos separar.”

“Para onde foi ele?”

“Não sei. O Filipe fugiu com um amigo russo, eu escapei-me com a guia que conheci em Moscovo. Mais tarde, nas margens do Baikal, os homens armados deram connosco e mataram a guia. Não sei se eles apanharam também o Filipe, não faço ideia.”

“Se o tivessem apanhado, provavelmente já o saberíamos”, conjecturou Orlov. “Mas, se as coisas são como o senhor diz, apanhá-

lo é uma mera questão de tempo. O seu amigo só tem uma hipótese de se safar desta embrulhada. Sabe qual é?”

“Hmm?”

“Nós chegarmos primeiro a ele.”

“Nós, quem? Eu e você?”

“Nós, a Interpol.” Rodou o garfo no ar. “Vocês combinaram voltar a encontrar-se?”

“Sim, o Filipe disse que me contactaria.”

“Então se calhar convinha levar-me consigo, não acha?”

“Isso depende das condições que o Filipe vier a impor. Olhe que ele está convencido de que nenhuma polícia do mundo o pode proteger de quem o persegue.”

“Talvez”, considerou Orlov. “Mas a Interpol é a sua melhor esperança. Parece-me aconselhável eu ir consigo ao próximo encontro.”

“Não sei se haverá próximo encontro. Mas, como lhe disse, tudo depende das instruções que o Filipe me der.”

“Como queira”, rendeu-se Orlov, erguendo o braço para chamar o empregado. “Mas depois não se queixem.”

As entradas tinham acabado e mandou vir o cabrito assado.

Tomás passou o resto do dia a tratar dos assuntos que deixara pendentes. Quando saiu do restaurante telefonou do carro ao doutor Gouveia para trocar impressões sobre o estado da mãe e depois seguiu para a faculdade. Tinha uma reunião da comissão científica, mas, uma vez lá, e embora o seu corpo estivesse presente, a verdade é que não conseguiu acompanhar os trabalhos; as preocupações levaram-no para longe dali, os olhos de Tomás registavam o que se passava na sala de reuniões e a mente deambulava pelas imagens dolorosas do sucedido na taiga do Baikal. Assistiu à reunião como um sonâmbulo e foi como um sonâmbulo que passou depois pela Gulbenkian para verificar a chegada de documentação sobre as últimas peças de baixos-relevos assírios adquiridas recentemente em Amã para o museu da fundação.

Era já noite quando o professor de História entrou por fim no seu apartamento solitário. Encontrou tudo desarrumado, como deixara antes de partir para a Rússia, quase duas semanas antes, e veio-lhe à mente uma palavra para descrever o que via à frente. Uma pocilga.

Os homens, concluiu ao passar desanimadamente os olhos pelo caos de desarranjo e sujidade em que se haviam transformado os aposentos onde vivia, não foram feitos para viver sozinhos; como sempre lhe haviam dito as mulheres da sua vida, ele de certo modo não passava de uma criança, um bebé eternamente dependente de uma mãe, um homem à espera de quem tivesse a paciência de lhe arrumar a vida. O seu apartamento era afinal o espelho fiel daquilo em que a sua existência se transformara, uma imensa cavalgada de um lado para o outro, agrilhoado por sucessivas responsabilidades e ansiando por uma liberdade redentora. Talvez o seu destino não estivesse naquele confinamento tacanho entre quatro paredes, considerou, mas se estendesse pelas vastas estepes e taigas do mundo, como se encarnasse o espírito xamânico do vento.

Comeu uma *pizza* que trouxe de um *take away* por onde passara pelo caminho para casa e, no final, os dedos ainda sujos de gordura, deu um salto ao

escritório e sentou-se diante do computador. A sua caixa de correio na Internet apresentava a memória quase bloqueada; eram centenas de *e-mails* que se tinham acumulado ao longo dos últimos tempos, cobrindo todo o período em que estivera ausente. A esmagadora maioria não passava de mensagens com vírus ou publicidade variada; alguns continham vídeos que os amigos faziam circular pela rede, justamente os que mais sobrecarregavam a memória do endereço e, inevitavelmente, foram os primeiros a ser apagados. Restavam algumas mensagens avulsas que se revelaram genuínas, umas da faculdade, outras da Gulbenkian, duas do Centro Getty, uma do museu de Bagdade, três de um instituto hebraico em Jerusalém.

E uma de *osetimoselo.*

O coração pulou quando se apercebeu desta mensagem. O seu sentido imediato era o de que Filipe estava vivo. Rodou o rato e premiu a linha, abrindo o *e-mail.* O conteúdo era de uma simplicidade desarmante. A mensagem vinha de facto assinada por Filipe, tinha *top secret* assinalado no topo, dava uma data e uma hora, dois valores em graus que calculou serem coordenadas num mapa e ainda uma palavra cujo verdadeiro significado lhe escapava naquele instante.

Centrepoint.

XXVII

Sentou-se num banco do Circular Quay, junto ao terminal transatlântico de passageiros, e apreciou a vista que se abria diante dele. Aquele lugar dos The Rocks era realmente magnífico, sobretudo porque a manhã nascera deliciosa e o sol moderado acariciava com brandura a urbe exuberante. Inspirou fundo a brisa que soprava no cais; era o mar a cheirar a cidade, como se a curiosidade roesse a natureza diante de tão admirável obra do engenho humano.

Recostando-se no banco, a perna cruzada com deleite, Tomás Noronha deixou os sentidos inebriarem-se pela harmonia urbana daquele esplêndido recanto. À esquerda, ele-vando-se acima do espelho de água e da verdura tropical, destacava-se o característico emaranhado de ferro enrubescido da Harbour Bridge, parecia uma Torre Eiffel elíptica deitada sobre o braço de mar que separava o centro da zona residencial; à direita, erguendo-se como gigantescas agulhas de cimento, cintilavam os arranha-céus sobranceiros a Sydney

Cove, símbolos de poder que afirmavam a pujança da cidade; mas a jóia da coroa, a pedra mais preciosa daquele elegante diadema, brilhava do outro lado da enseada, beijando o mar, era a estrutura vanguardista da Opera House, com as suas múltiplas conchas brancas encavalitadas umas nas outras, voltadas em todas as direcções, como se exibissem, com orgulho, o encontro da genialidade humana com a simplicidade da natureza.

Sydney resplandecia na Primavera austral.

Durante vinte minutos, o visitante abandonou-se ao plácido espectáculo da arquitectura a fundir-se com o mar e a terra, como se aquela cidade tivesse sido construída, não por presos e forçados, a ralé da espécie humana, mas por artistas e iluminados, gente de saber e talento. Tomás tinha tempo para gastar e não via melhor modo de o fazer do que sentir Sydney respirar o dia.

Foi então que reparou nele.

Era um homem de fato escuro e gravata cinzenta, óculos de marca a esconder-lhe os olhos, que se sentara no banco ao lado. O

desconhecido tinha um jornal nas mãos, o *Sydney Morning Herald*, mas parecia mais preocupado em observar Tomás do que em ler as notícias. A sensação de que estava a ser observado fez Tomás sentir-se desconfortável, primeiro, inquieto depois. Sempre que olhava para o homem ele parecia embrenhado na leitura do jornal. Mas, por três vezes, enquanto contemplava o edifício da Opera, do outro lado de Sydney Cove, voltou-se depressa e

surpreendeu o desconhecido a espreitá-lo.

"O cabrão está a espiar-me", murmurou Tomás entre dentes.

Ergueu-se do banco e calcorreou o Circular Quay em direcção aos arranha-céus, mas sempre pelo Writer's Walk, o passeio calcetado junto à água. Caminhou dois minutos e só então virou a cabeça, como se estivesse a apreciar a fachada *art déco* do Museu de Arte Contemporânea. Pelo canto do olho apercebeu-se do vulto escuro do homem; vinha uns cem metros atrás dele com o jornal debaixo do braço.

Seria coincidência? A possibilidade de estar a ser vigiado afigurava-se-lhe como algo absolutamente incrível, coisa de filmes, até porque não comunicara a ninguém o seu destino. Orlov transferira-lhe o dinheiro para a conta e quem comprara o bilhete do avião fora ele, e só em *cash*, quando chegara ao aeroporto de Frankfurt. Talvez tudo aquilo não passasse de coincidência, admitiu.

Decidiu testar esta hipótese e abandonou o Writer's Walk; apanhou Argyle Street e virou logo a seguir para a movimentada George Street. Palmilhou um quarteirão e espreitou pelo reflexo do vidro de uma loja, para saber o que se passava atrás. Como uma sombra que não desgrudava, lá vinha o homem do fato escuro e óculos de marca, o jornal sempre debaixo do braço.

Não havia dúvidas, concluiu, aterrado. Estava mesmo a ser seguido. Agora que a evidência se encontrava estabelecida com firmeza, o problema seguinte, no qual até aí evitara pensar, impôs-selhe com brutalidade. Quem seria aquele homem? Quem o enviara? E, sobretudo, o que lhe queria ele? As perguntas eram arrepiantes, dado que as respostas o remetiam inexoravelmente para a Sibéria, para os desconhecidos que haviam invadido o acampamento *yurt* a meio da noite e os tinham perseguido por Olkhon até à Shamanka, e depois para além dela, pelo Baikal até à fatídica clareira da taiga onde Nadezhda fora executada. Se aquele homem estava no seu encalço, raciocinou Tomás, é porque se encontrava a mando de alguém, e esse alguém era evidentemente aquele que mandara eliminar os cientistas incómodos.

Os interesses do petróleo.

A ideia deixou-o à beira do pânico. Se os assassinos o tinham seguido até Sydney, em breve iriam desencadear o caos. Fosse como fosse, o encontro com Filipe estava comprometido. Se os levasse até ele, o seu amigo seria abatido com a mesma frieza com que Nadezhda fora executada; ela e o americano na Antárctida e o espanhol em Barcelona. Olhou de relance para o espectro que o acompanhava pelas ruas de The Rocks e sentiu os pelos eriçarem-selhe de medo. O que fazer agora? Voltar ao hotel e marcar o voo de regresso? Isso representaria perder o rasto de Filipe. Não, vendo bem, havia uma alternativa. Precisava absolutamente de despistar aquela sombra.

No instante em que tomou a decisão apressou o passo e pôs-se a arquitectar um plano. A cabeça a fervilhar de ideias, passou por baixo da movimentada Cahil Expressway, cruzou Bridge Street, permanecendo sempre na grande George Street, até que a abandonou lá mais ao fundo, quando virou à direita e se dirigiu ao Darling Harbour.

O alcatrão repleto de automóveis foi cortado diante dele pela figura imponente de um veleiro a cruzar Cockle Bay, e por um instante esqueceu o perseguidor e deixou-se maravilhar por aquela visão surpreendente; só numa cidade daquelas o mar podia entrar assim pelas ruas, com as velas de um navio a passarem tranquilamente entre dois prédios, como se isso fosse a coisa mais natural do mundo. Mas o encantamento depressa se evaporou; havia algo de mais urgente a atormentá-lo, o perigo inquietava-o mais do que o espanto o maravilhava. Dirigiu-se a um carro estacionado, espreitou para o espelho retrovisor como se fosse ajeitar o cabelo e viu o homem do fato escuro a segui-lo.

Não desgruda, pensou.

O Darling Harbour era um recanto harmonioso rodeado por construções de linhas vanguardistas. O veleiro que vira instantes antes manobrava na Cockle Bay, rodeado pelo cais, onde se viam vários barcos de recreio atracados, e pela Pyrmont Bridge, uma ponte móvel que atravessava a água e era cruzada por um monocarril futurista. Desceu até ao cais e, aproveitando um ponto em que o seu perseguidor deixara de o ver, embrenhou-se subitamente pelo colorido Cockle Bay Wharf, o recinto de entretenimento da marina.

Misturou-se com a multidão e abandonou o recinto pelo outro lado, pon-do-se a correr por um caminho abrigado por um renque de árvores.

Olhou para trás e o homem já lá não estava.

Para se assegurar de que despistara o perseguidor, meteu-se pela primeira porta da grande estrutura comercial que encontrou do outro lado do cais, o Harbourside Complex, e refugiou-se lá dentro.

Subiu pelas escadas rolantes e foi para a esplanada instalada na varanda que dava para a marina, de onde esquadrinhou a multidão que formigava em Darling Harbour.

Deixou-se ali ficar uma dezena de minutos, procurando assim garantir que o homem lhe perdera o rasto. O coração regressou gradualmente à normalidade e a confiança também; o encontro com Filipe estava salvo. Consultou o relógio e percebeu que o tempo passara mais depressa do que lhe parecera. Só tinha meia hora para chegar ao local.

O ponto de encontro não foi difícil de localizar. Para dizer a verdade, a sua estrutura esguia era visível de toda a cidade e desde que chegara a Sydney que a

espreitava amiúde, do quarto do hotel na véspera, do banco de Sydney Cove nessa manhã, da esplanada do Harbourside Complex alguns instantes antes. Na realidade, o local combinado para se juntar a Filipe atraía-o como um íman; parecia um farol plantado em plena baixa da grande urbe, como se gritasse que era aquele o centro do mundo.

A espreitar em todas as direcções, abandonou Darling Harbour a ritmo de passeio e meteu por Market Street na direcção da ponta norte de Hyde Park, sempre com o seu destino em mira. Apesar da inquietação, sentiu o ritmo aprazível da cidade; Sydney laborava com descontracção, as ruas imaculadamente limpas e arranjadas, a população multiétnica cruzando os passeios, era ali o ponto de encontro da Europa com a Ásia e a Oceânia. Alcançou o seu destino uns quarteirões adiante, no bloco entre Pitt Street e Castlereagh Street, e parou junto ao edifício para medir a altura do colossal monumento que Filipe escolhera para se encontrarem.

Centrepoint.

O nome oficial era Sydney Tower, mas os australianos conheciam-na por Centrepoint, por ter sido concebida como parte do centro comercial com esse nome. Era uma estrutura com trezentos metros de altura, uma espécie de palmeira de aço, com um eixo cilíndrico muito delgado e alto, e uma coroa dourada no topo, como um alfinete gigante de pernas para o ar, equilibrado pelo bico e com a base lá em cima. Alguns cabos de aço emaranhavam-se no eixo como as cordas das velas penduradas no mastro dos navios e o torreão do topo cintilava ao sol; era o pó de ouro do revestimento que reflectia a luz límpida do final da manhã.

Depois de uma última inspecção para se assegurar de que já não era seguido, meteu-se no elevador e subiu até ao torreão. A maior parte dos passageiros ia em grande excitação para o *deck* de observação, no quarto andar da estrutura, mas Tomás saiu um piso antes.

O café.

Enormes rectângulos de vidro serviam de parede ao vasto corredor circular do terceiro andar. Sydney estendia-se para lá das largas janelas, revelando o mar a entrar pela terra em múltiplas enseadas; por todo o lado se erguiam ilhas verdes de vegetação ou estruturas alvas e cinza de betão, era naquela cidade que se cruzavam o homem, a terra e o oceano. Num lado viam-se as Blue Mountains, no outro o azul de Botany Bay, em baixo o emaranhado de prédios e ruas e estruturas de arquitectura sofisticada.

“Então, *Casanova?'1"*

A voz vinha de uma das mesas e tinha uma assinatura inconfundível.

“Olá, Filipe. Já aqui estás há muito tempo?”

Cumprimentaram-se com um aperto de mão e Tomás acomodou-se na cadeira junto a uma grande janela.

“Cheguei há pouco”, disse o amigo, passando os dedos pelos cabelos claros e encaracolados. “Não foste seguido?”

Tomás baixou a voz.

“Por acaso, fui.”

Filipe olhou em redor, alerta.

“Quem?”

“Não sei. Mas consegui despistá-lo.”

“De certeza?”

“Sim. Não o voltei a ver.”

“Mas como é que deram contigo?”

“Não sei.”

“Deixaste alguma pista ao apanhar o avião?”

“Julgo que não.”

“Julgas ou tens a certeza?”

Tomás bocejou, era o *jet lag* a atacar.

“Depois do que se passou na Sibéria, já não tenho a certeza de nada. Mas tive o máximo cuidado em baralhar as pistas. Fui para Faro de automóvel, apanhei lá o avião para Londres, daí segui para Frankfurt e só então é que comprei o bilhete para Sydney, menos de duas horas antes de o voo partir.”

“Com cartão de crédito?”

“Em dinheiro.”

“Que nome deste para o voo e aqui no hotel?”

“Rosendo.”

“E eles aceitaram?”

“Sim, é o meu nome do meio. Tomás Rosendo Noronha, está no passaporte. O Rosendo é da minha mãe.”

Filipe suspirou.

“Seja o que Deus quiser.” Descontraiu-se na cadeira e bebe-ricou um copo de água fria que tinha levantado da mesa. “Conta-me lá o que aconteceu depois de nos separarmos, no Baikal.”

“Eles mataram a Nadia.”

“Eu sei. Mas como foi que isso aconteceu?”

“Apanharam-nos no final da manhã junto ao lago. Ainda fugimos para a floresta, mas eles deram connosco. Desfize-ram-lhe a cabeça com um tiro.” Estremeceu. “Foi horrível.”

Deixaram-se ficar um longo momento sentados, os olhos a passearem pela cidade que se estendia lá em baixo; à distância tudo parecia irrelevante, sem

significado.

“Coitada da Nadia”, murmurou Filipe. “A culpa foi minha, eu é que a meti nisto.”

Tomás pigarreou.

“Ouve, Filipe. Por que razão marcaste este encontro? Sabes tão bem como eu que isto é perigoso.”

O amigo olhou-o surpreendido.

“Não querias encontrar-te comigo?”

“Claro que queria”, apressou-se Tomás a dizer. “Isso não impede que eu seja, mesmo que involuntariamente, um perigo para ti. Olha o que aconteceu na Sibéria.”

“Tu tomaste precauções, não tomaste?”

“Claro que tomei. Já te contei. Mas só o facto de estarmos juntos é um risco, não te parece?”

“É evidente.”

“Então porque marcaste este encontro?”

“Porque precisamos de ti.”

“Precisamos?”

“Eu e o James. Precisamos de ti.”

“Para quê?”

“Para ver qual a melhor forma de lidar com o que descobrimos.”

“Estás a falar na descoberta que põe em causa o negócio do petróleo?”

“Essa mesma.”

“Mas essa é uma área que eu desconheço. Não vejo como te possa ser útil.”

“Não estás envolvido nisto pela Interpol?”

“Sim.”

“Então podes ser útil.”

Tomás balançou afirmativamente a cabeça. Era evidente que Filipe se sentia acossado e, mesmo não confiando nas polícias, sabia que era nelas que residia a sua derradeira esperança. E qual poderia ser melhor que a Interpol?

“Ainda não me contaste que descoberta foi essa.”

Filipe pôs-se bruscamente de pé e fez-lhe um sinal com a mão, como se o convidasse a segui-lo.

“Anda”, disse. “Vou-te mostrar.”

XXVIII

A viagem de regresso ao rés-do-chão foi feita em silêncio, com os dois homens atentos às pessoas em redor, procurando surpreender olhares suspeitos ou movimentos denunciadores. Mas tudo parecia tranquilo e normal, os visitantes de Centrepoint tagarelavam com grande excitação, a animação era imensa dentro do elevador ao longo do percurso de descida; o comportamento de toda a gente afigurou-se-lhes de tal modo natural que, no instante em que as portas se abriram e Tomás e Filipe saíram do complexo e mergulharam na multidão, se sentiram ambos de imediato invadidos por uma relativa sensação de segurança.

Mesmo assim, caminharam tensos pela rua, olhando amiúde para trás ou espreitando para os cantos com receio das sombras. O

geólogo palmilhava o passeio em passada ligeira, assumindo a liderança com a determinação de quem sabe para onde vai, e conduziu Tomás até Pitt Street. Virou aí em direcção a sul e percorreu a grande artéria no sentido oposto a The Rocks. Era uma rua buliçosa, quase inteiramente entregue ao comércio e aos peões, o formigar laborioso dos transeuntes revelava-se aqui cheio de vida e cor. A multidão era tão densa que nenhum perseguidor invisível os conseguiria localizar.

“Se bem entendi o que me disseste na Sibéria, foste a Viena reconstituir os meus passos”, observou Filipe, já suficientemente à vontade para retomar a conversa.

“Sim, fui lá falar com o tipo da OPEP com quem tu te encontraste em 02.”

“O Abdul Qarim?”

“Esse mesmo. Ele contou-me que andavas a avaliar o estado das reservas mundiais de petróleo.”

“E que mais te contou ele?”

Tomás fez um esforço de memória.

“Bem, falou-me sobre a situação da produção internacional.

Disseme que o petróleo não-OPEP está à beira do pico de produção e que, depois disso, a economia mundial ficará dependente do petróleo da OPEP.”

“Ele dissete quanto tempo vai durar o petróleo da OPEP?”

Novo esforço de memória.

“Se bem me lembro, disse que iria durar ainda muitas décadas.

Talvez um século.”

Filipe caminhava com os olhos pousados no chão, como se estivesse absorto

em qualquer coisa.

“E contou-te mais alguma coisa sobre a nossa conversa?”

“Bom, falou-me sobre as questões do petróleo e da energia, mas o essencial da sua mensagem era isso. O petróleo não-OPEP vai entrar em declínio e o mundo ficará nas mãos do petróleo da OPEP.”

“Ele não te falou nos documentos técnicos da Aramco, pois não?”

“Os documentos de quem?”

“Da Aramco. A companhia petrolífera saudita.”

Tomás torceu a boca.

“Não, não me falou nisso.” Olhou para o amigo. “Porquê? Devia ter falado?”

Pararam diante de um semáforo para peões, aceso no vermelho.

Os automóveis fluíam diante deles, jorrando por Park Street, enquanto os transeuntes aguardavam a sua vez de passarem para o quarteirão seguinte de Pitt.

“No quadro do meu trabalho para o grupo criado depois de Quioto, cabia-me, como já te contei, estudar o problema da energia”, disse, ignorando a pergunta de Tomás. “Andei a inspeccionar os principais campos existentes no planeta. Fui ao Texas, à Rússia, ao Cazaquistão, ao mar do Norte, ao golfo do México, ao Alasca... enfim, onde houvesse grandes poços de petróleo era onde eu ia. Ora, como é evidente, também tive de visitar os países da OPEP. O problema é que aí o acesso à informação foi consideravelmente mais complicado.”

“Pois, são ditaduras.”

“Não é esse o problema. Os países da OPEP há muito tempo que são governados por regimes autoritários, mas sempre forneceram informação adequada sobre as suas reservas e a produção petrolífera.

Desde 1950 que disponibilizavam dados detalhados quanto ao que se passava em cada um dos seus campos.” Fitou Tomás. “Estás a perceber? Os tipos não se limitavam a fornecer informações sobre a situação geral. Eles davam pormenores específicos sobre a produção em cada campo petrolífero.”

“E deixaram de dar?”

Filipe assentiu com a cabeça.

“Foi em 1982 que os países da OPEP fecharam a torneira da informação. De um momento para o outro, tudo o que se relacionava com as suas reservas e a produção de petróleo tornou-se segredo de Estado. A pouca informação que passaram a disponibilizar era demasiado escassa e absolutamente inverificável. O mercado passou então a regular-se por estimativas e os dados da OPEP tornaram-se tão pouco credíveis que até o secretariado da organização, em Viena, começou a assentar as informações sobre a produção da OPEP, não nos dados oficiais fornecidos pelos seus próprios membros, mas nessas estimativas.”

“A sério?”

“E incrível, não é? Nem a OPEP acredita nos dados fornecidos pelos seus próprios membros.”

“Mas por que razão adoptaram eles toda essa política de segredo?”

Filipe cravou os olhos no amigo.

“Essa é a grande pergunta, não é? O que levou a OPEP a cessar o fornecimento de informações sobre a sua produção petrolífera? Ou, fazendo a pergunta de outra maneira: o que tem a OPEP a esconder?”

A luz dos peões passou a verde e a multidão que se aglomerara nos dois passeios avançou e cruzou-se a meio da rua, pareciam dois enxames a convergir, a fundir-se e depois a afastar-se.

“Então diz lá”, insistiu Tomás, evitando colidir com dois australianos de calções caqui que atravessavam a rua em sentido contrário. “Por que razão fechou a OPEP a torneira da informação?”

“A resposta oficial é que o petróleo tem uma importância geoestratégica de tal modo grande que os membros da OPEP, para se protegerem das maquinações do Ocidente, têm de manter a informação reservada.”

“Mas tu não acreditas nessa explicação...”

“Não”, confirmou Filipe. “Não acredito.”

“Porquê?”

“Porque é simplória. Porque não bate certo. Porque é um indício de que a OPEP está a ocultar alguma coisa.”

“Mas o quê? O que estão eles a ocultar?”

“Foi essa a pergunta que fiz repetidamente a mim próprio. Em busca da resposta, andei alguns meses a voar a caminho das várias capitais do Médio Oriente e comecei a ficar com a sensação de estar a embater em verdadeiras paredes. Depa-rei-me com um manto de sigilo em Teerão, em Bagdade, na Cidade do Kuwait, em Riade. Não imaginas, parecia que estava a falar sozinho.”

“Irritavam-se contigo?”

“Não, pelo contrário. Foram sempre muito simpáticos, ofereciam imensas prendas, davam-me excelentes jantares, trata-vam-me com grande cortesia, mas, tudo espremido, não revelavam nada. Daquelas bocas apenas saía a versão oficial de que o Médio Oriente dispõe de tanto petróleo que o pico da OPEP só será alcançado daqui a muitos anos.”

“Foi exactamente isso que o Qarim me disse.”

“É essa a versão oficial”, insistiu Filipe. “Até que, na minha última visita à Arábia Saudita, fui bafejado por um golpe de sorte. Cansado de embater nestes sucessivos muros de silêncio, resolvi tentar visitar o campo de Ghawar, o maior super-campo petrolífero do mundo. Claro que se tratava de uma missão impossível, mas mesmo assim decidi tentar. Para conseguir chegar a Ghawar tive

de sair do circuito rotineiro do Ministério do Petróleo, de onde não saía qualquer informação, e fui bater à porta de um departamento de engenharia da Aramco. Marquei uma reunião com o chefe do departamento e, no dia seguinte, compareci à hora marcada na sede da Aramco, um prédio de vidro erguido junto ao deserto, em Dhahran. O homem recebeu-me com grande cortesia e lá me explicou que não me podia levar a Ghawar, que isso não era matéria da sua competência, que gostaria muito de me ajudar mas era apenas um engenheiro, que eu teria de me dirigir aos circuitos normais."

"O governo?"

"O Ministério do Petróleo. Ora esse circuito já eu conhecia de ginjeira. Percorria-o há já alguns meses e nunca me levou a sítio nenhum. Como é bom de ver, percebi logo que esta tentativa se encontrava, também ela, condenada ao fracasso e fiquei muito desanimado." Parou um instante para se orientar na rua e em seguida retomou a conversa. "Acontece que, já perto do fim da reunião, o engenheiro saudita teve uma outra visita e, com uma delicadeza de que só os árabes são capazes, saiu para falar com o recém-chegado e insistiu que eu o aguardasse no seu gabinete." Arqueou as sobrancelhas. "Estás a perceber o que aconteceu?"

"Ficaste sozinho no gabinete."

"Isso mesmo. Quando dei por ela, o homem tinha saído e eu estava sozinho no gabinete. Para queimar tempo, levantei-me do sofá e pus-me a passear os olhos pelos livros e pastas que ele guardava nas estantes." Parou a meio do passeio, como se tivesse chegado a um ponto importante. "Lembra-te de que eu não estava num dos habituais gabinetes de relações públicas do Ministério do Petróleo, em Riade, onde só existem brochuras de propaganda. Dei comigo sozinho no gabinete do chefe de um dos departamentos de engenharia da Aramco, em Dharhan. Tratava-se de um local de trabalho e os documentos nas estantes não eram meras brochuras a cantar loas às imensas reservas petrolíferas da Arábia Saudita, mas verdadeiros documentos técnicos." Retomou a marcha. "Passando os olhos pelas lombadas das pastas, deparou-se-me uma intitulada *Problems in Production Operations, Saudi Fields.* Achei o título curioso, de modo que peguei na pasta e pus-me a folheá-la. O que encontrei com uma simples passagem de olhos pelas primeiras páginas deixou-me de tal modo estarrecido que, num impulso, arranquei as folhas todas e escondias à pressa na minha mala de mão."

Tomás ficou com um ar embasbacado, algures entre o escandalizado e o admirado.

"Roubaste as páginas que estavam nessa pasta?"

"Eu sei que parece uma loucura, mas aquilo era uma verdadeira mina de

informação e não me consegui controlar. Coloquei a pasta vazia no seu lugar na estante e depois sentei-me no sofá muito quietinho, cheio de dúvidas sobre o que acabara de fazer, já meio arrependido, amaldiçoando o meu impulso e tentado a voltar a pôr tudo no lugar. Só que entretanto o engenheiro regressou e já não tive oportunidade de o fazer. Despedi-me dele meio à pressa e fui logo a correr para o aeroporto, sem sequer passar pelo hotel."

"E saíste do país com essa pasta?"

"Tudo", disse Filipe. "Levei tudo."

"Eles não descobriram?"

"Suponho que sim. Quando apareci em Viena de surpresa e confrontei o Qarim com os factos, ele não pareceu muito admirado por eu saber uma série de coisas que não devia saber. E a verdade é que foi nesse mesmo dia, dois meses depois de eu ter roubado essas folhas, que mataram o Howard e o Blanco e andaram a vasculhar a minha casa e a do James."

"Achas que as mortes deles estão relacionadas com o furto desses documentos?"

"Não tenho a certeza", admitiu Filipe. "Mas os bilhetinhos com o triplo seis ao lado dos cadáveres provam que as mortes estavam relacionadas com a nossa pesquisa. E isto responde também à pergunta que me fizeste no outro dia. Por que razão andávamos nós a ser perseguidos se havia muitos outros cientistas a estudar igualmente o aquecimento global do planeta? O que fazia do nosso grupo um caso especial?" Fez uma pausa, como se quisesse prolongar a dúvida. "A resposta é que nós estávamos na posse de informações altamente confidenciais sobre o que se passava nos campos petrolíferos da OPEP." Baixou a voz. "Informações que põem em causa a sobrevivência do negócio do petróleo."

Tomás inclinou a cabeça e virou-se para o amigo, intrigado, a curiosidade espicaçada.

"Caramba", exclamou. "Mas que raio de informações são essas?"

Cruzaram Bathurst Street e seguiram em frente, sempre pela movimentada Pitt.

"Para perceberes o que tenho para te contar, é importante que domines alguns conceitos básicos do mundo do petróleo", observou Filipe. "Por exemplo, sabes o que é um pico de produção?"

"O Qarim explicou-me em Viena", disse Tomás, intimamente satisfeito por não ter de se mostrar um absoluto ignorante nesta área.

"É quando a produção passa metade da reserva total. Chama-se pico porque o gráfico de produção parece uma montanha." Fez um desenho no ar com o dedo. "Sobe até atingir o pico e depois começa a descer."

Filipe esboçou uma careta.

“É isso, mas não é exactamente isso.”

“Então?”

Foi a vez do amigo desenhar o gráfico no ar.

“A curva da produção não é semelhante à curva de uma montanha que sobe, atinge um pico e desce, mas à de um planalto.

Sobe devagar, atinge o pico, mantém-se elevada durante um determinado período e, de repente, pimba!” O dedo desceu bruscamente. “Cai como se se tivesse precipitado num abismo.”

“Um planalto, é?”

“É assim a curva da produção global de petróleo. Sobe, atinge o pico, mantém-se no pico por algum tempo e, de um momento para o outro, cai abruptamente. E isto porque, ao atingir o pico, as companhias petrolíferas e os países que são grandes produtores fazem um enorme esforço para manter a produção elevada, e é esse esforço que explica o planalto da curva. O problema é que o esforço não pode ser sustentado indefinidamente, uma vez que as reservas são finitas, pelo que é inevitável que a produção caia... e caia com violência. De um ano para o outro.”

“Quando será esse pico?”

“Como o Qarim te disse, o pico do petróleo não-OPEP está iminente. De todos os países fora da OPEP, apenas a Rússia parece capaz de aumentar a produção, mas não por muito tempo, e mesmo isso é incerto. Um relatório da Academia das Ciências russa revelou que quase sessenta por cento das reservas da Sibéria Ocidental estão à beira do esgotamento e o presidente Putin promulgou um decreto a classificar as informações sobre as reservas petrolíferas como segredo de Estado. Se o fez, meu caro, é porque a Rússia quer ocultar alguma coisa. Por outro lado, o mar do Norte encontra-se esgotado, o Texas também, o Canadá dá sinais de declínio e a Noruega parece prestes a cruzar o pico.”

“Pois, ele contou-me. O petróleo não-OPEP aproxima-se do fim do seu tempo de vida. Mas acreditas mesmo nisso? Não é possível encontrarem novos poços?”

“O problema é que o petróleo é um produto relativamente raro, devido às condições excepcionais que são necessárias para que a natureza o fabrique. Em todo o planeta foram detectados, ao todo, apenas seiscentos sistemas capazes de produzir petróleo e gás em quantidades rentáveis. Desses seiscentos sistemas, quatrocentos já foram ou estão a ser explorados e os duzentos restantes encontram-se no Árctico ou em águas profundas, não havendo sequer a certeza de que possuam petróleo ou gás. Só para teres uma ideia, nos últimos quarenta anos apenas foram descobertos quatro campos petrolíferos supergigantes fora do

Médio Oriente. O campo chinês de Daqing, em 1961, o campo russo de Samotlor, em 1963, o campo de Prudhoe, no Alasca, em 1967, e o campo mexicano de Cantarell, em 1975. De então para cá, mais nada. Apenas poços mais pequenos. E, destes quatro últimos supergigantes, apenas Daqing e Cantarell mantêm produções elevadas, embora já com sinais de declínio. Os picos de todos eles já passaram. E, se pusermos de lado os supergigantes e nos concentrarmos apenas nos campos gigantes, verificamos que a tendência é a mesma. A maior parte dos que entraram em produção depois de 1970 esgotaram-se até 2000, como é o caso dos campos Brent e Forties, do mar do Norte. E só três entraram em funcionamento desde 1990." Olhou Tomás nos olhos. "Percebes o que se está a passar? O petróleo não-OPEP está mesmo à beira do pico irreversível, se é que não o cruzou já."

"Mas como é que ninguém sabe de nada?" "Por várias razões", considerou Filipe. "A principal é que a informação sobre o petróleo ainda existente é muito enganadora. Por exemplo, uma das mais respeitadas agências petrolíferas do mundo, o US Geological Survey, calcula que as reservas mundiais de petróleo se situam por volta dos 2,5 biliões de barris." "Isso é muito?"

"Para que tenhas uma ideia, estima-se que até agora o mundo consumiu pouco mais de um bilião de barris."

"Então 2,5 biliões é muito."

"Claro que é", confirmou o geólogo. "Esta estimativa soma 1,6

biliões de barris de reservas provadas, metade das quais no Médio Oriente, com novecentos mil milhões de barris de petróleo ainda por descobrir."

"Com todo esse petróleo ainda por usar, quando será o pico?"

Filipe franziu o sobrolho, fazendo as contas mentalmente.

"Ora bem, o mundo consome actualmente mais de oitenta milhões de barris por dia, não é?" Desenhou os números no ar, como se assim os pudesse visualizar. "Se o consumo continuar a crescer a uma taxa de dois por cento ao ano, os 2,5 biliões de barris deverão atingir o pico em... em... deixa cá ver... por volta de 2030."

"Em 2030?"

"Mais coisa, menos coisa."

"Então qual é o problema?"

O amigo forçou um sorriso.

"Estes números são falsos."

"Falsos? Mas não disseste que eram uma estimativa de uma das mais respeitadas agências petrolíferas do mundo?"

"Sim, mas isso não impede que sejam falsos."

"Como podes dizer isso?"

“Por dois motivos. Primeiro, porque são os Americanos a afirmar tal coisa. Como já uma vez te expliquei, os interesses do petróleo dominam o poder político na América e tudo o que uma agência americana diz tem de ser visto à luz dessa realidade. Por exemplo, o US Geological Survey, que agora calcula existir ainda imenso petróleo no planeta, é o mesmo US Geological Survey que, na década de 1990, apresentou uma estimativa pessimista das reservas petrolíferas existentes no Árctico. Sabes o que aconteceu a seguir?”

“Hmm...”

“Os interesses do petróleo mexeram-se e a agência teve de apagar a estimativa pessimista e substituí-la por uma mais optimista.” Piscou o olho. “Estás a perceber?”

Tomás abanou a cabeça, incrédulo.

“Não acredito que isso seja assim.”

“Podes crer”, assegurou o amigo. “Há até uma anedota que corre entre a malta do mundo do petróleo sobre o modo como as agências americanas recrutam o seu pessoal. Queres ouvir?”

“Conta lá.”

“O US Geological Survey precisava de contratar um empregado e, um dia, decidiu entrevistar três candidatos: um geólogo, um geofísico e um analista de reservas petrolíferas. Perguntou aos três: quanto são dois e dois? O geólogo respondeu: quatro. O geofísico respondeu: vinte e dois. Quando chegou a vez do analista de reservas petrolíferas, o homem chamou o entrevistador para um quarto ao lado, trancou a porta, fechou as janelas, desligou os telefones, e depois, muito baixinho, segredou: quanto quer você que seja? Foi contratado.”

Riram-se os dois.

“Muito bem”, disse Tomás, bem disposto. “Já percebi que não se pode confiar nas agências americanas. E qual é a outra razão para desconfiares que os números não são verdadeiros?”

“O segundo motivo pelo qual a estimativa dos 2,5 biliões de barris é falsa prende-se com a própria análise desse número. Repara, o cálculo da existência de 2,5 biliões de barris de petróleo no planeta parte da soma de reservas provadas e de recursos por descobrir, não é? As reservas provadas são, segundo o US Geological Survey, de 1,6

biliões de barris. O problema é que, quando falamos de reservas provadas, estamos a falar de dados fornecidos pelos países produtores, informação que, no caso da OPEP, tem uma fiabilidade muito dúbia, como já te expliquei. Por exemplo, no final da década de 1980, seis dos maiores produtores da OPEP acrescentaram de repente mais de trezentos mil milhões de barris às suas reservas colectivas.

Ora só se aumenta a quantidade de petróleo em reserva em duas situações específicas: quando são feitas novas descobertas ou quando novas metodologias de avaliação de reservas revelam existir num determinado campo mais petróleo do que se pensava. O

problema é que, nesse período, nenhum desses seis países da OPEP

anunciou novas descobertas importantes de petróleo, nem as tecnologias de avaliação de reservas sofreram qualquer evolução significativa."

"Então como descobriram eles que as suas reservas eram maiores do que se pensava?"

"Boa pergunta", exclamou Filipe. "Esses países alegaram que estavam apenas a corrigir um erro do passado. Mas a verdade, suspeito eu, é outra. Em 1985, a OPEP determinou que, quanto maiores forem as reservas de um país, mais petróleo esse país poderá exportar. Ou seja, mais lucro terá. Acto contínuo, puseram-se todos a aumentar administrativamente as suas reservas."

Tomás riu-se.

"Mas eles podem fazer isso?"

"Não só podem, como fizeram. Quem é que os controla? Os dados da OPEP são secretos e inverificáveis. Se eles disserem que têm mil triliões de barris de reserva, quem é que pode afirmar o contrário? Não há inspecções independentes..."

"Mas tu tens mesmo a certeza de que esse aumento foi administrativo?"

"O *Casanova*, não sejas ingénuo. Repara no caso do Iraque, por exemplo. O Iraque foi um dos seis países que, de um dia para o outro, aumentaram miraculosamente as reservas petrolíferas. Analisando este caso ao pormenor, verificamos que, desde 1980, os Iraquianos quadruplicaram o valor das suas reservas." Fez uma careta. "Ora como é isso possível se o país passou esse tempo todo em guerra ou sujeito a embargos petrolíferos?"

Tomás considerou a objecção.

"Realmente..."

"Portanto, sobre a fiabilidade dos dados relativos às reservas provadas estamos conversados", concluiu Filipe. "Vejamos agora a ainda mais dúbia situação do petróleo por descobrir. Como já te disse, o petróleo é um produto raro e há apenas duzentos sistemas no mundo que permanecem inexplorados. As estimativas partem do princípio de que quase todos esses sistemas têm petróleo, mas isso não é necessariamente verdade. O facto é que não sabemos o que lá está, uma vez que, como a própria definição indica, esses sistemas permanecem inexplorados." Ergueu o dedo. "Há uma coisa, no entanto, que eu sei de ciência certa. Está cada vez mais difícil encontrar novos campos de petróleo. Os maiores, porque eram mais fáceis de descobrir, já foram localizados. Estamos

agora a encontrar apenas os mais pequenos, que escaparam aos anteriores escrutínios.

E desde 1961 que as companhias petrolíferas descobrem menos petróleo a cada ano que passa. Desde 1995 que o mundo gasta um mínimo de vinte e quatro mil milhões de barris por ano, mas só estão a ser descobertos nove mil milhões de barris de petróleo novo por ano." Fixou o olhar num ponto indefinido de Pitt Street.

"Na verdade, o petróleo existente no mundo fora da OPEP deverá rondar um bilião de barris."

"Um bilião? Isso dá um pico para quando?"

"Para breve. Nós vamos estar vivos e assistir a tudo isso."

"Mas quando será o pico?"

Filipe suspirou.

"Entre 2010 e 15."

"É essa também a estimativa do Qarim."

"Posso estar errado por dois ou três anos, mas esta é a data de referência para o pico do petróleo não-OPEP."

Uma multidão aglomerava-se a meio de Pitt Street, rodeando dois malabaristas que faziam um arriscado número com garrafas.

Ouviam-se *aaah* e *ooob* sucessivos, por vezes irrompiam palmas; eram os mirones a reagir às emoções do espectáculo de rua. Mas os dois amigos passaram pelo local como se nada ali acontecesse, sem sequer lançarem um olhar de relance, totalmente embrenhados no problema que os ocupava naquele instante.

"Há uma coisa que não estou a entender", observou Tomás.

"Diz."

"Se a situação é assim tão crítica, como é possível que os mercados ainda não tenham reagido? Quer dizer, basta haver uma tempestade mais forte no golfo do México e, upa, o preço do petróleo trepa logo por aí acima. Os mercados sempre se revelaram ultra-sensíveis às mínimas flutuações no abastecimento, mesmo quando essas flutuações são manifestamente temporárias, como é o caso das quebras provocadas por tempestades. Assim sendo, como é possível que não tenham ainda reagido a uma enormidade destas?" Abanou a cabeça. "Isso não faz sentido."

"Os mercados ainda não entraram em pânico por um motivo muito simples", disse Filipe. "Trata-se da confiança existente em relação às reservas disponíveis no Médio Oriente. Os mercados acreditam que o Médio Oriente possui ainda reservas incríveis de petróleo, quantidades tão elevadas que podem a qualquer altura cobrir uma eventual ruptura na produção de outros países. É senso comum

nos mercados que a Arábia Saudita e o Kuwait dispõem de poços que não estão a ser usados e que podem ser activados de um momento para o outro. Cha-ma-se a isso *spare capacity,* ou capacidade de reserva."

"Estás a dizer que o mercado acredita que nunca haverá ruptura no abastecimento?"

"Isso", assentiu o geólogo. "Por causa da capacidade de reserva da OPEP." Franziu o sobrolho. "O problema é que, se formos a ver bem, esta capacidade de reserva é uma faca de dois gumes. À

medida que a produção do petróleo não-OPEP cai, os países da OPEP

aumentam a sua produção, impedindo que haja ruptura no abastecimento. Consequentemente, os preços mantêm-se estáveis e assim não servem de sistema de aviso. Por outro lado, é bom lembrar que o preço de um produto só reflecte a escassez ou abundância desse produto se estivermos a operar num mercado livre."

"E não estamos?"

"No caso do petróleo, não. A OPEP impede que o sistema funcione em liberdade."

"Em que sentido?"

Filipe fez uma pausa, avaliando a melhor forma de explicar o funcionamento do negócio.

"Olha, imagina que o mercado do petróleo era livre e que todo o petróleo existente estava acessível a todos", propôs. "Numa situação dessas, o normal seria as companhias petrolíferas venderem primeiro o petróleo mais acessível, justamente por ser mais barato de produzir e por ser mais competitivo perante a concorrência, não é?"

"Claro."

"À medida que esse petróleo acessível se fosse esgotando, as companhias voltar-se-iam para o petróleo mais inacessível, de produção mais cara. Nessas circunstâncias, os preços iriam subindo gradualmente, acompanhando os crescentes custos de produção e dando aos consumidores e aos governos um aviso em tempo útil para começarem a consumir menos e a procurar fontes alternativas de energia."

"E isso não funciona assim porquê?"

"Justamente porque o mercado não é livre. Para o mecanismo de preços funcionar, é fundamental que se tenha acesso livre ao petróleo barato. O problema é que o petróleo barato está nas mãos da OPEP, que envolveu todas as suas operações num manto de segredo e submeteu a sua produção a quotas."

"Quando falas em petróleo barato, estás a falar em quê exactamente? Que tipo de petróleo é esse?"

“O petróleo mais barato do mundo é o iraquiano, logo seguido pelo saudita. O Iraque e a Arábia Saudita dispõem de campos incríveis, em que basta fazer um furo e... puf!, o petróleo começa a jorrar como de uma fonte. Nesses países é tão fácil aceder ao petróleo que a sua extracção se torna muito barata, percebes?”

“Mas estamos a falar de que valores?”

“Para que tenhas uma ideia, a Rússia gasta quinze dólares para extrair um único barril de petróleo. Pela mesma quantidade de petróleo, a Arábia Saudita despende apenas um dólar e meio. Ou menos.”

“Caramba!”

“Uma vez que a OPEP impõe limites à sua própria produção, o que se passa é que o mundo está a recorrer primeiro ao petróleo caro.

As implicações são óbvias. Acabando o petróleo caro, entra no mercado o petróleo barato, o que significa que a lógica do mercado está invertida e os preços não servem de sistema de alerta. O preço do petróleo man-tém-se relativamente baixo devido a este fenómeno, percebes? A falta de liberdade do mercado esconde assim os graves problemas de produção e abastecimento que se avizinham.”

“Estou a entender.”

Filipe manteve o rosto fechado.

“Mas mesmo este efeito começa a esbater-se. Um barril de petróleo custava apenas dez dólares em 1998 e, uns meros nove anos depois, esse valor trepou para mais de oitenta dólares. O problema é que a *spare capacity,* que era de oito milhões de barris por dia em 1987, está agora reduzida quase a zero, uma vez que a procura tem aumentado mais do que a oferta. A prova é que bastou uma ligeira quebra de produção provocada por dois furacões em 2005, o Katrina e o Rita, para lançar o caos no preço do petróleo. Se os mercados reagiram assim perante uma quebra de produção tão pequena, isso é sinal evidente de que já não existe *spare capacity.”* Fixou os olhos no chão, sombrio. “Quando a produção entrar de facto em ruptura, o mundo será apanhado de surpresa.”

Aproximaram-se de Liverpool Street e o geólogo apontou para o edifício na esquina em frente. Era um prédio moderno, coberto de janelas de um lado e do outro.

“É o teu hotel?”, perguntou Tomás.

O amigo assentiu.

“Quero mostrar-te uma coisa”, disse, parado no passeio. “Sabes, o grande problema não é saber se o petróleo vai acabar, porque vai.

O grande problema é saber se seremos avisados a tempo do seu fim e se teremos capacidade para nos prepararmos para essa situação.”

“O que me queres mostrar está relacionado com esse problema?”

“Sim.”

Olharam em redor e não detectaram nada de suspeito.

Atravessaram a rua, franquearam a entrada do hotel e a primeira coisa que Tomás viu foram as cinco estrelas assinaladas na porta.

“Ena, tu tratas-te bem.”

Habituado aos luxuosos circuitos do mundo do petróleo, Filipe nem respondeu. Dirigiu-se à recepção e pediu acesso ao cofre. O

empregado convidou-o a entrar num compartimento privado e ambos desapareceram por uma porta lateral, claramente uma zona de segurança reforçada. Tomás ficou a deambular diante da recepção, apreciando o mármore de creme polido que reluzia no chão e os belos tapetes na zona dos sofás, mas não aguardou muito tempo; pouco depois o amigo e o empregado reapareceram no *lobby.* Filipe trazia na mão uma pequena pasta de cartolina azul-bebé.

“Está aqui”, disse ele, exibindo a pasta com um movimento subtil.

“O que é isso?”

“É o segredo.”

“Qual segredo?”

“O segredo que roubei à OPEP.”

XXIX

Instalaram-se no bar do hotel, junto a uma tabuleta onde se anunciava para essa noite a companhia musical de uma cantora americana cujo principal atributo era a “graça angelical”. O Avery's Bar apresenta va-se quase deserto; a maior parte dos clientes tinha saído do hotel e os que ficaram pareciam preferir, àquela hora, o restaurante ao lado. Satisfeito com o ambiente tranquilo à meia-luz do bar, Filipe encomendou um saté de galinha *Balinese style*, enquanto Tomás se ficou por uma salada de cordeiro e sésamo *Thai style*, que ambos completaram com um pedido de cerveja australiana.

“Isto é apenas uma coisa leve, antes de sairmos”, disse Filipe.

“Temos algum tempo para conversar, mas não muito.”

“Onde vamos?” Ja vais ver.

Quando o empregado se afastou, o geólogo pousou a pasta de cartolina azul-bebé sobre a mesinha de madeira escura e cruzou a perna, instalando-se confortavelmente no sofá.

“Para perceberes o que está aqui guardado, há uma coisa que tens de entender primeiro”, indicou, afagando a cartolina. “A importância do petróleo saudita.”

“Mas isso já eu percebi há muito tempo”, disse Tomás. “A Arábia Saudita é o maior produtor mundial de petróleo.”

“Não é apenas o maior produtor”, insistiu Filipe. “É muito mais do que isso.”

“Então?”

“Sem o petróleo saudita, acaba-se o negócio do petróleo. O
mundo fica sem energia.”

O historiador esboçou uma expressão céptica.

“Não achas que estás a exagerar um bocadinho? É evidente que a Arábia Saudita, sendo o maior produtor mundial, é um país muito importante nesse negócio, sem dúvida. Mas daí até dizer que sem o seu petróleo o mundo fica sem energia... enfim, vai um grande passo, não achas?”

“Casanova, ouve o que te digo. Sem o petróleo saudita não há negócio do petróleo.”

“Mas como podes afirmar tal coisa?”

“Por uma razão muito simples. Já vimos que o petróleo não-OPEP
está à beira do pico, não é verdade?”

“Sim.”

“Cruzando o pico, entra em declínio numa altura de crescente procura

mundial e o planeta fica essencialmente dependente do petróleo da OPEP.”

“Até aí já eu percebi.”

“A pergunta seguinte é esta.” Quase soletrou. “Quanto petróleo existe afinal na OPEP?”

Tomás encolheu os ombros, como se não considerasse essa questão particularmente relevante.

“O Qarim disseme que era o suficiente para durar cem anos.”

“O Qarim limitou-se a repetir-te a versão oficial”, atalhou Filipe.

“O problema, o grande problema, sabes qual é? É que ninguém sabe.

Uma vez que a OPEP trata toda a informação relativa ao petróleo como se fosse segredo de Estado, e dado que não há modo de verificar as suas raras revelações sobre o estado das reservas dos países que integram o cartel, o facto é que ninguém tem a mínima certeza sobre quanto petróleo a OPEP possui exactamente.

Percebeste?”

“Sim.”

O geólogo afinou a voz.

“Mas há algumas coisas que nós sabemos sobre vários dos grandes produtores da OPEP. Vejamos o caso do Irão, que é só o quarto maior produtor mundial de petróleo. Tu fazes alguma ideia de qual o estado das reservas petrolíferas iranianas?”

“Não.”

“Estão em declínio.”

“A sério?”

“O Irão tem quatro campos petrolíferos supergigantes. Aghajari, descoberto em 1936, Gach Saran, detectado em 1937, Marun, de 1963, e Ahwaz, de 1977. Todos eles já cruzaram o pico e a produção iraniana está a descer ano a ano.”

“E dizes tu que o Irão é o quarto maior produtor mundial de petróleo?”

Filipe torceu os lábios.

“Preocupante, não é? E o pior é que há mais países da OPEP na mesma situação. Por exemplo, o único supergigante de Omã, o campo de Yibal, cruzou o pico em 1997. A Nigéria também já passou o pico e, factor muito preocupante, o Kuwait reduziu a taxa de produção do complexo de Burgan, o segundo maior campo petrolífero do mundo, alegadamente para recuperar a pressão dos poços. A companhia petrolífera kuwaitiana anunciou, no final de 2005, que Burgan estava exausto. E, para além do Kuwait, o pico já foi igualmente cruzado no Iraque, na Síria e no Iémen.”

Tomás endireitou-se no sofá.

“Desculpa, não estou a perceber”, disse, hesitante. “Estás a insinuar que a

OPEP também entrou em declínio?”

“Não”, rectificou. “Estou a afirmar que a maior parte dos grandes produtores da OPEP entrou em declínio.” Ergueu o indicador. “Mas há um produtor, um só, em quem todo o mundo confia para resolver os problemas do abastecimento petrolífero global.”

“A Arábia Saudita?”

“Nem mais”, sorriu o geólogo. “O Reino da Arábia Saudita. E este o principal produtor mundial de petróleo, a rede de segurança montada por baixo do circo energético, a almofada que apara a queda de produção em todo o planeta.” Arqueou as sobrancelhas. “Estás a perceber agora por que razão eu disse há pouco que a Arábia Saudita é muito mais do que o principal produtor do mundo?”

“Sim.”

“Sem Arábia Saudita não haveria energia suficiente para satisfazer as necessidades globais. A economia mundial entraria em profunda recessão e o caos espalhar-se-ia por toda a parte. Já viste o que era o petróleo tornar-se tão caro que, em vez de custar oitenta dólares por barril, custasse setecentos dólares?”

“Era complicado.”

“Complicado?” Filipe riu-se. “Era o fim, meu caro.” Abriu os braços. “O fim.” Inclinou-se na direcção do amigo. “Tu sabes o que significa o barril a setecentos dólares?”

“Significa chatice.”

“Ah, disso podes estar certo”, concordou. “O barril a setecentos dólares quer dizer que, em vez de gastares setenta euros para encher o depósito do teu carro, por exemplo, gastarias setecentos.” Deixou o número ressoar na mente de Tomás. “Setecentos euros para encher um simples depósito.”

O historiador assobiou, impressionado com a perspectiva.

“Lá íamos todos andar de bicicleta, hem?”

“Pois íamos. E tu fazes alguma ideia do impacto que isso teria na economia mundial?”

“Entrávamos em recessão.”

Filipe voltou a rir-se.

“Recessão é uma palavra ridícula para descrever o que aconteceria nessas circunstâncias. Repara que, das últimas sete recessões económicas mundiais, seis estão directamente relacionadas com reduções temporárias de abastecimento de petróleo.” Repetiu as duas palavras-chave. “Reduções temporárias.”

Fez uma pausa. “Agora imagina o que aconteceria se a ruptura não fosse temporária, mas permanente. Ou seja, uma ruptura que não fosse conjuntural,

mas estrutural, sem perspectiva de resolução."

"A recessão seria profunda."

O geólogo cravou os olhos no amigo.

"Casanova, uma situação dessas poderia acarretar o fim da civilização, o que pensas tu? O fim da civilização."

"Não estarás a exagerar um bocadinho?"

"Achas que sim?" Fez um gesto em redor, exibindo o ambiente tranquilo e requintado do bar. "Olha para tudo isto e imagina o que aconteceria se houvesse uma súbita ruptura do abastecimento energético. Numa situação dessas, todas as coisas a que nos habituámos, estes luxos que já damos como garantidos, evaporar-seiam de um momento para o outro." Começou a enumerar os problemas com os dedos, cruzando-os sucessivamente. "Não podíamos deslocar-nos para o trabalho, o transporte de bens de um lado para o outro parava, as fábricas deixavam de receber matérias-primas, a produção ficava suspensa e a distribuição também, a economia paralisava, as empresas iam à falência em cascata, as pessoas ficavam sem meios de subsistência, parava o transporte de alimentos para os mercados, haveria quebra da ordem pública, tumultos, pilhagens, os países tornavam-se ingovernáveis, a fome espalhava-se por toda a parte e mergulhávamos no caos."

Tomás considerou o cenário.

"Seria muito complicado."

"Seria o fim da civilização, *Casanova.'"* Arregalou os olhos, dando ênfase à ideia. "O fim da civilização."

Fez-se um silêncio sombrio na mesa. A conversa tornara-se assustadora e o historiador, olhando para o bar deserto, não pôde deixar de pensar que tudo na vida é, de facto, frágil e que a história está repleta de civilizações que em certo momento pareceram eternas, inquebráveis, e que afinal se desmoronaram de um instante para o outro.

"Bem, mas essa perspectiva não é verdadeiramente possível, não é verdade?", comentou Tomás. "Afinal as reservas da Arábia Saudita são a nossa válvula de segurança."

"É o que diz a Arábia Saudita."

"E há alguma razão para duvidar disso?"

O geólogo torceu a boca.

"O *Casanova,* vou dizer-te a mesma coisa mais uma vez. Como é que nós sabemos que a Arábia Saudita tem assim tanto petróleo se os dados relativos à sua produção são segredo de Estado e as raras informações que os Sauditas divulgam permanecem inverificáveis?"

"Mas há alguma razão para lançar dúvidas sobre a veracidade dessas raras

informações?”

Filipe permaneceu um instante calado, como se estivesse a reflectir sobre a melhor maneira de dizer o que tinha a dizer.

“Por acaso até há.”

Tomás abriu a boca, entre surpreendido e alarmado.

“Como?”

O amigo abriu a pasta de cartolina azul-bebé e tirou uns folhetos coloridos do interior, que mostrou a Tomás.

“Sabes o que é isto?”

O historiador analisou os folhetos. Estavam impressos em papel de qualidade e mostravam belas imagens de poços de petróleo e maquinaria sofisticada a funcionar nas areias do deserto. O texto encontrava-se escrito em inglês e era encabeçado pela imagem do que parecia uma estrela a brilhar num quadrado verde e azul, com uma frase em árabe ao lado e *Saudi Aramco* em baixo.

“É um panfleto, não é?”

“Sim, são brochuras da Aramco, a companhia petrolífera da Arábia Saudita. Arranjei isto num gabinete de relações públicas do Ministério do Petróleo, em Riade.”

Tomás voltou a examinar as brochuras.

“E o que têm estes panfletos de especial?”

“Já viste o texto?”

O historiador leu um pouco.

“Não noto nada de anormal”, constatou. “Fala na alta tecnologia usada pela Arábia Saudita para explorar petróleo, com recurso a técnicas muito avançadas e sofisticadas.” Levantou os olhos. “Se queres que te diga, até me deixa mais tranquilo.”

“Claro que te deixa tranquilo. Qualquer leigo que leia isso não pode deixar de se sentir impressionado com o investimento tecnológico feito pelos Sauditas para assegurar o abastecimento energético do planeta.”

“Então qual é o problema?”

“O problema, meu caro, é justamente este investimento tecnológico.”

“O que tem ele de especial?”

Filipe suspirou.

“Lembras-te de eu te dizer que o petróleo saudita é o segundo mais barato do mundo?”

“Um dólar e meio o barril, não é?”

“Ou menos. Por que razão é assim tão barato?”

“Bem, se bem me lembro do que explicaste há pouco, isso tem a ver com as características de produção. Na Arábia Saudita, basta fazer um furo e o petróleo

jorra como de uma fonte.”

O geólogo pegou na brochura que se encontrava na mão do amigo e apontou para a fotografia frontal, que exibia maquinaria instalada no deserto.

“Se assim é, por que razão precisam os Sauditas de recorrer a este tipo de tecnologia tão sofisticada?” Arqueou o sobrolho. “Hã?”

“Não estou a perceber.”

“Casanova, o petróleo da Arábia Saudita sempre foi muito fácil de explorar. Basta, de facto, fazer um buraco e ele começa a saltar cá para fora como champanhe. Por que razão, nesse caso, a Aramco se pôs a investir fortemente em alta tecnologia para extrair o petróleo?”

Tomás encolheu os ombros.

“Sei lá.”

“Um leigo não nota este tipo de coisas, mas um geólogo sim, sobretudo se estiver familiarizado com as especificidades da extracção de petróleo.” Bateu com o dedo na brochura. “Se os sauditas estão a investir em tecnologia muito sofisticada para extrair petróleo do deserto, isso só tem uma explicação.”

“Qual?”

“O petróleo deixou de jorrar como de uma fonte.”

Fez-se silêncio por um momento.

“O que queres dizer com isso?”

“O que eu quero dizer é que estas brochuras de propaganda revelam inadvertidamente algo de muito inquietante: o petróleo da Arábia Saudita já não está a fluir com a facilidade de antigamente.”

Tomás reflectiu sobre este raciocínio.

“Estou a perceber.”

“Quando vi estas brochuras pela primeira vez, no Ministério do Petróleo, em Riade, as sirenes de alarme puseram-se logo a soar na minha cabeça. Algo se está a passar na Arábia Saudita e ninguém sabe de nada.” Ajeitou-se no sofá. “Repara, *Casanova,* que todos os modelos internacionais de abastecimento energético partem do pressuposto de que o petróleo saudita é de tal modo abundante e barato que poderá responder à procura mundial até pelo menos 30.”

“2030? Não eram cem anos?”

“Cem anos é conversa para pategos. O horizonte de 2030 parece mais realista e a verdade é que os Sauditas encorajaram os mercados a acreditar nisso. Ao mesmo tempo, no entanto, foram sempre impedindo a verificação independente das suas reservas. Afirmam possuir reservas provadas de duzentos e sessenta mil milhões de barris, mas o contributo de cada campo petrolífero para este bolo é tratado como um segredo militar. Repara que nós nem sequer percebemos quanto petróleo exactamente produz o reino e encontramo-nos agora

na delicada situação de ter de confiar o nosso destino global a um país que garante ter valores extravagantes e indemonstráveis de produção petrolífera.” Pegou na brochura pousada sobre a mesa e acenou com ela. “E, no meio de tudo isto, dou com folhetos que revelam indirectamente que o petróleo já não flui na Arábia Saudita com a facilidade de outrora. Foi por isso que, quando pousei os olhos nestes panfletos, comecei a tentar furar o bloqueio de informação e me pus a bater a todas as portas.” Afagou a pasta de cartolina. “Até que tive o golpe de sorte que já te descrevi e deitei a mão a estes documentos técnicos.”

“O que revelam eles, afinal?”

Filipe inclinou-se para a frente e cravou os olhos em Tomás.

“A verdade, *Casanova""* , disse, num tom críptico. “A verdade.”

XXX

O empregado apareceu com uma bandeja equilibrada na ponta dos dedos e Filipe viu-se obrigado a pôr a pasta de cartolina sobre o sofá vazio ao lado, de modo a abrir espaço na mesa. O australiano depositou diante dos clientes as duas canecas de cerveja e os pratos indonésio e tailandês que tinham sido encomendados e, após um *"enjoy, mates"* com sotaque fortemente australiano, afastou-se tão depressa como viera.

"Nada mau, hã?", comentou o geólogo, depois de trincar um pedaço do saté balinês.

"É bom, é", confirmou Tomás. "Mas ainda não respondeste à minha pergunta."

O amigo acariciou a cartolina pousada no sofá vizinho.

"Queres saber o que se encontra guardado nesta pasta?"

"Sim."

Filipe girou o garfo no ar, um pedaço de carne temperada espetado na ponta.

"Só consegues perceber o que aqui está se tiveres uma noção exacta do que é o petróleo saudita e de como funciona a engenharia envolvida na sua extracção."

"Pelo que me contaste, não há nada mais simples. Faz-se um furo e o petróleo salta cá para fora."

O geólogo riu-se.

"Em linhas gerais, é isso mesmo", confirmou. "O petróleo foi descoberto na Arábia Saudita em 1938, num local chamado Dammam. Os campos eram de tal modo abundantes que os geólogos americanos chegaram a detectar poços enquanto sobrevoavam o deserto de avião, vê lá tu."

"Isso é possível?"

"Sim, desde que as características topográficas do terreno o permitam, como era o caso. O facto é que os campos se revelaram facilmente identificáveis do ar. A Arábia Saudita apresentou um perfil tão interessante que as companhias petrolíferas acorreram em massa e nasceu assim a Arabian America Oil Company, Aramco, cujos accionistas eram a Standard Oil, a Shell, a BP, a Mobil, a Chevron, a Texaco e a Gulf Oil."

"Tudo grandes tubarões, portanto."

"Ui, nem imaginas. E vinham todos de dentes afiados. Claro que a Segunda Guerra Mundial pôs o negócio em ba-nho-maria, mas, logo que a guerra acabou, a prospecção recomeçou e foram sendo descobertos mais e maiores campos. A Aramco acabou por ser nacionalizada e os tubarões expulsos, mas a Arábia

Saudita já tinha, por esta altura, a sua posição firmemente estabelecida no mapa geoestratégico.” Engoliu um trago de cerveja e encarou Tomás com um sorriso malicioso. “Agora tenho uma pergunta para ti.”

“Diz lá.”

“Sendo que a Arábia Saudita é o maior produtor mundial, quantos campos imaginas que produzem setenta e cinco por cento do seu petróleo?”

O historiador fez um ar pensativo.

“Sei lá... uns quinhentos.”

Filipe torceu o nariz.

“Vamos lá, sê razoável”, pediu. “Lembra-te que setenta e cinco por cento correspondem a três quartos de todo o petróleo da Arábia Saudita. É muita coisa. Achas que quinhentos campos chegam para preencher três quartos desse bolo colossal?”

“Pois, tens razão”, concordou Tomás, coçando a cabeça. Arriscou um número que lhe pareceu mais realista. “Mil campos?”

“Não.”

“Cinco mil?”

“Não.”

“Dez mil?”

“Também não.”

“Eh, pá. Desisto.”

“Tenta, vá lá. Dá-me intervalos, é capaz de ser mais fácil.”

Tomás lançou um intervalo largo.

“Entre mil e cinco mil campos.”

“Não.”

“Olha, sei lá. Não faço a mínima ideia e não vou ficar aqui o dia inteiro a lançar números.”

O geólogo sorriu e ergueu o indicador e o dedo do meio, como se fizesse o V de vitória.

“Dois.”

Tomás olhou-o, sem perceber.

“Dois quê?”

“Dois campos.”

“Como?”

“Dois campos”, repetiu Filipe. “Setenta e cinco por cento do petróleo produzido pela Arábia Saudita vem de apenas dois campos.”

O historiador abanou a cabeça, como se estivesse atordoado.

“Não pode ser.”

“Chamam-se Ghawar e Safaniya.”

“Estás a falar a sério?”

“Vou repetir, *Casanova”*, insistiu o geólogo, tão devagar que quase soletrava as palavras. “Setenta e cinco por cento do petróleo saudita é produzido por apenas dois campos. Percebeste? Isto significa que o futuro imediato do mundo depende de uma coisa chamada Ghawar e outra chamada Safaniya.”

“Meu Deus! Como é isso possível?”

“É como te digo.”

“Mas os governos ocidentais têm noção disso?”

“Eu acho que ninguém percebeu muito bem o que se passa na Arábia Saudita, meu caro. As pessoas têm esta ideia fantasiosa de que há milhares de campos quase inesgotáveis espalhados pelo deserto, todos eles com uma imensa produção, capazes de dar resposta à crescente procura mundial e aos múltiplos problemas dos restantes grandes produtores. O que ninguém ainda entendeu é que, se a economia global está essencialmente dependente da Arábia Saudita, isso representa uma dependência em relação a apenas dois campos.”

Tomás quase tremeu ao fazer a pergunta que se formou na sua mente.

“E... e esses campos, como estão eles? Funcionam bem?”

“Boa pergunta”, retorquiu o amigo, num tom sibilino. “A verdade é que ninguém sabe o que se passa na Arábia Saudita, pois não? Os dados são confidenciais e não há verificação independente da capacidade de produção instalada nem das avaliações das reservas. A única coisa que temos são as extravagantes afirmações dos Sauditas.

Mais nada.”

O historiador apoiou os cotovelos na mesa e pousou a cabeça na palma das mãos.

“Dois campos”, murmurou, ainda siderado. “Está tudo assente em dois campos.” Olhou para Filipe com uma expressão inquisitiva.

“Mas que raio de campos são esses, afinal?”

O geólogo folheou uma das brochuras, localizou uma imagem com o mapa da Arábia Saudita e indicou um ponto na costa do golfo Pérsico, logo a sul do Kuwait.

“Safaniya está aqui”, disse. “É o maior campo petrolífero *offshore* do mundo e o segundo mais produtivo da Arábia Saudita.

Chamam-lhe a Rainha da Areia, uma vez que a sua ponta sul se situa por baixo das praias douradas da costa arábica do golfo Pérsico.

Safaniya foi descoberto em 1951 e produz sobretudo petróleo pesado.

No mapa tem o formato de uma gota estreita, com setenta quilómetros de uma ponta à outra.”

“Setenta quilómetros?”, admirou-se Tomás. “É grande, hã?”

“Muito grande. Este campo produz uns quinze por cento de todo o petróleo do país.”

“Só quinze por cento? Mas não disseste que esses dois campos são responsáveis por setenta e cinco por cento do petróleo saudita?”

“Disse, e é verdade.”

“Então e o resto?”

“É produzido pelo outro campo.”

O historiador fez uma expressão incrédula.

“Estás a brincar.”

“Chama-se Ghawar e vale sessenta por cento do petróleo existente na Arábia Saudita. É o único campo petrolífero megagigante do mundo, o maior depósito de petróleo alguma vez encontrado no planeta. Chamam-lhe o Rei dos Reis, mas até essa definição peca por ser demasiado modesta. Se Ghawar fosse um imperador, ao pé dele os campos supergigantes não seriam reis, mas meros príncipes.”

Tomás espreitou o mapa da brochura.

“E onde se localiza essa maravilha?”

O geólogo apontou para uma faixa no deserto, paralela à costa saudita junto ao Bahrain e ao Qatar.

“Aqui”, disse. “É um campo longo e estreito, com o formato de uma perna. Se a ponta sul de Ghawar estivesse em Lisboa, a ponta norte chegaria a Aveiro.”

“Caramba.”

“São mais de duzentos quilómetros de uma extremidade à outra, com a parte mais larga a atingir quase cinquenta quilómetros.

Ghawar entrou em actividade em 1951 e desde então já produziu mais de cinquenta e cinco mil milhões de barris.” Sorriu. “Eu sei que é um número de uma magnitude tal que se torna absolutamente incompreensível. Vamos pôr as coisas de modo mais simples: neste momento, um em cada doze barris consumidos em todo o mundo vem de Ghawar.”

“Porra!”

“A produção de Ghawar tornou-se um segredo de Estado em 1982 e a única informação segura que transpirou entretanto é que este megagigante produzia em 1994 sessenta e três por cento de todo o petróleo da Arábia Saudita. De resto, pouco mais se sabe. Mas há uma coisa da qual todos temos a certeza: a longevidade do campo de Ghawar está no coração do problema da sustentabilidade do petróleo como fonte energética. Qualquer análise da evolução da produção petrolífera global passa inevitavelmente por Ghawar. Se este campo permanecer rico, o abastecimento mundial está salvaguardado.” Ergueu a mão, como se lançasse um alerta. “No entanto, se por acaso houver

problemas em Ghawar... é o fim da linha."

"E há?"

A pergunta foi feita muito apressadamente, com um toque de ansiedade a colorir o tom. Filipe não respondeu de imediato. Inclinou-se sobre a esquerda, esticou o braço e pegou na pasta de cartolina azul-bebé, que pousou no regaço. Abriu a pasta e exibiu o seu interior; eram resmas de folhas com texto em inglês e em árabe, agrafadas em grupos.

"Estes são os documentos que retirei do gabinete de um dos chefes de engenharia da Aramco, em Dharham. Como já te expliquei, tudo isto estava arquivado numa pasta intitulada *Problems in Production Operations, Saudi Fields."*

"E o que são afinal esses documentos?"

"São relatórios de engenheiros." Fechou a pasta de novo, como se a hora de expor os papéis ainda não tivesse chegado. "Há umas coisas técnicas que tens de saber para poderes compreender melhor o que aqui está escrito."

"Como por exemplo?"

"Os problemas de engenharia que o processo envolve", esclareceu Filipe. "Como pensas tu que o petróleo sai cá para fora?"

"Bem, é o sistema do furo, não é? Faz-se um furo no chão e o petróleo começa a jorrar, suponho eu."

"Essa é a ideia que toda a gente tem. O que se passa, na verdade, é que o processo de extracção de petróleo envolve três elementos: o petróleo, o gás e a água. Havia um amigo meu que dizia que, se o processo de extracção fosse um filme de Hollywood, o petróleo seria a estrela principal, o galã que atrai os espectadores ao cinema, e os papéis de actor e actriz secundários ficariam entregues ao gás e à água. Na verdade, em linhas gerais um reservatório consiste em petróleo misturado com gás e um depósito de água assente por baixo. O gás funciona no petróleo como no champanhe: é o que lhe dá força, são aquelas borbulhinhas que o fazem mexer e lhe conferem vitalidade. O petróleo sem gás é como o champanhe sem gás, fica apenas um líquido inerte. São o gás misturado no petróleo e a água a empurrar em baixo que fazem com que o depósito esteja cheio de pressão, um pouco como uma garrafa de champanhe agitada antes de ser aberta, estás a perceber?"

"Sim."

"Quando se faz o furo no depósito é como quando se tira a rolha da garrafa de champanhe. O petróleo salta cá para fora com grande pressão e é nessa altura que ocorre a extracção primária. O petróleo vem em grandes quantidades, é uma maravilha." Mudou a expressão do rosto, como quem diz que tudo o que é bom tem um fim. "O

problema é que, uma vez feito o furo, ao fim de algum tempo a pressão começa a descer, não é?”

“Como o champanhe fora da garrafa...”

“Isso mesmo.” Esticou o dedo e assinalou um ponto invisível no ar. “É aí que começam as chatices. A pressão põe-se a baixar e o petróleo deixa de jorrar com a mesma intensidade. Na verdade, até vai perdendo gradualmente força, uma vez que lá em baixo, e à medida que mais e mais petróleo sai, a pressão do depósito vai sempre baixando, até um ponto em que se torna inferior à pressão da superfície e o petróleo deixa de sair.”

“O petróleo acabou?”

“Não, não acabou. Ainda há petróleo lá em baixo. O problema é que o depósito deixou de o empurrar para cima.”

“Quando isso acontece, quanto petróleo já saiu?”

“No caso da extracção primária? Cerca de um quarto de todo o petróleo existente no depósito. O que significa que ficaram lá em baixo uns três quartos.”

“E como é que se faz para ir buscar o resto?”

“Entra em acção a extracção secundária. Através do recurso à tecnologia, procura-se aumentar a pressão no depósito, de modo a fazer com que o petróleo volte a jorrar. Um dos métodos que se podem utilizar é lançar gás para o depósito, designadamente dióxido de carbono, que se mistura com o petróleo e o torna de novo enérgico, como o champanhe. Um outro método, muito utilizado na Arábia Saudita, é inserir água no depósito.”

“Água? Eles misturam água com o petróleo?”

“Não, de modo nenhum. A água não é injectada no petróleo, mas nos depósitos de água que já existem por baixo do depósito de petróleo, estás a perceber? Com mais água a entrar, o depósito cresce, a água sobe e empurra o petróleo para cima. A consequência de tudo isto é que, à medida que o petróleo vai sendo extraído, é preciso injectar ainda mais água, de modo a manter elevada a pressão no reservatório. Só que este processo traz um novo grande problema.”

“Qual?”

“Chamam-lhe *water cut*, ou teor de água. Como se tem de injectar água nos depósitos para aumentar a pressão, a certa altura essa água começa a misturar-se com o petróleo, sinal de que o crude se aproxima do esgotamento. Na extracção primária, o petróleo vem tendencialmente puro, mas, à medida que a extracção secundária se processa e o depósito se esvazia, começam a aparecer doses de água misturadas no petróleo. Primeiro um por cento, depois dois por cento e por aí fora. É isso o *water cut.* Um poço chega ao fim quando o teor de água engole o teor de petróleo. Diz-se então que o petróleo se afogou na água.”

“Quer dizer, acabou.”

“Não, não acabou. Normalmente só se consegue extrair metade do petróleo existente num depósito. A outra metade fica lá em baixo em cantos isolados, mas a sua extracção torna-se economicamente inviável e o poço é encerrado.”

“Estou a ver.”

O geólogo reabriu a pasta que mantinha pousada no regaço.

Pegou em algumas folhas e mostrou-as a Tomás.

“Estes documentos são os relatórios técnicos da Aramco”, disse.

“Quase todos foram preparados por engenheiros da companhia saudita de petróleo, embora alguns tenham sido elaborados por consultores da empresa. Cada relatório analisa desafios específicos de um determinado campo petrolífero, identificando problemas operacionais que foram surgindo ou se foram acumulando.”

“Isso onde? Naquele megagigante que mencionaste há pouco?”

“Em vários campos”, precisou. “Os relatórios analisam o que se passa em vários campos.” Indicou as posições dos depósitos no mapa da brochura. “Como eu te disse, Ghawar e Safaniya produzem, juntos, setenta e cinco por cento de todo o petróleo da Arábia Saudita. Mas, se juntarmos os outros dois supergigantes sauditas, Abqaiq e Berri, essa quota ascende a noventa e três por cento. Ou seja, há quatro campos petrolíferos que, em conjunto, produzem mais de noventa por cento de todo o petróleo da Arábia Saudita.”

“Isso é incrível.”

Filipe folheou os documentos que tinha nas mãos, como se procurasse especificamente um.

“Vejamos o que se passa com Abqaiq. Este campo começou a produção em 1946 e o seu petróleo sempre foi considerado de excelente qualidade, talvez o melhor que já existiu.” Localizou a folha que procurava. “Analisando aqui este relatório, constata-se que Abqaiq cruzou o pico em 1973, tendo já produzido mais de setenta por cento das suas reservas.” Acenou com a mão. “Portanto, adeus Abqaiq.” Guardou a folha e procurou a seguinte. “O campo de Berri foi descoberto em 1964, um dos últimos supergigantes encontrados no reino, também com petróleo de primeira qualidade.” Encontrou o documento páginas adiante. “Este relatório aqui mostra que a pressão do depósito de Berri desceu para valores atmosféricos em dez anos de exploração, altura em que entrou em acção a extracção secundária através de injecção de água. A coisa correu bem até 1977, quando a água se começou a misturar com o petróleo que jorrava cá para fora. O *water cut* foi subindo até ao ponto de afogar o petróleo em um quarto dos poços de Berri, em 1990, o que obrigou a Aramco a fechá-los. Este relatório revela que os problemas começaram então a multiplicar-se e em 1994 a produção tinha declinado mais de sessenta por cento. Em 2001 tornou-se claro

que já só restavam pequenos segmentos de Berri onde o petróleo não se tinha ainda afogado em água." Arrumou o relatório. "Berri prepara-se para passar à história." Dedilhou mais umas folhas, procurando um outro relatório. "Agora Safaniya, de que já te falei. E o maior campo petrolífero *offshore* do mundo e o segundo mais produtivo da Arábia Saudita." Extraiu novas folhas da resma. "Entrou em produção em 1957 e o seu petróleo manteve-se relativamente limpo até ao final da década de 1980, altura em que começou a aparecer areia no crude, sinal de que a pressão estava a baixar perigosamente. A água também apareceu, crescendo ao ponto de o *water cut* se tornar muito elevado na maior parte do campo em 2001."

"Qual é a percentagem?"

"Em Safaniya? Alguns poços já chegaram aos cinquenta por cento de *water cut."*

"Bolas!"

"Safaniya encontra-se claramente em declínio, meu caro. O seu pico foi cruzado por volta de 1980 e os relatórios mostram que os problemas de água e areia tendem a agravar-se." Guardou as folhas na resma. "Ou seja, o que estes relatórios dizem é que os três maiores supergigantes da Arábia Saudita, Safaniya, Abqaiq e Berri, já cruzaram o pico e estão em declínio."

"Resta o grandalhão."

"Sim, resta Ghawar."

Tomás indicou com os olhos a pasta de cartolina.

"O que dizem esses documentos aí sobre esse campo?"

O geólogo localizou novas folhas.

"Ghawar é tão grande que todo o reservatório foi dividido em áreas regionais, como Ain Dar, Shedgum, Uthmaniya, Hawiya, Haradh e outras. Consequentemente, a maior parte dos relatórios concentra-se na análise de diferentes aspectos destes diversos poços", observou, dedilhando o papel. Indicou um documento. "Este relatório, por exemplo, estuda a misteriosa inclinação do depósito, em particular na zona de contacto entre a água e o petróleo." Um segundo documento. "Este aqui aborda os problemas de injecção horizontal na secção Árabe D." Mais um. "Aqui as atenções estão voltadas para os intervalos de permeabilidade." Ainda outro. "Olha, este tem uma simulação numérica que procura compatibilizar a informação sobre a pressão dos poços horizontais em diferentes tipos de heterogeneidades."

Crescendo de impaciência, Tomás espreitou os papéis.

"Essa conversa é chinês para mim."

"Sim, o jargão é eminentemente técnico."

"Traduzido por miúdos, o que dizem esses relatórios?"

Filipe parou de folhear os documentos amontoados na resma.

“Temos aqui múltiplas análises de diferentes aspectos das operações em Ghawar”, disse, fitando o amigo. “Repara, nenhum destes relatórios apresenta uma visão de conjunto. É a soma de todos eles que nos revela uma imagem relativamente clara do que se está a passar neste grande colosso.”

“E que imagem é essa?”

O geólogo consultou o relógio e, espantado com as horas, interrompeu bruscamente a conversa.

“*Casanova*, já se faz tarde”, exclamou num sobressalto, subitamente apressado. “Temos de ir.”

“Ir?”, admirou-se Tomás. “Ir onde?”

Ergueu o braço e chamou a atenção do empregado. Quando o australiano fez tenção de se aproximar, fingiu que assinava no ar e o empregado entendeu; era o sinal para trazer a conta, e depressa.

“Tenho de ir ao quarto arrumar a mala e depois vamos sair da cidade.”

“Onde vamos nós?”

“Para longe. Aviso-te já de que nem pensar em passarmos pelo teu hotel para ir buscar as tuas coisas.”

“Porquê?”

“Ora, por medida de segurança. Depois do que aconteceu na Sibéria e de teres hoje sido seguido aqui em Sydney, não podemos correr riscos adicionais, não te parece? Terás de desaparecer comigo sem deixar rasto e é por isso que vais ter de deixar tudo no hotel até ao teu regresso.”

“Mas onde vamos nós afinal?”

“Vamos ter com o James.”

“O teu amigo de Oxford?”

“Sim, ele está cá.”

Fez-se luz na mente de Tomás.

“Ah, bom. Já estou a perceber porque vieste para a Austrália.”

Soergueu uma sobrancelha, intrigado. “Ele está aqui em Sydney?”

“Não.”

“Então está onde?”

“Já vais ver.”

XXXI

A conta veio numa pequena bandeja de prata e Tomás insistiu em pagar; afinal aquela despesa acabaria por ser coberta pela Interpol. Levantaram-se os dois, saíram do Avery's Bar e dirigiram-se para a zona dos elevadores, no luxuoso *lobby* do hotel.

“Ainda não respondeste à minha pergunta”, insistiu Tomás.

“Já te disse que na altura própria saberás para onde vamos.”

“Não é isso, idiota.”

“Então qual é a pergunta?”

“Estávamos a falar nos campos gigantes da Arábia Saudita”, lembrou. Fez um sinal na direcção da pasta de cartolina que o amigo trazia na mão. “Disseste que os depósitos supergigantes já cruzaram o pico de produção, mas ainda não me contaste o que revelam esses relatórios sobre o grandalhão.”

“Ah”, percebeu Filipe. “Ghawar?”

“Sim. O que se passa nesse campo?”

Chegaram diante dos elevadores e entraram num que já tinha as portas escancaradas. O geólogo carregou no quinto andar e as portas fecharam-se para a curta viagem.

“Como já te disse, Ghawar começou a produzir em 1951 e, durante uma década, o petróleo jorrou livremente do seu depósito sem que fossem necessários métodos especiais de extracção. No final da década, porém, os reservatórios começaram a registar alguma descida de pressão. Para responder ao problema, a Aramco iniciou um programa de injecção de gás no sector de Shedgum. Quando a década de 1960 começou, e perante o agravar da queda de pressão, foi lançado um novo programa, desta vez injectando água nos flancos dos reservatórios. A situação ficou enfim controlada, mas só por alguns anos. Na década de 1970 apareceu água no petróleo que saía dos poços de Ghawar.”

“A sério?”

Filipe inclinou a cabeça, como se a surpresa do amigo fosse despropositada.

“Casanova”, disse. “Ghawar esteve vinte anos a produzir petróleo seco. Isso é muito bom.”

“Ah, está bem. Julguei que o aparecimento de água fosse grave.”

“O aparecimento de água é grave.”

Tomás pareceu desconcertado, sem saber o que pensar.

“Desculpa, pensei que tinhas dito que não havia problema.”

Um *tim* discreto assinalou a chegada do elevador ao quinto andar. As portas

reabriram-se e saíram ambos para o corredor.

“O aparecimento de água na extracção é sempre uma coisa grave”, disse Filipe, sem perder o fio à meada. “Isso não impede que o facto de um campo andar vinte anos sem extrair água seja bom. Foi excelente, sem dúvida. O problema é que as coisas boas não duram para sempre, não é?”

“Estou a perceber.”

“A produção de Ghawar ao longo dessa década disparou, passando de milhão e meio de barris diários em 1970 para cinco vírgula sete milhões diários em 1981. A partir dessa altura, o consumo mundial baixou e, em resposta, a Aramco diminuiu intencionalmente a produção neste campo megagigante. O sector de Haradh, por exemplo, parou por completo, num esforço para descansar os reservatórios.”

“Poupar, queres tu dizer.”

“Descansar”, insistiu o geólogo. “Sabes, quanto mais petróleo um campo produz, mais a pressão dos seus reservatórios baixa. Um modo de combater o problema é parar a produção, o que permite aumentar a pressão de forma natural. Foi isso o que os Sauditas fizeram a partir de 1982. Começaram a descansar os campos petrolíferos, tentando recuperar a pressão perdida.”

“E conseguiram?”

“Um pouco, sim. A pressão aumentou e os problemas com a água diminuíram ligeiramente, mas nada de decisivo.” Acariciou a pasta de cartolina que tinha na mão. “Estes relatórios revelam que os problemas com a água em breve regressaram, e em força.”

“Estás a referir-te ao teor de água?”

“Sim, ao *water cut.”*

“Qual foi a evolução do problema?”

Pararam diante de uma porta e uma ficha magnetizada materializou-se entre os dedos de Filipe. Introduziu-a na ranhura e a porta do quarto fez clique.

“Como já te disse, a água apareceu em Ghawar na década de 1970”, indicou, entrando no quarto. “Desde então a sua percentagem em relação ao petróleo não parou de aumentar... e a uma velocidade alarmante.”

“Mas quanto?”

Filipe pousou a pasta na cama e sentou-se na borda, convidando Tomás a acomodar-se numa poltrona junto à escrivaninha.

“O *water cut* cifrava-se já nos vinte e seis por cento em 1993, e daí em diante foi um ver se t'avias”, disse, prosseguindo o raciocínio.

“Três anos depois já estava nos vinte e nove por cento e em 1999 nos trinta e seis por cento. A situação ameaçava descontrolar-se por completo e a Aramco decidiu abrir novos poços, de modo a contornar o problema. Mas em alguns

meses também eles começaram a extrair água.” Subiu a palma da mão para cima dos olhos. “A água apareceu até em depósitos situados em pontos elevados, onde não era previsível que ela chegasse tão depressa.”

“E o que fizeram os Sauditas?”

“Começaram a ficar de cabeça perdida, claro. Em desespero de causa, a Aramco recorreu a alta tecnologia e a novas técnicas de poços horizontais.”

“Isso resultou?”

“Os relatórios já não cobrem o período posterior. Mas, em 2005, consegui subornar em Viena um funcionário saudita que se endividou no jogo e que me deu informações mais actualizadas sobre o preocupante *water cut* de Ghawar. Ao que parece, o recurso a novas técnicas sofisticadas permitiu à Aramco fazer descer a percentagem de água para os trinta e três por cento em 2003.” Abanou a cabeça.

“Mas foi sol de pouca dura. A tendência voltou a inverter-se e, em 2005, o *water cut* já estava em cinquenta e cinco por cento, com vários poços a subirem em apenas dois anos de vinte por cento para um valor absolutamente alarmante, uma coisa impensável.”

“Quanto?”

“Setenta por cento.”

“Meu Deus”, espantou-se Tomás, arregalando os olhos. “Em dois anos apenas?”

“Num espaço de dois a cinco anos, conforme os casos.”

“Em Ghawar?”

“Sim.”

“Mas isso é... é catastrófico!”

“Podes ter a certeza. Olhando para os dados, chega-se à conclusão de que o pico de produção de Ghawar foi o recorde de cinco vírgula sete milhões de barris diários em 1981. Desde então, nunca mais este colosso voltou a produzir tanto petróleo num só ano.

Ghawar atingiu o pico no início da década de 1980 e, graças ao recurso a novas tecnologias, encontra-se agora no planalto de produção. Mas, atenção, as novas tecnologias são um pau de dois bicos. Por um lado, é verdade que ajudam a manter a produção elevada, mas, por outro, aceleram o esvaziamento dos depósitos e a diminuição da respectiva pressão.”

“Quanto tempo se vai manter este planalto de produção?”

Filipe afagou o queixo.

“Ninguém sabe”, disse, meditativo. “Tudo indica, no entanto, que o declínio está para breve e uma coisa é certa: quando começar, será inesperado e brutal.”

“O que é isso de para breve?”

“Ouve, *Casanova.”* Abriu as duas mãos diante do rosto, como se exibisse um quadro. “Olha para a imagem geral do problema. O

petróleo não-OPEP está perto do pico, que se prevê para 2015, mais coisa menos coisa. Isto significa que a grande esperança quanto ao futuro energético do mundo está depositada no petróleo da OPEP. O

problema é que a maior parte dos países da OPEP já cruzou o pico, como é o caso do Irão, do Iraque, do Kuwait, do Iémen, de Omã e da Nigéria. A salvação reside então na Arábia Saudita, cuja produção, acabamos agora por descobrir, assenta afinal num punhado de velhos campos petrolíferos muito amadurecidos. Todos eles já cruzaram o pico de produção e registam elevadíssimos teores de água na extracção, indício seguro de avançada degradação das operações. As coisas parecem agora depender do desempenho de Ghawar, mas a informação técnica sobre este campo é muito preocupante.

Analisando a produção dos campos supergigantes fora da OPEP que já cruzaram o pico, como é o caso de Brent, Oseberg, Romashkino, Samotlor ou Prudhoe, por exemplo, verifica-se que o planalto de produção dos maiores reservatórios tende a durar uns dez anos.

Sendo o único megagigante do mundo, é plausível que Ghawar tenha um planalto mais longo. Mas é importante lembrarmo-nos de que este campo descomunal atingiu o recorde de produção em 1981 e que entrou em planalto desde então.” Fez uma pausa. “Perante este cenário, o que queres que te diga?” Arqueou o sobrolho. “Hã?”

Fez-se silêncio, enquanto Tomás assimilava a realidade, procurando apreendê-la com todas as implicações.

“Não era o petróleo saudita que ia durar muitos anos?”, perguntou, quase a medo.

“Talvez dure cem anos, não sei. O que de certeza não vai durar muito é a alta taxa de produção actual. Isso implica que o mercado terá em breve muito menos petróleo disponível, numa altura em que a procura está a aumentar exponencialmente. E sabes o que isso significa, não sabes?”

“O preço do petróleo vai entrar nos três dígitos.”

“Tão certo como dois e dois serem quatro”, sentenciou Filipe. “A era do petróleo barato está a acabar. A redução da oferta e o aumento da procura vão fazer escalar o preço do petróleo para valores até agora impensáveis. E o pior é que este processo já começou. O petróleo custava em 1998 dez dólares por barril e, em menos de dez anos, tornou-se oito vezes mais caro. Quando o petróleo custar trezentos dólares por barril, por exemplo, precisarás de uns trezentos euros só para encheres o depósito do teu automóvel.”

“Terei de andar a pé.”

“Deves estar a brincar”, riu-se o amigo. “A actual economia mundial não se sustenta com as pessoas a andarem a pé. Mas a verdade é que o petróleo se tornará caro para tudo, não apenas para o depósito do teu automóvel, o que significa que os autocarros, os comboios e o metro também estarão dez vezes mais caros. Feitas as contas, muita gente acabará por verificar que, pura e simplesmente, não terá dinheiro para se movimentar, o salário não chegará para pagar o transporte para o emprego. E os transportes, meu caro, são apenas a ponta visível do icebergue. O facto é que, para se fazer um automóvel ou um frigorífico, são necessários fornos, e os fornos são sobretudo alimentados por combustíveis fósseis. O que eu quero dizer é que petróleo mais caro significa produtos mais caros. Ora que nome tem este fenómeno da subida generalizada dos preços?”

“Inflação?”

“Galopante, *Casanova.”* Suspirou. “Na história recente dos Estados Unidos, por exemplo, houve apenas três períodos em que a taxa de inflação atingiu os dois dígitos: 1917 a 1920, a década de 1940 e 1974 a 1981. Sabes o que estes três períodos tiveram em comum? A falta de petróleo. E as cinco recessões que ocorreram desde 1973 foram todas precedidas pela subida do preço do petróleo.

Os economistas andaram a ver estes números à lupa e descobriram que a inflação atingiu os dois dígitos sempre que os custos energéticos chegaram aos dez por cento do PIB. Ora, se isto aconteceu em alturas de carência conjuntural de petróleo, imagina o que acontecerá quando essa carência se tornar permanente.”

“O que queres dizer é que a actividade económica vai abrandar.”

“Claro. O aumento do preço do petróleo provoca o aumento do preço dos produtos e isso conduz à inflação e ao abrandamento da economia. Começará devagar, claro. No entanto, como o problema não é conjuntural, mas estrutural, a situação vai agravar-se mais e mais. O petróleo sobe, a actividade económica abranda, a inflação torna-se gradualmente descontrolada. É bom lembrar que foi a hiperinflação que destruiu a Alemanha na década de 1920. Agora imagina essa situação em toda a economia mundial. Em tais circunstâncias, o colapso económico tornar-se-á iminente. E, como é bom de ver, um colapso económico arrasta consigo grande agitação social. Se isso acontecer, segue-se aquele rosário de que já falámos, não é?

Recessão, fome, pilhagens, caos.” Abriu os braços, como quem se entrega ao destino. “Por outras palavras, a nossa civilização pode muito bem estar à beira de se desmoronar.”

Tomás ajeitou-se na poltrona e espreitou pela janela, como se procurasse orientar-se.

“Estou um pouco confuso”, disse.

“Porquê?”

“Considerando o contributo dos combustíveis fósseis para o aquecimento global, o fim do petróleo deveria ser uma coisa boa, não é?”

“Deveria ser, e é.”

“Ah, sim? Mas de que nos serve travar o aquecimento do planeta se, com o fim do petróleo, a nossa civilização for destruída e voltarmos todos à Idade Média?”

“O fim do petróleo ajuda a pôr termo à tendência de aquecimento global, e isso é indubitavelmente bom. Embora seja preciso sublinhar que os efeitos da cessação de emissões de carbono só se farão sentir ao fim de umas décadas, devido à acção cumulativa do aquecimento, como já te expliquei. Mas todas as moedas têm duas faces e o preço de pôr fim às emissões de carbono poderá ser demasiado elevado para a nossa civilização.”

“Então, o que podemos fazer?”

Filipe sorriu.

“Voltamos à pergunta do nosso grupinho em Quioto”, observou.

“Quando nos conhecemos no Japão, eu, o Howard, o Blanco e o James sabíamos que as emissões de combustíveis fósseis teriam de parar, sob pena de o planeta fritar no prazo de algumas décadas, mas o problema que se punha era justamente esse: qual a alternativa aos combustíveis fósseis? Sabíamos também que a indústria do petróleo movimenta imenso dinheiro e não tínhamos ilusões quanto à nossa impotência perante os gigantescos interesses que estavam em jogo.

A situação é, pois, de grande delicadeza. Tal como as coisas se apresentam, o cenário diante de nós é verdadeiramente apocalíptico.

Estamos perante a pior de todas as perspectivas. Por um lado, vemos a temperatura do planeta subir desmesuradamente, desencadeando fenómenos descontrolados. É possível que estejamos prestes a cruzar valores críticos de temperatura, para além dos quais a Terra se torna um verdadeiro inferno. E, no mesmo momento em que isso acontece, a grande produção de petróleo irá decair bruscamente, sem aviso.

As políticas secretistas da OPEP, o interesse de toda a indústria petrolífera em prolongar o *status quo* o mais tempo possível, a gestão política segundo curtos ciclos eleitorais e a perversão dos preços do petróleo no mercado mundial estão a camuflar o brutal tombo de produção que se avizinha. Repara que o grande problema não é o petróleo acabar, mas o facto de acabar de repente. Vamos ser todos apanhados de surpresa, sem tempo suficiente para desenvolvermos uma alternativa eficiente.” Olhou em redor do quarto,

afogueado, como se não tivesse ainda conseguido expressar tudo o que sentia.

"Tu já reparaste bem no que nos espera?"

Tomás balançou a cabeça.

"Uma grande trapalhada."

"Nem imaginas a que ponto, *Casanova"* , observou Filipe com secura. "Vêm aí calores cada vez mais infernais, uma subida do nível do mar que levará as águas a engolirem ilhas e a invadirem continentes, vão aparecer tempestades crescentemente brutais, a desertificação irá alargar-se a metade do planeta e as colheitas mais produtivas serão destruídas pela seca. No mesmo instante em que isso acontece, o petróleo em grandes quantidades acaba de modo abrupto e apanha-nos de cuecas na mão, totalmente desprevenidos.

A economia entra numa profunda recessão, as empresas fecham, aparece a fome, quebra-se a ordem pública e, quando deres por ela, a nossa civilização já desapareceu." Balançou o corpo para a frente, aproximando o rosto da face do amigo, e repetiu a pergunta. "Tu já viste o que vai acontecer?"

"O apocalipse."

"Sem tirar nem pôr", exclamou o geólogo. "O apocalipse. E isso não vai acontecer daqui a um século com os nossos bisnetos."

Apontou o dedo para a carpete. "Isso vai acontecer muito em breve, ainda durante o nosso tempo de vida." Deixou esta ideia assentar.

"Nós vamos assistir a isso, *Casanova.* Nós vamos assistir a isso."

Tomás quase se encolheu na sua poltrona.

"É... é assustador."

Filipe endireitou-se na borda da cama.

"Quando nos conhecemos em Quioto, nós os quatro trocámos informações relativas a cada um dos nossos campos específicos de investigação e percebemos que a situação é de catástrofe iminente.

O mundo não está preparado para esta crise, não existe nada pensado para a evitar. Foi por isso que desenvolvemos um plano."

"Um plano? Que plano?"

"Como a minha área de especialidade é justamente o sector energético, e em especial o petrolífero, eu já dispunha de alguns sinais de que poderia haver problemas no futuro abastecimento mundial de petróleo. Eram coisas pequenas, pedaços de informação aparentemente irrelevantes, certos comentários em surdina que por vezes escutava nos mercados financeiros, esse tipo de coisas.

Pegando nas pontas soltas deste *puzzle,* comecei a perceber que o fim do petróleo barato poderia estar para breve e isso, sendo um gravíssimo problema, era também uma oportunidade."

"Uma oportunidade para enfrentar o aquecimento global, queres tu dizer."

“Nem mais. Se o petróleo estiver para durar, podes ter a certeza de que os poderosos interesses que se movimentam em seu redor jamais permitirão a emergência de uma alternativa viável. Todos nós naquele grupo sabíamos isso. Mas, se porventura o petróleo estiver em fim de vida economicamente viável, então as coisas serão diferentes. O negócio irá acabar e esses interesses perdem força, por via do fim da sua fonte de rendimentos. Foi por isso que dividimos o trabalho entre nós os quatro em função das nossas qualificações e áreas de especialidade. O Howard ficou encarregado de acompanhar a evolução climática, de modo a poder prever com exactidão qual o momento mais crítico do aquecimento. Foi com esse objectivo em mente que conseguiu ser colocado numa estação americana na Antárctida, onde o aquecimento está a ser mais rápido do que no resto do planeta. O Blanco e o James, que eram afinal os físicos e engenheiros do grupo, ficaram com a responsabilidade de procurar e desenvolver uma fonte energética alternativa. E eu dispus-me a determinar a situação exacta das reservas de petróleo, de modo a estabelecer qual o momento politicamente mais propício para avançar com a energia alternativa que o Blanco e o James viessem eventualmente a desenvolver.”

“Energia alternativa?”

“Sim”, confirmou Filipe. “O mundo terá de dar um salto em frente e encontrar uma nova fonte energética. Se não o fizer, é o fim.”

“Estás a falar em energia solar?”

“Não, a energia solar é um bom complemento, mas nunca passará disso. As noites e os dias nublados impedem que essa solução seja viável enquanto principal fonte energética.”

“Mas qual é a alternativa? O Qarim disseme em Viena que o vento também não servia.”

“E disse muito bem. É que, tal como a energia solar, a eólica é intermitente. O que se faz quando o vento pára?”

“Então o quê?”

“Boa pergunta”, observou. “O nuclear seria uma opção, não se desse o caso de ser caro e enfrentar grande resistência pública, com o problema adicional de os resíduos permanecerem radioactivos durante milhares de anos. Outras fontes, como as marés, poderão ser complementos interessantes, mas nunca a base na qual toda a economia poderá assentar. O gás e o carvão, que permanecem em grandes quantidades, são energias fósseis emissoras de carbono, pelo que terão de ser postos de parte, sobretudo o carvão, que ainda por cima é muito poluente.” Todo o seu rosto se contraiu numa expressão interrogativa. “Então, o que fazer? Foi justamente em torno deste problema que o Blanco e o James se afadigaram.” “E chegaram a alguma conclusão?”

“Eu e o Howard andávamos um pouco afastados do trabalho dos dois físicos, pelo que não conheço os pormenores. Apenas sei que o Blanco teve uma ideia interessante. Ele e o James estavam a trabalhar nessa ideia quando ocorreram os homicídios. O Blanco morreu, mas o essencial do trabalho teórico estava, ao que parece, completo. Na sequência dos assassínios, eu e o James desaparecemos de circulação, mas mantivemo-nos activos. Eu continuei a acompanhar a evolução das reservas mundiais de petróleo e ele, que é um homem muito prático, dedicou todo este tempo a desenvolver os conceitos teóricos delineados pelo Blanco.” “Vocês os dois mantiveram-se em contacto?” “Claro”, assentiu Filipe. “Através da Internet.” O amigo levantou-se da cama e abriu a mala, que se encontrava pousada sobre um estrado. Foi ao guarda-fato e começou a retirar roupa, que dobrou e guardou na mala. “E como são esses contactos? Frequentes?” “Não, de modo nenhum. Temos perfeita consciência dos recursos ao dispor dos interesses ligados ao petróleo e não queríamos correr riscos desnecessários. Ficou combinado que ele me enviaria uma mensagem codificada quando precisasse de se encontrar comigo.”

“Qual mensagem? Aquela citação do Apocalipse?”

“Essa mesmo.” Filipe parou de dobrar roupa sobre a mala e, endireitando-se, recitou de memória. “«Quando Ele quebrou o sétimo selo, fez-se silêncio no céu.»“ Voltou a inclinar-se sobre a mala e retomou a arrumação das coisas. “É por isso que estamos aqui.”

“O teu amigo inglês sabe que eu também venho?”

“Claro.”

“E qual vai ser o meu papel?”

“Tu estás a trabalhar para a Interpol, não estás? Então vais ajudar-nos, *Casanova.”*

O historiador ergueu-se da poltrona, incapaz de permanecer sentado.

“Mas como? Como te poderei ajudar?”

Filipe ergueu os olhos.

“Para darmos o próximo passo, vamos precisar de uma polícia de confiança.”

XXXII

Um bafo abrasador acolheu-os no momento em que a porta do avião se abriu e desceram as escadas para a pista do Aeroporto Connellan; parecia que tinham mergulhado num forno ou cruzado a entrada de uma sufocante estufa seca, instalada a meio da planície semidesértica onde o aparelho tinha aterrado.

"Welcome to Yulara", acolheu-os uma hospedeira no último degrau, uma morena que exibia um sorriso profissional.

Bufando de calor, Tomás e Filipe calcorrearam o alcatrão a uma velocidade incerta; ora se apressavam para escapar da fornalha o mais depressa possível, ora abrandavam porque o corpo parecia derreter-se sob aquele calor abafado. Nuvens de minúsculos insectos esbarraram-lhes na cara, obrigando-os a sacudir o ar diante do nariz; e foi com alívio que entraram por fim no terminal, abraçando a frescura do ar condicionado com a alegria de quem inspira o ar depois de quase ter morrido afogado. O aeroporto era pequeno, quase só um aeródromo arejado, e, logo que o geólogo recuperou a sua mala, saíram para o átrio principal do terminal.

"Philip!", chamou uma voz.

Olharam ambos na direcção da voz e viram um sexagenário alto e magro, de cabelos grisalhos e barba branca pontiaguda, a pele muito ruborizada e olhos azuis gastos por trás de uns óculos muito graduados.

"Olá, James", saudou Filipe, abrindo-se num sorriso.

Os dois homens abraçaram-se e, quando se soltaram, o desconhecido encarou Tomás com uma expressão inquisitiva.

"É este o teu amigo?"

Filipe fez um gesto largo, como se os quisesse juntar.

"Sim, este é o Tomás. Está a trabalhar para a Interpol."

O anfitrião estendeu a mão ossuda.

"How do you do?", cumprimentou. "Nem imagina como...

humpf... estou satisfeito por conhecê-lo."

"Tomás, apresento-te James Cummings, físico de Oxford exilado em Yulara."

Os dois apertaram as mãos, o inglês imensamente satisfeito pela presença de um elemento da Interpol junto dele, como se Tomás fosse a garantia do fim da insegurança que o apoquentava desde a morte dos outros membros do grupo. Cummings espreitou para além dos recém-chegados, como se procurasse alguém que viesse atrás.

“E os outros?”, perguntou.

“Quais outros?”

“Bem... humpf... não vieram mais polícias convosco?”

“James, o Tomás veio sozinho”, atalhou Filipe, um toque de impaciência na voz. “Eu já te tinha explicado que ele vinha sozinho.”

O inglês pareceu desapontado.

“Pois foi”, reconheceu. “Mas eu tinha esperança... humpf... de que viesse mais segurança.” Estudou Tomás dos pés à cabeça. “E a arma? Onde traz você a arma?”

“O Tomás não é polícia. É historiador.”

“Historiador? Humpf... mas para que precisamos nós de um historiador?”

“Eu já te expliquei que ele é meu amigo e está a trabalhar para a Interpol.” Pousou-lhe a mão no ombro. “Confia em mim, vai correr tudo bem.” Olhou para Tomás e falou em português. “Desculpa lá, *Casanova.* O James é um daqueles cientistas que parecem viver no mundo da lua. Uma espécie de Professor Pardal, estás a ver? Só que, no que diz respeito a trabalho, não há génio mais inventivo do que este, podes crer.”

“Não te preocupes”, retorquiu o historiador. “O meu pai também era assim.”

Cummings conduziu-os para fora do terminal e levou-os sob o sol abrasador até ao parque de estacionamento.

“Está calor, hem?”, comentou Tomás.

“Calor?”, riu-se o inglês. “Você deve estar a brincar, *old cbap.* Eu queria vê-lo aqui em Fevereiro. Aí é que você ia ver... humpf... o que era calor a sério.”

O historiador avaliou o seu anfitrião. Era um homem muito alto, quase de um metro e noventa, de fisionomia seca, pernas e braços longos e magros; usava camisa e calções caqui, com a cabeça tapada por um chapéu australiano, ornado com uma pena verde e amarela de pássaro. Parecia desengonçado, um artolas armado em *cowboy.*

Chegaram ao pé de um *Land Rover* verde-azeitona, a cor escondida por uma densa camada de pó, e Cummings abriu as portas; os três acomodaram-se lá dentro, mas o calor era tal que os assentos escaldavam e o ar quase lhes queimava os pulmões. Sem perder tempo, o inglês ligou o motor e o poderoso ar condicionado australiano refrescou o interior do jipe em apenas três segundos; se Tomás não tivesse visto, jamais acreditaria.

“Então, James?”, disse Filipe, que se sentara no banco ao lado do condutor. “Como te tens dado aqui na Austrália?”

“Humpf”, expeliu o físico, no que parecia a Tomás ser uma peculiaridade de fala. O tique assemelhava-se a um soluço, mas um daqueles soluços afectados, aristocráticos, um trejeito que lhe nascia no estômago e explodia com pompa nos

lábios. “Isto é um inferno, um verdadeiro inferno.”

O jipe arrancou e fez-se à estrada impecavelmente alcatroada.

“Um inferno?”, admirou-se Tomás, instalado no banco traseiro.

“Olhe que estou a gostar muito deste país. Acho-o bonito.”

Cummings fez um gesto a exibir a paisagem em redor.

“Bonito? Acha isto... humpf... bonito?”

A estrada cortava uma planície de terra enrubescida, árida, de um castanho-avermelhado que coloria tudo como se fosse uma paisagem alienígena, marciana — terra, pedras, pó, tudo se apresentava de vermelho, com excepção dos tufos verdes de vegetação e da palha amarelada do capim de savana que se espalhava até ao horizonte.

“Sim, é bonito.”

“De certeza que não pensaria assim se... humpf... estivesse aqui desterrado anos a fio, *old chap.* Este inferno no meio do nada dá cabo de mim.” Revirou os olhos, exasperado. “Quando penso que...

humpf... eu vivia em Oxford! Em Oxford, *by Jove!”* Abanou a cabeça, cheio de nostalgia. “Que saudades tenho daquele verde sereno e repousante na minha doce Inglaterra.”

“Percebo o seu ponto de vista”, admitiu Tomás, contemplando ainda a paisagem avermelhada. “Uma coisa é estar cá de passagem, outra é viver aqui.”

“Não tenha... humpf... dúvidas. E olhe que isto não vai para melhor, *old chap.* Se a temperatura média do planeta subir três graus Celsius... hmpf... a Austrália não passará de deserto e cinzas.”

Apontou para o terreno árido lá fora. “Aliás, a coisa já começou. Os grandes incêndios de 2003 libertaram em dez minutos mais energia do que... humpf... a bomba atómica de Hiroxima, e o fumo das árvores a arder foi atirado para o ar com uma força de tal modo explosiva que entrou na estratosfera e começou a circular pelo globo.

Consegue imaginar isso?” Calou-se um instante, aparentemente concentrado na condução. “Com os termómetros a subirem três graus, os incêndios vão destruir tudo”, comentou entre dentes. “Além disso, as secas irão alastrar e a agricultura entrará em colapso. Este continente... humpf... está à beira do abismo.”

“Imagino que as pessoas estejam assustadas.”

Cummings riu-se.

“Assustadas? *Good Heavens,* claro que não. A Austrália foi, juntamente com os Estados Unidos, a única nação supostamente civilizada que se recusou a assinar o Protocolo de Quioto.”

“O que pensam as pessoas disso?”

“Os *Aussiesr*

“Sim, os Australianos.”

“Hooligans”, exclamou, com desdém. “Os *Aussies* não passam de... humpf... *hooligans* que foram viver num sítio com sol. Não querem saber do aquecimento global para nada.”

Filipe inclinou-se para trás.

“Tu não conheces o James”, disse. “Para ele só a Inglaterra se aproveita. Tudo o resto é selvajaria.”

O silêncio instalou-se no jipe, que percorria a planície semidesértica debaixo do sol ardente. Admirando a paisagem exótica, Tomás apercebeu-se de um vulto em frente, descaído para a esquerda, sobre a linha do horizonte; era um colosso vermelho-alaranjado, de pedra nua, como se um gigantesco menir para ali tivesse sido atirado.

“O que é aquilo?”, perguntou.

O inglês espreitou na direcção indicada.

“Uluru.”

O historiador analisou o estranho corpo que se erguia sobre a savana, parecia uma montanha árida; não era bicuda e serrada, como as dos Himalaias, mas antes um monstro de pedra com um planalto no topo, como uma mesa maciça.

“Tem piada”, comentou. “Eu já vi esta montanha em algum sítio.”

“Uluru é famoso”, disse Cummings, sem tirar os olhos da estrada. “Também lhe chamam... humpf... Ayers Rock.”

“Ah, já sei.”

“Toda esta zona é sagrada para os... humpf... aborígenes. Mas há místicos de todo o mundo que aqui vêm venerar Uluru. Dizem que a montanha está situada num importante ponto de grelha planetário, tal como... humpf... a Grande Pirâmide de Gize.”

“A sério?”

“Humpf... superstições.”

Tomás estudou melhor a pedra que se erguia sobre o horizonte.

“Mas que a montanha é estranha, lá isso é”, observou. “Ela é feita de quê?”

“Uluru? Arenito. E o segundo maior monólito do mundo. O

primeiro explorador europeu que o viu chamou-lhe... humpf... um calhau notável. E, de facto, tenho de admitir que esta montanha pode ser algo surpreendente. Uma das suas qualidades mais bizarras é mudar de cor ao longo do dia.” Apontou para a montanha. “Agora está alaranjada, não está? Mas o monólito também pode ficar...

humpf... vermelho, castanho, violeta ou azul. Depois da chuva torna-se prateado e até negro brilhante. Por vezes parece que existe uma fonte de luz que

emana do interior, como um candeeiro."

"A sério? Já viu isso?"

"Right ho", assentiu. "Acontece algumas vezes por ano. Julgo que é... humpf... um efeito de luz, como se a natureza nos estivesse a pregar uma partida."

"E como é que uma coisa destas apareceu aqui?"

Cummings fez sinal com a cabeça para o passageiro que ia ao lado.

"Isso é uma pergunta aqui para o... humpf... nosso geólogo."

Filipe remexeu-se no assento.

"Não sei muito bem", confessou. "Já ouvi dizer que Ayers Rock fazia parte do fundo do oceano, há uns quinhentos milhões de anos.

Mas não conheço ao pormenor a história geológica desta formação."

"E como é que se explica essa coisa da variação de cor?"

"Bem, como o James já disse, a montanha é constituída por arenito, não é? Mas também está impregnada de outros minerais, não é só arenito. A variação de cor deve-se justamente à acção de um mineral em particular, o feldspato, que tem a propriedade de reflectir a luz. Eu acho que é isso que cria essa impressão de que a pedra está a emanar luminosidade. Já o vermelho, este tom que parece ferrugem, deve-se à oxidação." Apreciou o aspecto exótico do monólito lá adiante. "De qualquer modo, não há dúvida de que este monstro é realmente misterioso."

"E o que dizem os aborígenes?"

Cummings retomou a palavra.

"Oh, esses tratam Uluru como se fosse Deus em pessoa", exclamou. "Acham que a montanha é oca por dentro e tem uma fonte de energia a que chamam... humpf... *tjukurpa."*

"O que quer isso dizer?"

"Tempo de sonho. E uma espécie de história aborígene sobre a criação do universo e dos homens. Eles acham que cada acontecimento deixa uma espécie de... humpf... vibração na terra, um pouco como as plantas deixam uma imagem de si nas sementes que libertam." Fez um gesto na direcção da montanha. "Uluru seria o eco da Criação e, segundo eles, está povoado... humpf... por espíritos ancestrais."

"Não me diga."

O inglês olhou em redor.

"Está a ver este deserto aqui no Red Centre da Austrália? Tudo isto está cheio de locais sagrados para os aborígenes." Apontou para uma outra forma rochosa, lá longe, à direita, uma mera protuberância de cumes arredondados no fio do horizonte. "Aquela, por exemplo, é uma outra... humpf... formação

sagrada. São as Olgas, mas os aborígenes chamam-lhes Kata Tjuta."

Um aglomerado urbano apareceu de repente à beira da estrada, por entre as dunas, uma visão inesperada no meio daquele deserto avermelhado. Uma placa anunciava *Yulara* e o jipe abandonou a estrada e mergulhou no casario.

"Vocês têm uma cidade aqui no deserto?", admirou-se Tomás.

"Vocês, não", corrigiu James, quase ofendido. "Que eu saiba não sou nenhum... humpf... *Aussie hooligan.'*"

"Desculpe." Reformulou a pergunta. "Os Australianos construíram uma cidade no meio do deserto?"

"Yulara é o que os *Aussies* designam por aldeia turística. Foi erguida para receber os... humpf... turistas que aqui vêm visitar Ayers Rock."

"Há muitos turistas?"

"Humpf... você nem imagina. Meio milhão por ano."

"Meio milhão? Esta aldeia consegue albergar meio milhão de pessoas?"

Cummings indicou as fachadas elegantes e bem tratadas da povoação, os espaços verdes decorados com palmeiras e arbustos, como se ali estivesse um oásis.

"O que não falta aqui são locais para alojamento. Desde hotéis de cinco estrelas até parques de campismo. Mas avi-so-o já de que o melhor sítio para se estar é... humpf... na piscina. Em Yulara, a piscina não é um luxo, *old chap*, mas uma necessidade. Com o calor que aqui faz, é o único sítio onde se consegue estar quando queremos sair do ar climatizado dos interiores."

O jipe deambulou devagar pelas ruas cuidadosamente desenhadas de Yulara. A certa altura abandonou a zona povoada e meteu por um caminho de terra, mergulhando no deserto. O *Land Rover* saltitava nos buracos da terra batida e quase voava sobre as cristas onduladas das dunas, erguendo atrás de si uma nuvem acobreada de poeira seca. Avançou pelo deserto durante dez minutos, rugindo e estremecendo, até que por fim se imobilizou com brusquidão. A nuvem de poeira cobriu o jipe como um manto, deslizando devagar pelo ar ao sabor do vento; parecia uma sombra colorida, e foram necessários alguns instantes até que Tomás pudesse vislumbrar, por entre o denso pó erguido pelo veículo, as paredes alvas de uma casa.

Apearam-se e dirigiram-se para a casa. Cummings tinha desligado o motor e um silêncio profundo abateu-se sobre os recém-chegados; era um mutismo vazio, sem um ténue zumbido de fundo sequer. A ausência de som revelava-se de tal modo despojada que se tornava desconcertante, asfixiante até.

"Isto é a sua casa?", perguntou Tomás, a voz rasgando o silêncio.

Cummings assentiu.

"Baptizei-a com o nome de Arca."

Tomás sorriu. O nome parecia-lhe auspicioso; fazia muito calor e realmente só a frescura de um frigorífico o poderia aliviar naquele momento.

“Arca, hem? Fresca como uma arca frigorífica?”

“Não. Como a arca de Noé.”

“Arca de Noé?”

O inglês caminhou na direcção da casa, os passos a chocalharem na areia seca.

“É aqui que se encontra uma coisa preciosa para a humanidade.”

“O quê?”

Cummings agarrou a maçaneta e abriu a porta.

“A derradeira esperança.”

XXXIII

A casa parecia um pardieiro entregue aos bichos. Havia papéis por todo o lado, livros amontoados em sofás rotos, roupa espalhada pelos cantos, os móveis cobertos por uma grossa camada do omnipresente pó avermelhado; aqui e ali viam-se no chão pedaços de comida seca e embrulhos vazios de batatas fritas, enquanto dezenas de latas de cerveja e de refrigerantes jaziam abandonadas sobre a mobília de madeira exótica. As cortinas tinham enormes nódoas de gordura e o vidro das janelas mostrava-se baço de tão sujo.

"Desculpem a... humpf... desarrumação", disse Cummings, movendo-se pela sala como um explorador a atravessar a selva densa. "Nunca tive muito jeito para as lides domésticas."

Tomás não era um modelo de homem arrumado, mas aquilo pareceu-lhe de mais; a casa manifestamente não levava uma limpeza há pelo menos seis meses. Ele e Filipe desbravaram caminho até aos sofás e acomodaram-se com cautela, evitando as partes do tecido onde as nódoas lhes pareciam mais frescas.

"Então é aqui que tens trabalhado?", perguntou Filipe, reprimindo um esgar de nojo.

"Rigbt bo", confirmou o inglês. "E este o meu covil secreto."

Tomás olhou para o amigo com surpresa.

"Nunca cá tinhas estado?"

"Não", disse o geólogo. "Sabia que o James estava escondido aqui em Yulara, claro, mas nunca cá vim." Inclinou a cabeça, como se explicasse o óbvio. "Por motivos de segurança."

O anfitrião saiu momentaneamente da sala e voltou logo a seguir, a cabeça a espreitar pela porta.

"Querem tomar alguma coisa? Chá? Café? Cerveja?"

"Talvez uma água fria", pediu Tomás, a boca seca com o calor da viagem do aeroporto até ali.

Cummings reapareceu com uma garrafa de litro gelada e entregou-a a Tomás.

"Não trouxe copo", desculpou-se. "Estão todos... humpf... sujos."

O historiador não queria copo algum naquela casa; o gargalo selado dava-lhe maiores garantias de higiene. Encetou a garrafa de água mineral e bebeu com sofreguidão quase até meio. Quando acabou, Filipe pediu-lhe a garrafa e matou a sede com o que restava na metade final.

"Então digam lá", começou Tomás, indo direito ao assunto. "O

que querem vocês de mim?”

Filipe e Cummings trocaram um olhar e o inglês sentou-se diante deles e fez sinal ao seu amigo português para que fosse ele a explicar as coisas.

“Julgo, *Casanova,* que já conheces o essencial da história”, disse Filipe, cruzando a perna e descontraindo-se no sofá. “Desde a morte do Howard e do Blanco, eu e o James temos andado escondidos. Eu fui para a Sibéria, ele veio aqui para a Austrália. Mas não parámos os trabalhos. Eu continuei a monitorizar a situação das reservas petrolíferas mundiais e ele prosseguiu as pesquisas que tinha encetado com o Blanco. Quando nos separámos, ficou combinado que não nos contactaríamos, a não ser em caso de necessidade extrema e sempre através de mensagens codificadas. Até que, há algumas semanas, o James me enviou uma dessas mensagens, a da citação bíblica que já mencionei.”

“A do Apocalipse.”

“Essa”, assentiu. “Ela contém o nome de código do nosso projecto.”

“Ah, sim? E como se chama o projecto, afinal?”

“O Sétimo Selo.”

Tomás balançou afirmativamente a cabeça.

“Hmm”, murmurou. “Daí essa frase de código.”

“Exacto”, confirmou Filipe. “Quando o James me mandou essa citação, era um sinal de que o projecto estava concluído e que devíamos encontrar-nos aqui na Austrália para ultimar os pormenores. O problema é que tínhamos consciência de que sozinhos não chegaríamos a sítio nenhum e eu não sabia para onde me deveria voltar. Até que vi a tua mensagem no *site* do liceu e, para além da nostalgia que ela me suscitou, confesso que achei que poderias ser um contacto importante, uma espécie de agente invisível, estás a perceber? Isso reforçou a minha decisão de te convidar para vires ter comigo. Eu precisava da ajuda de alguém que estivesse de fora do circuito, alguém cuja existência os interesses do petróleo desconhecessem em absoluto.”

“Estou a entender.”

“Quando em Olkhon me revelaste que estavas ao serviço da Interpol, isso foi uma grande contrariedade, pois significava que afinal não estavas fora do circuito. Se a Interpol te tinha chamado para ajudares na investigação dos homicídios, era evidente que os autores morais desses assassínios iriam saber da tua existência.”

“Estás a referir-te aos interesses ligados ao petróleo?”

“Claro!”

“Hmm.”

“De resto, isso ficou confirmado no Baikal. Umas horas depois de teres aparecido surgiram no acampamento *yurt* aqueles homens armados. Ora,

pergunto eu, como raio chegaram eles lá?”

“Certamente que me seguiram.”

“E evidente que te seguiram”, concordou Filipe. Retomou a narrativa. “Depois de termos escapado, considerei que estávamos perante uma emergência e contactei o James. Ele mostrou-se muito preocupado, como é natural, mas o nome da Interpol ficou a ecoar-lhe nos ouvidos.”

O inglês percebeu a deixa e tomou a palavra.

“O ideal era que você estivesse ao serviço da... humpf... Scotland Yard, *of course”*, disse. “Mas suponho que a Interpol dava garantias de segurança suficientes e foi por isso que disse ao Philip que, bem vistas as coisas, talvez... humpf... fosse melhor assim. Precisávamos de ajuda e, tirando a Scotland Yard, quem melhor do que a Interpol para nos dar uma mãozinha?”

“Em que tipo de mãozinha estão vocês a pensar?”

“Para começar, precisamos de... humpf... protecção.”

“Mas o Filipe tinha-me explicado que, considerando os colossais interesses que estão em jogo, nenhuma polícia do mundo vos poderia proteger.”

“Durante muito tempo”, atalhou Filipe. “Nenhuma polícia do mundo nos poderia proteger durante muito tempo.”

“Não estou a perceber.”

O geólogo respirou fundo.

“Se nós nos tivéssemos dirigido à polícia em 2002, quando o Howard e o Blanco foram assassinados, a esta hora não estaríamos vivos. Nenhuma polícia nos poderia proteger durante muito tempo das garras dos interesses petrolíferos, disso podes estar certo. Mas agora as coisas são diferentes, *Casanova. ”*

“Em quê?”

“O James terminou o projecto que começou com o Blanco. O

mercado mundial do petróleo encontra-se prestes a cruzar o pico. Os efeitos da subida das temperaturas globais já se estão a fazer sentir de uma forma palpável.” Abriu os braços, com a palma das mãos para cima. “O que eu quero dizer é que o mundo já não tem de esperar mais, este é o momento certo para actuar. O que precisamos de fazer agora é pegar no projecto e entregá-lo nas mãos certas. Para isso não precisamos de anos, bastam-nos semanas.” Sorriu. “A Interpol jamais nos conseguiria manter vivos durante anos. Mas, umas semanas? Não vejo qual a dificuldade.”

“E quando essas semanas se esgotarem? O que vos acontecerá então?”

Filipe encolheu os ombros.

“Os interesses do petróleo já não terão qualquer vantagem em neutralizar-nos. Nessa altura o Sétimo Selo estará cá fora e a nossa morte não inverteria o processo. Pelo contrário, constituiria até um risco demasiado grande, uma vez

que, por essa altura, a identidade dos mandantes dos assassínios se tornaria demasiado óbvia. Se conseguirmos tornar público o Sétimo Selo, acho que eles já não se vão arriscar."

Tomás passou a mão pelo cabelo e ponderou o assunto.

"Muito bem", exclamou. "O que querem então que eu faça?"

"Queremos que expliques a situação à Interpol e os tragas cá para garantirem a nossa segurança. Precisamos que eles criem condições para possibilitar o nosso contacto com um conjunto de instituições-chave."

"E o que lhes digo exactamente?"

"Contas-lhes o que viste aqui."

O historiador olhou em redor, desconcertado.

"Aqui? Mas aqui só vi deserto."

Filipe sorriu.

"Vou dizer de outra maneira", corrigiu. "Contas-lhes o que vais ver agora."

"E o que vou ver eu?"

"O Sétimo Selo."

XXXIV

A gaveta parecia emperrada, mas, com um puxão forte e decisivo, Cummings conseguiu finalmente desencravá-la. Pôs as mãos no interior e extraiu um caderno grosso, de capa dura negra, como aqueles que se usam na contabilidade. Depois ergueu-se e exibiu o caderno na direcção dos convidados.

"Aqui está, *old chap"*, anunciou, no seu habitual tom afectado. "O Sétimo... humpf... Selo."

Sem conter a curiosidade, Tomás ergueu-se do assento e foi ter com o inglês. Pegou no caderno e folheou-o com cuidado. Estava escrevinhado a esferográfica, cheio de equações e esquemas, e com um texto manuscrito em letra difícil. Tentou ler um extracto, mas parou a meio da primeira linha.

"Isto está em espanhol", exclamou, surpreendido.

"Rigbt ho", confirmou James. "Foi escrito pelo Blanco."

"Mas você percebe espanhol?"

"Good Heavens, não." Quase parecia escandalizado com a ideia.

"O Blanco é que... humpf... não conseguia raciocinar em inglês, *poor chap*. Tomava primeiro os apontamentos na... humpf... língua dele, e depois, uma vez tudo registado, traduzia para inglês mais à frente."

Apontou para um parágrafo adiante. "Está a ver aqui? Esta parte é em inglês."

Tomás devolveu o livro e, ao voltar-se, apercebeu-se de um vulto esverdeado para lá da janela. Espreitou e viu que era uma piscina, suja e negligenciada, que James tinha no pátio da casa. A água estava coberta de poeira vermelha, daquele pó que se erguia da terra e tudo cobria, como aquelas nuvens ali ao fundo.

Olhou melhor, intrigado.

As nuvens eram poeira que se agitava no ar, como se fosse levantada pelo sopro violento de uma tempestade. Só que o céu apresentava-se de um azul límpido, não podia ser nenhuma tempestade. Estreitou os olhos e distinguiu um ponto no meio da nuvem de pó, como se uma pulga emergisse da neblina.

"James", chamou, sem tirar os olhos da janela. "Você costuma ter visitas?"

"Sim", confirmou o inglês. "O merceeiro manda cá todos os dias um rapaz com... humpf... comida e bebidas."

"Ah, então ele vem aí."

O professor de Oxford aproximou-se e olhou para a nuvem de pó que se aproximava.

"Não é possível."

“Hmm?”

“O rapaz do merceeiro. Ele... humpf... já cá veio esta manhã.”

Filipe deu um pulo do sofá e juntou-se aos dois, todos a olharem pela janela com uma expressão electrizada.

“Então quem vem aí?”

A nuvem cresceu rapidamente e depressa se percebeu que não era apenas uma nuvem, mas duas.

Saíram de casa, algo apreensivos, os dois portugueses com a memória bem fresca em relação ao que se passara no Baikal. Tomás olhou em redor, avaliando de onde poderia vir ajuda ou por onde poderiam escapar, mas estavam no meio do deserto e não havia vivalma em redor.

“Não será melhor metermo-nos no jipe?”, perguntou, indicando o *Land Rover.*

“Já não temos tempo”, disse Filipe. “De qualquer modo, não deve ser nada de especial. Tomámos todas as precauções, não tomámos?”

“Bem... sim. Mas na Rússia eu também as tinha tomado e depois foi o que se viu, não é? E em Sydney também...”

“Agora é diferente. Os nossos cuidados foram maiores.”

O rugido dos motores em aceleração reverberou pelo deserto e os dois jipes aproximaram-se rapidamente. Abrandaram já perto de casa e separaram-se, um para um lado e o outro para o outro; curvaram num movimento de tesoura e convergiram com grande espalhafato diante da casa. Os motores rugiam quando alcançaram o destino, travando no meio de uma nuvem de pó tão grande que os três homens parados no pátio tiveram de tapar a cara, fechar os olhos e conter a respiração, enquanto o vento soprava todo aquele pó para longe.

A poeira assentou e ouviram portas a abrir-se. Do meio da nuvem que se desfazia saíram vultos, pareciam espectros a emergir da névoa. Os vultos aproximaram-se, devagar, e traziam o que pareciam ser paus compridos entre os braços. Olharam melhor e os corações dispararam, desenfreados. Não eram paus.

Eram armas.

Os recém-chegados vinham armados e nas mãos não tinham umas armas quaisquer; traziam espingardas automáticas, claramente de arsenal militar. Os três recuaram um passo e depois outro, receosos, até embaterem na fachada da casa. Não tinham para onde fugir.

Um vulto mais maciço distinguiu-se dos restantes. Caminhava pesadamente e, ao sair da nuvem de pó, Tomás conseguiu por fim distinguir-lhe as feições.

“Orlov!”

O russo estacou. Tinha o rosto encharcado de suor, claramente aquele não era o clima que mais lhe agradava.

“Olá, professor. Por aqui?”

“Isso pergunto eu”, exclamou o historiador, ainda surpreendido.

“Como é que você soube que eu estava aqui?”

“Digamos que tenho os meus meios.”

Filipe tocou no braço de Tomás.

“Quem é?”

Tomás deu um passo para o lado, facilitando o encontro entre as duas partes.

“Ah, desculpa.” Indicou o russo. “Este é Alexander Orlov, o meu contacto da Interpol.” Em seguida a mão apontou para Filipe. “Orlov, este é Filipe Madureira, o meu amigo que você andava a procurar.”

Fez um gesto na direcção do inglês. “E este é James Cummings, o físico de Oxford que também estava desaparecido.”

O físico e o geólogo avançaram, estendendo as mãos para cumprimentar o recém-chegado, mas Orlov ergueu a espingarda automática e travou-os com um gesto brusco.

“Fiquem onde estão”, ordenou.

“Orlov!”, escandalizou-se Tomás. “O que está você a fazer?”

“Quietos.”

“Mas eles não são os assassinos”, disse, num esforço para esclarecer o mal-entendido. “Eu já lhe explico tudo.”

Os restantes homens armados aproximaram-se; eram três e estabeleceram um perímetro de segurança no pátio. Já sem paciência para suportar aquele calor opressivo, o russo fez um gesto com a arma na direcção da porta da casa.

“Lá para dentro.”

Tomás não entendia a atitude do homem da Interpol.

“Mas o que está você a fazer? Eu já lhe disse que eles não são os assassinos.”

Orlov voltou a arma na direcção de Tomás, que nem queria acreditar no que via diante dos seus olhos.

“O senhor também, professor. Lá para dentro.”

Estupefacto, quase sem reacção, Tomás obedeceu e entrou na casa; tinha a impressão de que um autómato se havia apossado do seu corpo.

Estava fresco no interior, para alívio do enorme russo, que apontou para o sofá. Os três sentaram-se, muito juntos, como se um instinto de defesa os unisse. Do grupo, Filipe parecia o mais sereno; cruzou a perna, possuído por uma estranha calma, e cravou os olhos no homem que os ameaçava.

“Você não é da Interpol, pois não?”

Os lábios de Orlov curvaram-se num sorriso velhaco.

“O seu amigo é esperto”, observou, dirigindo-se a Tomás. “Aliás, isso não me surpreende. Só um homem esperto consegue escapar-me durante tanto

tempo.” Afagou a arma, como se a preparasse para o trabalho. “Mas tenho novidades para si.” O sorriso alargou-se no rosto anafado. “A esperteza es-gotou-se.”

“Não é da Interpol?”, perguntou o historiador, perplexo. “Você não é da Interpol?”

Orlov fitou Tomás com uma expressão trocista.

“O que acha?”

A verdade assentou em Tomás, sinistra e terrível. Andara aquele tempo todo a trabalhar para um desconhecido e nunca suspeitara de nada; o homem não era quem ele pensava.

“Mas quem é você então?”

“É assim tão difícil de perceber?”

Filipe inclinou-se para a frente.

“Quem você é já eu percebi”, disse. “O que eu gostaria de saber é quem lhe paga o cheque.”

O russo voltou a arma para o geólogo.

“Tu, ó espertinho. Está quieto.”

“Por que razão hei-de ficar quieto?” perguntou Filipe. “Você vai-nos matar na mesma.”

Os olhos de Orlov passearam pelos três rostos ansiosos diante dele.

“Talvez.”

“Então temos o direito de saber a verdade.”

Dos três homens que tinham vindo com Orlov, dois entraram também na casa e começaram a vasculhar nos cantos. Um deles foi à cozinha e apareceu na sala com várias latas de cerveja australiana fria nas mãos.

“Stnotri, chto ya nasbol v kbolodilnike”, disse em russo, exibindo o que acabara de encontrar. *“Kholodnoe pivkó.”*

“Dáy mne odnó”, rosnou Orlov, pedindo uma lata.

O homem entregou-lhe a cerveja e o volumoso russo engoliu-a até ao fim, quase de uma só vez. No final endireitou-se, arrotou com violência e riu-se.

“Ah, maravilha.” Já saciado e mais bem-disposto, sentou-se numa poltrona, suspirou e encarou os três académicos que o observavam com ar intimidado. “Então vocês acham que têm o direito de saber a verdade, não é?”

Filipe mantinha o sangue-frio, o que suscitou a profunda admiração de Tomás.

“Se tiver a amabilidade de nos explicar em nome de que vamos morrer”, disse o geólogo, muito controlado, quase desafiador, “eu agradecia.”

“Você sabe muito bem em nome de quê”, retorquiu o russo. “O

que lhe interessa saber se quem pagou o cheque foi o país A ou a sociedade

B, a empresa C ou o conglomerado D?" Encolheu os ombros. "Isso não interessa para nada." Ergueu o dedo gordo. "O que interessa, o que realmente interessa, é que vocês andaram a brincar com o fogo e chegou a hora de pormos termo a esta brincadeira."

"Mas quem deu a ordem?", insistiu o geólogo.

"Se calhar foi um país, se calhar foi uma petrolífera, se calhar foi um grupo de interesses, se calhar não foi ninguém." Pegou na lata vazia e mostrou-a a um dos seus companheiros. "Igor", chamou, pedindo uma nova cerveja. "*Dáy mne yeshó odnó.'*" Voltou-se para os três prisioneiros e retomou a conversa. "O que interessa quem deu a ordem?" Apontou para Filipe e Cummings. "O que interessa é que vocês deviam ter tido juízo. Quando limpámos os vossos dois amigos, deviam ter aprendido a lição e ficado muito quietinhos." Abanou a cabeça. "Mas não. Não conseguiram ficar quietos, pois não? Não conseguiram parar as vossas maquinações, pois não? Obrigaram-nos a vir outra vez atrás de vocês." Assumiu uma expressão de incompetência, como um pai que, contrariado, se vê na obrigação de punir um filho mal-comportado. "E agora sujeitam-se às consequências. Ou pensavam que se iam escapar?"

Igor aproximou-se com uma nova lata na mão, que entregou ao seu chefe. Orlov voltou a engoli-la de uma vez e a soltar um brutal arroto no fim.

"Com licença", riu-se.

Filipe não se deu por vencido.

"Como diabo soube você onde nós estávamos?"

O russo apontou para Tomás com o polegar.

"Através do nosso professor. Ele foi o nosso agente infiltrado."

Os olhos de Filipe e Cummings pousaram em Tomás, acusadores.

O historiador reagiu quase anestesiado; arregalou os olhos, ainda mais estupefacto do que pensava ser possível alguém alguma vez sentir-se, e abriu a boca, mas levou ainda um longo segundo a conseguir emitir qualquer som.

"Eu?!" Fitou Orlov com uma expressão absolutamente pasmada.

"Eu?!" Voltou-se para os dois companheiros, como se lhes implorasse que acreditassem nele. "Eu não fiz nada!"

"Então, professor?" O russo divertia-se. "Vá lá, não seja tímido.

Confesse tudo."

Tomás sentiu um rubor de irritação crescer-lhe no corpo.

"Você está louco?", quase rugiu. "Mas que conversa é essa de que eu andei a informá-lo? Quando é que eu fiz isso?"

"Oh, não se ofenda. Quando eu era novo, no tempo da União Soviética, bufar era algo perfeitamente normal, coisa mundana."

"Bufar?" Esboçou uma careta de repugnância e desprezo, o medo vencido

pelo desdém que o homem diante dele lhe suscitava agora. “Você está doido, Orlov. Doido varrido.”

O russo soltou uma grande gargalhada, apenas interrompida por um novo arroto, era a cerveja ainda a fazer-lhe efeito no estômago.

“Estou doido, é?”

“Sim, doido. Já não diz coisa com coisa.”

“E se eu provar que você denunciou o seu amigo? E se eu provar isso?”

Foi a vez de Tomás se rir.

“Ninguém pode provar uma coisa que nunca aconteceu.”

“Ah, não? E se eu lhe provar?”

“Então prove lá, sempre quero ver isso.”

Orlov estendeu a espingarda e tocou com o cano no braço direito de Tomás.

“Mostre aí a sua mão.”

“A minha mão?”

“Sim, mostre lá.”

Sem perceber onde o russo queria chegar, estendeu o braço e exibiu a mão direita. Orlov pegou-lhe na mão, analisou-a durante uns segundos e premiu um ponto.

“Sente alguma coisa aqui?”

Uma sensação desconfortável percorreu a mão do historiador.

“Sim, isso é o sítio onde me magoei no outro dia. Sofri um acidente e a mão ficou ferida aí.”

“Um acidente, hem? E se eu lhe disser que está aqui um pequeno emissor alimentado com uma bateria de lítio?”

“Um emissor?”

“Chama-se Projecto Iridium. Este *chip* usa uma identificação de rádio-frequência para emitir um sinal GPS que é captado por mais de sessenta satélites que orbitam o planeta. Graças a esse sinal, os satélites podem identificar o local onde o senhor se encontra com um rigor de alguns centímetros.”

Tomás analisou a sua mão, embasbacado.

“Um emissor?”, repetiu, ainda a tentar digerir o que acabara de lhe ser dito. “Mas... mas como? Como é que puseram aqui um emissor?”

Um sorriso condescendente encheu o rosto de Orlov.

“Então, professor? Não se lembra do dia em que lhe liguei pela primeira vez? Lembra-se disso?”

“Sim. Estava no hospital, à espera da minha mãe.”

“Lembra-se do que aconteceu nessa noite?”

O historiador fez um esforço de memória.

“Nessa noite?”

“Sim. Não se lembra do que aconteceu? Você meteu-se no carro para vir para Lisboa e... pimba, onde é que acordou?”

A recordação encheu-lhe os olhos nesse instante. Viu o homem de bata branca e bigode fino ao lado da cama e a enfermeira sardenta logo atrás.

“Na clínica”, exclamou. “Acordei na clínica.”

“E o que estava lá a fazer?”

“Tive um acidente. O meu carro chocou com um poste.”

“Como sabe isso? Lembra-se de ver o carro chocar com o poste?”

“Bem... não, não me lembro.”

“Então como sabe que chocou com o poste?”

“Disseram-me.”

Orlov sorriu, uma expressão sarcástica a bailar-lhe nos olhos azuis.

“Disseram-lhe, foi?”

Tomás olhou para o russo, hesitante.

“Não foi? Não choquei?”

Orlov apontou para a mão direita do seu prisioneiro.

“Como acha o senhor que o emissor foi aí parar? Por obra e graça do Espírito Santo?”

O historiador observou a mão com olhos perscrutadores, como se tentasse ver para além da pele.

“Puseram-me este implante na clínica? Foi isso? O acidente foi uma farsa? Não houve acidente nenhum?”

O russo fez-lhe sinal de que voltasse para o seu lugar e acomodou-se de novo na poltrona.

“Acho que pode agora imaginar o que aconteceu nessa noite, não é difícil. O facto é que, mesmo antes do nosso primeiro encontro, já nós tínhamos a sua posição no mapa perfeitamente identificada.

Graças a esse emissor aí, seguimo-lo pela Sibéria até Olkhon e apanhámo-lo depois na taiga, lembra-se?”

“Cabrões”, rosnou Tomás. “Foram vocês...”

“Lamento pela sua amiga.” Apontou para Tomás. “E o senhor só se safou porque ainda precisávamos de si. Sabe porquê?” Indicou Filipe. “Para chegar a ele. A sua sorte foi vocês terem-se separado no Baikal, à noite. O GPS apenas nos dava a sua posição, não a do seu amigo. Quando o descobrimos com a miúda nas margens do Baikal, mas sem o seu amigo, percebemos que teríamos de o deixar à solta, na esperança de ainda nos vir a levar até ele.” Fez um gesto na direcção de Cummings. “Ali o bife é que foi a nossa sorte grande.

Nunca pensámos que também nos conduzisse a ele.” Sorriu. “Mas conduziu.” Acenou com a cabeça, num gesto apreciativo. “O senhor dava um

agente e peras, sabia? Olhe que no tempo da União Soviética seria de certeza recrutado pelo KGB.” Suspirou. “Mas a União Soviética já acabou e, receio bem, o senhor terá de lhe seguir o exemplo.”

“Filho da puta!”

“Então, professor? Estamos a descer de nível?”

“Porque não nos mata já?”

Orlov balançou a cabeça, como se contemplasse essa hipótese.

“É uma possibilidade”, disse. “Mas antes de passarmos à parte mais desagradável da nossa conversa há umas coisas que eu gostaria de perceber, se não se importam.”

“Que coisas?”

O russo desviou os olhos de Tomás e fixou a sua atenção em Filipe e Cummings, as pessoas que lhe poderiam dar as respostas que há muito procurava.

“O que é isso do Sétimo Selo?”

XXXV

O corpo longo e esguio de James Cummings, até aí encolhido no sofá, adquiriu vida como se de repente tivesse sido ligado à corrente eléctrica. O professor de Oxford levantou-se do canto e, com os seus característicos gestos bruscos e desajeitados, quase aos solavancos, pegou no caderno que tinha deixado pousado sobre um móvel e voltou-se para o inesperado público.

"O projecto do Sétimo Selo encontra-se conceptualizado neste caderno", anunciou. "Foi concebido, em termos teóricos, pelo meu colega de Barcelona, professor Blanco Roca, que... humpf... foi cobardemente assassinado no seu gabinete."

Orlov remexeu-se na poltrona, acusando o toque.

"Adiante", ordenou. "Adiante."

O inglês endireitou-se e ficou muito hirto, a olhar o russo com uma expressão sobranceira.

"Este projecto apresenta aquilo que poderá ser a solução para os problemas que a humanidade está já a enfrentar e que se vão agravar no futuro. Trata-se de uma bateria que nunca precisa de recarga, que não emite calor, que não emite som, que não polui e que se alimenta de um combustível muito abundante no nosso planeta."

"Um combustível muito abundante?", admirou-se Orlov. "O quê?

Caca de vaca?"

Cummings fitou o russo com frieza glacial, o desdém a cintilar-lhe nos olhos.

"Água."

Os homens reunidos na sala, com excepção de Filipe, contraíram o rosto numa careta incrédula.

"Água?", exclamou Tomás, que decidira ficar calado, mas naquele instante não conseguiu reprimir a surpresa. "A água como combustível do futuro?"

"A água", insistiu o inglês.

"Mas... mas como?"

O professor de Oxford voltou-se para o móvel e abriu uma gaveta, o que levou os russos a porem as armas a postos, em alerta, sem saberem o que dali iria sair. Cummings mergulhou as mãos na gaveta e extraiu uma grande placa branca, que foi pendurar num prego já colocado na parede. Era um quadro, a superfície láctea e lisa como marfim, igual a tantos outros usados nas reuniões de trabalho das empresas. O académico pegou numa caneta de feltro e assinalou um ponto negro na brancura.

“Tudo começou num ponto, há quinze mil milhões de anos”, disse. “Toda a matéria, o espaço e as forças estavam comprimidas num ponto infinitamente pequeno que de repente, sem que nós saibamos porquê, irrompeu... humpf... criando o universo.”

“O *Big Bang”*, observou Tomás, já familiarizado com esse tema.

“Isso mesmo”, confirmou Cummings. “O *Big Bartg.* Os primeiros segundos foram, como devem imaginar... humpf... muito atribulados.

Começaram a formar-se *quarks* e anti- *quarks,* constituindo os hadrões. Ao fim de um milissegundo, formaram-se os electrões e os neutrinos, mais as suas antipar-tículas. O universo estava em...

humpf... expansão acelerada e, à medida que crescia, ia arrefecendo.

Isso permitiu que, aos cem segundos, os neutrões se começassem a converter em protões. Alguns instantes depois, as partículas juntaram-se em núcleos, mas havia ainda pouco espaço no universo e a temperatura era demasiado elevada, pelo que os... humpf...

electrões colidiam com os fotões e destruíam-se uns aos outros. Se pudéssemos viajar no tempo, veríamos que o universo parecia, nesta altura, um nevoeiro denso. Foi só ao fim de trezentos mil anos, quando a temperatura desceu para baixo dos três mil graus Celsius, que os núcleos conseguiram atrair electrões de um modo estável.

Formaram-se... humpf... os primeiros átomos.” Contemplou a sua bizarra assistência, constituída por dois académicos portugueses e quatro *gangsters* russos. “E qual foi, pergunto-vos eu, o primeiro átomo a ser formado?”

Os russos encolheram os ombros, quase indiferentes. A sua especialidade era outra.

“Hidrogénio”, respondeu Filipe, que já conhecia a resposta.

Cummings voltou-se para o quadro e escreveu um grande H na superfície branca.

“Hidrogénio”, confirmou. “O primeiro elemento da tabela periódica, o mais simples de todos os átomos.” Assinalou dois pontos, um ao lado do outro, e desenhou um círculo em seu redor. “Tem um protão e um neutrão no núcleo e um electrão a orbitar. Humpf... nada mais elementar.” Voltou-se para a assistência. “Também foram criados os átomos de hélio, mas os de hidrogénio eram os mais abundantes. Para cada átomo de hélio havia nove de hidrogénio.”

Orlov suspirou, claramente impaciente.

“Desculpe lá, mas que interesse tem essa conversa de chacha?”

O inglês soergueu a sobrancelha, numa pose muito afectada.

“O... humpf... cavalheiro não queria que eu lhe explicasse o que é o Sétimo Selo?”

“Sim, claro. Mas o que tem isto a ver com o Sétimo Selo?”

“Tenha paciência”, pediu Cummings. O seu corpo de gigante franzino estremeceu, como se tivesse levado um pequeno choque.

“Onde... humpf... ia eu?”

“No hidrogénio.”

“Ah, right ho. O hidrogénio.” Olhou para o H que desenhara no quadro branco. “Pois, o hidrogénio é o mais pequeno, o mais simples, o mais antigo e o mais abundante átomo que existe no universo.”

Ergueu a mão. “Saliento sobretudo a ideia de... humpf... abundante. O

hidrogénio é muito, muito abundante. Três em cada quatro de todos os átomos que se podem encontrar no universo são de hidrogénio. O

hidrogénio... humpf... corresponde a setenta e cinco por cento da massa existente no cosmos.” Arqueou os olhos. “É muito.” Bateu com a ponta da caneta no H. “Sendo tão abundante, todavia, é difícil encontrar hidrogénio em estado puro. Alguém sabe por que razão isso acontece?”

Fez-se silêncio na sala. Ninguém sabia.

“O hidrogénio é reactivo”, disse Filipe por fim, era ele o único que estava a par do assunto.

“O hidrogénio é altamente reactivo”, confirmou o professor de Oxford. Tornava-se evidente que Cummings estava mais habituado a falar para plateias de universitários imberbes do que para bandos de mafiosos mal-encarados. “Isso quer dizer que o hidrogénio odeia...

humpf... a solidão. Como não gosta de ficar sozinho em casa, o que ele faz é juntar-se com grande facilidade a outros átomos. Se fosse uma mulher... humpf... o hidrogénio seria uma prostituta.”

Os russos riram-se. Esta conversa já era mais do seu meio.

“E as mamas?”, perguntou Igor num tom alarve, a espingarda automática a dançar-lhe excitadamente de uma mão para a outra. “E

as mamas? São grandes? Hã? São grandes?”

Cummings arrependeu-se da imprudência de ter recorrido àquela metáfora perante tal plateia e pôs um ar digno, como se não tivesse escutado os comentários.

“O que eu quero dizer com isto é que o hidrogénio, sendo extraordinariamente abundante, quase só se encontra... humpf... em forma híbrida. Por exemplo, quando o hidrogénio se aproxima do oxigénio, cola-se logo a ele, formando a água. Se por acaso é o nitrogénio que passa nas redondezas, o hidrogénio associa-se de imediato e ambos formam amónia. E, se o átomo que passar por perto for o carbono, o hidrogénio agarra-se a ele e... humpf... nascem os hidrocarbonos.”

“Grande puta!”, grunhiu um russo, às gargalhadas. “Vai com o primeiro átomo que lhe passa à frente! Quer ser penetrada pelos electrões de toda a gente!”

“Silêncio”, rosnou Orlov, erguendo a voz para mandar calar os seus homens. “Deixem ouvir.”

Os *gangsters* acalmaram-se, intimidados com a ordem do chefe, as risadinhas reprimidas, e Cummings, que se tinha calado para deixar passar a galhofa obscena, o ar sempre imperturbável, retomou o raciocínio.

“Ao juntar-se aos outros átomos, o... humpf... hidrogénio armazena energia.”

“A energia nuclear?”, perguntou Orlov, em cuja mente a palavra *energia,* associada a *hidrogénio*, dava *bomba de hidrogénio.*

“Não”, corrigiu o inglês. “Isso é outra coisa. Chama-se energia nuclear à energia associada à força forte que... humpf... mantém o núcleo unido. Neste caso, porém, estamos a falar de um outro tipo de energia, uma energia que é armazenada quando o hidrogénio se liga a outros átomos.”

“Ah, bom.”

Cummings deu dois passos para o lado e, aproximando-se da janela, apontou para qualquer coisa que estava para além do vidro sujo.

“Estão a ver aquilo ali?”, perguntou.

Orlov ergueu-se e espreitou pela janela na direcção indicada. Era um enorme arbusto, de aspecto robusto e rude, semelhante aos milhares que se estendiam pela planície.

“Sim, o que tem?”

“Chama-se *wanari* e é uma espécie de acácia.” Encolheu os ombros. “Na verdade, é-me indiferente que seja um... humpf... *wanari* ou outra coisa qualquer. O que importa é que se trata de uma planta.

E isto porquê? O que têm as plantas a ver com... humpf... o hidrogénio?”

Orlov, que regressara ao seu lugar, relacionou a pergunta com o anúncio que Cummings tinha feito no início da sua exposição.

“A água?”

A observação teve o condão de fazer suster as respirações na sala. Sentindo a expectativa, o inglês voltou devagar para junto do quadro branco, onde permanecia rabiscado o H e a estrutura esquemática do átomo de hidrogénio, e fez pleno uso da pausa dramática.

“A água”, confirmou. “Humpf... e o que é a água?” Vol-tou-se para o quadro e escreveu HzO. “São dois átomos de hidrogénio, associados a um de oxigénio.”

“Ménage à trois”, atirou um russo lá de trás, não resistindo à tentação da piadinha.

“Zatknís!”, vociferou Orlov, mandando o prevaricador calar-se e fixando

nele o olhar ameaçador. “Dizes mais uma e vais ver o que te acontece.”

O russo das piadas encolheu-se, comprimiu os lábios e baixou os olhos. Depois daquela reprimenda, era claro que não iria proferir nem mais uma palavra.

“Onde eu queria mesmo chegar era a um processo chamado...

humpf... fotossíntese”, disse Cummings, esforçando-se por manter um fio condutor na sua exposição. “Em termos gerais, a fotossíntese ocorre quando as plantas transformam o ar, a luz do Sol e a água em açúcar.” Virou-se para o quadro e desenhou o Sol por cima e uma folha por baixo, com uma gota de água assente na superfície. “O que se passa é o seguinte.” Do Sol desenhou uma seta apontada para a folha da planta. “A energia solar incide sobre a folha e... humpf...

provoca uma cisão das moléculas de água. O oxigénio e o hidrogénio, que estão unidos na água, separam-se.” Bateu com a caneta na gota desenhada sobre a folha, para enfatizar esse ponto. “Separam-se”, repetiu. “Ora, como já vimos, o hidrogénio não gosta de ficar sozinho.

A energia solar obrigou-o a separar-se do oxigénio, e o átomo de hidrogénio, para recuperar a sua estabilidade, vai logo à procura de um novo companheiro. E quem é que encontra ali na planta? O carbono. Ou seja, o hidrogénio associa-se ao carbono e... humpf... forma um novo composto, chamado carbo-hidrato, com quem partilha a sua energia extra.” Voltou-se para a assistência. “Que nome damos nós aos carbo-hidratos?”

“Açúcar”, respondeu Filipe de imediato, sempre ciente de que mais ninguém iria dar a resposta.

“Nem mais”, confirmou o inglês. “Os carbo-hidratos, que nascem da junção do carbono com o hidrogénio carregado de energia solar, são habitualmente conhecidos por... humpf... açúcar.” Alterou o tom de voz, num aparte. “Daí que o açúcar seja altamente energético.”

“Ah, estou a perceber”, murmurou Orlov.

“O que eu quero dizer... humpf... é que o açúcar é um depósito de energia solar, a qual se encontra armazenada no hidrogénio que compõe o açúcar. Essa energia solar pode depois ser libertada de diversas maneiras.” Simulou o gesto de pôr qualquer coisa na boca.

“Se eu comer uma alface, por exemplo, o hidrocarbono entra no meu corpo e... humpf... sujeita-se à acção química do meu metabolismo, que funciona como a fotossíntese ao contrário. Ou seja, o hidrogénio sepa-ra-se do carbono e volta a juntar-se ao oxigénio, criando uma molécula de água.” Agitou a caneta de feltro no ar. “E aqui é que é a parte crucial”, sublinhou. “Para poder juntar-se ao oxigénio, o hidrogénio tem de se desfazer da energia solar que armazena.

Chama-se oxidação a esse processo e... humpf... é por causa dele que o nosso corpo produz calor. O calor é a energia solar a libertar-se na altura em que, no nosso corpo, o hidrogénio se separa do carbono dos alimentos e se junta ao oxigénio."

"O calor do corpo vem da energia solar contida nos alimentos?", admirou-se o russo.

"Sim, é isso. Mas esta energia do Sol, libertada pelo hidrogénio contido nos alimentos, não assume apenas a forma de... humpf...

calor. Também assume outras formas, como a energia eléctrica, a energia mecânica ou a energia química."

"É, portanto, o que nos dá força."

"É isso." Cerrou os punhos. "A energia do nosso corpo vem da energia do Sol, armazenada no hidrogénio. E o que é interessante é que essa energia, em vez de ser libertada, também pode ser guardada por milhões e milhões de anos." Fez um sinal com o polegar para a janela. "Por exemplo, se as folhas do *wanari* que está lá fora não forem comidas por nenhum animal ou queimadas num incêndio, mas, em vez disso, caírem no chão e se forem enterrando, ao fim de muito tempo transformar-se-ão em... humpf... carvão. Ora que uso damos nós ao carvão?"

"E uma fonte de energia", disse Filipe.

"Nem mais. O carvão é uma fonte de energia. E que tipo de energia é essa? E a energia solar, armazenada pelo hidrogénio no momento da fotossíntese, ocorrida na altura em que a folha do *wanari*... humpf... estava viva. Quando atiramos o carvão para a fornalha, o processo de fotossíntese inverte-se. O hidrogénio larga o carbono e associa-se ao oxigénio, libertando a sua energia extra. E o carbono, que entretanto ficou sozinho, também se associa ao oxigénio, criando o dióxido de carbono, que é libertado na atmosfera.

Isto acontece com o carvão... humpf... e acontece com os outros hidrocarbonetos que se formam ao longo de milhões de anos: o petróleo e o gás."

"Se bem entendi, a energia não está no carbono", resumiu Orlov.

"Está no hidrogénio."

"Isso. O que significa que, quanto mais átomos de hidrogénio tem o hidrocarbono... humpf... mais energia esse hidrocarbono contém."

"Os hidrocarbonos não têm todos a mesma quantidade de hidrogénio?"

"Não, de modo nenhum. Por exemplo, o hidrocarboneto com menos energia é... humpf... o carvão. E porquê? Porque o carvão tem o carbono e o hidrogénio na proporção de um para um. Já o petróleo é mais energético, uma vez que, para cada átomo de carbono que possui, existem dois de hidrogénio. E o gás natural pode libertar ainda mais energia, dado que tem... humpf... quatro átomos de

hidrogénio para cada átomo de carbono.” Olhou a assistência. “Isto está claro?”

“Sim.”

“Então prestem atenção a esta pergunta... humpf... porque é importante.” Fez uma curta pausa. “E se, em vez de queimarmos um combustível que tem carbono e hidrogénio, queimarmos apenas hidrogénio? O que acontece?”

“Apenas hidrogénio?”

“Sim. E se, na palavra *hidrocarbonos,* dispensarmos os *carbonos?* E se... humpf... ficarmos só com os *hidros?”*

“Isso é possível?”

“Porque não? Tiramos os carbonos da equação e ficamos apenas com o... humpf... hidrogénio.”

Orlov encolheu os ombros.

“Qual seria a consequência?”

Cummings pareceu espantado com a pergunta.

“À luz do que eu já vos expliquei, a consequência não vos parece... humpf... óbvia? Então, se a energia do petróleo está no hidrogénio que ele contém e não no carbono, é evidente que, se eu retirar o carbono da equação, continuarei a dispor de energia.”

Repetiu a ideia, preocupado em sublinhar este ponto crucial. “Não se esqueçam de que... humpf... a energia está no hidrogénio, não no carbono.”

“Estou a ver.”

“Ou seja, eu não preciso do carvão, do petróleo ou do gás natural para nada. Apenas preciso do hidrogénio.”

“Mas isso é brilhante”, exclamou Tomás, rompendo o mutismo a que se remetera. “Brilhante.”

Orlov abanou a cabeça, sem entender bem.

“Qual é a vantagem disso?”

Cummings estreitou as pálpebras. A cabeça do russo era dura.

“Oiça, o que provoca o aumento da temperatura do planeta?”, perguntou, enchendo-se de paciência professoral.

“Segundo o que os maricas dos ecologistas andam para aí a dizer, é a queima do petróleo.”

“Que é um hidrocarboneto”, adiantou o inglês de imediato.

“Repare bem que, quando se queima petróleo, o que acontece...

humpf... é que ocorre a fotossíntese ao contrário. Ou seja, o hidrogénio liberta-se do carbono e associa-se ao oxigénio. Como fica sozinho, o carbono também se associa ao oxigénio, criando um novo composto. Como se chama... humpf... esse composto?”

“Dióxido de carbono”, repetiu Filipe, sem perder tempo.

“E qual o composto mais responsável pelo efeito de estufa que provoca o... humpf... aquecimento do planeta?”

“Dióxido de carbono”, disse o geólogo, como se tivesse o disco riscado.

“Então o que acontece se tirarmos o carbono da equação?”

“Deixa de se formar o dióxido de carbono, porque não há carbono.”

Os olhos de Cummings pousaram em Orlov, insinuando que não era preciso acrescentar mais nada.

“Está a perceber agora qual a vantagem de se queimar apenas o hidrogénio?”

“Sim.”

“Se eliminarmos o carbono e ficarmos apenas com o hidrogénio, retemos a parte energética do combustível e, ao mesmo tempo, deixamos de lançar dióxido de carbono na atmosfera. É uma solução ganhadora a todos os níveis. Ganhamos mais energia... humpf... e ganhamos uma energia limpa.”

“O hidrogénio puro tem mais energia do que a gasolina?”

“Claro que tem”, exclamou Cummings, quase escandalizado com a pergunta. “Um litro de hidrogénio possui três vezes mais energia do que um litro de gasolina.”

“Hmm.”

“E assim matamos dois coelhos com... humpf... uma cajadada só”, exclamou o inglês. “Paramos o aquecimento do planeta e deixamos de depender do petróleo, recorrendo ao... humpf... átomo mais abundante do universo para ir buscar o combustível de que precisamos.”

Orlov contorceu-se na poltrona, reflectindo sobre o que ouvira.

“Isso é muito inconveniente para os meus empregadores”, observou sombriamente. “Se essa ideia for conhecida e desenvolvida, eles vão ficar no desemprego.” Fez uma pausa. “E eu também.”

Cummings cofiou a sua barba branca.

“Pois, imagino que isso seja... humpf... um pouco aborrecido para a indústria petrolífera, sim.”

O russo acariciou a arma.

“Vamos ter de fazer alguma coisa para resolver esse problema, não lhe parece?”

O inglês olhou, horrorizado, para a espingarda automática nas mãos de Orlov.

“Mas, espere, ainda há um problema a resolver”, apressou-se a acrescentar, os olhos a saltitarem nervosamente entre a arma e o russo.

“Problema? Que problema?”

“Onde é que vamos buscar o hidrogénio?”

Orlov pareceu não estar a perceber a pergunta.

“Bem... não foi você que disse que três em cada quatro átomos existentes no universo são de hidrogénio?”

“Disse, e... humpf... é verdade.”

“Então qual é o problema?”

“É um facto que setenta e cinco por cento da massa existente no cosmos é hidrogénio. Mas eu acrescentei também outra coisa, não se lembra?”

Orlov fez um esforço de memória, mas nada lhe ocorreu.

“O quê?”

“Expliquei que o hidrogénio, sendo imensamente abundante, odeia viver sozinho. O que ele gosta é de se associar a outros átomos.”

“Ah, sim”, sorriu o russo. “O hidrogénio é uma puta.”

“Pois... humpf... é isso”, murmurou Cummings, revirando os olhos. “Ora a facilidade que o hidrogénio tem em associar-se a outros átomos faz com que seja muito raro encontrar átomos isolados de hidrogénio.”

O rosto do russo abriu-se num sorriso.

“Ah, pois é”, exclamou. “Você disse isso, disse.” Cruzou a perna, satisfeito. “Então como vão vocês resolver esse problema?”

“Quer mesmo saber?”

“Estou curioso.”

Foi a vez de ser o inglês a sorrir.

“Então peguem nas vossas coisas e venham ali connosco.”

“Ali, onde?”

“Já vai... humpf... ver.”

XXXVI

Como um rebanho vigiado por ferozes molossos de dentes arreganhados, os três prisioneiros foram escoltados para os dois jipes.

Tomás e Cummings enfiaram-se no banco traseiro de uma das viaturas dos russos, Igor pôs-se ao volante e o corpo maciço de Orlov sentou-se ao lado, de arma nas mãos, voltado para trás e atento aos cativos; Filipe teve de ir para o segundo jipe, entregue aos outros dois russos.

“Para onde vamos?”, perguntou Orlov.

O inglês indicou as rochas de topo arredondado, que se erguiam como bolhas avermelhadas no horizonte.

“As Olgas”, disse Cummings. “Aquelas formações ali.”

Igor identificou o destino e olhou em redor, à procura de um caminho naquela direcção.

“Como é que se vai para lá? Atravessamos o deserto?”

“Não, é melhor apanhar a Estrada Quatro e, antes de Uluru, sair no trilho à direita.”

Os jipes arrancaram com fragor, as rodas a patinarem na areia púrpura do deserto australiano e a levantarem uma enorme poeirada, e seguiram pelo trilho por onde tinham vindo, dirigindo-se para a estrada alcatroada entre o aeroporto e Yuiara. Fazia um calor infernal, mas dessa vez Tomás nem notou; sentia-se demasiado preocupado com o seu destino imediato para se incomodar com ninharias.

“Afinal o que vai você mostrar-nos?”, quis saber Orlov, inquirindo Cummings.

“Já vai... humpf... ver.”

“Não”, insistiu o russo, muito firme. “Eu quero saber agora.”

Cummings e Tomás trocaram um olhar apreensivo. Quanto mais depressa os russos soubessem tudo, mais cedo seria o seu fim. É

verdade que o historiador não alimentava grandes ilusões quanto às suas hipóteses de sobrevivência nas mãos daqueles homens; vira-os executar Nadezhda com arrepiante frieza e sabia que para os seus carcereiros a vida humana não valia mais do que a de uma formiga; tinha plena consciência de que naquele instante ele e os outros dois prisioneiros não passavam de insectos aos olhos dos seus guardas, seres insignificantes que tinham tido o desplante de se atravessar no caminho de interesses poderosos e que, entregues agora à sua sorte, iriam em breve enfrentar o fim num qualquer recanto daquele remoto deserto.

Mas, mesmo sabendo tudo isso, mesmo percebendo que tinha o destino irrevogavelmente traçado e que nada poderia fazer, Tomás agarrava-se ainda à ilusão da vida, à vontade de escapar, à esperança de se salvar; até poderiam ganhar apenas dez minutos, uns dez miseráveis minutos, mas sempre seriam mais dez minutos de vida e valia a pena lutar por eles.

"Como é?", porfiou Orlov, os olhos cravados no inglês. "Perdeu o pio?" Girou a arma, de modo a arranjar espaço no assento quase totalmente ocupado pelo seu enorme corpo, e colou o cano à testa de Tomás. "Se não começar já a cantar, aqui o professor português é despachado de imediato." Sorriu, malicioso. "Garanto-lhe que não vai gostar nada do espectáculo. Verá o aborrecido que é andar a limpar os miolos que ficarem espalhados aí no assento."

A transpiração de Tomás tornou-se copiosa e, num estado febril, deu consigo a interrogar-se sobre como seria o fim. Sentiria dor? Ou deixaria de existir de um momento para o outro? Agora via o cano da espingarda automática apontado para a testa, a seguir seriam as trevas eternas, o grande nada.

"Por favor", implorou Cummings. "Não há necessidade disso.

Somos todos... humpf... pessoas razoáveis, não somos?"

"Então é melhor você começar a ser razoável e contar o resto da história", rosnou Orlov, batendo com o dedo gordo no relógio de pulso. "Temos voo marcado para o final da tarde e tenho pressa de despachar o serviço, percebeu? Não quero perder o avião e muito menos ficar mais um dia neste buraco perdido no meio do nada."

"Eu conto-lhe, tenha calma. Não vou atrasar o seu... humpf...

serviço, fique descansado."

O russo recolheu a arma e manteve os olhos fixos no professor de Oxford, aguardando o resto da história. Já sem o cano colado à testa, Tomás quase teve um colapso nervoso; o coração saltava-lhe como uma bola em ricochete no peito, sentia o corpo mole e os joelhos e as mãos tremiam descontroladamente.

"Então?", voltou Orlov a grunhir, impaciente. "Olhe que não tenho todo o dia."

Os jipes abandonaram o trilho no deserto e subiram para o impecável alcatrão da Estrada Quatro, logo depois de Yulara, virando aí em direcção ao magnífico maciço vermelho de Uluru.

"Estávamos então a falar do hidrogénio, não estávamos?", começou Cummings, tentando reordenar o seu pensamento naquelas circunstâncias penosas. "O carbono é o átomo dos combustíveis fósseis que aquece o planeta, mas... humpf... quem tem a energia é o hidrogénio. Se tirarmos o carbono e ficarmos só com o hidrogénio, acaba-se o aquecimento do planeta e a dependência em relação aos combustíveis fósseis. Do ponto de vista conceptual,

nada mais...

humpf... simples.”

“O problema é arranjar o hidrogénio em estado puro”, observou o russo.

“Sim, o hidrogénio é o átomo mais abundante do universo, mas...

humpf... é difícil arranjá-lo em estado puro.”

“Então como é que você faz?”

Cummings passou os dedos delgados nos pelos brancos da barba, como se o que fosse dizer a seguir fosse a descoberta mais óbvia da história da humanidade.

“Uso a... humpf... água.”

“Porquê?”

“A água é um composto muito abundante no nosso planeta, não é? Porque não usá-la... humpf... como combustível?”

“Mas como é que você faz isso?”

O inglês suspirou, um tanto enfadado por ter de explicar o seu trabalho a um energúmeno com a missão de o matar.

“Oiça”, disse. “Você sabe decerto qual... humpf... a fórmula química da água, não sabe?”

“H2o”, devolveu o russo. “Isso é elementar.”

“E o H vem de onde?”

“E o símbolo do hidrogénio.”

“Consequentemente, a água tem... humpf... hidrogénio, certo?”

“Sim.”

“Então é aí que eu vou buscar a... humpf... energia. Ao hidrogénio da água.”

“Mas como é que faz isso?”, insistiu Orlov.

“Você sabe o que é a electrólise?”

O russo fez um esforço de memória.

“Já dei isso na escola”, observou. “E um processo químico qualquer, não é?”

“A electrólise é a decomposição de uma substância química...

humpf... através de uma corrente eléctrica. Os seus princípios baseiam-se nas leis de Faraday e, através desse processo, é possível separar os dois elementos da água, o oxigénio e o hidrogénio. Para conseguir isso, coloca-se água pura num recipiente e... humpf... liga-se a corrente eléctrica. Submetidos à energia eléctrica, os átomos de hidrogénio separam-se dos de oxigénio e juntam-se aos outros átomos de hidrogénio. A energia eléctrica gasta neste processo...

humpf... fica armazenada no hidrogénio.”

“Isso não é um processo novo, pois não?”

“Não, é uma coisa antiga. A primeira vez que... humpf... se fez a electrólise foi em 1800.”

“Então onde quer você chegar?”

Cummings inclinou-se para a frente, como se se preparasse para confidenciar um segredo.

“E se... humpf... invertermos o processo? O que acontece?”

“Inverter o processo? O que quer dizer com isso?”

“Inverter o processo”, repetiu o inglês. “Em vez de pegar em água e separar os seus dois elementos, hidrogénio e oxigénio, porque não... humpf... uni-los?” Arqueou as sobrancelhas. “O que acha você que aconteceria?”

Orlov considerou aquela ideia.

“Bem, suponho que, se se juntasse o hidrogénio e o oxigénio, se formava outra vez a água, não é?”

“Claro.”

“E então? Qual é a vantagem disso?”

Cummings recostou-se no assento.

“Não se lembra de eu lhe explicar que, quando o hidrogénio se volta a juntar ao oxigénio... humpf... se liberta a energia de ligação entre eles?”

“Sim.”

“Então é essa... humpf... a vantagem.”

Os jipes aproximaram-se de uma tabuleta que indicava *Kata Tjuta/The Olgas,* já perto do enorme e majestoso monólito de Uluru, e abrandaram. Tomás, que durante todo o troço de estrada alcatroada se mantivera atento ao tráfego, na expectativa de ver alguma viatura da polícia ou do exército passar providencialmente naquela altura, sentiu o coração comprimir-se e a esperança esfumar-se. A direita nascia um estreito caminho de terra e foi para aí que as duas viaturas desceram, abandonando a estrada e iniciando o último troço no deserto.

Orlov acompanhou a manobra enquanto ela se processou, mas, logo que o jipe começou a saltitar pelo trilho, regressou ao tema que naquele instante lhe ocupava a atenção.

“Portanto, se bem entendi, o senhor quer aproveitar a energia extra do hidrogénio.” Arqueou o sobrolho. “É isso?”

“Claro.”

“E como poderá fazê-lo?”

Cummings ergueu o dedo, como se indicasse que aquela pergunta era muito pertinente.

“Essa é a grande questão”, exclamou. Fez um gesto com as mãos, como se segurasse um objecto rectangular invisível. “A solução é arranjar uma caixa... humpf... dividida em duas partes.” Simulou que enchia cada um dos lados da caixa. “Colocamos oxigénio numa parte e hidrogénio puro na outra.

Posicionamos um metal especial, designado catalista, na parte do hidrogénio, de modo a provocar uma reacção química... humpf... que forçará os átomos de hidrogénio a solta-rem-se. O problema é que, sozinhos, esses átomos tornam-se muito instáveis e têm grande urgência em associar-se a outros elementos." Alterou o tom de voz, num aparte. "Lembre-se de que eles odeiam a solidão." Inclinou a cabeça. "Ora, se os átomos de hidrogénio quiserem acasalar com outros átomos, quais são...

humpf... os parceiros mais disponíveis nas redondezas?"

"O oxigénio?"

O inglês sorriu.

"O oxigénio armazenado no outro lado da caixa", confirmou.

"Quando o catalista provoca a reacção química que solta os átomos de hidrogénio, esses átomos... humpf... vão a correr em direcção aos de oxigénio." Aproximou o dedo esquerdo do direito, simulando a aproximação entre os dois elementos. "O que nós vamos fazer é abrir um corredor que viabilize esse encontro, colocando um electrólito...

humpf... entre as duas partes da caixa. O electrólito deixa passar o protão de hidrogénio, mas, atenção, barra o caminho ao electrão. Ora isto é um problema, uma vez que o electrão fica totalmente desesperado com esta separação e quer a todo o custo juntar-se ao protão. Como somos boas pessoas... humpf... e ficamos com enorme pena do electrão solitário, coitadinho, arranjamos maneira de possibilitar esse encontro romântico."

"E como é que fazem isso?"

"Abrimos um segundo corredor, instalando um fio metálico entre os dois lados da caixa." Procurou o russo com os olhos. "Está claro...

humpf... isto?"

"Sim", disse Orlov. "O protão do átomo de hidrogénio passa pelo electrólito e o electrão tem de ir pelo fio metálico."

"Right ho", exclamou Cummings, satisfeito por até um *gangster* ser capaz de perceber a sua explicação técnica. "E é aqui que está ...

humpf... o segredo. Um electrão é, na prática, uma descarga de corrente eléctrica, o que significa que a sua deslocação liberta energia sob uma forma que pode ser usada para o que quisermos.

Com ela podemos acender lâmpadas ou... humpf... pôr motores de automóveis em funcionamento." Fez um gesto vago com a mão. "O

que quisermos." Indicou a outra metade da caixa imaginária. "Uma vez no outro lado, o electrão junta-se ao protão e, agora reconstituído, o átomo de hidrogénio... humpf... pode então acasalar com o oxigénio e formar água."

Orlov ficou um longo momento a massajar o queixo enquanto assimilava as

implicações deste processo.

“E é isso o Sétimo Selo?”

O inglês assentiu com a cabeça.

“Em termos esquemáticos, sim. O Sétimo Selo é um projecto para desenvolver uma nova fonte de energia, usando um combustível... humpf... muito mais abundante do que o petróleo e que funciona sem o carbono que aquece a atmosfera. O nosso desafio envolveu a resolução de problemas técnicos específicos, incluindo as delicadas questões da concentração e do armazenamento do hidrogénio, tornando-o uma alternativa vantajosa aos combustíveis fósseis. O hidrogénio já era conhecido como alternativa energética.

Nós limitámo-nos a superar os derradeiros obstáculos.”

“E já passou à fase de testes?”

“Não tenho feito... humpf... outra coisa.”

Orlov assinalou o deserto em redor.

“Foi para isso que veio para aqui?”

“Bem... não. Eu podia perfeitamente fazer isto em Oxford, um lugar que, para ser sincero, se me afigura bem mais simpático.

Acontece que havia uns... humpf... *nasty chaps* que decidiram que este trabalho era inconveniente e que...”

“Sim, já sei”, cortou Orlov, impaciente. “Mas já experimentou esse sistema em automóveis?”

“Com certeza.”

“E qual o resultado?”

“Quatro litros de gasolina... humpf... dão para um automóvel normal percorrer, em média, cinquenta quilómetros, não é? Mas nos testes que efectuei aqui no deserto, um carro movido com este tipo de bateria conseguiu percorrer mais de cem quilómetros... humpf...

com apenas um quilo de hidrogénio.”

“A sério?”

“A eficiência quase triplicou”, disse. “Além disso, as baterias de hidrogénio são silenciosas, não apresentaram quaisquer vibrações e...

humpf... apenas emitiram vapor de água.” Ergueu o indicador. “Acima de tudo, é muito importante lembrar, não houve libertação de dióxido de carbono, uma vez que o processo... humpf... não envolve carbono.”

O russo estreitou as pálpebras.

“Onde foram realizados esses testes?”

Cummings fez sinal para diante. No fim do caminho de terra que serpenteava pelo deserto australiano esperava-os a estranha estrutura de rochas arredondadas; pareciam gigantescos seixos da praia, uma fantástica composição esculpida pelo

sopro da natureza.

“Ali”, disse. “Nas Olgas. Foi lá que os testes foram feitos e é lá que o equipamento está guardado.” Remexeu-se no assento. “Mas...

humpf... para que precisa você de o ver?”

Orlov arreganhou os dentes, numa cruel caricatura de sorriso.

“Para destruir tudo.”

XXXVII

Os dois jipes estacionaram junto ao estranho conjunto de rochas arredondadas, enoveladas como gigantescas antas, esculpidas pelo vento e pelo tempo, algumas tão grandes que a maior parecia ainda mais alta que o monólito vizinho de Uluru. Os russos deram ordem aos prisioneiros para se apearem e, uma vez fora dos carros, todos se deixaram ficar imóveis por um longo instante, indiferentes ao calor e ao pó, absortos na contemplação do enigmático cenário que se erguia diante de si.

“Como se chama isto?”, perguntou Orlov, sem tirar os olhos das grandes pedras.

“As Olgas”, disse Cummings. “Mas os aborígenes cha-mam-lhes... humpf... Kata Tjuta. Parece que significa «muitas cabeças».”

O russo olhou em redor, perscrutando o horizonte.

“E onde guarda o senhor o material?”

“Qual material?”

“Não se faça desentendido.”

Cummings apontou para a direita.

“Temos de... humpf... ir por ali.”

Voltaram-se para o local e viram um profundo desfiladeiro aberto entre duas das maiores pedras do conjunto.

“O que é aquilo?”

“É um trilho”, explicou o inglês. “Chama-se... humpf... Walpa Gorge.”

A um sinal, o grupo pôs-se em movimento em fila indiana, Orlov e Cummings à frente, depois Igor, a seguir os outros dois prisioneiros e, na cauda, os dois restantes russos. O piso era árido e a vegetação rasteira escassa. Ao chegarem à entrada do desfiladeiro sentiram o vento quente soprar-lhes no rosto, como se lá ao fundo estivesse uma gigantesca ventoinha.

Após uma breve hesitação, Orlov contornou um pedregulho e entrou no desfiladeiro, logo seguido pelo grupo. Avançaram por entre aquela passagem estreita com passos cuidadosos, irresolutos, percorrendo devagar o caminho rasgado por entre as paredes íngremes das rochas monstruosas. Os seus passos ecoavam pelas encostas, crescendo, multiplican-do-se; a barulheira tornou-se tão grande que parecia que um exército estava a descer por Walpa Gorge.

Uma pedra rolou do alto e Orlov, sempre muito atento, estacou.

“Alto”, ordenou, erguendo a mão direita.

O grupo parou a marcha e os russos analisaram o desfiladeiro, procurando

movimentos suspeitos.

“Ali!”, exclamou Igor, apontando para a crista da enorme rocha que os emparedava. “Está ali alguém!”

“Devem ser... humpf... aborígenes”, apressou-se Cummings a explicar. “Esta terra é sagrada para eles.”

“Hmm”, murmurou Orlov. “Não estou a gostar disto.” Fez um gesto em direcção do ponto de onde tinham vindo. “Se calhar é melhor voltarmos para trás.”

“São apenas aborígenes”, insistiu o inglês. “Não há... humpf...

qualquer problema.”

Orlov analisou o desfiladeiro.

“Não, não arrisco. Esta passagem é demasiado estreita para o meu gosto.” Fez um gesto com a mão. “Vamos para trás.”

Igor deu uma ordem aos outros russos e o grupo fez meia volta.

Foi nesse instante, quando todos já caminhavam em direcção ao ponto de onde tinham vindo, que uma voz ressoou pelo desfiladeiro, possante como um trovão.

“Todos quietos!”

Ficaram imóveis no trilho, sem saberem se deveriam recuar ou avançar, tentando reordenar os pensamentos.

“Mas que raio...”, rosnou Orlov, a arma pronta, a cabeça a rodopiar em busca da voz que berrara a ordem.

O Walpa Gorge pareceu suspender-se no tempo.

“Deitem as armas no chão”, berrou a mesma voz. “Ergam as mãos acima da cabeça.”

Por um instante, tudo permaneceu congelado, como numa fotografia; apenas o adejar indiferente do pó no ar quebrava essa ilusão. Mas naquela imagem estática algo se mexeu, um movimento ali em cima, uma cabeça que espreitava do topo do penhasco, um corpo que saía da sombra. Os vultos tinham um chapéu largo na cabeça, como o dos *cowboys*, e *t-sbirts* e calças cinzentas.

“A polícia!”, exclamou Orlov, petrificado.

A voz voltou a ecoar pelo desfiladeiro.

“Não voltamos a avisar”, disse. “Deponham as armas e levantem os braços.”

Orlov fez um sinal aos seus homens e os russos atiraram-se para trás dos pedregulhos. Igor puxou os prisioneiros para um canto e espreitou para cima. Soou um tiro, depois outro e outro ainda.

Crack.

Crack.

Os disparos começaram por ser isolados, um tiro aqui e a resposta ali, mas

logo vieram mais e mais ainda, de repente a situação pareceu fora de controlo; os disparos eram tantos e tão próximos que se transformaram em tiroteio cerrado.

Crack-crack-crack-crack-crack.

O ar em torno do pedregulho para onde os prisioneiros foram atirados estralejava de detonações e de zumbidos de projécteis, por toda a parte se erguiam penachos de pó, eram as balas que atingiam as rochas e feriam a terra.

Tomás olhou em redor e já não sabia quem disparava sobre quem, tão grande era a confusão que ali se instalara. Viu Igor encostado ao pedregulho a procurar alvos no topo das enormes pedras que emparedavam o trilho. Espreitou para cima e não vislumbrou ninguém; era como se os polícias se tivessem volatilizado, fantasmas a assombrarem o desfiladeiro.

Sentiu uma mão puxar-lhe o braço e virou a cabeça. Filipe fazia-lhe sinal com os olhos.

"Vamos", murmurou, tenso.

"Vamos onde?"

"Depressa", disse, num tom conclusivo.

O amigo certificou-se uma derradeira vez de que Igor olhava para o outro lado e atirou-se para lá da pedra, arrastando-se e gatinhando por entre moitas e pedregulhos. Cummings seguiu-o de imediato, com uma agilidade surpreendente para a idade, e Tomás, vencendo uma derradeira hesitação, atirou-se no seu encalço.

"Stop!", gritou alguém atrás.

Era a voz de Igor.

Num impulso, movendo-se o mais depressa possível, tentando fundir-se com o ar, Tomás saltou para uma sombra, era um pequeno declive, rebolou pelo chão, bateu com a mão no ângulo de uma pedra, sentiu dor mas ignorou-a, projectou-se para a frente e procurou protecção por entre as rochas.

Crack.

O estampido explodiu-lhe junto dos ouvidos com violência, tão perto a arma tinha sido disparada.

Crack-crack.

Era Igor que abria fogo sobre os fugitivos. Com horror, o pânico a tomar-lhe conta do corpo, Tomás percebeu que o brutamontes russo lhes dava caça. Se não os capturasse, matá-los-ia. Ou se calhar já nem os queria sequer capturar, apenas procurava mesmo abatê-los.

Sentiu ganas de se levantar e correr como um desalmado desfiladeiro fora; o corpo implorava-lhe que o fizesse, correria como o vento, mas uma réstia de lucidez dominou o impulso primário, uma voz na mente avisou-o de que, se se erguesse naquele instante, tombaria logo a seguir, e para sempre. Confiou nessa

voz como um cego confia no cão que o guia e manteve-se baixo, rolando nos declives, trepando pelas cristas, rastejando pela terra vermelha e empoeirada como uma cobra que serpenteia colada ao chão. Parou um instante para se orientar, tentando localizar os outros fugitivos, mas Filipe e Cummings haviam desaparecido, no desespero da fuga cada um seguira o seu caminho, um para um lado e outro para outro.

Crack.

A bala sibilou perto do ouvido de Tomás e o som teve o efeito de um choque eléctrico. Os movimentos do historiador redobraram de energia e o corpo rolou pelo chão, buscando a protecção do solo.

Sentiu que embatia numa das paredes que comprimiam o desfiladeiro e gatinhou por entre as moitas, os ramos a arranharem-lhe a pele, até que sentiu uma fenda na rocha e se enfiou lá.

Era uma abertura estreita e escura. Com o coração a rufar-lhe no peito como um batuque, olhou em volta e esforçou-se por absorver a topografia do terreno que o cercava. Sabia que a sua segurança era momentânea, que Igor vinha no seu encalço, que dispunha de apenas alguns segundos para escapar daquela ratoeira. A fenda rachava a pedra pelo interior e Tomás experimentou um terrível sentimento de indecisão. Poderia saltar de novo para o desfiladeiro e gatinhar ao longo da parede, mas provavelmente seria visto por Igor e tê-lo-ia à perna. Era um risco. Poderia subir pela fenda e ver aonde ela o levaria, mas era provável que isso viesse a revelar-se um beco sem saída, deixando-o sem escapatória quando Igor chegasse ao buraco.

Era outro risco.

O que fazer?

O tiroteio prosseguia no desfiladeiro, intenso e caótico, até que, por entre as detonações que ecoavam por Walpa Gorge, se apercebeu de que alguém se aproximava. Era Igor que ali vinha. Ao verificar que o regresso ao desfiladeiro se tornara uma absoluta impossibilidade, Tomás mergulhou nas profundezas da abertura e trepou em direcção à luz; apoiando um pé numa saliência, agarrando a terra com uma mão, fazendo de uma rocha um degrau, escorregava e recomeçava, irrequieto, tentando controlar o pânico, esforçando-se por escalar a todo o custo, com a determinação dos desesperados.

Alcançou um parapeito e sentou-se para repousar um momento.

Pingava gotas de transpiração em abundância; na verdade nem eram gotas, mas um fio de água que lhe escorria pela ponta do nariz e pelo queixo, nunca pensou que fosse possível suar tão intensamente.

Sentiu uma sede incrível e a boca muito seca; passou a língua pelos lábios, mas era como se ela fosse de cortiça, nem uma gota de saliva conseguiu extrair.

Encolheu os ombros, resignado. Sabia que naquele momento crítico a água constituía a última das prioridades.

Ouviu movimento em baixo e viu um vulto; era Igor que se aproximava com a espingarda automática nas mãos. Os olhos de ambos cruzaram-se num instante de reconhecimento, mas foi mesmo um efémero momento porque depressa o russo rodou a arma e voltou o cano para cima, na sua direcção.

Crack.

Tomás rolou para o lado, no parapeito, e escapou a tempo à bala assassina. O parapeito tinha uns dois metros, o que lhe dava espaço de recuo, mas o cerco apertava e tornava-se claro que Igor nem precisava de subir; bastava-lhe escalar até à borda e apontar a arma, coisa de alguns segundos.

O fugitivo explorou apressadamente o parapeito, andando para cá e para lá, como um leão enjaulado, sempre em busca de uma saída daquela armadilha. Não havia nada, estava encurralado. Sentiu a respiração ofegante de Igor no esforço da escalada e viu o cano da arma subir acima da linha da borda do parapeito; parecia um periscópio a emergir das águas do mar.

Num arremesso de desespero, Tomás deu um salto até à borda, espreitou para baixo e viu a cabeça de Igor a meio metro de distância. O russo arfava agarrado às saliências para subir ao parapeito. Sem hesitar, o fugitivo ergueu a perna e, nesse instante, passando de presa a predador, desferiu uma brutal pisadela na nuca do russo. Apanhado de surpresa, Igor bateu com a testa na parede, desequilibrou-se e caiu com estrondo no chão da fenda.

O contra-ataque deu algum tempo adicional a Tomás, que recuou até à parede do parapeito e reavaliou a situação. Do local onde se encontrava não conseguiria subir mais. Haveria algum caminho alternativo que, na loucura da fuga, lhe tivesse escapado? Estudou melhor a fenda e viu que, se desse um salto sobre o parapeito, passando por cima do local de onde viera e onde agora se encontrava o seu perseguidor, poderia atingir uma pequena plataforma com um trilho aberto na rocha. Mas era arriscado, uma vez que teria de se expor por instantes à mira de Igor; além disso, se o salto falhasse, arris-cava-se a cair na fenda onde o russo o aguardava.

Enquanto avaliava os prós e os contras, ouviu o som da respiração de Igor e percebeu que este tentava de novo alcançar o parapeito. Foi nesse instante que tomou a decisão. Antes que o seu perseguidor subisse de mais, Tomás aproximou-se da borda e espreitou para baixo. A primeira coisa que viu foi o cano da arma apontado na sua direcção.

Crack.

A bala roçou-lhe a cabeça e o estrondo ficou a zunir-lhe nos ouvidos, deixando-o momentaneamente atordoado.

Cabrão, pensou. Já estava à espera que eu espreitasse.

A táctica do pontapé, percebeu, já não voltaria a surpreender o seu inimigo, que agora escalava a fenda com cautelas redobradas. O

tempo urgia e por isso Tomás tomou balanço, encheu os pulmões como quem se enche de coragem, correu para a borda e saltou.

Aterrou com um gemido na plataforma para onde tinha apontado o corpo. Sentiu que se desequilibrava, girou os braços no ar em busca de estabilidade e agarrou-se por fim a uma saliência, evitando a queda na fenda. Ouviu lá atrás os movimentos de Igor a apressar a sua escalada e percebeu que em breve o russo o alcançaria.

Levantou-se e percorreu o trilho rasgado na pedra. Alguns metros adiante, o trilho parecia desaparecer na sombra, engolido por um buraco com o tamanho de um cão. A sensação de que estava encurralado regressou em força, uma vez que não podia voltar para trás.

Sem alternativas, Tomás deitou-se no chão e rastejou pela entrada do buraco, sem saber o que iria encontrar nas trevas. Nada de bom, imaginou, mas aquela era a única saída, de maneira que seguiu caminho. Sentiu zumbidos à volta da cabeça; eram insectos a esvoaçar, surpreendidos com a presença do intruso. Uma nesga de luz incidiu sobre um estranho lagarto cheio de picos, de ar temível; tratava-se de um diabo-espinhoso, que o mirava com espanto por vê-

lo naquelas paragens.

O fugitivo fez um esforço por ignorar a bicharada, mas era mais forte do que ele. Sentiu comichões por todo o corpo e apressou-se, não sabia se eram os bichos a passear-se debaixo da roupa ou se era a sua imaginação a fervilhar, mas decidiu não verificar, não fosse dar-se o caso de não gostar do que viesse a descobrir. A verdade é que pressentia movimento por toda a parte e teve de fazer um esforço para controlar os medos. Internou-se no buraco e, contorcendo-se, conseguiu acompanhar uma curva para a esquerda e deixar a entrada bem lá para trás.

Negro.

Como o abismo mais profundo, como a sombra mais tenebrosa, era negro tudo o que rodeava Tomás. Ali já nem o clarão da entrada chegava, nada se enxergava e tudo se sentia. Quase fazia frio e o intruso tacteava agora às cegas, a cabeça embatendo numa saliência invisível, as mãos procurando adivinhar as curvas abertas na rocha, os ouvidos sempre atentos aos sons da bicharada que ali se ocultava.

Que ameaças se escondem aqui?, interrogava-se Tomás quase sem cessar. Que insectos, que lagartos, que nojos, que venenos? Haveria escorpiões? Haveria cobras? Como poderia não as haver num tal buraco, tão grande e tão

profundo, tão escondido e tão medonho?

Parou, a respiração pesada, ofegante, aflita. Teve ganas de recuar e voltar ao ponto de partida, de fugir dali, a ameaça desconhecida parecia-lhe mais terrível do que a que sabia que o esperava lá atrás, mas teve de fechar os olhos e controlar o pânico, teve de reunir forças para dominar a claustrofobia que o sufocava, teve de concentrar-se e lembrar-se que lá atrás o espreitava a morte e que, qualquer que fosse a ameaça invisível que se escondesse naquele buraco, jamais poderia ser pior do que a certeza que o aguardava se recuasse.

Encheu-se de coragem e enfrentou o desconhecido. Recomeçou a rastejar, tacteando no escuro, como um cego desajeitado, procurando com as mãos formar na mente a imagem dos contornos invisíveis daquele túnel escavado na rocha. Embateu numa enorme superfície que bloqueava o caminho e estacou, ansioso. Seria o fim da linha? Apalpou as paredes frias do buraco, acariciando as pedras e a terra, até que sentiu que à direita se abria uma saída. Seria um antro de cobras? Pegou numas pedrinhas soltas e atirou-as naquela direcção, como se avisasse a bicharada de que era melhor sair dali porque vinha aí gente; e aguardou, expectante, tentando perceber se havia movimento, se as pedrinhas tinham afugentado o que quer que ali se encontrasse. Nada. Não ouviu nada. Encorajado, torceu-se e esgueirou-se pela abertura.

Apercebeu-se de um clarão lá ao fundo. Era a saída. O buraco tinha uma saída. Quando deu conta disso, sentiu o ânimo voltar-lhe, a esperança encher-lhe a alma e a força regressar-lhe ao corpo.

Rastejou muito rápido, num desassossego, ansioso por escapar dali o mais depressa possível. Os seus movimentos tornaram-se frenéticos, bruscos, quase desvairados. Já via os contornos do túnel, as sombras das pedras, as formigas, as baratas, os lagartos e sobretudo o céu azul do outro lado, a liberdade que o esperava para além da gruta. O

buraco alargou e Tomás conseguiu erguer-se ligeiramente, o que lhe permitiu gatinhar nos derradeiros metros e, num último esforço, esticar a cabeça e sentir o ar quente exterior bater-lhe no rosto suado.

“Priviet”, saudou uma voz.

A luz do Sol encandeava-o após aqueles minutos na escuridão profunda e Tomás levou por isso alguns segundos a readaptar os olhos à claridade diurna e a distinguir a figura que se agigantava diante dele, à saída do buraco.

Igor.

O russo fitava-o com um sorriso sarcástico a bailar-lhe na face e tinha a espingarda automática com o cano quase colado à testa de Tomás. Como diabo apareceu ele aqui?, admirou-se o fugitivo, perplexo e desconcertado com aquela recepção inesperada. E agora?

O que vai acontecer? Será que me leva prisioneiro? Será que me vai usar como escudo para escapar daqui? Será que me vai matar?

Click.

Tomás percebeu que Igor acabara de armar a espingarda e se preparava para carregar no gatilho. Estava perdido, concluiu.

Suspirou e resignou-se ao seu destino. Tinha a consciência de que tentara tudo para escapar, mas a verdade é que acabara por ser apanhado e não havia escapatória possível. Igor tinha a arma apontada à sua cabeça e ia disparar a todo o momento. Acabou-se.

Foi, porém, nesse instante de rendição que, como um animal encurralado e enlouquecido pelo medo, uma parte de si se revoltou.

Iria morrer como um cordeiro ou lutar como um lobo? Iria entregar-se ao carrasco ou enfrentá-lo? Cercado, desesperado, sem nada a perder, Tomás decidiu lutar.

Projectou-se para a frente como um nadador que se atira para a piscina e bateu com a cabeça no estômago do russo.

Crack.

Apanhado de surpresa pelo movimento e pela violência do assalto, Igor disparou contra a parede de pedra e perdeu o equilíbrio.

Sabendo que não podia dar espaço nem tempo ao seu inimigo, Tomás abraçou-o pela cintura e voltou a impulsionar o corpo. Os dois rebolaram pela rocha e sentiram de repente que o chão lhes faltava e tombavam no vazio.

Era um abismo.

XXXVIII

“Tomás?”

A voz, tensa e preocupada, emergiu do nada.

“Tomás?”

Sentiu um líquido fresco jorrar-lhe pelos olhos e o negro da escuridão tornou-se claro.

“Hmm”, gemeu de mansinho.

“Ele está a acordar”, disse a mesma voz, muito perto. “O

doutor?”, perguntou, projectando-se agora numa direcção diferente, como se falasse para o lado ou para trás. “Quando é que ele chega?”

“Já aí vem”, devolveu uma segunda voz mais afastada, com um sotaque australiano arrastado. *“No worries, mate.”*

“Tomás, estás bem?”

A primeira voz parecia agora outra vez muito perto. No torpor do despertar, Tomás entreabriu os olhos muito devagar e sentiu a luz invadir-lhe os sentidos.

“Hmm”, voltou a gemer.

Uma sombra indefinida recortava-se mesmo à sua frente, enchendo-lhe a visão ainda desfocada. Era uma figura humana e estava debruçada sobre ele, uma das mãos a segurar-lhe a cabeça, a outra a movimentar-se à frente do nariz.

“Estás a ver o meu dedo?”

Tomás focou os olhos no objecto erecto diante de si.

“Uh-uh.”

O dedo oscilou para a direita e para a esquerda.

“E agora? Ainda o vês?”

“Uh-uh.”

O homem debruçado sobre o seu corpo suspirou de alívio.

“Ufa! Ainda bem.”

“Haw, sbe'll be rigbt, mate”, disse a segunda voz, despreocupada.

No torpor do despertar, Tomás fez um esforço para debelar a confusão que lhe toldava o raciocínio e perceber o que se estava a passar em redor. De olhos entreabertos, identificou finalmente a voz e a figura que se curvava sobre ele. Era Filipe. Sorriu com fraqueza ao reconhecer o amigo. Depois espreitou para além dele e apercebeu-se da presença de um homem uniformizado lá atrás, em pé, a espreitar sobre o ombro de Filipe. Um polícia.

Tranquilizado, e com a mente gradualmente mais clara, Tomás respirou fundo, apoiou os cotovelos no chão árido e ergueu o tronco.

Uma dor lancinante nasceu-lhe da perna esquerda e subiu-lhe pelo corpo com a força de um trovão.

“Agh!”, gritou, literalmente a ver estrelas.

“Está quieto”, recomendou Filipe, apoiando-lhe o corpo. “Não te mexas, *Casanova.”*

“Porra”, resmungou, os olhos e os dentes cerrados por causa da dor. “Está-me a doer.” Gemeu. “É abaixo do joelho.”

“Está quieto”, insistiu o amigo. “Acho que partiste a perna.”

A dor brutal teve o condão de o despertar totalmente. Foi como se o nevoeiro se tivesse levantado de repente e agora visse tudo claro. Logo que a dor acalmou, Tomás esticou o pescoço e tentou observar a perna esquerda.

“Está mal?”

“O quê? A perna?” Filipe mirou a perna. “Vai ficar boa, não te preocupes. O médico da polícia já aí vem.” Abanou a cabeça e sorriu.

“Nunca vi um gajo com tanta sorte como tu.”

“Ah, sim? Porquê?”

Filipe riu-se.

“Porquê? Ainda tens a lata de perguntar porquê?”

“Não vejo qual é a... agh... admiração.”

O amigo fez sinal para o enorme rochedo mesmo ao lado.

“Olha lá, tu já viste bem de onde é que caíste? Foram quase dez metros, o que pensas tu? Tu caíste de quase dez metros de altura e só partiste uma perna.”

“Estás a brincar!”

Filipe apontou com a cabeça para o lado. Tomás olhou naquela direcção e viu um corpo estendido no chão.

“Então pergunta ali ao teu amiguinho se estou a brincar.”

“Quem é esse?”

“E o russo com quem caíste lá de cima.”

“Como está ele?”

“O que te parece?”

“Está morto?”

“Mais morto que o Tutankhamon.” Fez uma careta. “Que é como tu também estarias se não tivesses caído por cima dele. O corpo do tipo amorteceu-te a queda, foi a tua sorte.”

“Porra”, praguejou Tomás. “Já viste as voltas que a vida dá? Veio atrás de mim para me matar e acabou por me salvar.”

“É, foi um gajo porreiro. Deu a vida por ti.” Piscou o olho. “Espero que lhe retribuas a gentileza e pelo menos compareças à missa do sétimo dia, hã?”

“Vai-te lixar.” Olhou para um cantil pousado no chão. “Eh, pá.

Estou a morrer de sede.”

Filipe desenroscou a tampa do cantil e deu-lhe de beber. Recebeu a água com a sofreguidão de um faminto diante de um banquete.

Bebeu golo atrás de golo até o cantil se esvaziar e se sentir meio saciado, mas não completamente; afinal tinha ficado seriamente desidratado enquanto fugia de Igor.

“Porra”, exclamou Filipe ao verificar que o cantil se esvaziara.

“Estavas mesmo com sede, *Casanova.* Queres mais?”

Tomás acenou afirmativamente.

“Sim”, murmurou, quase sem fôlego.

Filipe voltou-se para o polícia que observava a cena atrás dele.

“Tem aí mais água?”

“Acho que só nos carros-patrulha, que estão do outro lado”, disse o australiano. “Vou buscar.”

O polícia deu meia volta e Tomás ficou a vê-lo a afastar-se.

“Como é que a polícia soube disto?”

“É uma longa história.”

“Sabes que gosto de longas histórias.”

Filipe franziu o sobrolho.

“Queres que ta conte agora?”

“E porque não?”

O amigo suspirou.

“A polícia tem estado a vigiar-nos desde o princípio”, revelou. “A casa do James tem microfones plantados por toda a parte e eles acompanharam tudo.”

Tomás olhou interrogativamente para o amigo, uma expressão perplexa estampada no rosto.

“Mas que raio de história é essa que estás para aí a contar?”

“Bem, estou a contar-te o que aconteceu.”

“Mas como é que a polícia soube disto?”

“Fui eu que os avisei.”

“Avisaste a polícia?” Abanou a cabeça. “Não estou a perceber”, exclamou, tentando reordenar o raciocínio. “Não eras tu que dizias que, perante os gigantescos interesses que estavam em jogo, nem na polícia se podia confiar?”

“Disse, e é verdade.”

“E então? Como é que aparece a polícia no meio disto tudo?”

“As circunstâncias mudaram e foi necessário alertá-los. Eles puseram a casa sob escuta e observaram a chegada dos *gangsters* e toda a conversa que se seguiu.”

“Mas por que razão não os prenderam logo?”

“Por vários motivos, *Casanova*. Era necessário gravar a conversa para juntar elementos que os incriminassem. Por outro lado, tínhamos esperança de que os russos revelassem inadvertidamente quem eram os seus mandantes.”

“Coisa que eles não revelaram.”

“Pois não, mas ao menos tentámos. O plano era deixá-los falar à vontade, pelo menos enquanto não houvesse perigo iminente para a nossa segurança. Depois deveríamos trazê-los aqui para as Olgas, onde seriam capturados à saída de Walpa Gorge.” Apontou numa direcção. “Há ali uma clareira que seria propícia para a intervenção, estás a ver? O problema foi que um polícia escorregou lá em cima, quando vigiava a nossa passagem pelo desfiladeiro, e os russos toparam a armadilha.” Sorriu. “Escapámos por pouco, hem?”

Tomás fez ar de quem não estava ainda a perceber a história.

“Desculpa lá, mas continuo sem compreender o que te levou a chamar a polícia, depois de andares anos a fugir dela.”

Filipe pigarreou, ponderando por onde começar. Concluiu que não há melhor sítio para iniciar uma narrativa do que pelo princípio.

“Ouve, *Casanova,* vamos recuar no tempo”, propôs. “Quando o Howard e o Blanco apareceram mortos no mesmo dia com um triplo seis ao lado e eu e o James descobrimos que só tínhamos escapado devido ao facto de nos termos ausentado inesperadamente de casa, concluímos os dois que precisávamos de desaparecer do mapa. A indústria petrolífera tinha descoberto que nós éramos uma ameaça e, pelos vistos, decidira eliminar-nos.”

“Isso tudo já eu sei.”

“O problema é que desaparecer do mapa, como deves calcular, não é uma coisa simples. É fácil dizê-lo, mas não é fácil fazê-lo. A verdade é que a indústria petrolífera dispõe de imensos recursos e não seria difícil aos tipos que estavam por detrás de tudo conseguir localizar-nos, sobretudo porque os nossos recursos são irrisórios quando comparados com os deles. Eu e o James temos algum dinheiro, mas nada que nos permitisse escapar a um inimigo desta envergadura.”

“Então o que fizeram vocês?”

“Concluímos que tínhamos de arranjar um aliado, e depressa.

Uma hipótese óbvia era dirigirmo-nos à polícia, mas, como eu já te disse, logo percebemos que não há polícia no mundo que nos conseguisse proteger durante muito tempo. Ficámos a matutar no assunto e foi então que o James se lembrou do aliado perfeito, alguém que poderia ter a vontade e os recursos para nos proteger e até para nos ajudar a concluir as nossas pesquisas.”

“Quem?”

Filipe sorriu, como se quisesse fazer perdurar o mistério.

“Não consegues imaginar?”

“Eu não.”

“Pensa bem”, desafiou. “Quem é que poderá estar interessado em fazer parar o aquecimento global?”

“A humanidade?”

“Claro que o interesse é da humanidade, idiota. Mas ela não actua espontaneamente, pois não? Estou a referir-me a um grupo organizado.”

Tomás comprimiu os olhos, num esforço para adivinhar a resposta.

“Só estou a ver os ecologistas.”

O amigo riu-se.

“Esses têm muita conversa, não há dúvida, mas não dispõem dos recursos necessários para nos ajudar. Do que eu estou a falar é de um aliado muito poderoso, suficientemente forte para fazer frente à indústria petrolífera.”

“Não imagino quem seja.”

“Vá lá, faz um esforço.”

Tomás encolheu os ombros.

“O exército dos Estados Unidos?”

Filipe voltou a soltar uma gargalhada.

“Engraçadinho”, comentou. “Vamos lá, não consegues mesmo imaginar ninguém?”

“Já te disse que não. Vá, desembucha. Quem é esse vosso poderoso aliado secreto?”

Filipe inclinou-se sobre Tomás e sussurrou-lhe a resposta ao ouvido.

“A indústria seguradora.”

“Quem?”

“A indústria seguradora.”

Tomás franziu o sobrolho, desconfiado, e fitou o amigo, tentando avaliar se ele estava a brincar. Pela expressão do rosto, porém, percebeu que era a sério.

“Esses aldrabões?”

Mais uma gargalhada de Filipe.

“Talvez sejam aldrabões, não sei, mas podes estar certo de que é graças a eles que nós ainda estamos vivos e que pudemos prosseguir as nossas pesquisas durante todo este tempo.”

“Não estou a perceber”, balbuciou Tomás. “Que interesse têm as seguradoras em salvar-vos o pêlo?”

“Ao salvar-nos o pêlo, como tu dizes, a indústria seguradora estava a salvar o seu próprio pêlo.”

“Como assim?”

O amigo adoptou um tom condescendente.

“Como quase sempre acontece, *Casanova,* tem tudo a ver com o dinheiro.”

Arregalou os olhos para enfatizar a ideia. “Com o dinheiro e apenas com o dinheiro.”

“Não estou a perceber.”

“É muito simples”, disse Filipe. “Na década de 1980, a indústria seguradora americana pagou uma média de menos de dois mil milhões de dólares anuais por danos provocados pelo mau tempo.

Mas de 1990 até 1995 esses custos escalaram para mais de dez mil milhões de dólares anuais, valor que voltou a trepar depois de 1995.

As inundações e as tempestades cada vez mais extremas fizeram escalar os prejuízos e são as seguradoras quem está a pagar a factura mais pesada. A situação tornou-se tão grave que as maiores seguradoras do mundo assinaram um pacto a introduzir considerações climáticas nas suas avaliações de risco. Elas vivem agora num clima de pânico latente e receiam que o aquecimento global produza eventos meteorológicos catastróficos. Segundo certos cálculos, bastam alguns grandes desastres provocados pelo extremar das condições atmosféricas para toda a indústria entrar na bancarrota.” Fez uma pausa, procurando enfatizar a ideia. “Percebes, *Casanova?* Toda a indústria seguradora enfrenta a possibilidade de falência por causa do aquecimento global.” “Caramba”, exclamou Tomás. “Não fazia ideia.” “A Lloyds de Londres perguntou há uns anos a um grupo de peritos se as tempestades, as secas e as cheias cada vez mais violentas se deviam ao aquecimento do planeta. Na altura os peritos disseram que não podiam provar que o planeta estava de facto a aquecer, mas que, quando o pudessem provar, as seguradoras estariam em apuros.” Balançou a cabeça. “O

aquecimento global já está agora provado, o que significa que elas estão em apuros.” “Estou a ver.”

“De modo que, quando eu e o James contactámos determinados elementos das maiores companhias de seguros do mundo e lhes explicámos a nossa pesquisa e a perseguição que a indústria petrolífera nos estava a mover, eles agarraram em nós como se tivessem agarrado em ouro. Foram as seguradoras que disponibilizaram os meios que nos permitiram desaparecer do mapa e prosseguir as pesquisas em segredo. Arran-jaram-nos uma nova identidade, deram-nos documentos, disponibilizaram uma conta quase inesgotável e esconderam-nos onde os tipos do petróleo não nos poderiam encontrar, a mim na Sibéria e ao James aqui no deserto australiano.” “Que é onde vocês têm estado este tempo todo.” “Sim”, confirmou Filipe. “Quer dizer, por vezes tivemos de viajar.

Precisávamos de ir aqui ou ali para investigar determinado assunto ou obter uma certa componente, esse tipo de coisas. A nova identidade e o fundo de pesquisa foram muito úteis para isso. Mas, no essencial, mantivemo-nos

escondidos e apenas dois ou três executivos-chave das grandes companhias de seguros sabiam do nosso paradeiro."

"E a polícia?"

"Nada. Não dissemos nada a ninguém. A polícia nem sequer tinha conhecimento de que nós estávamos vivos. No que ao resto do mundo diz respeito, eu e o James não existíamos."

Tomás fez um gesto com a mão em direcção ao local onde o polícia fora buscar água.

"Então como é que eles estão aqui?"

"Já lá vou", disse o amigo. "O que se passou foi que eu concluí a pesquisa sobre o estado das reservas mundiais de petróleo e, pouco depois, o James terminou os trabalhos de desenvolvimento do hidrogénio como fonte energética do futuro. Estavam enfim criadas as condições para avançarmos. Por um lado, o mercado aproxima-se do momento em que vai constatar que não há petróleo suficiente para satisfazer as suas necessidades. Por outro, temos já preparada a alternativa que irá resolver esse problema. Isto significa que é este o momento certo, mas faltava-nos ainda ultrapassar um derradeiro obstáculo."

"Qual?"

"Neutralizar os mandantes dos homicidas. Os autores morais dos assassínios do Howard e do Blanco tinham de ser desmascarados, sob pena de toda a operação se encontrar sob permanente ameaça. Eu próprio e o James jamais poderíamos voltar a dormir tranquilamente.

Iríamos sempre viver com medo de que os homicidas do triplo seis nos aparecessem à noite à cabeceira da cama. Era imperativo neutralizar esta ameaça."

"Foi então que chamaram a polícia."

"Tem calma", insistiu Filipe, indicando que já chegaria a essa parte. "Decidimos estender uma armadilha aos homicidas. Utilizando um canal na Internet que sabíamos estar a ser vigiado, o James mandou-me um *e-tnail* com a citação bíblica."

"A do Sétimo Selo."

"Essa. Ele mandou-me o *e-mail* e ficámos à espera, a ver o que aconteceria."

Tomás olhou para o amigo com uma expressão intrigada.

"Mas por que razão não me contaste todos esses pormenores quando nos encontrámos?"

"Desculpa, mas tive de ser prudente. O êxito da operação dependia do sigilo. Além do mais, e vais ter de compreender isso, tu acabaste por ficar sob suspeita."

"Eu?"

“Claro, *Casanova*. Repara que, num primeiro momento, nós pomos um *e-mail* na Internet para atrair o assassino. Semanas depois, o que aparece no *site* do liceu? Uma mensagem tua à minha procura.”

“Ah, estou a entender”, exclamou Tomás, caindo em si.

“Percebeste que os homicidas se tinham mexido.”

“A princípio, não. Confesso que não fiz imediatamente a relação.

Como te contei noutro dia, o que se passou foi que a tua mensagem me despertou saudades do meu país e dos meus tempos de juventude, e foi por isso que quis ver-te. Além do mais, achei que, não tendo tu qualquer relação com o mundo do petróleo, não haveria problema nenhum em encontrarmo-nos. Poderia até haver utilidade nisso.”

“E quando é que percebeste que o nosso encontro estava relacionado com a perseguição dos homicidas do triplo seis?”

“Quando fomos perseguidos em Olkhon”, disse Filipe. “Achei estranho o aparecimento dos homens armados no acampamento *yurt* horas depois de lá teres chegado. A desconfiança tornou-se certeza quando os vi seguirem-nos por todo o lado na ilha. íamos para um lado, eles vinham também, íamos para outro, eles iam também. Não era normal, parecia que alguém os estava a informar. Esse alguém só poderias ser tu.”

Tomás ergueu o braço direito e olhou para as costas da mão.

“E era”, confirmou. “O *chip* que me implantaram aqui na mão estava, pelos vistos, a informá-los dos nossos movimentos.”

“Eu não sabia de *chip* nenhum. Apenas sabia que os tipos conseguiam dar connosco com surpreendente facilidade. Foi por isso que decidi separar-me de ti no Baikal. Suspeitava que, se me afastasse de ti, afastar-me-ia também daqueles gorilas. E tinha razão.”

Tomás franziu o sobrolho.

“Saíste-me um amigo da onça. Os gajos mataram a Nadia e quase me matavam a mim também.”

“Mas eu não podia saber isso”, apressou-se Filipe a esclarecer.

“Tens de perceber que naquela altura tudo me parecia suspeito e eu admitia como muito provável que estivesses de conluio com os gajos, entendes? Não me passou pela cabeça que tu e a Nadia corressem verdadeiro perigo. Eu achava que estavas envolvido na jogada, pelo que eles não vos fariam mal nenhum.”

“Estou a perceber. Só a morte da Nadia te provou que não era assim.”

Filipe abanou a cabeça.

“Não, pelo contrário”, exclamou. “Quando soube que ela tinha morrido e que tu estavas vivo, mais se cimentou a ideia de que te encontravas metido na porcaria até ao pescoço. De que outro modo se poderia explicar o facto de eles te

terem deixado vivo? A tua sobrevivência parecia-me prova da tua culpa."

Tomás sorriu.

"Que confusão!"

"Foi por isso que te atraímos aqui à Austrália. Mas desta vez preparámo-nos com cuidado. Contactámos primeiro a Interpol, que nos revelou que jamais te tinha contratado, o que pareceu confirmar as nossas piores suspeitas em relação a ti. Daí que as companhias de seguros tivessem montado um forte esquema de segurança em Sydney, monitorizando toda a gente à nossa volta, e a polícia australiana tivesse sido contactada. Até pusemos um gajo a seguir-te ostensivamente pela cidade, para estudar o teu comportamento."

"Não me digas que foi aquele tipo..."

"Esse mesmo." Filipe sorriu. "Queríamos ver como reagias ao aperceberes-te de que estavas a ser vigiado." Encolheu o pescoço e abriu as mãos, numa expressão de perplexidade. "Ainda fiquei a conversar longamente contigo, à espera que sucedesse alguma coisa.

Só que, para nossa decepção, não aconteceu nada em Sydney."

"Foi aí que começaste a ter dúvidas."

"Não, de maneira nenhuma. Concluí que os homicidas queriam chegar também ao James, pelo que decidimos embarcar no jogo e avançámos para o plano B. Trouxe-te aqui a Yulara e fomos para aquela casa, à espera dos acontecimentos. Queríamos ver se atraías outra vez os *gangsters* e apanhávamos toda a gente de uma assentada."

"Não achas que isso foi um pouco arriscado? E se os tipos tivessem chegado lá e nos tivessem matado imediatamente?"

"Claro que foi arriscado, mas esse era o preço que tínhamos de pagar por nos vermos definitivamente livres dos nossos perseguidores. Se não fizéssemos isso, que outro engodo teríamos para capturar os assassinos? Era agora ou nunca."

"Tens razão."

"Além do mais, tratava-se de um risco controlado. A polícia tinha microfones por toda a casa e agentes escondidos nas imediações. O

plano era atrair toda a gente à casa, pôr-vos a confessar tudo lá dentro e depois levar-vos para as Olgas, sob o pretexto de que os testes da energia a hidrogénio foram feitos aqui e era aqui que estavam guardados os resultados." Voltou a indicar um ponto lá atrás.

"Seria naquela clareira que se faria a vossa captura."

"E se os tipos não quisessem vir aqui para as Olgas e decidissem matar-nos dentro da casa?"

Filipe encolheu os ombros.

"Já te disse, *Casanova,* que era um risco que tínhamos de correr.

De qualquer modo, não te esqueças de que a polícia australiana estava a escutar a conversa e tinha homens nas redondezas. Se por acaso alguma coisa corresse mal, eles podiam intervir no espaço de apenas um minuto."

"Pois, estou a perceber", observou Tomás. "Daí que estivesses tão calmo quando o Orlov apareceu..."

"Claro."

"E eu, parvo, a admirar a tua coragem!"

Filipe riu-se.

"Com as costas quentes, meu caro, todos somos uns bravos."

"Bem vejo, bem vejo."

"De qualquer modo, quando o gordo apareceu..."

"O Orlov."

"... com os seus capangas, depressa percebi, pela conversa dentro de casa, que afinal não estavas metido com eles."

"Conseguiste perceber?", gracejou Tomás. "És um génio."

"Sou, não sou?"

"Es um génio, mas a coisa ia acabando mal."

"Não se pode ter tudo. Mas estamos todos vivos, é isso que interessa."

Tomás espreitou o corpo de Igor, deitado de bruços a um metro de distância.

"E os outros russos? O que lhes aconteceu?"

"Morreram este e outro, um ficou ferido e o quarto foi apanhado ileso."

"Como ficou o Orlov?"

"O gordo javardo?"

"Esse."

"É o ferido. Foi baleado num braço."

"Já contou alguma coisa?"

"Ainda não", disse Filipe. "Mas fica descansado que os australianos vão pô-lo a cantar que nem um canário."

Ouviram vozes a aproximar-se e viraram ambos a cabeça na direcção dos sons. Era o médico que vinha com dois polícias, um deles com um cantil na mão. Os três chegaram ao pé dos portugueses e o médico, um homem de barba aloirada com um estetoscópio ao pescoço, olhou para Tomás com uma expressão inquisitiva.

"Foi você que caiu lá de cima?"

"Parece que sim."

O médico fez um ar reprovador.

"Vocês estão todos doidos", exclamou. "Ninguém devia ter mexido no ferido." O australiano ajoelhou-se ao pé de Tomás e analisou-lhe o corpo com um olhar conhecedor. "Dói-lhe alguma parte em especial?"

“Sim. A perna esquerda.”

O médico voltou a sua atenção para a perna. Depois de a analisar com os olhos, virou-se para um dos polícias, que mirava Tomás com curiosidade.

“A maca?”

“Já aí vem, *doe.*”

O médico voltou a sua atenção para a perna.

“Vou ter de lhe ajeitar isto”, disse.

Estudou com atenção a posição de Tomás e depois, com muito cuidado, tocou na perna e deu-lhe um jeito. Foi nesse instante que o ferido voltou a ver estrelas.

“Aaaagh!”

Epílogo

A primeira pessoa que o viu entrar na vivenda foi a recepcionista, uma senhora de meia-idade muito dada à conversa fácil; era ela muitas vezes a confidente dos familiares dos hóspedes.

“Bom dia, professor”, cumprimentou com jovialidade. “Já não o via por cá há mais de um mês.”

“Dois meses”, corrigiu Tomás, apoiando-se nas canadianas a cada passo. “Estive fora muito tempo.”

A recepcionista mirou com curiosidade as muletas e a perna esquerda engessada.

“O que lhe aconteceu? Foi atropelado?”

Tomás forçou um sorriso. Estava tão cansado de responder à mesma pergunta que até já pensara em escrever um texto a contar tudo, tirar dezenas de fotocópias e entregar um exemplar a cada pessoa que o questionasse sobre a perna. Outra hipótese era rabiscar toda a informação na testa; assim até pouparia o trabalho de distribuir as fotocópias por cada idiota que o interpelasse.

“Mais ou menos”, disse, evitando elaborar. “Foi por causa desta perna que permaneci tanto tempo fora.”

A recepcionista levantou-se e abandonou o balcão, solícita, aproximando-se de Tomás.

“O senhor professor precisa de ajuda?”

“Não, deixe estar. Eu cá me desenrasco, já me vou habituando.”

Parou diante da recepção e olhou para dentro da casa. “A minha mãe? Onde está ela?”

“A dona Graça?” A recepcionista recuou uns passos, parou diante da porta do salão e olhou lá para dentro. “Não a vejo aqui.”

“Estará no quarto?”

Tomás aproximou-se da recepcionista, mas ela entrou de imediato no salão e

foi falar com um idoso. Da porta, Tomás escutava os sons da conversa, mas não distinguia as palavras. O idoso disse alguma coisa imperceptível e a recepcionista espreitou pela janela, deu meia volta e regressou à entrada.

“Ela afinal está lá fora, no jardim”, revelou. “Quer que eu a chame?”

“Não, deixe estar. Eu vou ter com ela.”

Movimentando-se com dificuldade, o corpo a balouçar entre as duas muletas e a perna engessada muito hirta, Tomás saiu da vivenda e caminhou ao longo da relva, por entre os canteiros coloridos de roseiras, hipericões e nigelas. Contornou o lar e foi dar ao jardim traseiro, onde vários hóspedes se encontravam sentados em bancos de madeira a saborear o sol matinal. As andorinhas chilreavam nos ramos dos pinheiros, alegres e irrequietas, enchendo a verdura de musicalidade; um cheiro a erva fresca flutuava no ar, era um perfume agradável, uma essência pura e aromática que exalava a relva ainda molhada pela rega da manhã.

Passeou os olhos pelo jardim e viu a mãe sentada lá ao fundo, à sombra de um pinheiro manso, o olhar perdido na floresta vizinha.

Sempre equilibrado nas canadianas, Tomás aproximou-se devagar, agora um passo e depois outro; atravessou o relvado até chegar junto dela e parar ao lado da cadeira.

“Olá, mãe.”

Dona Graça voltou a cabeça e mirou-o de modo estranho. Não o olhou com a alegria do reencontro, como seria de esperar depois de dois meses sem ver o filho, mas com curiosidade.

“Bom dia.”

O filho inclinou-se e beijou-a na face.

“A mãe está boa?”

Dona Graça manteve-se muito hirta, quase distante.

“Desculpe, o senhor deve estar a confundir-me com outra pessoa.”

Esta declaração, proferida num tom quase indiferente, atingiu-o com a força de uma bofetada. Apanhado desprevinido, Tomás hesitou, desconcertado.

“O mãe, sou eu”, disse, pondo a mão no peito. “O Tomás.”

Ela estendeu a mão para o cumprimentar.

“Como está?”, perguntou. “Eu sou Graça Noronha.”

Tomás ignorou a mão que lhe era estendida e insistiu, mais veemente, mexendo-lhe no ombro como se a quisesse despertar do sono.

“Sou eu, mãe. O seu filho. Sou o Tomás, o seu filho.”

Dona Graça sorriu com bonomia.

“O senhor é muito simpático, mas já lhe disse que deve estar a fazer confusão”, murmurou ela, numa entoação tranquila. “O meu filho chama-se, de

facto, Tomás, mas ainda é pequenino, coitadinho."

Tomás olhou longamente para a mãe, ansioso. Seria possível que ela tivesse recuado assim tanto no tempo? Seria possível que já nem sequer o reconhecesse? Seria possível? Olhou para a mãe com intensidade e, naquele instante de terrível angústia, percebeu que a tinha perdido para sempre. Já sem se poder conter, sentiu os olhos embaciarem-se de lágrimas, como se as comportas de uma barragem se tivessem aberto, e teve de se afastar à pressa.

Era de mais.

Caminhou desajeitadamente para junto do pinheiro vizinho, as costas voltadas para a mãe, e ali ficou um longo instante a soluçar, as gotas brotando-lhe dos olhos e ziguezagueando pelo rosto, quentes e intensas, um nó a estrangular-lhe a garganta. Não ser reconhecido pela própria mãe parecia-lhe das coisas mais tristes que podiam acontecer a alguém.

"O senhor Tomás está bem?", perguntou dona Graça lá atrás, preocupada com a súbita comoção daquele estranho.

Ainda de costas, Tomás fez que sim com a cabeça. Inspirou fundo, passou as costas da mão pelo nariz, limpando o ranho, e com a palma da outra secou as lágrimas que lhe molhavam o rosto.

Sentindo que retomara o comando das emoções, como se a onda que ameaçara afogá-lo tivesse passado, voltou para junto da mãe e puxou uma cadeira vazia.

"Importa-se que eu me sente ao pé de si?"

"Com certeza", condescendeu ela, com um sorriso polido. "É

muito simpático da sua parte." Inclinou a cabeça e observou-o com compaixão, atenta aos seus olhos avermelhados. "Sente-se melhor?"

"Sim, obrigado."

"Está com problemas na vida?"

Tomás fungou.

"Mais ou menos."

"É assunto de família?"

"Sim, pode dizer-se que é assunto de família."

Dona Graça contemplou o pinhal e suspirou.

"A minha já não me vem visitar há muito tempo." Mordeu o lábio, assombrada pela nostalgia. "Muito tempo, mesmo."

Tomás assentiu com a cabeça. Olhou para a mãe e, sem perceber como nem porquê, pensou na impermanência da vida, na transitoriedade das coisas, na efemeridade do ser; diante dele a existência fluía como um sopro, sempre em mutação, tudo muda a todo o instante e nada jamais volta a ser o mesmo. Não há finais felizes, reflectiu de si para si. Todos temos um sétimo selo para quebrar,

um destino à nossa espera, um apocalipse no fim da linha.

Por mais êxitos que somemos, por mais triunfos que alcancemos, por mais conquistas que façamos, para a última estação está-nos sempre reservada uma derrota. Se tivermos sorte e nos esforçarmos por isso, a vida até pode correr bem e ser uma incrível sucessão de momentos felizes, mas no fim, faça-se o que se fizer, tente-se o que se tentar, diga-se o que se disser, aguarda-nos sempre uma derrota, a mais final e absoluta de todas elas.

"Importa-se que eu seja a sua família?", perguntou ele, quebrando um longo silêncio melancólico.

Dona Graça olhou-o, surpreendida, algures entre intrigada e divertida.

"O senhor? Minha família?"

"Sim, porque não?" Encolheu os ombros. "Se ninguém a vem visitar, o que tem a senhora a perder?"

Ela baixou os olhos verdes, subitamente brilhantes pela comoção; não esperava tanta generosidade daquele estranho para com uma velha que a família parecia ter esquecido.

"Está bem", sussurrou, quase inaudível. "Pode ser." Tomás estendeu o braço à mãe e ficaram ali os dois sentados, de mãos dadas, ambos a fruir o calor terno e meigo da mão do outro, a desfrutar das carícias doces do sol da manhã, do grinfar melodioso das andorinhas, do aroma revigorante da relva e do rumor das árvores a ondularem suavemente ao vento. Deixando-se embalar por aquele sereno concerto da natureza, Tomás admirou a verdura com os olhos de quem sabe que tudo é fugaz, a vida é frágil, o que começa há-de acabar. As plantas e as flores farfalhavam diante de si como se o ritmo a que dançassem tivesse a marca da eternidade, quando afinal eram tão efémeras quanto a brisa que as agitava.

Nota final

O futuro do abastecimento energético constitui talvez o maior e mais importante desafio da humanidade para a próxima década. É na escolha do tipo de energia que nos irá alimentar que assenta a sobrevivência do planeta enquanto sistema biológico e a sustentabilidade da economia na qual o nosso modo de vida assenta, e o grande problema é justamente conciliar estes dois aspectos até aqui incompatíveis.

Muitos peritos encaram o hidrogénio como a nossa melhor hipótese, pelos motivos amplamente explicados neste romance, e o curioso é que o desafio nem sequer é novo. As potencialidades do hidrogénio foram descobertas em 1896 pelo cientista britânico William Grove e desde então esta fonte energética tem sido encarada como a grande esperança para o futuro. Um outro cientista britânico, John Haldane, estabeleceu em 1929 a visão de uma civilização movida a hidrogénio, um conceito que ganhou força com os choques petrolíferos da década de 1970.

Alguns importantes problemas têm ainda de ser resolvidos, incluindo os relacionados com o custo das baterias de hidrogénio e a delicada questão do armazenamento deste combustível, obstáculos que só podem ser ultrapassados com investimento na investigação.

Os maiores contributos nesta área vieram do engenheiro americano Geoffrey Ballard, que demonstrou ser o hidrogénio uma solução potencial para os desafios que agora enfrentamos. A viabilidade desta hipótese foi, de resto, contundentemente demonstrada pelo programa espacial americano. As missões Apolo à Lua, por exemplo, recorreram a hidrogénio líquido para abastecer as naves espaciais de energia eléctrica, demonstrando assim a exequibilidade desta solução.

Mas o hidrogénio, apesar de todas as suas potencialidades, é apenas um de vários futuros possíveis. Existem outras alternativas, como o metanol, um biocombustível feito a partir de matéria orgânica, e o etanol, um outro biocombustível criado a partir do milho ou da cana de açúcar. Há também a perspectiva de extrair a energia da força forte dos átomos, através da fusão nuclear controlada, mas essa possibilidade parece distante, uma vez que ainda não dispomos da tecnologia necessária para usar essa poderosa e inesgotável fonte energética — há quem calcule que serão precisos cem anos até chegarmos lá. No entretanto, o gás natural poderá constituir-se como uma energia de transição. Embora também contribua para o aquecimento global, o gás natural

liberta menos carbono e é mais poderoso que o petróleo. Pode ser liquidificado e gerar gasolina ou até ser usado para produzir hidrogénio em estado puro.

Na verdade, não sabemos ainda para onde vamos mudar ao certo. Mas sabemos que vamos mudar. De algum modo, o sétimo selo já foi quebrado e temos agora de nos preparar para enfrentar as mudanças que se anunciam no horizonte.

Conforme consta do "aviso" inicial, este romance é baseado em informações verdadeiras. Preciosas fontes sobre as alterações climáticas foram o relatório "Climate Change 2007: The Physical Science Basis", divulgado em Paris pelo *Intergovernmental Panei on Climate Change,* um organismo criado pela ONU para avaliar as mudanças do clima; ainda os livros *The Heat is On,* de Ross Gelbspan; *Six Degrees: Our Future on a Hotter Planet,* de Mark Lynas; *Field Notes from a Catastrophe: Man, Nature, and Climate Change,* de Elizabeth Kolbert; *A Vingança de Gaia,* de James Lovelock; e *A Agonia da Terra,* de Hubert Reeves e Frédéric Lenoir. Uma perspectiva histórica da evolução climática é dada por *The Long Summer,* de Brian Fagan.

Para a informação sobre o fim do petróleo e o problema da sucessão energética foi sobretudo crucial o livro *The End of OU,* de Paul Roberts; mas também *Beyond OU,* de Kenneth Deffeyes; e *A Face Oculta do Petróleo,* de Éric Laurent. Os documentos técnicos da Aramco sobre os problemas da produção saudita são verdadeiros e foram analisados por Matthew Simmons em *Twilight in the Desert.* O

devastador impacto económico da iminente crise petrolífera encontra-se exposto por Stephen Leeb e Glen Strathy em *The Corning Economic Collapse — How You Can Thrive When OU Costs $200 a Barrei.* Para uma perspectiva histórica do negócio do petróleo, a obra de referência é *The Prize,* de Daniel Yergin.

Por fim, para as questões relacionadas com a terceira idade, revelou-se precioso o livro *La vie en maison de retraite,* de Claudine Badey-Rodriguez.

Agradecimentos são devidos a várias pessoas que colaboraram em diferentes aspectos do livro, começando com um *spassibo* especial a Evgueni Mouravitch, pela ajuda nas coisas russas; às Quark Expeditions e à tripulação do *Lyubov Orlova,* pelo inesquecível périplo de pesquisa pela Antárctida; a José Jaime Costa, Manuel Costa, Paulo Farinha e Cláudia Carvalho, da *Volta ao Mundo,* que tornaram possíveis as viagens a locais da acção do romance; a Filipe Duarte Santos, professor de Física da Universidade de Lisboa e um dos revisores do relatório de 2007 do Painel Intergovernamental da ONU

sobre Mudanças Climáticas, que verificou a informação deste romance relativa ao aquecimento global; a Nuno Ribeiro da Silva, o maior especialista

português na área energética, responsável pela revisão científica de todos os dados relacionados com o petróleo; ao Guilherme Valente e a toda a equipa da Gradiva, cujo inabalável entusiasmo constituiu uma peça-chave na produção deste livro; e, sempre acima de tudo, à Florbela, a minha primeira e mais importante leitora.

FIM